m

Mabillon (Jean)

Historiador francês (Saint-Pirremont, 1632 — Paris, 1707). Em 1653 entrou para a abadia de Saint-Rémy, em Reims. Onze anos depois transferiu-se para a abadia de Saint-Germain-des-Près, onde trabalhou por vinte anos. Com o bibliotecário Luc d'Achery editou os "Acta Sanctorum O.S.B." (1668-1701), em nove volumes. Para essa obra, Mabillon preparou um prefácio, impresso separadamente. Mabillon era contra o ceticismo do jesuíta Daniel Papebroch (defensor das teses de que quase todos os documentos merovíngios eram espúrios, e de que não existiam cartas autênticas do período anterior ao ano 700). Em seu "De Re Diplomatica" (1681) Mabillon provou que os documentos e cartas eram autênticos e contribuiu para a criação da moderna paleografia. De suas obras são importantes ainda o "Museum Italicum" (1687/89), onde incluiu os "Missais de Bobbio" e as "Ordine Romani". Em seu "Tratado dos Estudos Monásticos" (1691), defendeu a concepção filosófica da congregação beneditina de Saint-Maux. Mabillon produziu cerca de vinte obras diversas e morreu no meio da produção de "Annales Benedítines" (1703/07), dos quais produziu quatro volumes (os dois restantes foram completados por outros autores).

Mably (Gabriel Bonnot de)

Filósofo francês (Grenoble, 1709 — Paris, 1785). Estudou no Colégio de Jesuítas de Lyon e, depois, no Seminário de Saint-Sulpice, em Paris. Abandonou a carreira eclesiástica após ter chegado ao subdiaconato. Quando o cardeal de Tencin entrou para o Ministério, Mably integrou seu gabinete. Entre seus trabalhos dessa época estão a redação do projeto do tratado que Voltaire entregou a Frederico II da Prússia e a preparação das negociações do Tratado de Breda. Quando o cardeal rompeu um casamento entre um católico e uma protestante, Mably protestou e separou-se dele. Dessa época em diante, permaneceu afastado das ocupações públicas, dedicando-se (até sua morte, quase quarenta anos depois) apenas aos estudos. Diferentemente dos outros filósofos da "época das luzes", não era otimista: odiava essa era de decadência dos costumes. Por suas obras, Mably é considerado um dos mais importantes inspiradores da legislação revolucionária de 1789. Era hostil à propriedade privada dos meios de produção e, por isso, pode-se considerá-lo precursor do socialismo. Contestando o poder real, ele queria, entre outras coisas, que o controle das finanças e do Exército fosse retirado do poder real e entregue a uma assembléia única, mas não eleita por sufrágio universal. Entre seus livros estão: "Parallèle des Romains et des Français, par rapport au Gouvernement" ("Paralelo entre os Romanos e os Franceses, com Relação ao Governo", 1740); "Observations sur l'Histoire de France" ("Observações sobre a História da França", 1765); "Des Droits et des Devoirs du Citoyen" ("Direitos e Deveres do Cidadão", 1758); "Traité de la Legislation" ("Tratado da Legislação", 1776); "De l'Idée de l'Histoire" ("Da Idéia da História", 1778) e "De la Manière d'Ecrire Histoire" ("Da Maneira de Escrever História", 1783).

MacArthur (Douglas)

Militar norte-americano (Little Rock, Arkansas, 1880 — Washington, 1964). Filho de um general que servira na Guerra de Secessão, freqüentou a Academia Militar de West Point, formando-se em 1903 como oficial superior do corpo de cadetes. Serviu nas Filipinas e em colônias do Extremo Oriente, inclusive na Coréia (1905). Em 1914, participou da expedição a Veracruz (México). Durante a Primeira Guerra Mundial, ocupou vários postos, até ser nomeado comandante da 42.ª divisão. Depois do conflito, foi encarregado da ocupação do setor americano ao longo do Reno. Superintendente da Academia Militar dos Estados Unidos (1919/22), comandante de departamento nas Filipinas (1928/30) e chefe do Estado-Maior do Exército americano (1930/35), em 1935 foi nomeado conselheiro militar na organização da defesa das Filipinas (que se preparavam para a independência). No ano seguinte, promoveram-no a marechal-de-campo no exército filipino do Commonwealth e continuou servindo nas ilhas após sua aposentadoria do exército americano (em 1937). Quatro anos depois, foi chamado à ativa para comandar tropas americanas e filipinas. Diante da grande superioridade numérica e material dos japoneses que desembarcaram na ilha de Luçon (a 10 de dezembro de 1941), retrocedeu para a península de Bataan e para a ilha de Corregidor, onde continuaria a resistir até maio de 1942. No ano seguinte, recebeu o comando das forças aliadas do Pacífico sul, iniciando a contra-ofensiva aliada. Desembarcando na Nova Guiné, os aliados reconquistaram as ilhas do Almirantado (fevereiro/abril de 1944), a base de Biak (junho) e as ilhas Salomão (junho/outubro). A seguir, desembarcaram nas Filipinas, na ilha de Leyte (outubro/dezembro de 1944), depois em Luçon (janeiro de 1945) e finalmente em Manilha (fevereiro). Após ter aceitado a rendição japonesa (2 de setembro de 1945, a bordo do navio "Missouri"), foi nomeado comandante das tropas de ocupação americana. Nos cinco anos seguintes supervisionou a reconstrução do Japão e o estabelecimento de uma forma democrática de governo no país. Quando as tropas comunistas da Coréia do Norte invadiram a Coréia do Sul em 1950, MacArthur foi nomeado comandante das tropas das Nações Unidas. No ano seguinte, porém, o Presidente Truman — que não concordava com a intenção de MacArthur de estender o conflito à China — substituiu-o no comando. MacArthur retornou então aos Estados Unidos, onde faria um discurso ao Congresso, explicando sua política no Oriente. Seu nome foi acrescentado ao rol dos generais da ativa até a morte. Retirou-se então para a vida privada, tornando-se presidente da Remington Rand em 1952. Um ano depois, apoiou a candidatura de Eisenhower à presidência dos Estados Unidos.

Macaulay (Thomas Babington, barão de)

Político e historiador inglês (Rothey Temple, 1800 — Kensington, 1859). Seu pai, o antiescravista Zachary Macaulay, era governador de Serra Leoa (uma colônia inglesa da África) e sua mãe era uma quacre. Fez seus estudos em Cambridge, onde se formou em direito, com 26 anos. Por volta de 1825, Macaulay já tinha alguma reputação literária — havia concluído uma série de estudos históricos, literários e políticos reunidos em 1843 num volume intitulado "Ensaios Críticos e Históricos". Na política, Macaulay contribuiu para a reforma parlamentar de 1832 e, dois anos depois, tornou-se membro do Conselho Supremo da Índia. Nesse cargo favoreceu a instrução pública e redigiu um novo Código Penal. Em 1838 voltou para seu país e, de 1839 a 1841, trabalhou no gabinete inglês como secretário-geral da guerra e pagador das Forças Armadas (1846/47). Em 1852 foi reeleito e em 1857 feito lorde. Consagrou a última parte de sua vida à redação da "História da Inglaterra", que abrange o período entre a ascensão de Jaime II (1685) e a morte de William III (1702), em cinco volumes, publicados entre 1849/61. Trata-se de uma obra de estilo literário brilhante, rico e dramático. Outro livro seu que teve considerável sucesso foi "Leis da Antiga Roma" (1842).

MacDonald (James Ramsay)

Político inglês (Lossiemouth, Escócia 1866 — Alto-mar, 1937). Socialista na juventude, ingressou em 1894 no movimento trabalhista inglês. Em 1900, colaborou na organização do Partido Trabalhista (que lideraria de 1911 a 1914). Em 1906 foi eleito para uma cadeira do Parlamento, que só perderia em 1918, para voltar a ocupá-la em 1922. Nesse ano, voltou também a liderar o partido. Em janeiro de 1924, como primeiro-ministro e secretário das Relações Exteriores do primeiro gabinete trabalhista da Inglaterra, esforçou-se por uma aproximação com a União Soviética. Esse gabinete caiu em novembro de 1924, mas, em 1929, a vitória eleitoral de seu partido lhe restituiu o cargo. A grande depressão econômica de 1929 levou-o a impor ao país uma política econômica severa; no ano seguinte, o descontentamento gerado por essas restrições conduziu a uma cisão no próprio partido. Em 1931 MacDonald formou um gabinete de coalizão com os conservadores e liberais. Esse governo, entre outras medidas, aboliu o padrão ouro e transformou as colônias inglesas em comunidades relativamente independentes. Em junho de 1935, MacDonald abandonou a direção do governo de coalizão e até 1937 ocupou o posto de lorde presidente do Conselho no gabinete nacional chefiado por Stanley Baldwin. Morreu numa viagem à América do Sul.

MacDonald (Jeannette)

Cantora e atriz americana (Filadélfia, 1907 — Houston, 1965). Muito jovem desligou-se da família, contrária à sua pretensão de seguir a carreira de cantora, e foi para Nova York. Lançada num teatro de Greenwich Village, acabou estreando no cinema como "partenaire" de Maurice Chevalier (1929) no filme "Love Parade" ("Parada de Amor"), de Lubetsch. Para disfarçar uma personalidade excessivamente sentimental, representava sempre, mesmo nos momentos mais naturais. Foi uma figura de destaque em Hollywood quando a opereta se tornou um gênero cinematográfico de grande sucesso, após o advento do cinema sonoro. Depois de 1940, apesar de ainda conservar uma bela voz, como no início da carreira, seu sucesso decresceu. Retirou-se então do cinema, dedicando-se à televisão. Fez raras aparições no teatro. Os principais filmes em que Jeannette trabalhou foram os seguintes: "Monte Carlos" (1930), "Love me tonight" ("Ama-me esta Noite", 1933), "The Merry Widow" ("A Viúva Alegre", 1934), "New Moon" ("Lua Nova", 1940), "Smiling Through" (1941) e "The Sun Comes Up" (1949).

MacDonald (sir John Alexander)

Político canadense (Glasgow, 1815 — Ottawa, 1891). Estudou advocacia em Kingston, formando-se em 1836. Em 1844 foi eleito deputado de Kingston, e empenhou-se na luta pela autodeterminação canadense. Presidiu o primeiro gabinete do país já com alguma autonomia (1867/73). Empenhou-se na expansão territorial canadense e na implantação de uma política econômica e comercial que atendesse aos interesses nacionais. Conseguiu incorporar ao Canadá o território do noroeste, de Manitoba e da Colúmbia Britânica. Em 1854, MacDonald liderou a coalizão dos conservadores e dos membros do Canadá francês em torno de um interesse comum: a construção de uma estrada de ferro intercontinental (Atlântico—Pacífico). Acusado de corrupção, pediu demissão em 1873. Contudo, cinco anos mais tarde, reassumiu o poder, nele permanecendo até a morte, devido a sua dinâmica política econômica. Criou tarifas protecionistas que não poupavam nem os produtos britânicos. Promoveu também o processo de colonização do noroeste canadense.

Macedo (Francisco Ferraz de)

Médico, antropólogo e escritor português (Águeda, 1845 — Lisboa, 1907). Formou-se em farmácia em 1867 e em medicina em 1872. Exerceu a profissão de médico ao mesmo tempo que realizava estudos sobre antropologia, viajando e trocando correspondência com autoridades européias e com

Mabillon, Jean — Macedo, Francisco Ferraz de

os centros de cultura mais importantes. Em 1881, em Lisboa, com a colaboração da Câmara Municipal, coletou uma série de crânios e esqueletos humanos. Estudando-os, elaborou uma teoria segundo a qual haveria relações entre as características anatômicas e o comportamento social do indivíduo. Sua obra é vasta e muito diversificada: "Sonetos Satíricos, Epigramáticos, Filosóficos e Descritivos" (1870); "O Homem Quaternário e as Civilizações Pré-Históricas da América" (1882); "Dois Dias de Ociosidade" (1888); "Criminosos Célebres" (1896), etc.

Macedo (Joaquim Manuel de)

Escritor brasileiro (São José do Itaboraí, RJ, 1820 — Rio de Janeiro, GB, 1882). Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (GB), apresentando a tese "A Nostalgia" (1844). No mesmo ano publicou seu primeiro livro, "A Moreninha", que o tornou imediatamente famoso. Membro efetivo e orador oficial do Instituto Histórico (a partir de 1845), nessa agremiação ocuparia também os cargos de vice-presidente interino e primeiro secretário. Além de escritor, foi teatrólogo, jornalista e estudioso de história. Fundou, com Gonçalves Dias e Porto-Alegre, a revista "A Guanabara", que se tornaria um dos principais órgãos de divulgação do Romantismo (escola da qual Manuel de Macedo foi um dos mais típicos representantes). Em "A Guanabara", publicou grande parte de seu poema "Nebulosa". Foi professor de história e corografia no Colégio Pedro II. Colaborou em diversos jornais do Rio — sobretudo em "A Nação" (1852/54), um órgão liberal — com artigos críticos e políticos. Foi amigo íntimo de Dom Pedro II e político dos mais ativos: em 1854 era deputado à Assembléia Provincial do Rio de Janeiro (GB); de 1864 a 1866, representante de sua província na Assembléia Geral Legislativa; de 1867 a 1869 e de 1878 a 1881, deputado na legislatura. Nos romances, Macedo jogava com o sentimentalismo muito ao gosto do povo, o que explica o grande êxito de suas obras. A crítica e o público — que não lhe pouparam elogios no início de sua carreira — acabaram por fazer restrições a seus trabalhos, e, no fim de sua vida, eram-lhe abertamente contrários, o que terá contribuído para levá-lo lentamente à loucura. Catorze anos depois de sua morte, foi fundada a Academia Brasileira de Letras, sendo seu nome escolhido como patrono da cadeira n.º 20. Entre a imensa quantidade de obras deixadas por Manuel de Macedo estão os romances "O Moço Loiro" (1845), "Os Dois Amores" (1848), "Vicentina" (1853), "A Carteira de Meu Tio" (1855), "O Forasteiro" (1856), "O Culto ao Dever" (1865), "Memórias do Sobrinho do Meu Tio" (1867), "A Luneta Mágica" (1869), "As Vítimas Algozes" (1869), "Nina" (1869), "As Mulheres de Mantilha" (1870), "A Namoradeira" (1870), "Um Noivo e Duas Noivas" (1871) e "Os Quatro Pontos Cardeais da Misteriosa" (1872); e as peças teatrais "O Cego" (1849), "Luxo e Vaidade" (1860). "A Torre em Concurso" (1863), "Lustela" (1863), e "Teatro de Macedo" (1863). Deixou também trabalhos de história: "Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro" (1863) e ainda "Memórias na Rua do Ouvidor" (1878).

Macedo (José Agostinho de)

Escritor português (Beja, 1761 — Pedrouços, 1831). Contra a vontade, ingressou, em 1778, na Ordem de Santo Agostinho, sendo expulso mais tarde por má conduta. Ocupou a seguir diversos cargos na corte: pregador régio, censor literário, cronista do reino, etc. (Era profundo conhecedor do vocabulário português.) Membro da Nova Arcádia e da Academia de Roma, escrevia usando o pseudônimo de Elmiro Tagídeo. Em 1822, foi eleito deputado, assumindo posição contrária ao Liberalismo e defendendo o regime miguelista (do rei Dom Miguel). Escreveu elegias, epístolas, ensaios filosóficos e políticos, sermões e alguns poemas. "Os Burros" (poema satírico, contra seus colegas da Arcádia), "O Gama", mais tarde refeito com o título de "Oriente", "Contemplação da Natureza" (1801), "A Criação" (1806), "O Novo Argonauta" (1809), "A Meditação" e "Newton" (1813).

Macek (Vladimir)

Líder político croata (Jastrebarsko, 1879 — Washington, 1964). Formou-se em direito em 1905. Insurgindo-se contra a dominação da Croácia pela Sérvia, filiou-se ao Partido Camponês Croata, sendo eleito, em 1920, membro da Assembléia Constitucional Iugoslava. No entanto, foi boicotado, juntamente com outros membros do partido. Em 1928, assumiu a liderança da organização política, sucedendo a Stjepan Radic, que fora assassinado. Propôs ao Rei Alexandre a reorganização da Iugoslávia sob uma autêntica base federal, apoiando-se, para isso, no restabelecimento das fronteiras históricas existentes antes da fundação da Iugoslávia. O rei não só rejeitou a proposta como implantou uma ditadura. Opondo-se a essa política de força, Macek acabou sendo preso duas vezes (1929/30 e 1933/34). Apos o assassínio de Alexandre (1934), Macek encabeçou a oposição no país, quando das eleições parlamentares de 1935 e 1938, mantidas pela regência semiditatorial do Príncipe Paulo. Em 1939, chegou a um acordo com o governo iugoslavo de Gragisa Cvetkovic, que estabelecia uma província croata com governo e parlamento próprios, em Zagreb. Esta autonomia estendia-se a quase todas as funções políticas. Dois dias depois, uniu-se ao governo iugoslavo como deputado primeiro-ministro. Em 1941, em troca de garantias germânicas, concordou com a adesão da Iugoslávia ao pacto entre Alemanha, Itália e Japão, mas recusou convite alemão para comandar o governo croata fantoche. Em 1945, fugindo dos comunistas, foi para Paris. A partir de 1948, viveu em Washington.

Maceo Y Crajales (Antonio)

Político cubano (Santiago de Cuba, 1848 — Punta Brava, 1896). Filho de pai venezuelano e mãe dominicana, trabalhou, na juventude, numa estrebaria. Por volta de 1866, começou a guerra pela independência de Cuba, e Maceo, que era negro, engajou-se nas tropas de negros e mulatos comandadas pelo caudilho Velázquez. Lutando pela independência durante a guerra dos dez anos (1868/78), chegou ao posto de comandante. Em 1876, chefiou as tropas do oriente da ilha, com o título de major-general. Contrário à paz de Zanjón, defendia o prosseguimento da guerra, mas teve de aceitar o pacto de San Luis. Retirou-se então para a Jamaica. De 1878 a 1895, viveu nos Estados Unidos e em vários países da América Central. Incorporado (como general) ao exército de Honduras, chegou a governar a província de Puerto Cortés, mas — quando da queda do presidente Sojo — foi obrigado a abandonar o país. Ao irromper nova revolta pela libertação cubana (1895), Maceo estava em Costa Rica. Junto com 25 companheiros, voltou a seu país e assumiu o comando das forças da província oriental. Com uma coluna de guerrilheiros, atravessou a ilha de oriente a ocidente e conseguiu várias vitórias sobre as forças espanholas, mas foi morto em Punta Brava.

Macewen (Sir William)

Médico escocês (Rothesay, 1848 — Glasgow, 1924). Formou-se em medicina pela Universidade de Glasgow (1869). Em 1875, assumiu o cargo de cirurgião assistente na Enfermaria Real de Glasgow e, dois anos depois, o de cirurgião. Em 1892, foi nomeado "Regius Professor" de cirurgia da Universidade de Glasgow e cirurgião de uma enfermaria. Eleito membro honorário do Real Colégio dos Cirurgiões da Inglaterra (1900), recebeu, em 1902, o título de "Sir" e diversos outros. Já antes de se formar, Macewen (que fora aluno do cirurgião Joseph Lister) desenvolvia técnicas assepticas. Para seu trabalho sobre ossos, desenhou um osteótomo (1876), que foi inteiramente construído em aço (diferença básica em relação aos demais instrumentos cirúrgicos, que possuíam cabos de madeira ou osso, o que impedia fervura total). Antes de 1880, Macewen usava, rotineiramente, roupa esterilizada, esterilizava suas mãos, a de seus assistentes e enfermeiras, e a pele do paciente. Começou depois a ferver as gazes, antecipando prática semelhante desenvolvida por G. A. Neuber (1883/85). No entanto, a gaze fervida não era satisfatória para pensar ferimentos. Em 1886, Ernest von Bergmann e Curt Schimmelbusch adotaram um novo método de esterilização: serviam-se de vapor superaquecido. Mas seus esterilizadores só foram apresentados no Congresso de Berlim em 1890 — quando Macewen adquiriu um para instalar em sua sala de operações. Pioneiro na cirurgia do cérebro, ele diagnosticou, em 1876, um abscesso cerebral (mas a família do paciente não permitiu a operação). Em 1879, fez duas operações cerebrais, com sucesso. Entre 1883 e 1886, dedicou-se a estudos sobre a espinha dorsal. Os resultados de algumas de suas operações foram apresentados em "Doenças Infecciosas Piogênicas do Cérebro e da Espinha Dorsal", publicado em 1893. Em 1880, Macewen realizou o transplante de ossos num menino que havia perdido grande parte do úmero em decorrência de uma osteomielite. Em 1895, operou com resultados positivos um paciente com um abscesso nos pulmões. Praticava assim a primeira pneumectomia.

Mach (Ernst)

Físico e filósofo austríaco (Turas, Morávia, 1838 — Haar, Alemanha, 1916). De 1864 a 1867, foi professor de matemática em Graz. Depois (1867/95) lecionou física na Universidade de Praga e, de 1895 a 1901 assumiu a cadeira de história e teoria de ciência indutiva, em Viena. Neste último período opôs-se à introdução da língua tcheca como idioma oficial na Universidade de Praga, alinhando-se assim entre os partidários da dominação alemã da Tchecoslováquia. Em 1901, após abandonar o ensino, foi nomeado membro da Câmara dos Pares pelo imperador da Áustria. Suas obras científicas e filosóficas exerceram profunda influência no pensamento do século XX. Seus primeiros livros contêm os fundamentos de uma nova teoria filosófica, o empirocriticismo. Defendeu uma concepção posltivista: nenhuma proposição das ciências naturais e admissível se não for empiricamente verificável. Os rigorosos critérios de verificabilidade que utilizou conduziram à eliminação não só de conceitos metafísicos da teoria física (como os de éter, substância, espaço e tempo absolutos), mas também dos conceitos de moléculas e átomos (ou seja, a hipótese que afirmava a existência de um elemento estrutural básico da matéria. Seguindo a linha de pensamento formulada por Hume, Mach nega-se a se pronunciar sobre a natureza da realidade (se psíquica ou física) para permanecer no plano fenomênico, no "puramente dado". Para ele todas as afirmações empíricas (mesmo as científicas) poderiam ser reduzidas a afirmações sobre as sensações. Essa posição é que o leva a negar todo substancialismo (substitui a noção de substância pela de função). Para Mach, o caráter de qualquer lei científica era apenas descritivo. A escolha entre hipóteses igualmente plausíveis e relativas ao mesmo fato seria uma questão de economia de pensamento. Sua visão positivista foi uma das fontes da escola do positivismo lógico, posteriormente elaborada e desenvolvida pelo Círculo de Viena. Entre suas obras mais importantes estão "Die Mechanik in ihrer Entwicklung historisch-kritisch dargestellt"("A Ciência da Mecânica", 1883), "Beiträge zur Analyse der Empfindungen" ("Contribuições à Análise das Sensações", 1886), "Die Prinzipiender Wärmelehere" ("Princípios da Termologia", 1896) e "Erkenntnis und Irrtum" ("Conhecimento e Erro", 1905).

Macedo, Joaquim Manuel de — Mach, Ernst

Macha (Karel Hynek)

Poeta tcheco (Praga, 1810 — Litomerice, 1836). Embora filho de pais pobres, estudou filosofia e direito. Entre os principais fatores responsáveis por sua formação espiritual estão a leitura dos poetas românticos alemães, poloneses e ingleses, especialmente Byron; as andanças noturnas pelos velhos castelos em ruínas da Boêmia; uma viagem pelo norte da Itália, em 1834, e o ressurgimento do nacionalismo tcheco. Seus primeiros poemas foram escritos em alemão. Trabalhou como ator na companhia dramática de T. K. Tyl, onde conheceu Eleonora Somkova — "Lori", a musa inspiradora de grande parte da sua obra. Querendo estabilizar suas relações com ela e resolver seus problemas financeiros, abandonou a vida boemia e aceitou um emprego na administração da cidade Litomerice, em setembro de 1836. Morreu dois meses depois, vítima de pneumonia. Elementos característicos de sua poesia — que se tornariam, no século XX, uma das principais fontes de lirismo metafísico tcheco — são a musicalidade e o ritmo de seus versos, a expressão apaixonada e o pessimismo romântico bem como uma destacada tendência especulativa. Seu poema épico "Máj" ("Maio"), de 1836, é considerado o trabalho mais importante. E as obras em prosa, influenciadas sobretudo por Byron, ficaram quase todas inacabadas, mas seu estilo indicava uma presença renovadora na linguagem literária tcheca. Suas cartas e seus diários têm forma coloquial e são carregados de imaginação.

Machado (Aníbal Monteiro)

Escritor brasileiro (Sabará, MG, 1894 — Rio de Janeiro, GB, 1964). Aos doze anos foi para Belo Horizonte e estudou no Colégio Mineiro. Terminou o curso secundário no Rio, no Colégio Abílio. Formou-se em direito em Belo Horizonte em 1918 e, no ano seguinte, foi nomeado promotor público em Aiuruoca (MG), onde ficou até 1920. Em 1921, aderiu ao movimento modernista e retornou para Belo Horizonte, conheceu Carlos Drummond de Andrade e João Alphonsus. Colaborou com crônicas no "Diário de Minas" e tentou exercer a advocacia, mas logo desistiu. Em 1923 foi para o Rio como delegado de polícia, cargo que ocupou durante seis meses. No início do ano seguinte foi nomeado promotor adjunto. Pouco atraído pela profissão, assumiu interinamente a cátedra de literatura no Colégio Pedro II. Em 1927 foi nomeado oficial de gabinete do ministro da Justiça. Colaborou em diversas revistas, como "Antropofagia" (de Oswald de Andrade), "Estética" (de Sérgio Buarque de Hollanda e Prudente de Moraes Neto, onde publicou seu primeiro conto: "O Rato, o Guarda-Civil e o Transatlântico"), "Revista do Brasil", "Revista Acadêmica" e "Boletim de Ariel". Dirigiu, com Queirós Lima e Alfredo Laje, "O Espírito Novo". Em 1944 foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores e, com Sérgio Milliet, organizou o I Congresso Brasileiro de Escritores (São Paulo, 1945). Dois anos depois, viajou para a Europa, onde ficou durante dez meses. Algumas de suas obras são "Vila Feliz" (1964), "A B C das Catástrofes" (1951), "Poemas em Prosa" (1955), "Novelas Reunidas" (1959), "João Ternura" (levou quarenta anos para ser escrito e foi publicado postumamente, em 1965), "A Praça X" e "O Piano" (ambas para teatro). Foi ainda crítico de artes plásticas e preparou alguns roteiros para cinema.

Machado (Bernardino Guimarães)

Político português de origem brasileira (Rio de Janeiro, 1851 — Porto, 1944). Em 1876 formou-se em filosofia pela universidade de Coimbra. Três anos depois foi nomeado catedrático de antropologia dessa universidade. Eleito deputado em 1882, reelegeu-se em vários pleitos, até 1894. Como ministro das Obras Públicas em 1893, lutou por uma legislação a favor dos operários e da mulher. Sua posição política obrigou-o a demitir-se da cátedra (apoiou uma greve de estudantes republicanos em 1907). Em 1910, com o advento da República exerceu os cargos de ministro das Relações Exteriores do governo provisório (1910/11), deputado e senador. Em 1912 foi embaixador de Portugal no Brasil. Em 1915 elegeu-se presidente da República de Portugal, cargo que exerceu até 1917. Em 1925 voltou ao cargo, com a renúncia do presidente Teixeira Gomes, foi deposto um ano depois por um golpe militar. Suas principais obras são "O Ensino Primário e Secundário" (1899), "Ensino Profissional" (1900). "Da Monarquia à República" (1903), "Da República" (1908), "A Irresponsabilidade Governativa e as Duas Reações — Monárquica e Republicana" (1924).

Machado (Cristiano Monteiro)

Político brasileiro (Sabará, MG, 1894 — Roma, 1953). Formou-se em farmacologia, em 1909 e, em 1917, tornou-se advogado pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Em 1925 foi eleito deputado à Assembléia Legislativa de seu Estado e, em 1926, foi nomeado prefeito de Belo Horizonte. Em 1930 elegeu-se deputado federal, renunciando ao cargo pouco depois para assumir a Secretaria do Interior e Justiça de Minas Gerais. Durante a Revolução de 1930, entretanto, deixou a pasta por divergir politicamente do governador Olegário Maciel. No período que precedeu à Revolução Constitucionalista, foi partidário dos legalistas, tomando parte ativa no movimento que levou à convocação da Assembléia Constituinte (1933), quando foi eleito deputado federal. Em 1934 participou da Assembléia, com papel destacado na elaboração da Constituição. Dois anos depois, exerceu o cargo de secretário da Educação no governo de Benedicto Valladares, em Minas Gerais. Em 1945 foi novamente eleito deputado federal e participou da elaboração da nova Constituição, promulgada em 1946. Candidatou-se à presidência da República nas eleições de 1950,

mas não conseguiu eleger-se. Durante o governo de Getúlio Vargas, foi indicado para embaixador do Brasil no Vaticano.

Machado de Assis (Joaquim Maria)

V. **Machado de Assis,** Enciclopédia Abril (vol. VII).

Machado (Joaquim Nunes)

Político brasileiro (Goiana, PE, 1809 — Recife, PE, 1849). Participou da repressão à Setembrada, movimento que eclodiu no Recife, em 1831, provocado pelas tensões políticas que se seguiram à abdicação de Dom Pedro I. Formou-se (1832) em ciências jurídicas e sociais na Faculdade de Olinda. Exerceu o cargo de juiz de direito em sua cidade natal e juiz da 1.ª Vara Criminal no Recife. Quando foram criadas as assembléias provinciais, integrou a de Pernambuco. Em 1838 tornou-se deputado, liderando a corrente liberal. Chefiou as tropas que se rebelaram contra o governo imperial, na chamada Rebelião Praieira (1848), lutando em Pernambuco e dirigindo-se, mais tarde, para Alagoas. Após vários combates, voltou ao Recife. Às portas da capital, foi atingido mortalmente por uma bala, quando observava um posto inimigo.

Machado (José Gomes Pinheiro)

Político brasileiro (Cruz Alta, RS, 1852 — Rio de Janeiro, GB, 1915). Pinheiro Machado estudou na Escola Militar, abandonando o curso para lutar na Guerra do Paraguai. Deixou o Exército em 1868 e permaneceu durante seis anos na fazenda do pai, no Rio Grande do Sul. Dirigiu-se depois para São Paulo, onde se formaria em 1878 pela faculdade de direito do largo de São Francisco. Ainda estudante, formou com alguns colegas o Clube Radical Republicano. Após sua formatura (1878), voltou para o Rio Grande do Sul, onde se dedicou à advocacia e fundou o Partido Republicano Conservador. Com o advento da República, elegeu-se senador, participando a seguir do Congresso Constituinte (1890/91). Tornou-se amigo de Júlio de Castilhos e combateu a Revolução Federalista (1893) como comandante da Divisão Norte. Derrotou os revolucionários comandados por Gumercindo Saraiva na batalha de Passo Fundo (o que lhe valeu a divisa de coronel). Retornou ao Senado e continuou exercendo a advocacia no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Assim, adquiriu considerável fortuna, que empregaria na aquisição de terras e na exploração da indústria pastoril. Foi um dos mais hábeis políticos brasileiros, conseguindo impor-se no Senado, onde liderou o bloco majoritário. Conquistou também grande prestígio e poder na Câmara dos Deputados. Apoiou a candidatura do marechal Hermes da Fonseca à presidência da República. Pinheiro Machado atingiu o máximo de sua influência quando Nilo Peçanha assumiu a presidência, após a morte de Afonso Pena. Apoiou e garantiu também a presidência de Venceslau Brás; este, porém, ao ser eleito, passou a combatê-lo. Para vingar-se, Pinheiro Machado fez com que o ex-presidente Hermes da Fonseca (então adversário de Venceslau Brás) fosse eleito senador pelo Rio Grande do Sul. Pinheiro Machado foi apunhalado pelas costas por Francisco Manso de Paiva. Com sua morte, desapareceu o Partido Republicano Conservador.

Machado y Ruiz (Antonio)

Poeta espanhol (Sevilha, 1875 — Colliure, 1939). Estudou na Universidade de Madrid e no Instituto de Ensino Livre. Em 1899 foi para Paris, onde entrou em contato com os movimentos literários da época e tornou-se grande amigo de Rubén Darío. Ao retornar à Espanha publicou "Soledades" (1903), cuja versão aumentada ("Solitudes, Galerias y Otros Poemas") apareceria em 1907, ano em que o poeta obteve a cátedra de francês no Liceu Soria. A poesia de Antonio Machado mescla motivos populares da Andaluzia com temas do fim do século XIX: o tempo, a morte e a melancolia. Em 1912 publicou "Campos de Castilla", em linguagem profunda e melancólica. Mudou-se para Baeza e, em 1917, publicou "Páginas Escogidas" e "Poesias Completas". Em 1919 transferiu-se para Segóia, onde compôs "Nuevas Canciones", poesias curtas que lembram canções populares. Em 1927 elegeu-se para a Academia Real da Espanha e, quatro anos depois, retornou a Madrid, onde passou a escrever ensaios irônicos com algumas poesias intercaladas para o jornal "El Sol". Antonio Machado acreditava que as idéias do poeta não são categóricas e jamais desprendeu-se da ideologia pessimista e negativista do fim do século XIX, influenciada por Kant e Schopenhauer. Sua filosofia centralizava-se em Deus, "pura essência no coração do poeta". Com o irmão — o também poeta Manuel Machado — escreveu algumas obras para teatro inferiores a seus poemas. Entre elas destacam-se "Desdichas de Fortuna, o Julianillo Valcárcel" e "Don Juan de Mañara" (1927). Durante a Guerra Civil Espanhola (1936/39), viveu entre Madrid, Valência e Barcelona. Em 1939, após a derrota dos republicanos, foi para a França, onde morreu em exílio voluntário.

Machault (Guillaume)

V. **Machault,** Enciclopédia Abril (vol. VII).

Machault d'Arnouville (Jean-Baptiste)

Político francês (Paris, 1701 — id., 1794). Foi referendário (1728), intendente (1743), presidente da junta comercial (1744) e inspetor-geral das finanças (1745/54). Apoiado por Luís XV e Madame Pompadour, criou o imposto do vigésimo sobre todas

Macha, Karel Hynek — Machault d'Arnouville, Jean-Baptiste

as rendas (1749). Mas os privilegiados e, em especial, o clero opuseram-se violentamente. Com o apoio do Parlamento, passaram a se apresentar como representantes da liberdade, contra o despotismo. Encorajaram a campanha contra as despesas da corte, contra Madame Pompadour e contra o rei. Luís XV acabou isentando o clero desse imposto (1751) e minando a autoridade de Machault, que acumulava desde 1750 as funções de guarda do selo. Retirado das finanças em 1754, foi nomeado secretário de Estado da Marinha (1754/57). Neste cargo, ativou as construções navais e favoreceu alianças, mas não conseguiu impedir que a França se envolvesse na Guerra dos Sete Anos. Perdendo a confiança de Madame Pompadour, Machault retirou-se para suas terras (1757). Preso em 1793 (após a Revolução Francesa) como suspeito de traição, morreu nos cárceres de Madelonnettes.

Maciel (Gabriel Antunes)

Bandeirante brasileiro (São Paulo ? — Mato Grosso, c. de 1734). Foi um dos primeiros descobridores de ouro em Cuiabá (MT). Superintendente das minas de Curitiba (1717), em 1721 obteve uma concessão do governador de São Paulo e Minas Gerais para abrir uma estrada ligando Sorocaba a Cuiabá. Conseguiu também autorização para cobrar uma taxa de passagem dos viajantes Em 1723 tornou-se capitão-mor regente de Sorocaba e, em 1727, em companhia de seus dois irmãos, Filipe e Antônio Maciel, organizou uma entrada contra os índios parecis, aprisionando muitos deles. Descobriu minas de ouro no alto do Paraguai em 1728 e em 1730 foi encarregado de organizar uma expedição de caça e extermínio contra os índios paiaguás, de Mato Grosso, porém não obteve sucesso. Morreu quando comandava outra expedição, organizada em 1733, com a mesma finalidade.

Maciel (João Antunes)

Bandeirante paulista (?, ? — c. 1726). Transferiu-se para Minas Gerais quando foi descoberto ouro naquela província. Estabeleceu-se na região do rio das Mortes, como capitão da cavalaria das tropas portuguesas. Quando a localidade em que habitava foi elevada à categoria de vila, recebeu a designação de juiz ordinário. Durante a Guerra dos Emboabas (1709) esteve ao lado das tropas portuguesas, que lutavam contra os paulistas. Após combater os franceses que ocuparam o Rio de Janeiro (de 1555 a 1567), foi nomeado guarda-mor das minas de São José e São João del Rei, em Minas Gerais (1711). Dois anos depois, assumiu o posto de tenente-coronel do regimento de São João del Rei. Transferiu-se em 1717 para Mato Grosso, onde foi designado intendente geral das minas de Cuiabá. Morreu durante uma expedição para São Paulo.

Maciel (José Álvares)

Revolucionário mineiro (Vila Rica, 1760 — Angola, 1802). Após uma viagem de recreio, permaneceu na Europa, onde estudou siderurgia e química, e bacharelou-se em filosofia pela Universidade de Coimbra. Voltando ao Brasil, entrou em contato com os conjurados da Inconfidência Mineira, participando ativamente da preparação do movimento. Em 1788, encontrou-se com Tiradentes no Rio de Janeiro. Maciel chegou da Europa preocupado com o problema da independência. Tiradentes, por sua vez, queria notícias sobre as novas idéias e os movimentos de libertação. Maciel lhe deu inúmeras informações, entre elas a de que a Europa estranhava que o Brasil não tivesse ainda seguido o exemplo dos Estados Unidos, que se libertara da dominação inglesa. Ele achava, inclusive, que seria possível conseguir ajuda estrangeira para a implantação de um novo regime. Quando a Inconfidência foi descoberta, Maciel foi preso mas negou sua participação, declarando que achava o movimento impraticável. Interrogado outras vezes, confessou e acusou Tiradentes de ter sido o primeiro a propor a independência da capitania de Minas Gerais. Apesar das justificativas que apresentou nos depoimentos, foi condenado à morte, mas a pena foi comutada para degredo perpétuo na África.

Maciel Parente (Bento)

Político português (Viana do Castelo 1567 — Pernambuco, 1642). Em 1621, como capitão-mor da capitania do Grão-Pará, reformou o forte Presépio, a fim de reforçar a defesa de Belém. Nesse mesmo ano, uma carta régia separou a capitania do Grão-Pará da do Maranhão. Maciel Parente recebeu 10 léguas de terras da sesmaria de Itapicuru, no Maranhão. Depois de fazer uma viagem às Antilhas, sugeriu ao rei de Portugal que criasse novas capitanias no norte do Brasil. Em 1631 combateu os holandeses que invadiram Pernambuco. Sete anos mais tarde, foi encarregado do governo da capitania do Maranhão. Quando os holandeses tentavam ocupar a capital maranhense (São Luís), tentou negociar com o comandante dos invasores, enviando-lhe dois emissários. Mas não conseguiu o acordo que pretendia e a cidade foi tomada. Bento Maciel Parente foi preso e conduzido para Pernambuco, mas morreu durante a viagem.

Macke (August)

Pintor alemão (Meschede, 1887 — Perthes, 1914). Começou a estudar arte em 1904, na Academia de Düsseldorf. Entre 1907 e 1908, fez duas viagens a Paris, que despertaram seu interesse pelo Impressionismo (sobretudo pelo pontilhista Seurat) e por Cézanne, um dos primeiros expressionistas. No fim de 1909, Macke instalou-se na Baviera, onde ficou por um ano e produziu alguns trabalhos que revelavam influência de Cézanne, de Picasso, dos cubistas e sobretudo de Matisse. Com Kandinsky, Jawlensky e Marc, Macke foi um dos representantes mais significativos do grupo expressionista "Der Blaue Reiter" ("O Cavaleiro Azul"). Suas preocupações estéticas e a natureza de seu trabalho aproximaram-no — mais do que qualquer outro pintor alemão de sua época — da pintura francesa. Suas obras traduziam uma sensualidade tranqüila: muitas de suas personagens passeiam num parque ou olham vitrinas. De porte arrojado, corpo em forma de coluna e aspecto elegante, assemelham-se um pouco às figuras de Seurat, mas seu colorido nada tem de pontilhista: vermelhos, laranjas e amarelos opõem-se nitidamente aos verdes e azuis. A cor foi sua linguagem, a ponto de declarar, em 1907: "Coloco toda a minha energia na procura da cor pura".

Mackensen (August von)

Marechal alemão (Haus Leipnitz, Wittemberg, 1849 — Celle, 1945). Uniu-se aos hussardos em 1869 e serviu na guerra franco-alemã de 1870/71 como oficial de regimento. Foi nomeado para o Estado-Maior em 1882 e acompanhou o imperador alemão Guilherme II em sua jornada à Palestina em 1898. Em 1908 recebeu o comando da 17.ª Unidade Militar (no Vístula). No começo da Primeira Guerra Mundial, comandou o 9.º Exército na frente leste e obteve sucesso contra os russos em Kutno, Lodz e Lowicz. Comandou a união dos exércitos alemães e austríacos (11.º Exército) na Galícia do oeste em abril de 1915 e, habilmente ajudado por Hans von Seeckt, conseguiu a grande investida alemã na área de Gorlice-Tarnow. Foi premiado com uma promoção a marechal-de-campo em junho de 1915. Esse seria o começo de uma série de vitórias para Mackensen: a derrota dos russos em Brest-Litovsk e em Pinsk (agosto/setembro de 1915); a tomada da Sérvia (outubro/novembro) e a ocupação da Romênia (1916/17). Depois do armistício de 1918, Mackensen foi internado pelos franceses até 1919. Retirou-se do Exército em 1920, sendo nomeado conselheiro de Estado em 1933.

Mackenzie (Sir Alexander Campbell)

Músico escocês (Edimburgo, 1847 — Londres, 1935). Aos dez anos de idade foi para a Alemanha estudar música no conservatório de Sondershausen com Erwin Stein graças a uma bolsa de estudos. Em 1862 retornou à Inglaterra e continuou seus estudos na Real Academia de Música de Londres. De 1865 a 1878 viveu em Edimburgo, desenvolvendo atividade de violinista (de quarteto e de orquestra), compositor e maestro. Sob influência de seu amigo Hans von Bullow, decidiu partir para Florença, onde se dedicou inteiramente à composição. Dessa época datam algumas obras importantes: "A Ponte" (1881); "Jason" (cantatas, 1882); "Colomba" (1883); e "O Trovador" (1886). Em 1888, já famoso, voltou à Inglaterra e foi nomeado diretor da Real Academia de Música, em Londres. No período de 1892 a 1899 foi regente da Orquestra Filarmônica de Londres e, de 1908 a 1912, presidiu a Internazionale Musikgesellschafts. Entre suas composições mais conhecidas estão: "Sua Majestade" (1897), "Os Salteadores" (1905), "Concerto Escocês", três rapsódias escocesas, a abertura "Britania" e mais uma série de obras sacras. Em 1927, Alexander Mackenzie publicou um livro autobiográfico: "A Musician's Narrative".

Mackintosh (Charles Rennie)

Arquiteto e decorador escocês (Glasgow, 1868 — Londres, 1928). Foi aprendiz do arquiteto John Hutchinson e freqüentou a Escola de Arte de Glasgow. Em 1890 recebeu uma bolsa de estudos para a França e Itália. Sua primeira obra, a torre do prédio do Glasgow Herald (em 1894), já se distanciava do academicismo. Três anos depois, venceu o concurso para a construção dos edifícios da Escola de Artes de Glasgow, obra que antecipou na Grã-Bretanha o estilo do começo do século XX. Partidário de uma arte funcional, Mackintosh interessou-se também pela decoração. Para ele, os móveis deviam ter um caráter ao mesmo tempo precioso e austero, baseado na utilização das linhas retas e dos ângulos. Recomendava os tons claros (especialmente o branco). Suas exigências estéticas aproximavam-no do maneirismo. Em 1897 foi encarregado da mobília e da decoração da cadeia dos Cranston's Tearooms, e orientou-se para o estilo curvilíneo presente, por exemplo, no Salão de Chá da Buchanan Street (1897/98). A mobília que apresentou em 1900 na exposição anual da Wiener Sezession mostrava uma relação íntima entre as tendências escocesas e a escola vienense. Como chefe do Grupo dos Quatro (que formara em 1890) participou em 1901 do concurso organizado pelo editor Alexander Koch, de Darmstadt, para conceber a casa de um amador de arte e cuidar de sua decoração interna. Seu projeto, muito inovador, só conseguiu o segundo lugar. De 1907 a 1909 construiu a Biblioteca da Escola de Arte de Glasgow, na qual só usou linhas retas. Charles Mackintosh destacou-se como um dos líderes do estilo art nouveau na Grã-Bretanha.

Maclaurin (Colin)

Matemático escocês (Kilmodan, 1698 — Edimburgo, 1746). Na Universidade de Glasgow, mostrou-se um aluno excepcional em matemática: aos dezenove anos foi nomeado professor dessa matéria no colégio Marischal, em Aberdeen. Em 1719 tornou-se membro da Sociedade Real de Matemática. Ainda em 1719, publicou o mais importante de seus tratados, "Geometria Orgânica", no qual desenvolve vários teoremas, introduzindo o método da geração das cônicas (que leva seu nome). Esse tratado — que seria complementado em 1735 — mostra que algumas curvas de terceiro e quarto graus podem ser descritas pela interseção de dois ângulos móveis. Em 1722 Maclaurin foi para a França, estabelecendo-se em Lorraine, depois de curta permanência em Paris. Escreveu um ensaio de mecânica racional (movimento dos corpos), com o qual obteve o prêmio da Academia Francesa de Ciências (1724). Voltou para a Grã-Bretanha e, recomendado por Isaac Newton, conseguiu a cadeira de matemática na Universidade de Edimburgo. Dedicou a Newton o "Resumo da Filosofia de Newton" (1728) — um dos melhores documentos sobre o newtonismo — e o "Tratado das Fluxões" (1742), onde defendeu Newton e sua filosofia dos ataques de George Berkeley. Em 1740, dividiu com mais dois cientistas o prêmio da Academia de Ciências de Paris, ganho por um tratado sobre as marés. Cinco anos depois, os jacobitas (partidários de Jaime II, rei da Escócia) invadiram Edimburgo; Maclaurin participou da defesa da cidade e, vencido, fugiu para a Inglaterra. Seu "Tratado de Álgebra" foi publicado postumamente (1748).

Maciel, Gabriel Antunes — Maclaurin, Colin

Macleod (John James Richard)

Fisiologista escocês (Dunkeld, 1876 — Aberdeen, 1935). Estudou nas universidades de Aberdeen, Leipzig e Cambridge, graduando-se em 1898. No ano seguinte empregou-se como pesquisador de fisiologia e bioquímica no Hospital de Londres. Em 1903, transferindo-se para os Estados Unidos, começou a lecionar fisiologia na Western Reserve University de Cleveland; viajou posteriormente para Toronto, onde chegou a deão-associado da Universidade de Toronto. Seus trabalhos mais importantes versavam sobre o metabolismo de carboidratos nos corpos animais. E, a partir dessas análises, conseguiu isolar a insulina (1922) ajudado por outros cientistas (em especial Sir Frederick Bantong, com quem dividiu o Prêmio Nobel de Medicina de 1923). Escreveu diversos livros de fisiologia, entre os quais: "Fisiologia Prática" (1903); "Avanços Recentes em Fisiologia" (1905); "Diabete, Sua Fisiologia Patológica" (1913); "Fundamentos de Fisiologia Humana" (1916), etc.

MacMahon (Marie Edné Patrice Maurice de, duque de Magenta)

Militar e político francês (Castelo de Sully, 1808 — Castelo de La Forest, 1893). Em 1830 participou da expedição de conquista da Argélia, no curso da qual se destacou como chefe militar. Lutou na guerra da Criméia, onde suas tropas tomaram Malakov (1855). Em 1859, na guerra contra a Áustria, derrotou os inimigos em Magenta, sendo promovido a marechal e feito duque (no campo de batalha mesmo) pelo imperador Napoleão III. Em 1861, foi embaixador extraordinário à coroação de Guilherme I, rei da Prússia. Três anos depois, passou a governar a Argélia. Durante a guerra franco-prussiana (1870) comandou o primeiro corpo do Exército. Derrotado em Wissembourg e Froschwiller, em agosto de 1870, recuou suas tropas para Châlons e seguiu para Metz a fim de romper o sítio alemão às tropas de François Bazaine. Perseguido pelo exército alemão, acabou derrotado e preso em Sedan (a 1.º de setembro de 1870). Libertado quando do armistício, foi nomeado chefe do exército contra a Comuna de Paris (1871). Sufocou a rebelião e, em 1873, elegeu-se presidente da República. Partidário da realeza e inexperiente em política, deixou o cargo praticamente nas mãos do duque de Broglie. Os membros realistas da assembléia prorrogaram seu mandato por sete anos. Em 1876, com a vitória dos republicanos nas eleições para a Assembléia, ele confiou o governo a homens desse partido, como Jules Dufaure e Jules Simon. Em 1877, os republicanos criticaram as estreitas relações do governo com a Igreja Católica e a ingerência desta nos assuntos daquele. Em conseqüência, MacMahon escreveu uma carta de advertência a Jules Simon, o que provocou sua demissão e uma crise política que se prolongaria até 1879. Neste ano, o presidente, irritado com os sucessos eleitorais sempre crescentes dos republicanos, pediu demissão.

Macpherson (James)

Poeta escocês (Ruthven, Inverness-shire, 1736 — Badenock Inverness-shire, 1796). Embora filho de um fazendeiro pobre conseguiu estudar em Aberdeen (1753) e depois em Edimburgo (1755); não obteve, contudo, nenhum diploma. Dos 4 000 versos que escreveu nesse período, somente "O Montanhês" (1758) foi publicado. Tendo conhecido o dramaturgo John Home, Macpherson recitou-lhe alguns de seus poemas (fazendo-os passar por tradução dos textos folclóricos da língua gaélica que giravam em torno de Ossian, personagem da mitologia céltica da Escócia e Irlanda). Home e seu amigo Carlyle levaram esses pretensos fragmentos dos cantos de Ossian para Londres onde Hugh Blair, professor de retórica e crítico literário de renome, entusiasmou-se pela obra e facilitou a Macpherson a publicação dos "Fragmentos de Poesias Antigas Reunidas nas Montanhas da Escócia" (1760). O sucesso desse livro foi tão grande que Macpherson recebeu diversos pedidos de que fosse às montanhas do norte à procura de mais manuscritos de poesias antigas. Mas, depois da publicação de um longo poema épico, "Fingal" (1762), e de "Temora" (1763), começaram a surgir algumas dúvidas quanto à sua autenticidade. Mesmo assim esses dois livros obtiveram imenso sucesso. As críticas só vinham da Inglaterra; os escoceses continuavam convencidos de que Macpherson compilava e traduzia versos arcaicos. No início de 1764, foi nomeado secretário do capitão Johnstone, que fora designado governador de Pensacola (Flórida). Em 1766 retornou para a Inglaterra, estabelecendo-se em Londres. Dez anos depois, ofereceu seus préstimos à coroa e publicou um memorando sobre "Os Direitos da Grã-Bretanha Afirmados contra as Reivindicações da América". Foi nessa época que os antagonistas de Macpherson receberam o apoio de Samuel Johnson, crítico literário cujos veredictos tinham muito peso. Este não somente declarou — em sua "Viagem às Ilhas Ocidentais da Escócia" (1775) — que os poemas épicos de Ossian eram uma fraude como teceu apreciações bastante ferinas sobre Macpherson. Em pouco tempo formaram-se duas correntes: a dos defensores e a dos adversários de Macpherson. Enquanto seus partidários discutiam, o poeta fez-se eleger para a Câmara dos Comuns pelo distrito de Camelford (Cornualha). Morreu milionário. (A crítica moderna considera falsos os poemas de Ossian. Macpherson teria usado algumas baladas que reunira e acrescentado muito de seu próprio trabalho. Em "Fingal" usou pelo menos nove baladas antigas, e uma em "Temora". Algumas vezes suas traduções estavam próximas dos originais, mas freqüentemente não as entendia e prejudicava o humor tentando criar uma atmosfera "romântica".)

Macquer (Pierre Joseph)

Químico francês (Paris, 1718 — id., 1784). Graduou-se em medicina em 1742 e já em

1745 era membro da Academia de Ciências e professor de química no Jardim do Rei. No ano seguinte, provou que o arsênio era um metal. Continuando a estudar os metais, descreveu as propriedades do alumínio, do sulfato de cal, etc. Na química orgânica, começou por descobrir os solventes para a goma-elástica e a composição do leite. Macquer foi um dos cientistas que se destacaram mais pela organização do conhecimento anterior do que pelas descobertas de importância. Seus livros "Elementos de Química Teórica" e "Elementos de Química Prática" (ambos de 1751) vieram preencher o vazio que havia nesse campo. Em suas aulas, Macquer sempre mostrou a química como uma ciência fundamentada simplesmente em fatos. Escreveu também um "Dicionário de Química" (1778).

Macróbio (Ambrósio Teodósio)

Escritor latino (século IV/V). Preocupado em pregar a idéia da perenidade da civilização romana, recolhia testemunhos entre os pensadores e poetas antigos, para persuadir as gerações presentes e futuras. Pertencia a uma família nobre; alto funcionário do Império, obteve cargos honoríficos em Roma e em outras localidades do Império. Acredita-se que tenha sido prefeito na Espanha (399) e procônsul na África (410). Sua primeira obra, "Das Diferenças e Relações entre o Verbo Latino e o Verbo Grego", tinha caráter didático. Escreveu também "Comentários sobre o Sonho de Cipião", onde introduziu suas convicções filosóficas, baseadas em princípios e idéias neoplatônicas. Discutia a natureza da alma e de Deus, do universo e dos astros. Sua obra principal, "Saturnália", foi dedicada ao filho, Eustáquio. Nela Macróbio descreve as festas que dão nome à obra (festas realizadas em dezembro, em honra de Saturno durante as quais havia a permissão de os escravos se sentarem à mesa com os patrões: isto era homenagem à igualdade dos homens).

Macron

Pintor grego (século V a.C.). Destacou-se pintando vasos com figuras vermelhas. No começo só decorava o interior dos recipientes, mas logo passou a tirar partido da superfície das paredes exteriores. Muito repetitivo, quase todos seus vasos têm um medalhão que encerra Dionísio: companheiros do deus dançam e brincam em torno da superfície cilíndrica. Usava também um repertório de cenas da vida cotidiana: banquetes, jogos, danças, vida amorosa, etc. Mais sensível ao jogo complexo dos drapeados que à precisão do desenho anatômico, Macron sabia tirar partido da disposição das roupas, conseguindo transmitir a impressão de movimento.

Madách (Imre)

Poeta e dramaturgo húngaro (Alsósztregova, 1823 — Balassagyarmat, 1864). Aos onze anos perdeu seu pai (um nobre). Sua mãe, no entanto, propiciou-lhe uma educação privilegiada. Dotado de caráter meditativo, Madách escreveu sua primeira peça quando tinha dezesseis anos. Esta obra bem como as cinco peças que se seguiram e seus primeiros poemas mostra sua preocupação com o destino do homem. Embora desprezasse as mulheres, resolveu se casar. A união — profundamente conturbada e infeliz — foi pouco duradoura. Em 1861 — ano em que foi eleito deputado no Parlamento — publicou a obra de onde decorre o seu renome: "Az Ember Tragediája" ("A Tragédia do Homem" — 1862), um drama em quinze atos abarcando quase toda a história da humanidade. Essa peça, que se tornaria conhecida como um "Fausto" magiar, apresenta uma visão extremamente pessimista da história humana, onde Lúcifer tenta provar o fracasso de Deus ao criar o mundo. Por essa obra, Madách foi convidado a tornar-se membro da Sociedade Kisfaludy (a sociedade literária mais importante da Hungria) e, pouco depois, da Academia de Ciências.

Madeira de Melo (Inácio Luís)

Militar português (Chaves, 1775 — ?, 1835). Participou da guerra peninsular, durante a qual chegou a major. Em 1817 viajou para a Bahia, onde foi promovido a coronel e depois a brigadeiro. Após a revolução do Porto (1820), tornou-se chefe do partido formado pelos portugueses no Brasil. Em 1822 foi promovido a comandante de armas da Bahia. Opondo-se à independência, dirigiu as tropas portuguesas nos combates de Pirajá (1822) e Itaparica (1823). Ante o bloqueio marítimo de Salvador pela esquadra de Cochrane, Madeira percebeu que a resistência seria inútil e decidou abandonar a cidade. Embarcou para Portugal com as tropas sob seu comando (1823). Acusado de ter abandonado o posto sem autorização foi submetido a um conselho de guerra (que o absolveu). No governo de Dom Miguel, foi reformado no posto de general.

Madero (Francisco Indalecio)

Político mexicano (Parras, 1873 — Cidade do México, 1913). Estudou com os jesuítas em Saltillo, na Universidade da Califórnia. Em 1888 foi para Paris, retornando a seu país cinco anos depois, para desenvolver trabalhos relativos à agricultura. Democrata, iniciou sua ação política em 1905, com a organização dos clubes Benito Juarez. No semanário "El Demócrata", investia constantemente contra a ditadura de Porfirio Díaz, que contava com apoio de capitalistas e de empresas mineradoras inglesas e americanas. Os clubes — cujo primeiro programa de ação era a disputa dos governos provinciais — resultaram inúteis quando Díaz nomeou interventores para as províncias. Madero continuou acusando o governo de fraude, corrupção e distribuição inigualitária da riqueza. Seu livro "A Sucessão Presidencial de 1910" atacava a ditadura militar e o continuismo (Porfirio Díaz pretendia reeleger-se). Madero — chamado de "Apóstolo da Democracia" — fundou em 1910 um partido sob cuja legenda concorreu à presidência da República. Sua campanha, contudo, foi acusada de incitar à rebelião. Ameaçado de prisão, refugiou-se nos Estados Unidos. Da cidade de San Antonio, no Texas, escreveu o "Plano de São Luis Potosí", no qual dirigia ataques ao governo e à reeleição do general Díaz e chamava a atenção para a necessidade do sufrágio efetivo. Um dos artigos declarava o autor presidente provisório — alegava que, se as eleições tivessem sido legítimas, seria Madero o eleito.

Macleod, John James Richard — Madero, Francisco Indalecio

Noutro artigo, ele pedia que todos os cidadãos pegassem em armas a fim de tomar o poder. Esse documento seria um dos fatores que levariam milhares de camponeses insatisfeitos à insurreição. O movimento revolucionário organizou uma série de levantes, em 1911. Pressionado pelos revolucionários Emiliano Zapata e Pancho Villa, Díaz capitulou e Madero assumiu a presidência do México, a 6 de novembro de 1911. Preocupado em dar ao povo condições democráticas e reformas de base, foi atacado pelas classes conservadoras. Em seu governo ocorreram três sublevações: a comandada por Pascual Orozco, outra pelo general Reys e a última por Félix Díaz, sobrinho de Porfirio. Mesmo assim, sua administração conseguiu algumas vitórias: imprensa sem censura, incentivo à educação, liberdades democráticas ampliadas. Com Madero estudaram-se também a reforma agrária, os direitos dos trabalhadores, a nacionalização das empresas petrolíferas e outros planos que seriam executados pelos presidentes mexicanos a partir de 1917. Um golpe de Estado (chefiado pelo general Adolfo de la Huerta) derrubou Madero, que foi fuzilado em fevereiro de 1913.

Madison (James)

Político americano (Virgínia, 1751 — id., 1836). Seus ascendentes eram ingleses que emigraram para os Estados Unidos em 1653. O pai, James Madison, tinha grandes propriedades fundiárias na cidade de Orange, Virgínia. Em 1771, Madison diplomou-se na Universidade de Princeton; em seguida, passou a estudar hebreu e ética, e interessou-se também por história e política. Em 1774, quando se intensificaram os conflitos de interesses entre a Inglaterra e as colônias, James Madison foi escolhido para o Comitê de Segurança Pública (presidido por seu pai). Em 1776, escolheram-no para delegado à Convenção Constitucional da Virgínia e Madison participou também do Comitê que elaborou a Declaração dos Direitos e a Constituição da Virgínia. Favorável à separação entre a Igreja e o Estado, teve papel importante na formulação dos artigos sobre liberdade religiosa contidos na Declaração dos Direitos. De 1780 a 1783 integrou o Congresso Continental. Em seguida, retirou-se para sua propriedade de Montpellier e consagrou-se ao estudo do direito. Membro da Câmara dos delegados da Virgínia até 1786, seus esforços novamente convergiram para uma legislação liberal. Em 1787 participou outra vez do Congresso e no mesmo ano foi nomeado delegado à Convenção Constitucional da Filadélfia. Seu livro "Os Vícios do Sistema Político dos Estados Unidos" criticava o sistema representativo da vontade popular e defendia o fortalecimento do poder central. Foi um dos trabalhos que mais influíram na elaboração da Constituição americana. Com Hamilton, Madison colaborou no "Federalista" (1787/88), colocando em relevo o papel do governo central na harmonização dos interesses econômicos dos Estados. Criticou as medidas financeiras de Hamilton e suas atitudes favoráveis à Inglaterra. No setor da política externa, inclinava-se para a França. Opunha-se ainda ao centralismo de Hamilton, que ameaçava a liberdade dos Estados. Madison queria que o governo central tivesse autoridade completa em todos os casos em que era necessária uniformidade na decisão, mas que não interferisse com as leis estaduais. Junto com Thomas Jefferson, Madison criou o Partido Republicano. Em 1800 como presidente da República, Jefferson nomeou-o secretário de Estado. Eleito presidente dos Estados Unidos, Madison tomou posse a 4 de março de 1809. Negociou com a França e a Grã-Bretanha para que cessassem os ataques contra embarcações neutras, mas acabou rompendo relações com a Grã-Bretanha, o que contribuiu para o desencadeamento da guerra de 1812. Embora o conflito tenha sido mal conduzido, terminou com a vitória dos Estados Unidos. Em 1817, Madison renunciou à presidência em favor de Monroe. Seu último ato político foi a participação na Convenção Constitucional da Virgínia, em 1829. Cognominado "pai da Constituição", Madison era, segundo Henry James, "um homem baixo, sossegado, um tanto preciso em suas maneiras, agradável, bom conversador, com uma certa mistura de facilidade e dignidade em seus discursos". Casou-se em 1794.

Madre de Deus (Gaspar Teixeira de Azevedo ou Frei Gaspar da)

Historiador brasileiro (Santos, SP, 1714 — id., 1800). Provavelmente estudou no Colégio da Companhia de Jesus, em Santos. A partir de 1731, iniciou-se no noviciado na ordem dos beneditinos e, no ano seguinte, adotou o nome de Frei Gaspar da Madre de Deus. Como noviço, na Bahia, dedicou-se à filosofia, história e ciências eclesiásticas. Ao ordenar-se, já sobressaía como uma das figuras mais marcantes da Ordem. Transferiu-se a seguir para o Rio de Janeiro e foi depois para Portugal, onde ficou por algum tempo. Em 1752, eleito abade de São Paulo, não aceitou o cargo para não interromper seus estudos de teologia e filosofia e não deixar sua mãe e irmãs no Rio de Janeiro. Em 1763 tornou-se abade do mosteiro do Rio de Janeiro, cargo que manteve até 1766. De 1766 a 1769 foi abade provincial do Brasil. A seguir retirou-se para o mosteiro de Santos, dedicando-se à pesquisa histórica, em Canaéia, Iguape, Itanhaém e São Sebastião. Ocupou o cargo de cronista-mor da Ordem, de 1774 até sua morte. Até os oitenta anos de idade nada publicara. Graças a Agostinho Delgado e seus filhos, que apresentaram as "Memórias" de Frei Gaspar à Academia Real de Ciências, evidenciou-se seu trabalho como historiador, em "Memórias para a História da Capitania de São Vicente, Hoje Chamada São Paulo". (Lisboa, 1797).

Madruga Filho (Manuel Pereira)

Pintor brasileiro (Teresópolis, RJ, 1882 — Rio de Janeiro, GB, 1951). Após estudar na Escola Nacional de Belas-Artes, foi para Paris, onde complementou seu aprendizado. Em Paris, apresentou trabalhos em exposições coletivas. Em 1911, fez um painel para o pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Turim, baseando-se no tema "O Brasil Oferecendo Seus Produtos ao Mundo". Em 1940, retornou ao Brasil para ficar. Apesar de sua formação estrangeira, não abandonou os temas nacionais (paisagens, composições históricas). Ganhou várias medalhas no Salão Paulista de Belas-Artes. Participou da Exposição de Auto-Retrato (1944); foi incluído na mostra "Um Século de Pintura Brasileira" (1952). Em 1941, decorou a sede do Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro. Há obras suas no Museu Nacional de Belas-Artes ("Leitura Santa") e no Clube Militar, na Guanabara ("O Grito do Ipiranga").

Madureira (Antônio de Sena)

Militar brasileiro (Recife, 1841 — Rio de Janeiro, 1889), primeiro-tenente do Imperial Corpo de Engenheiros, fez cursos de aperfeiçoamento na Europa. Regressou ao Brasil quando eclodiu a Guerra do Paraguai (1864/70). Participou de toda a campanha, recebendo algumas condecorações como a Ordem de Cristo, Cruzeiro do Sul e da Rosa. Lecionou direito internacional na Escola Naval. Republicano e abolicionista, foi figura central da Questão Militar (1884) que abalou o império. Por recepcionar na Escola de Tiro de Campo Grande o jangadeiro e líder abolicionista cearense, Francisco do Nascimento, foi punido e transferido para a Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo. Mesmo assim, continuou a escrever para o jornal "Federação" artigos contra a monarquia. Após lutar a vida inteira pelos ideais republicanos, não chegou a ver realizar-se seu sonho. Morreu meses antes da proclamação da república.

Maerlant (Jacob van)

Poeta flamengo (perto de Damme, c. 1225 — ?, 1291). Clérigo na cidade de Damme a partir de 1266, adquiriu profundos conhecimentos de latim e francês. Considerado pioneiro da poesia didática holandesa, sobressaiu-se, inicialmente, pelas versões de romances medievais ("Feitos de Alexandre Magno", "História de Tróia"). Desses romances escreveu, a partir de 1266, compilações didáticas em verso: "Der Naturen Bloeme", uma enciclopédia de ciências naturais, entrelaçada com considerações morais; "Rijmbijbel", uma adaptação, em versos, do Novo e Antigo Testamentos; "Spieghel Historiael" uma história universal, também com conteúdo de pregação moral. Cinco séculos antes dos enciclopedistas do século XVIII, revelou o mesmo tipo de atitudes e preocupações. Desprezava as fontes francesas, preferindo as latinas, que considerava verdadeiras. Em sua obra, extremamente moralista, trata da corrupção do mundo, da decadência da nobreza e do clero, da divisão injusta de bens, da justiça, caridade, bem e mal, etc. Seus trabalhos são considerados didáticos, na medida em que se destinavam a instruir as classes em ascensão. Entre os inúmeros seguidores que utilizaram a mesma linha temática, os mais importantes foram Jan van Boendale e Jan de Weert.

Maeterlinck (Maurice Polydore Marie Bernard)

Escritor e dramaturgo belga (Gand, 1862 — Nice, 1949). Educado no colégio jesuíta de Sainte-Barbe, formou-se em direito pela Universidade de Gand. Em Paris, em 1885/86, conheceu os líderes do movimento simbolista. Retornou então para Gand, onde ficaria até 1889. Neste ano destacou-se no mundo literário com o primeiro volume de versos, "As Garras Quentes" ("Les Serres Chaudes") e o primeiro drama "A Princesa Maleine". Os dramas seguintes "Os Cegos" (1891), "As Sete Princesas" (1891), mas sobretudo "O Intruso" (1890) e "Pélleas e Mélisande", tornaram-no um dos maiores representantes do simbolismo no teatro. Seguiram-se "Interior" (1894), "Aglavaine e Sélysette" (1896), "Ariana e Barba-Azul" (1902), além dos poemas líricos, "Doze Canções" (1894). Ao dedicar-se ao estudo de Emerson, Novalis e outros, inclinou-se para o pessimismo e a aceitação da dor, da qual se consolava contemplando a natureza. Esse estado de espírito manifesta-se em "O Tesouro dos Humildes" (1896), "A Sabedoria e o Destino" (1898) e "A Vida das Abelhas" (1901), tal como, na obra teatral, em "Irmã Beatriz" (1901), "Monna Vanna" (1902) e "O Pássaro Azul" (1908). Em 1896, célebre e rico, mudara-se para a França. Durante vinte anos viveu com a atriz Georgette Leblanc, intérprete admirável de suas obras teatrais. Em 1911, sua obra mereceu o Prêmio Nobel. Após a Primeira Guerra Mundial (1914/18) retornou ao estudo, dedicando-se à metafísica e ocultismo. Em "A Morte" (1913) e posteriormente em "O Grande Segredo" aborda a vida e a morte sob um ângulo totalmente diverso do aceito pela Igreja Católica. Por isto, suas obras foram colocadas no Index, a 29 de janeiro de 1914. Em 1932, recebeu o título de conde; em 1937 elegeu-se para a Academia de Ciências Morais e Políticas. Durante a Segunda Guerra Mundial refugiou-se nos EUA e voltou à França depois do conflito.

Maeztu y Whitney (Ramiro de)

Escritor político espanhol (Vitoria, 1875 — Aravaca, perto de Madrid, 1936). Ainda jovem, foi para Paris e de lá para Cuba, onde se engajou como soldado durante a guerra contra os Estados Unidos (1898). Retornando à Espanha, dedicou-se ao jornalismo, como correspondente de vários jornais em Bilbao, Madrid e, de 1905 a 1920, na Grã-Bretanha. Em 1916, lançou "Inglaterra em Armas". Duran-

Madison, James — Maeztu y Whitney Ramiro de

te a ditadura do general Primo de Rivera, foi embaixador da Espanha na Argentina (1928). Com alguns companheiros (Unamuno, Baroja e Azorin) fez parte do grupo denominado Geração de 1898, célebre nos meios literários. Escreveu "Dom Quixote, Dom Juan e Celestina" (1926), "Defesa do Hispanismo" (1934), "Por Outra Espanha" (1899); suas obras refletiam seu pensamento polêmico e paradoxal, totalmente voltado para o "hispanismo", combatendo o liberalismo e a democracia. Com a queda da monarquia (1931), chefiou uma poderosa organização de direita, a Ação Espanhola. Foi executado pelos republicanos logo no início da guerra civil espanhola.

Mafra (João Maximiniano)

Pintor brasileiro (Rio de Janeiro, 1823 — id., 1908). Em 1835, entrou para a Academia Imperial de Belas-Artes, onde foi aluno de Manuel de Araújo Porto Alegre, destacado mestre de pintura histórica do Brasil. Sobre Mafra, Gonzaga Duque afirmou: "Se na pintura histórica, em que tão rapidamente trabalhou, deu unicamente provas de dedicação ao trabalho, na pintura de retratos não conseguiu posição diversa, apesar de não pertencer ao número dos piores retratistas do seu tempo". Participou da Exposição Geral de Belas-Artes de 1842 a 1847, exibindo algumas de suas obras mais conceituadas: o retrato de Tomás Antônio Gonzaga; "A Morte de Sêneca"; designado professor de pintura histórica da Academia Imperial de Belas-Artes em 1851, tornou-se catedrático em 1874.

Magalhães (Adelino)

Escritor brasileiro (Niterói, 1887 — Guanabara, 1969). Filho de um comerciante português, perdeu a mãe muito cedo, e foi educado pela avó. Estudou no Liceu de Humanidades de Campos e no Ginásio Nacional, atualmente Colégio Dom Pedro II. Em 1904, entrou para a faculdade de medicina exclusivamente para satisfazer à vontade do pai. Após dois anos, abandonou o curso, o que lhe custou a perda do apoio paterno. Precisando trabalhar para sobreviver, dedicou-se ao magistério, atividade que exerceria durante 37 anos. Em 1914, ingressou na Faculdade Livre de Direito, onde dirigiu o jornalzinho político "O Estado". Formado em 1914, foi nomeado para o magistério secundário municipal. Em 1916, publicou seu primeiro livro, "Casos e Impressões", mais tarde considerada uma obra precursora do movimento de renovação da prosa brasileira. Mas só em 1918 atraiu a atenção da crítica literária com seu segundo livro "Visões, Cenas e Perfis", comentado por João Ribeiro nas colunas do jornal "O Imparcial", como "um documento curioso da vida dos cabarés dos bailes avariados, dos maxixes de michelas e de todas as torpezas morais da babilônia carioca". Com efeito, Adelino Magalhães foi um cronista original da vida do Rio de Janeiro: retrata a paisagem típica da cidade, no começo do século XX, com a atmosfera cosmopolita e provinciana, com seus tipos singulares e boêmios. O trabalho seguinte "Tumulto da Vida" (1920) contém um de seus contos mais conhecidos: "Um Prego! Mais Outro Prego!". Em 1922, entrou para a Academia Fluminense de Letras. Colaborou na revista "Festa", do grupo espiritualista dos modernos, ao lado de Cecília Meireles, Tasso da Silveira e outros. Em 1926, publicou "A Hora Veloz" e em 1931 "Os Momentos"; depois, "Os Marcos da Emoção" (1933), "Íris" (1937) e "Plenitude" (1939). Suas obras completas foram publicadas em 1946. Em 1967 recebeu o Prêmio Machado de Assis da ABL. Sobre sua posição pioneira na literatura brasileira foi publicado um folheto "O Preceptor Adelino Magalhães", que reúne opiniões de diversos escritores. Setores de vanguarda da crítica nacional têm-lhe atribuído considerável importância.

Magalhães (Agamenon Sérgio de Godói)

Político brasileiro (Serra Talhada, PE, 1893 — Recife, 1952). Bacharel em ciências e letras e depois advogado, Agamenon Magalhães foi promotor público do Estado e professor de teoria geral do Estado na Faculdade de Direito do Recife. Em 1918, foi eleito deputado estadual. Deputado federal por Pernambuco em 1924, participara da campanha eleitoral de Nilo Peçanha em 1921. Membro da Assembléia Constituinte de 1933, foi também o autor do primeiro projeto de criação de institutos de previdência social. Em 1934, novamente eleito deputado federal, foi nomeado para o cargo de ministro do Trabalho, onde implantou os institutos de previdência e a lei de nacionalização do trabalho, e instituiu o salário mínimo. Durante o Estado Novo (1937/45), foi interventor federal em Pernambuco e, a seguir, nomeado ministro da Justiça, cargo que manteve até o afastamento de Getúlio Vargas. Participou ativamente da campanha presidencial de Getúlio (1950) e no mesmo ano elegeu-se governador de Pernambuco, morrendo durante o exercício de seu mandato.

Magalhães (Basílio de)

Historiador brasileiro (São João del Rei, MG, 1874 — Lambari, MG, 1957). Realizou seus primeiros estudos na sua cidade natal. Após formar-se pela Escola de Minas de Ouro Preto viajou para São Paulo, onde exerceu as profissões de professor e jornalista. Embora não tenha conseguido cursar a faculdade de direito, como pretendia, obteve uma provisão do Tribunal de Justiça para exercer um cargo de advogado no foro de Campinas. Nesta cidade foi também professor de história do Brasil e membro do conselho municipal. Em São João del Rei foi agente executivo e presidente da Câmara. Em 1910, lutou ativamente ao lado de Rui Barbosa em sua campanha à presidência. Em 1922/23 foi senador por Minas Gerais e, de 1924 a 1929, deputado federal. Lecionou história do Brasil na Escola Normal do Rio de Janeiro e no Colégio Dom Pedro II. Foi adepto da filosofia positivis-

ta de Auguste Comte. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, representou também o Brasil em diversas instituições históricas estrangeiras. Sua obra, muito ampla, inclui estudos de folclore e livros didáticos de história e geografia. Entre eles, destacam-se: "A Expansão Geográfica do Brasil até os Fins do Século XVII" (1915); "O Café na História, no Folclore e nas Belas-Artes" (1937).

Magalhães (Celso Tertuliano da Cunha)

Escritor brasileiro (Penalva, MA, 1849 — São Luís, MA, 1879). Criado pelos avós maternos, em 1868 foi para o Recife, onde ingressou na faculdade de direito. Ainda estudante, Celso Magalhães já se destacara pela intensa atividade literária, com crônicas sobre teatro, política e literatura. Interessou-se principalmente por estudos folclóricos e pela poesia popular brasileira. Com o pseudônimo de Giacomo de Mortorelo, assinou um pequeno romance: "Ela por Ela". Abolicionista e republicano, defendia com vigor as suas convicções. Colaborou com diversos jornais maranhenses e pernambucanos: "O País", "Jornal do Recife" e "O Trabalho". Escreveu ainda "Um Estudo de Temperamento", publicado postumamente na "Revista Brasileira". Após bacharelar-se, em 1873, voltou para o Maranhão, assumindo a redação literária do jornal "O País". Nomeado promotor público em 1874, ocupou este cargo por quatro anos. Foi também poeta ("Versos", 1870) e dedicou-se à música, como cantor lírico, participando de um concerto da Sociedade Musical em São Luís.

Magalhães (Domingos José Gonçalves, barão e depois visconde de Araguaia)

Poeta e diplomata brasileiro (Rio de Janeiro, 1811 — Roma, 1882). Estudou medicina na Escola Médico-Cirúrgica da Corte, no Rio de Janeiro. Em 1832, publica seu primeiro livro de poemas. Viaja, no ano seguinte, para a Europa. Em Paris, edita a revista brasileira "Niterói", onde publica um "Discurso sobre a História da Literatura no Brasil" (1836), manifesto do movimento romântico do qual foi um dos iniciadores. A instauração definitiva deste movimento dar-se-ia com outro livro seu, publicado neste mesmo ano, em Paris, "Suspiros Poéticos e Saudade". Retornando ao Brasil, torna-se secretário do governo no Maranhão e no Rio Grande do Sul. É considerado o inaugurador do teatro nacional, com sua tragédia "Antônio José ou o Poeta e a Inquisição" (1838). Em 1841, torna-se professor de filosofia no Colégio Dom Pedro II. Em 1845, ingressa no Parlamento como deputado geral pelo Rio Grande do Sul. É nomeado cônsul-geral no Reino das Duas Sicílias, em 1847, onde foi também encarregado de negócios. É transferido para a Sardenha e, depois, para a Rússia e para a Espanha. Em seguida, assume o cargo de ministro, em Viena, permanecendo nele durante oito anos. Em 18 de julho de 1872 é feito barão e, em 25 de junho de 1874, visconde de Araguaia. Ocupou a cadeira n.º 9 da Academia Brasileira de Letras. Quando morreu, servia em Roma no cargo de ministro plenipotenciário. Embora afamado no seu tempo, não foi grande poeta, mas teve papel importante na história da literatura brasileira.

Magalhães (Fernão de)

Navegador e descobridor português (Trás-os-Montes, c. 1480 — Cebu, Filipinas, 1521). Em 1505, fez sua primeira viagem à Índia na armada de Dom Francisco de Almeida, vice-rei daquela possessão portuguesa. Em 1508/09 estava novamente em Portugal, partindo em seguida, sob o comando de Diogo Lopes de Siqueira, para uma viagem a Málaca. Em 1513/14 seu nome figura entre os soldados e marinheiros alistados para a Índia. Luta valorosamente contra os mouros em 1513 em Marrocos, sob o comando de Dom Jaime de Bragança. Ao retornar a Portugal, pediu aumento de rendimentos e, não tendo sido atendido, ofereceu seus serviços à coroa espanhola. Em 1517 chegou a Sevilha juntamente com seu amigo, o cosmógrafo Rui Faleiro, e naturalizou-se espanhol. No ano seguinte foi recebido pelo rei Dom Carlos, ao qual apresentou um plano de viagem para "descobrir novos mares e novas terras". A 20 de setembro de 1519, cinco navios com 239 homens partiram de Sevilha. Tocaram Tenerife, costearam a Guiné, estiveram no Rio de Janeiro e detiveram-se até 24 de agosto de 1520 na entrada do estreito que receberia o nome de Fernão de Magalhães. A esquadra foi bastante reduzida com a perda da nau "Santiago" e a deserção da "San Antonio" que retornou para a Espanha (lá chegando em 1521). Muitos queriam tomar o caminho já conhecido do Cabo da Boa Esperança. Após vencer a resistência destes, Magalhães atravessou o estreito e alcançou em 1513 o mar que denominou Pacífico (o mesmo que Balboa denominara mar do Sul). Sem desembarcar, costeou o Chile e navegou o Pacífico por três meses. Nesta época, a tripulação foi atacada por escorbuto, e muitos morreram também de fome e sede. Em janeiro de 1521, descobriu a ilha que chamou Paulo; no mês seguinte, a dos Tubarões; e, finalmente, as ilhas dos Ladrões (atualmente Marianas). A 16 de março descobriu mais ilhas (Iunagane Saluan) e logo depois o vasto e riquíssimo arquipélago que Magalhães chamou Lázaro (atual Filipinas). Visitaria diversas ilhas, morrendo em combate contra os nativos, em Cebu nas Filipinas, a 27 de abril. Com esta viagem, ficou demonstrada a esfericidade da Terra.

Magendie (François)

Fisiologista francês (Bordeaux, 1783 — Sannois, p. de Paris, 1855). Doutorou-se em medicina em 1808. Em 1813, demonstrou que o estômago se mantém passivo durante o vômito. Suas investigações e descobertas confirmam sua posição de pioneiro da fisiologia experimental na França. Seu trabalho sobre a localização da ação das

Mafra, João Maximiniano — Magendie, François

drogas abriu caminho para a utilização clínica da estricnina e da morfina. Em 1817, juntamente com P. J. Pelletier, descobre a emetina. Em 1822 anuncia a descoberta de que as raízes anteriores dos nervos, que saem da medula espinhal, têm função motora e que as raízes posteriores têm função sensitiva. Sir Charles Bell afirmava ter feito a mesma descoberta em 1811, o que provocou extensa polêmica com Magendie. Entre 1813 e 1831 deu aulas particulares de fisiologia experimental. Entre 1821 e 1831, publica o "Journal de Physiologie Expérimentale" ("Jornal de Fisiologia Experimental"). Em 1831 é nomeado professor de medicina do Collège de France. Em 1839, realiza uma das primeiras observações experimentais sobre a anafilaxia.

Maginot (André)

Político francês (Paris, 1877 — id. 1932). Estudou ciências políticas e leis, e entrou para a carreira política como assistente do governador geral da Argélia em 1907. Em 1910, Maginot abandonou seu cargo e foi eleito deputado pela esquerda democrática. Subsecretário de Estado (1913 a 1914), ao começar a Primeira Guerra Mundial, partiu para a frente como simples soldado, sendo seriamente ferido. Em 1916, voltou à vida política e foi novamente eleito deputado. Nomeado (no mesmo ano) ministro das Colônias, Pensões e Guerra, permaneceu no cargo durante seis gabinetes consecutivos (até 1931). No último, organizou a armada francesa e conseguiu (em 1930) a aprovação da construção, na fronteira oriental francesa, de um sistema de fortificações que recebeu o nome de "linha Maginot". As objeções belgas impediram que a linha se estendesse sobre a fronteira franco-belga, e foi exatamente nessa área que os alemães atacaram.

Magnasco (Alessandro)

Pintor italiano (Gênova, 1667 — id., 1749). Apesar de genovês de nascimento, foi milanês de adoção. Em 1680/82 foi para Milão onde freqüentou o atelier de Filippo Abbiati, artista veneziano então famoso. Nessa época, pintou inúmeros retratos. Em Milão, conheceu Sebastiano Ricci, do qual se tornou grande amigo. Em 1703, retornou para Gênova e, como pintor da corte do grão-duque de Toscana, passou a viajar muito pela Toscana e Emília. Entre 1711 e 1735 fixou-se em Milão. Em 1735, retirou-se para Gênova, onde morreu. Não teve alunos, mas imitadores. A cronologia de suas obras e a evolução do seu estilo são difíceis de se estabelecer, pois o número de obras datadas e assinadas é reduzido. Sua arte lembra Salvator Rosa, Callot, Cerquozzi Van Laar e Goya. Sua execução brilhante descreve freqüentemente um mundo fantástico sob os clarões de estranha iluminação. A primeira obra assinada, datada de 1691, já demonstra uma fantástica arquitetura e ruínas animadas por pequenas figuras muito pessoais. Entre 1703 e 1711 estão situadas as obras "A Refeição dos Boêmios", a "Cena de Caça" para o grão-duque de Toscana, de feitura mais livre, com tons acastanhados, marca das melhores criações do artista. Entre 1711 e 1735, executou para o conde Clloredo, governador de Lombardia, a série de pinturas conservadas atualmente na Abadia de Seitebstetten na Áustria. O "ex-voto" macabro da Igreja de Campomorto perto de Pávia, cujo estilo lembra Tintoretto, data de 1731. Entre 1735 e 1740, estão as obras "Recepção num Jardim d'Albaro" e "A Ceia dos Emaús", esta última expressão mais pura e lírica do artista. O mundo estranho e às vezes caricatural que gostava de expressar (freiras, soldados, religiosos boêmios) é bem pessoal, mas sua inspiração parece relacionar-se com o maneirismo lombardo. Algumas das contribuições do artista à arte do século XVIII foram a obsessão à luz, o gosto do teatro, dos espaços limitados e terrestres, e a linha quebrada. O emprego da luz provoca a ruptura da forma e traduz o mundo da fantasia e do sonho, onde a angústia, o macabro, o alucinante aparecem como elementos constantes.

Magnelli (Alberto)

Pintor italiano (Florença, 1888 — Mendon Bellevue, 1971). Desde 1913, conheceu alguns pintores ligados ao Futurismo, como Umberto Boccioni, Carlo Carrà, mas não chegou a participar do movimento. Em 1914, liga-se em Paris a Guillaume Apollinaire, Max Jacob e Fernand Léger. Dessa época datam uma série de naturezas mortas e composições figurativas extremamente simplificadas, como "Homem da Charrete" (1914). Em 1915, pintou seus primeiros quadros totalmente abstratos e de cores muito vivas, como "Pintura 1530". Em 1918, retorna a uma arte semifigurativa e, por volta de 1930, retoma lentamente o caminho da abstração total. Volta-se para as formas puras e geométricas, construídas com rigor matemático e muito coloridas, como "Ronda Oceânica" (1937). Magnelli sempre procurou atenuar o rigor formal de suas composições, buscando torná-las agradáveis aos sentidos, dando grande ênfase à cor: "Visão Inconfortável" (1947), "Ponto de Hostilidade n.º 1" (1955). Uma parte importante de sua obra consistiu em montagens e colagens, onde apela para os elementos mais diversos. A textura representou um papel importante nessa fase: usava papelão ondulado ou encerado, papelão alcatroado, arame, técnica que iniciou em 1937 e não cessaria de aperfeiçoar.

Magnus (Heinrich Gustav)

Físico alemão (Berlim, 1802 — id., 1870). Em suas pesquisas, constatou que ocorreriam desvios nas trajetórias balísticas em relação à direção que se esperaria teoricamente, em conseqüência do fenômeno que ficou conhecido como "efeito Magnus". Chegou a isto, em 1852, pela constatação de que o meio em movimento (água, ar, por exemplo) atua sobre um cilindro, que gira segundo um eixo perpendicular à direção do movimento. Esse efeito manifesta-se por uma força cuja direção é perpendicular tanto ao eixo de rotação do cilindro quanto à direção da corrente. O efeito de Magnus encontrou aplicação na propulsão de navios (rotor de Flettner). Também obteve resultados importantes na determinação da velocidade de difusão do hidrogênio. Mediu ainda o grau geotérmico, a dilatação do ar com o calor e descobriu o cloreto platinoso — chamado sal Verde de Magnus. Heinrich descobriu ainda o ácido periódico.

Magritte (René)

Pintor belga (Lessines, 1898 — Bruxelas, 1967). Foi o principal incentivador do Surrealismo na Bélgica. Em 1927, deixou Bruxelas e viajou para Paris, onde ficou até 1931 quando retornou definitivamente a seu país. Amigo de Paul Éluard e André Breton em Paris, fez parte do grupo surrealista. Nos seus quadros, adota um realismo meticuloso e intencionalmente acadêmico. Mas, ao mesmo tempo Magritte zomba desse mesmo realismo jogando com objetos insólitos em situações desconcertantes: "Império das Luzes", "Tempo Ameaçante" (1928), "Travessia Difícil" (1926), "A Procura do Absoluto III" (1940). O caráter desconcertante de sua obra é reforçado pelos próprios títulos, pois um abismo os separa dos motivos da composição, abismo esse que o próprio pintor acentuou deliberadamente para chocar o espectador. O mérito da obra de Magritte não se limita à contestação da linguagem pictórica, uma vez que se caracteriza também pelo lirismo e simplicidade.

Mahan (Alfred Thayer)

Almirante norte-americano (West Point, 1840 — Washington 1914). Filho de um professor de engenharia militar da Academia de West Point, estudou no colégio Colúmbia e na Academia de Annapolis, o que o habilitou para a Marinha norte-americana, na qual serviu por quarenta anos. Foi oficial da força naval norte-americana de 1859 a 1865, tornou-se conferencista de história naval e presidente do Newport War College. Em 1886, passou a comandante da Escola de Guerra Naval de Newport, posto que ocupou até 1896, quando foi reformado. Estudou cuidadosamente a estratégia de Antoine Henri Jomini, Napoleão e Nélson, analisando de modo bastante crítico batalhas terrestres e marítimas. Escreveu três trabalhos sobre estratégia naval, que lhe deram reputação ao nível internacional: "A Influência do Poder Naval na História" (1890), inspirado na convicção de que a importância histórica do controle do mar jamais havia sido completamente revelada, "A Influência do Poder Naval sobre a Revolução Francesa e o Império" (1893), "A Vida de Nélson" (1899). Mahan demonstrou a importância da segurança do comércio marítimo para o poder das forças navais. Suas idéias influenciaram a política naval do mundo inteiro, sobretudo a norte-americana e as concepções de "Weltpolitik" do Imperador Guilherme II. Mahan comandou o cruzador "Chicago" em águas européias (1893/95), serviu na guerra hispano-americana e foi delegado da Conferência de Paz (1899). Em 1902, foi presidente da Associação Americana de História e, em 1908 da Comissão das Questões Navais.

Mahávira

Fundador do jainismo na Índia (século VI a.C.). Também chamado Vardhamána ou Jnátiputra, a tradição situa o seu nascimento no ano 599 a.C., porém parece mais provável que tenha nascido em 549 a.C. ou em 540 a.C. O lugar em que nasceu é outro ponto controvertido; talvez tenha sido Vaisáli, perto de Patna, em Bihar. Contemporâneo de Buda, provinha também de uma casta nobre, guerreira. Alguns autores consideram o jainismo uma religião derivada do budismo. Com trinta anos de idade, Mahávira abandona a mulher e o filho e dedica-se exclusivamente a uma vida ascética e mística. Pratica o ascetismo durante doze anos, findos os quais a tradição afirma que obteve a onisciência e encontrou o caminho da libertação. Após este período, dedicou-se durante seus trinta anos restantes à pregação e à organização de monges e freiras numa ordem que, analogamente ao budismo, se constituiria no núcleo da religião. As lendas referem-se a ele como o vigésimo quarto e último jina (santo). Aliás, seu nome Mahávira quer dizer "o grande herói". Sua morte, justificada como um ideal de santidade, deu-se por inanição voluntária. O lugar onde morreu, Pavapuri, perto de Patna, tornou-se um local onde os jainistas realizam peregrinações. Os seguidores de Mahávira dividiram-se inicialmente em duas seitas: os Svetámbaras (literalmente: vestido de branco) e os Digambaras (literalmente: vestido de céu). Praticavam a mesma doutrina, diferenciando-se pela prática cerimonial e pela crença dos Digambaras no nudismo, que, para eles, representava um desligamento dos apegos mundanos.

Mahler (Gustav)

V. **Mahler,** Enciclopédia Abril (vol. VII)

Mahmud II

Sultão otomano (?, 1785 — Constantinopla, 1839). Subiu ao trono em 28 de julho de 1808, após a deposição do irmão Mustafá IV e o assassinato do primo Selim III, que empreendera uma política de intensas reformas. O governo de Mahmud foi agitado por várias revoltas. Já em 1808, os janízaros sublevaram-se contra ele, e seu grande vizir, que contribuíra diretamente para sua ascensão, foi assassinado. Mahmud tolerou o assassinato do vizir, mas, para proteger-se, mandou matar Mustafá IV, seu mais provável sucessor. Logo em seguida, superou uma questão externa, a guerra com a Rússia, assinando o Tratado de Bucareste (1812), segundo o qual perdeu a Bessarábia. Mais tarde, enfrentou revoltas que levaram à desagregação do Império: a de Ali Paxá, na Albânia (1820/22), a da Sérvia (que o sultão teve que reconhecer como

principado autônomo, em 1830) e a insurreição dos gregos na Moréia (1821/27). Como o Exército turco não tinha condições de esmagar sozinho a rebelião grega, Mahmud foi forçado a pedir ajuda ao paxá do Egito, Mehemet Ali. Por volta de 1826, o Exército egípcio restaurou parcialmente a autoridade de Mahmud na Moréia, mas o prosseguimento da ação foi prejudicado por forças externas. A Grã-Bretanha, a França e a Rússia destruíram navios turcos e egípcios na baía de Navarino (outubro de 1827). Depois de uma vã tentativa de obter reparações do governo grego, Mahmud proclamou uma guerra santa contra os infiéis. Isso levou à guerra russo-turca de 1828/29. O Exército turco foi derrotado e a guerra terminou pela assinatura do Tratado de Andrinopla (1829), que reconheceu a independência da Grécia. Em 1831, surgiu novo problema: Mehemet Ali exigiu o paxalato da Síria e Tarsus, que lhe haviam sido prometidos como recompensa pela ajuda dada contra os gregos, mas tal exigência foi recusada. Diante disso, Mehemet enviou forças para a Síria. O sultão só conseguiu salvar o trono devido ao auxílio recebido da Rússia. Em troca da intervenção, a Rússia exigiu o fechamento dos estreitos a qualquer navio de guerra estrangeiro (Tratado de Unkiar-Skélessi, 1833). Mahmud concordou em designar Mehemet para o governo da Síria e o filho do paxá para o de Adana. Depois, Mahmud tentou uma represália; em abril de 1839, forças turcas invadiram a Síria, porém foram derrotadas pelo Exército egípcio. Já na política interna, as medidas de Mahmud foram bem sucedidas. A ineficiência dos janízaros durante a revolta dos gregos convenceu-o da superioridade dos métodos europeus. Pelos decretos de 27 e 28 de novembro de 1826, reorganizou o Exército com a ajuda de instrutores alemães. Isto provocou reação dos janízaros, que foram massacrados. O sultão introduziu a obrigatoriedade do ensino primário, abriu escolas médicas, substituiu o vestuário oriental pelo europeu. Adotou o sistema de gabinete no governo, criou embaixadas permanentes nas capitais européias. Reformador, introduziu a civilização ocidental na Turquia.

Maia (José Joaquim da)

Conjurado brasileiro (Rio de Janeiro, século XVIII). Filho de um pedreiro, estudou medicina em Montpellier, França, onde havia um entusiasmo geral pela independência dos Estados Unidos. Neste ambiente, Joaquim da Maia e outros jovens brasileiros, entre os quais Domingos Vidal de Barbosa e José Mariano Leal, começaram a discutir a possibilidade de também o Brasil tornar-se independente. Em 1786, Maia tentou convencer Domingos a procurarem o Ministro Thomas Jefferson, com o objetivo de conseguir auxílio para um movimento pela independência do Brasil. Maia resolveu apenas escrever a Jefferson, o que fez em outubro deste mesmo ano, sob o pseudônimo de Vendek. O patriota norte-americano respondeu que sem dúvida sua nação ajudaria o Brasil em negociações e provisões, mas que, antes, os brasileiros deveriam conquistar, por si próprios, sua independência. Contou que iria passar o inverno em Aix e que como faria uma volta por Nimes, na França, poderiam entrar em contato ali. No encontro, Maia expôs seu plano. Jefferson pareceu interessado, mas manteve sua convicção de que os brasileiros deveriam fazer sua própria revolução. Maia saiu pouco satisfeito dessa conferência, julgando que Jefferson tivesse feito pouco caso do seu plano. As cartas trocadas entre os dois, em número de quatro, cobrem o período de 2 de outubro de 1786 a 5 de janeiro de 1787. Em 4 de maio deste último ano, Jefferson escreve a J. Jay contando-lhe do seu encontro com Maia. Domingos Vidal de Barbosa foi preso e condenado acusando Maia nos "Autos da Devassa da Inconfidência". Maia, no entanto, não foi encontrado.

Maiakovski (Vladimir)

V. **Maiakovski,** Enciclopédia Abril (vol. VII)

Maier (Heinrich)

Filósofo alemão (Heidenheim, 1867 — Berlim, 1933). Estudou em Tübingen e deu aulas, a partir de 1900, em Zurique. De 1911 a 1918, leciona em Gottingen; de 1918 a 1921, em Heidelberg, e, a partir de 1922, em Berlim. Sua filosofia propunha-se a ampliar o campo das investigações lógicas, estudando um nível do pensamento de natureza não cognoscitiva e sim emocional. Este pensamento emocional se dividiria, por sua vez, em afetivo (referente aos juízos estéticos e religiosos) e volitivo (referente à ética e ao direito). A lógica deveria ter, para ele, a finalidade de estabelecer regras que englobassem todos esses tipos de pensamento. Desenvolvendo seu pensamento, procurou ampliar o campo da lógica, incluindo considerações psicológicas, históricas e filosóficas. Sua "filosofia da realidade", propondo-se a evitar os diversos pólos por onde transita o pensamento (racionalismo-irracionalismo, realismo-idealismo, etc.), acaba, porém, assumindo um caráter de irredutível dualismo. Entre seus livros estão: "Die Syllogistik des Aristoteles" ("A Silogística de Aristóteles", 1896/1900), "Psychologie des Emotionalen Denkens" ("Psicologia do Pensar Emotivo", 1908), "Philosophie der Wirklichkeit" ("Filosofia da Realidade", 1926/35).

Maikov (Apollon Nicolaievitch)

Poeta russo (Moscou, 1821 — São Petersburgo, 1897), filho do pintor Nicolau Maikov, desde menino interessou-se logo por pintura e história da literatura russa. Em 1837, entrou para a Escola de Direito da Universidade de Moscou e começou a escrever poesias no período universitário. Oscilou durante algum tempo entre a pintura e a literatura, mas acabou por definir-se pela última. Em 1842, fez uma viagem à Itália, onde permaneceu durante um ano. Esse país inspirou-lhe alguns dos seus livros: "Esboços de Roma" (1847), "Álbum Napolitano" (1858/59), e as tragédias "Dois Mundos" (1873/82) e "Os Três Mortos" (1863), esta última considerada sua obra-prima. Da Itália partiu para a França, onde freqüentou a Sorbonne e preparou uma tese sobre direito eslavo antigo. De volta à Rússia, ocupou em São Petersburgo um lugar no Ministério das Finanças, sendo depois nomeado bibliotecário do Museu Rumjantzev, onde se tornou presidente do comitê de censura de publicações

estrangeiras. Maikov, que apreciava Goethe e a poesia latina, professava o que se convencionou chamar de "arte pela arte". Era, no entanto, receptivo às concepções modernas e tornou-se grande amigo de escritores importantes e revolucionários como Dostoiévski. Teve prestígio entre os intelectuais.

Maillol (Aristide)

Escultor francês (Banyuls-Sur-Mer, 1861 — id, 1944). Estudou inicialmente pintura na Escola de Belas Artes de Paris, de 1882 a 1886. Mas a admiração por Puvis de Chavannes, Paul Cézanne e Paul Gauguin levou-o a afastar-se da pintura acadêmica dos seus mestres na Escola de Belas Artes e ligar-se, por volta de 1893, aos Nabis, Maurice Denis, Édouard Vuillard e Pierre Bonnard. No entanto, desligou-se do grupo no mesmo ano, indo para Banyuls, onde montou uma oficina de tapeçaria. Na oficina, ele mesmo tinge as lãs e elabora os modelos. Uma doença nos olhos força-o a abandonar esse trabalho e, em 1901, consagra-se inteiramente à escultura em madeira, em cerâmica e bronze. Suas primeiras obras mostram uma plasticidade próxima à da Grécia arcaica. Em 1904, muda-se para Marly-le-Roi, que passaria a ser sua residência de verão. Ainda influenciado pelos Nabis, dá ênfase tanto à linha pura quanto ao bidimensional e ao natural. Foi particularmente atraído pelo "sintetismo" de Gauguin. Fazia principalmente mulheres nuas, de uma graça carnal um tanto pesada, mas deslumbrantes de juventude, luz e serenidade: "O Mediterrâneo" (em pedra e bronze, 1902/05). Procurando vigor e perfeição, o repertório dos seus temas é, no entanto, restrito e quase sempre seu meio expressivo é o mesmo: o corpo feminino, onde ele encontra sempre algo de místico e intemporal. Por volta de 1905, faz um monumento em homenagem ao socialista Louis Auguste Blanqui, que passara metade de sua vida na prisão. Maillol escolhe para tema "Ação Encadeada" (em bronze), um gigantesco nu feminino, com as mãos atadas atrás das costas. Entre 1902 e 1909 esculpe "A Noite" um nu com o rosto escondido nos braços. Em 1908, realizou uma viagem à Grécia e se deixou fascinar pela grandiosidade e pureza helênica. De 1912 a 1920 faz "Monumento a Cézanne", instalado nas Tulherias em 1925, "Ilha de França" (1910), "Monumento aos Mortos de Céret" (1922), "Vênus" (1924), "O Ar" (1940), "O Rio" (1943). Seus quadros, gravuras e desenhos revestem-se da mesma busca de beleza apolínea.

Maimon (Salomon ben Joshua, dito)

Filósofo polonês (Nieswiez, 1754 — Nieder-Siegersdorf, Silésia, 1800). Filho de um rabino pobre, recebeu sólida educação literária, teológica e filosófica, dentro da tradição judaica. Diante de suas capacidades intelectuais, seu pai resolveu arranjar-lhe um casamento economicamente vantajoso. Assim, Maimon casou-se aos doze anos de idade e tornou-se pai aos catorze. No entanto, devido aos desentendimentos constantes com a mulher e a sogra, passou a fazer longas viagens. Em Berlim e em outros centros intelectuais, dedicou-se ao estudo de pensadores modernos como Locke, Spinoza, Wolff. Leu também as obras filosóficas da Idade Média, especialmente Ibn Ezra e Maimônides (daí, o cognome Maimon). Em 1788 conheceu a "Crítica da Razão Pura", de Kant, sobre a qual escreveu um famoso comentário. Publicado em 1790, este comentário ("Ensaio sobre a Filosofia Transcendental") recebeu elogios do próprio Kant, segundo o qual Maimon havia compreendido melhor que qualquer outro a sua obra. No geral, a filosofia de Maimon é um repensamento dos temas principais da "Crítica da Razão Pura". Considerou, porém, prescindível a noção kantiana de "coisa em si". Maimon esboçou uma "nova lógica", entendida como uma "teoria do pensar". Essa lógica seria uma lógica transcendental, embora compatível com a lógica formal. Maimon ainda escreveu: "Autobiografia" (1793), "Ensaio de uma Nova Lógica" (1794) "As Categorias Aristotelianas" (1794) e "Pesquisas Críticas sobre o Espírito Humano" (1797).

Maimônides (Moisés ben Maimon, dito)

Médico, filósofo e teólogo judeu-espanhol (Córdoba, 1135 — Tiberíades, Palestina, 1204). Também chamado de Rambam (de Rabbi Mosheh ben Maimon). Seu pai, o rabino Maimon, educou-o com a Bíblia e o Talmud, que o ajudaram depois em seus estudos filosóficos. Em 1148, sua cidade natal foi conquistada pelos almoadas (dinastia bérbere), que passaram a perseguir ou forçar à conversão os judeus e cristãos. Maimônides fugiu com a família para o Marrocos, percorrendo todo o norte da África, até instalarem-se no Egito, em 1165. Lá, começou a exercer a medicina, tornando-se renomado em pouco tempo (em 1200, era médico pessoal do filho de Saladino). Em 1172, recebeu o título de "Naggid", pelo qual dirigia a vida moral e religiosa de todos os hebreus que viviam no Egito. Graças à sua influência, conseguiu direitos para os judeus instalarem-se em Jerusalém e em toda a Palestina de modo geral. Escreveu várias obras em árabe e hebraico, entre as quais se destaca o "Guia dos Perplexos" (3 vol., 1190), sua maior obra, onde expõe a fé judaica sob o pensamento aristotélico, acusando de ser alienada e idolátrica qualquer visão fora desse contexto. Além do Guia, Maimônides publicou em 1180, depois de dez anos de trabalhos, a "Segunda Lei" ("Mishné Torah"), onde expõe, com ordem e clareza, toda a tradição de Israel e todas as normas de vida individual, familiar e social. Outro livro teológico muito importante foi "Treze Artigos de Fé", onde resume a teologia judaica e apresenta todos os dogmas básicos do judaísmo.

Maine de Biran (Marie François Pierre Gontier de Biran, dito)

Filósofo francês (Bergerac, 1766 — Paris, 1824). Filho

Maia, José Joaquim da — Maine de Biran, Marie François Pierre Gontier de Biran, dito

de um médico, militou no corpo da guarda de Luís XVI. Em 1792 foi para sua propriedade em Bergerac, onde passou sem ser molestado todo o período do Terror (1793/94), durante a Revolução Francesa. Em 1795, administrou o Departamento de Dordogne e, em 1797, tornou-se membro do Conselho dos Quinhentos, criado em 1795. Foi subprefeito de Bergerac sob o Primeiro Império (1804/14). Em 1811, como membro do corpo legislativo, manifesta publicamente sua oposição a Napoleão. Em 1815, torna-se membro da Câmara dos Deputados. Em 1816 foi conselheiro de Estado e, em 1818, tornou-se deputado, até a morte. Seu trabalho filosófico foi realizado em forma de "memórias", "reflexões" e "diários". Através da meditação introspectiva dos seus próprios estados físicos e psíquicos, chegou à concepção de que a consciência, entendida como uma substância independente, existe somente enquanto esforço oposto à resistência do objeto externo. Na resistência é que se daria a consciência do "eu", resultado final da introspecção que iria além dos múltiplos "estados", nos quais os sensualistas (como Condillac) dissolviam a subjetividade. Maine de Biran estabelece ainda uma distinção fundamental entre a impressão passiva (provocada pelo exterior) e a ativa (resultante da atividade interna do sujeito). Seus esforços foram para constituir o que seria uma antropologia filosófica: a distinção entre vida animal, vida humana e vida espiritual. Seu pensamento manifestou uma evolução, através de etapas que podem ser caracterizadas como verdadeiras "conversões": ao platonismo (1815) e ao cristianismo (1822). Escreveu poucos trabalhos; é autor de "A Influência do Hábito" (1802), "A Decomposição do Pensamento" (1805), "Relações entre o Físico e o Moral" (1814). Maine de Biran foi o iniciador da reação espiritualista que marcou a filosofia francesa no começo do século XIX. Sua vida, seus desenganos e sucessos, suas posições filosóficas estão assentes no seu "Diário Íntimo", considerado uma das suas melhores obras, e cuja edição definitiva somente apareceu em 1927, ou seja, mais de um século após sua morte.

Maintenon (Françoise d'Aubigné marquesa de)

Rainha da França (Niort, 1635 — Saint-Cyr, 1719). Nasceu na prisão de Niort, onde seu pai (filho do poeta Agrippa d'Aubigné) e sua mãe estavam presos, acusados de espionagem a favor dos ingleses. Libertados, retiraram-se para a Martinica, onde seu pai morreu, deixando a família completamente sem recursos. Voltando para a França, Françoise vai viver com uma tia protestante, que a converte à sua religião (1647). Dois anos depois, é colocada por outra tia num colégio católico, onde abjurou do protestantismo. Com dezessete anos de idade, casou-se com o poeta Scarron, 25 anos mais velho que ela e paralítico. Em 1660, fica viúva e, praticamente sem recursos, é apoiada por uma pensão concedida por Ana da Áustria. Apresentada à Madame de Montespan em 1669, recebe a incumbência de educar os filhos que esta tivera com o rei. Em 1673, as crianças são legitimadas e Françoise recebe o marquesado de Maintenon. Por sua dignidade e seu comportamento sério, conseqüências da educação religiosa que recebera, é muito apreciada pelo rei. Em 1678, torna-se dama de honra da infanta e bastante poderosa na corte, principalmente após Madame de Montespan cair em desgraça. Com a morte da rainha em 1684, torna-se esposa do rei, num casamento secreto de que não ficou documento. Como rainha, Madame de Maintenon impôs pouco a pouco, na corte, um ar de austeridade, tendo uma atuação política bastante importante. Em 1681, seguindo suas tendências para a pedagogia, funda uma instituição de moças. Entretanto, talvez por lembrar-se de sua infância, faz com que sua maior obra seja Saint-Cyr, uma casa para educação de moças nobres sem fortuna (1686). Após a morte do rei (1715), Maintenon recolhe-se em Saint-Cyr, onde permanece até o fim da vida.

Mairet (Jean)

Dramaturgo francês (Besançon, 1604 — id., 1686). Pertencia a uma família nobre alemã que se transferiu para o Franco-Condado (então espanhol), na época da Reforma. Mairet ficou órfão aos dez anos e, em 1616, foi para o colégio dos Grassins, Paris, onde iniciou-se na poesia. Ao sair, apresentou a tragédia "Chriséide et Arimant", que obteve grande sucesso em 1620. No ano seguinte, apresentou "Silvie", com igual êxito. Quatro anos depois escreveria "A Silvanire ou a Morta-Viva". Protegido do duque de Montmorency, seguiu-o numa expedição contra os protestantes reunidos na ilha de Oléron. Durante essa campanha (1626), demonstrou grande bravura, mas abandonou o Exército para retornar ao teatro. Apresentou "As Galanterias do Duque de Ossonne" (comédia, 1627), "Virginie" (tragicomédia, 1628), "Marco Antônio ou a Cleópatra" (tragédia, 1630) e sua obra-prima, "Sophonisbe" (1634), representada para Luís XIII com enorme sucesso. Richelieu concedeu-lhe, então, pensão vitalícia e a honra de figurar entre os autores que fazia trabalhar sob sua direção. Em 1636, Corneille apresentava seu famoso "O Cid". Enciumado, Mairet lançou-se (com a ajuda de Chapelain, Scudéry e Richelieu) na chamada "Querela", que o levaria a reconhecer, a contragosto, o gênio de Corneille. Após esse episódio abandonou o teatro (1637). Dez anos depois, casou-se e passou a se dedicar à política — especialmente em favor da causa do Franco-Condado (que ele considerava sua verdadeira pátria). Em 1650 foi nomeado residente de Paris pelo Parlamento de Dôle. Mas, excedendo-se nos elogios ao rei da Espanha, ganhou a inimizade do Cardeal Mazarino. Assim, foi exilado para Besançon, e só obteve permissão para retornar à capital em 1659. Mairet, o primeiro a respeitar a regra das três unidades, é considerado o pioneiro da tragédia clássica francesa.

Maistre (Joseph, conde de)

Político e escritor francês (Chambéry, 1753 — Turim, 1821). Filho do presidente do Senado de Savóia, estudou com os jesuítas de Turim. Aos vinte anos entrou para a magistratura e, em 1787, tornou-se membro do Senado. Sua formação intelectual foi influenciada pelo liberalismo, a franco-maçonaria e a ilustração. Seu primeiro escrito foi "Memória ao Duque de Brunswick sobre a Franco-Maçonaria" (1781). A Revolução Francesa de 1789 foi para ele um choque profundo, levando-o à revisão de todos os seus trabalhos. Após a invasão francesa da Savóia, em 1792, Maistre refugiou-se em Lausanne, onde o rei da Sardenha encarregou-o da correspondência externa com o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Após a publicação de panfletos anti-revolucionários, escreveu "Considerações sobre a Revolução Francesa" (1796), tratando-a como uma catástrofe que ultrapassava todas as perspectivas humanas. Em 1797, Carlos Emanuel IV, rei da Sardenha, chamou-o para o Piemonte, nomeando-o magistrado principal do reino da Sardenha (1799), enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em São Petersburgo (1802). Nessa cidade russa, Maistre escreveria suas obras da maturidade, entre elas "Ensaio sobre o Princípio Gerador das Constituições Políticas" (1810). Ele permaneceu quinze anos na Rússia, conquistando a simpatia do czar e da corte. Em 1817 foi chamado de volta a Turim. Em 1819 acumulava as funções de magistrado principal, ministro de Estado e chefe da grande chancelaria do reino. Nesse mesmo ano publicou "Do Papa", apologia da teocracia pontifícia. Maistre foi com Louis Gabriel Ambroise, Visconde de Bonald, o principal representante da reação à Revolução Francesa: ao racionalismo do século XVIII, opôs o senso comum, a fé, as leis não escritas. Por sua análise da sociedade, na qual reconhecia uma realidade orgânica, foi considerado um dos "pais" da sociologia. Escreveu ainda: "Cartas de um Monarquista Savoiano a Seus Compatriotas" (1793), "Estudo sobre a Soberania" (1794/96), "Da Igreja Anglicana" (1921), "As Noites de São Petersburgo" (1821) e "Cartas a um Cavalheiro Russo sobre a Inquisição" (póstuma, 1822).

Maistre (Xavier de)

Escritor francês (Chambéry, 1763 — São Petersburgo, 1852). Irmão de Joseph de Maistre. Estudante medíocre, em 1791 foi admitido no Exército da Sardenha como oficial. No ano seguinte, durante a ocupação da Savóia pelas tropas de Napoleão, retirou-se para a Rússia, por não desejar integrar o Exército republicano francês. Em 1799, foi nomeado embaixador da Sardenha naquele país. Em São Petersburgo conseguiu, graças à proteção do czar, o título de diretor da biblioteca e do museu do Almirantado (1805). Casou-se em 1817 e, oito anos depois, foi para a Itália; morou alguns anos em Nápoles e na Sardenha, viajando esporadicamente a Paris. Em 1839, retornou definitivamente à Rússia. Seu primeiro livro foi escrito em 1795 ("Viagem em Torno do Meu Quarto"). Seguiram-se "O Leproso da Cidade D'Aosta" (1811), "Os Prisioneiros do Cáucaso" (1825), "O Jovem Siberiano" (1825) e "Expedição Noturna em Torno do Meu Quarto" (1825). Xavier de Maistre é considerado um precursor do romantismo francês, ao lado de Chateaubriand e Madame de Staël.

Malaparte (Kurt Suckert, dito Curzio)

Escritor italiano (Prato, 1898 — Roma 1957). De descendência alemã, foi entregue a camponeses toscanos, republicanos e admiradores de Garibaldi. Estudou no colégio Cicognini de Prato, de onde fugiu em 1914 para engajar-se no Exército francês. Serviu com bravura durante a Primeira Guerra Mundial, recebendo a cruz de guerra. Uma doença pulmonar deixou-o praticamente inválido. Ingressou na carreira diplomática, por concurso especial, assistindo inicialmente à Conferência de Paz de Versalhes. Depois participou da legação italiana na Polônia. Em 1921 retornou à Itália e abandonou a carreira, iniciando-se na literatura com "A Revolta dos Santos Malditos". Em 1922, atraído por Mussolini, aderiu ao Partido Fascista. Não participou de nenhuma ação de combate, mas, após a marcha sobre Roma, foi encarregado de organizar os fascistas no exterior. Não tardou, porém, a pedir sua demissão. Diretor do semanário fascista "A Conquista do Estado", publicou nesse jornal alguns ensaios, entre eles "As Núpcias dos Eunucos" (1922), "A Europa Viva" (1923) e "A Itália Bárbara" (1925). Administrador das edições do "Voce", entrava freqüentemente em polêmica com os dirigentes fascistas. Quando atacou diretamente Mussolini em "Monsenhor Camaleão" (1928), as autoridades interditaram sua obra. Mussolini achou melhor afastá-lo, confiando-lhe a direção de "La Stampa". Em 1931, após viagens pela Europa, África e Ásia, Malaparte desligou-se do partido. Foi a Paris onde publicou em francês duas obras capitais: "Técnicas do Golpe de Estado" (1931) e "O Bom Homem Lênin" (1932). Atingiu assim a celebridade que não conseguira com o romance autobiográfico "Aventuras de um Capitão de Desgraça" (1927) e com a coletânea poética "O Arqui-Italiano" (1928). Em 1933, quando se achava em Londres como correspondente político recebeu de Mussolini ordem de regressar. Ao chegar à Itália, foi preso "por manifestações antifascistas no estrangeiro". Após alguns meses na cadeia, viu-se condenado à residência forçada nas ilhas Lipari, e suas obras foram proibidas. No exílio, escreveria "Fugas na Prisão" (1936) e "Sangue" (1937). A polícia fascista jamais o deixaria em paz: quando Hitler esteve na Itália, foi preso por algum tempo. Apesar disso, em 1939 fundou a revista "Perspectivas", de oposição ao regime. Em 1940, após publicar "Mulher como Eu", foi correspondente de guerra junto às tropas alpinas. No ano seguinte, seu livro

Maintenon, Françoise d'Aubigné marquesa de — Malaparte, Kurt Suckert, dito Curzio

"O Sol é Cego", condenava a agressão fascista à França. Enquanto o livro era proibido, Malaparte participou da campanha militar italiana na Grécia. Ainda em 1941, retomou seu cargo de correspondente de guerra, dessa vez na Rússia. A permanência na ocupada Europa do leste e os encontros com os chefes nazistas forneceram-lhe material para seu livro mais famoso, "Kaputt" (1944). Em 1942/43, encontrava-se na Finlândia, refugiando-se em seguida na Suécia. Retornou à Itália quando os aliados a tomaram. Desgostoso com a Itália do pós-guerra (que retratou em "A Pele", 1949), mudou-se, então para a França. Em 1956, viajou para a China e, em 1957, publicou seu último livro: "Malditos Toscanos".

Malebranche (Nicolas)

Filósofo francês (Paris, 1638 — id., 1715). Em 1660 entrou para a Congregação do Oratório e, quatro anos depois, foi ordenado sacerdote. Ainda em 1664, a leitura do "Tratado do Homem", de Descartes, apaixonou-o tanto que resolveu dedicar-se ao estudo da filosofia cartesiana. Alguns autores crêem que esse interesse tenha derivado de seus estudos sobre a filosofia dominante no Oratório — a de Santo Agostinho —, através do prisma racionalista. Sua obra principal é "Da Procura da Verdade", onde trata "da natureza do espírito humano e do que ele deve fazer para evitar o erro nas ciências". Foi publicada em três volumes (o primeiro em 1674 e os outros dois em 1675). Nela, Malebranche critica os filósofos que estudam as relações da alma com o corpo, sem considerar sua união com Deus. Segundo ele, o enfraquecimento das relações da alma com Deus foi conseqüência do pecado original, que fortaleceu a união alma-corpo. Na "Da Procura da Verdade" ocorreria a dissolução dos erros provocados pela forte interação da alma com o corpo. Para Malebranche, "o erro é a causa da miséria dos homens". Assim, afirmava ser necessário denunciar os erros e suas causas, através de uma análise das percepções da alma, que se realizariam por três modos distintos: os sentidos, a imaginação e o entendimento. Pregava, portanto, o exame dos erros devidos a cada uma dessas formas de percepção. Mediante tal exame poderia ser encontrado um critério geral para a descoberta da verdade. Por outro lado, todos os movimentos que se efetuam entre os corpos e entre a alma e o corpo, além dos movimentos internos da alma, teriam em Deus sua causa eficiente. Essas relações, sendo estabelecidas pela razão divina mediante uma ordem eterna e invariável, poderiam ser compreendidas pelo entendimento, da mesma forma que as leis científicas. Os seres particulares não seriam propriamente causas eficientes de nada que ocorre, mas apenas ocasiões para o exercício da causa única que é Deus (doutrina denominada "ocasionalismo"). Deus, além disso, conteria em si mesmo todas as idéias como arquétipos das coisas; o conhecimento da verdade, por parte do homem, consistiria assim, em última instância, numa "visão em Deus". Entre suas obras encontram-se: "Tratado da Natureza e da Graça" (1680), "Tratado de Moral" (1684), "Meditações Metafísicas e Cristãs" (1684), e "Tratado do Amor de Deus" (1687).

Malevitch (Kazimir Severinovitch)

V. **Malevitch**, Enciclopédia Abril (vol. VII)

Malfatti (Anita)

Pintora brasileira (São Paulo, 1896 — id., 1964). Estudou no Externato São José e no Colégio Mackenzie, onde concluiu o curso normal em 1910. Desde criança pintava e desenhava, animada pelos parentes e, em especial, por sua mãe. Em 1912 foi para a Alemanha, onde freqüentou a Academia de Belas-Artes de Berlim. Estudando com Fritz Burger, entrou em contato com a arte moderna e aplicou-se com especial interesse ao estudo da cor. Nesta época entra em contato com Lowis Corynth Imestre, expressionista que exerceu grande influência sobre Anita. Entregou-se ao que chamaria de "festa da cor" em telas pintadas durante as férias de 1912, em Treseburg ("O Jardim", "Troncos de Árvores"). Em 1914 voltou ao Brasil e, em São Paulo, realizou uma exposição individual, surpreendendo espectadores e familiares da artista, que consideraram seus trabalhos um tanto "duros". Viajou neste mesmo ano para Nova York, onde passou a freqüentar a Independence School of Art, sob a orientação de Homer Boss. Nesse período conheceu Marcel Duchamp, Isadora Duncan e Diaghilev, e pintou, na ilha de Nonhegan, as paisagens: "O Farol", "O Barco", "A Onda", "Aspecto dos Rochedos" e "Nonhegan Island". Usou grandes superfícies coloridas, manchas azuis, amarelas, verdes, delimitadas às vezes por largas faixas roxas e vermelhas. Aplicou-se também ao trabalho a carvão fixando figuras humanas, construídas muitas vezes em planos assimétricos. Em sua pintura, a deformação das figuras foi o elemento que mais chocou o público paulistano na exposição da rua Líbero Badaró, em 1917, ano em que retornara ao Brasil. A mostra não foi entendida sequer por Monteiro Lobato que a criticou com o artigo "Paranóia ou Mistificação", publicado no jornal "O Estado de S. Paulo". O acontecimento, porém, foi considerado o marco pioneiro da renovação das artes plásticas no Brasil. A exposição permitiu a Anita aproximar-se de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Di Cavalcanti e outros famosos integrantes do movimento que culminaria na Semana de Arte Moderna, em 1922. Anita participou da Semana com vinte trabalhos, entre eles "O Homem Amarelo". "O Japonês", "A Mulher de Cabelos Verdes" e "A Estudante Russa". Em 1923 ganhou uma bolsa do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo. Viajou depois para a França, onde se uniu a Di Cavalcanti, Vítor Brecheret e Tarsila do Amaral. Freqüentou cursos de desenho e trabalhou intensamente. Em 1926 realizou uma exposição individual na Galeria André, durante a qual uma de suas obras foi adquirida pelo Museu Jeu de Paume. No ano seguinte foi para Florença estudar a pintura renascentista. Quando regressou à França, participou do Salão dos Independentes e do Salão de Outono. Em 1928 retornou ao Brasil, realizando nova exposição com o grupo modernista. Em 1930 entrou para o magistério, como professora de desenho do Co-

légio Mackenzie. Em 1932 participou das atividades da Sociedade Pró-Arte Moderna e começou também a dar aulas particulares de pintura. Participou de uma série de exposições e organizações de amparo às artes plásticas, entre elas a Família Artística Paulista (1937). Em 1940 tornou-se presidente do Sindicato dos Artistas Plásticos. Em 1949 realizou uma retrospectiva no Museu de Arte Moderna e, em 1951, participou da I Bienal de São Paulo. Em 1952, no trigésimo aniversário da Semana, participou da exposição comemorativa no Museu de Arte Moderna. Em 1963, na VII Bienal de São Paulo, suas obras foram exibidas numa sala especial. Anita Malfatti é considerada não só a precursora do movimento modernista, como uma das mais altas expressões do modernismo brasileiro.

Malherbe (François de)

Poeta francês (Caen, 1555 — Paris, 1628). A família tentou educá-lo dentro de normas protestantes, encaminhando-o para a profissão do pai (conselheiro presidencial de Caen). Mas já nas universidades de Bâle e Heidelberg, François percebeu que não tinha qualquer inclinação para a magistratura ou para o protestantismo. Deixou a família em 1576 e procurou a proteção de Henri d'Angoulême, filho natural de Henrique II, governador da Provença (1576/86), do qual se tornou secretário. Em 1581 casou-se com Madeleine de Cariolis, filha do principal juiz do Parlamento de Aix. Após a morte do governador da província, retornou à Normandia, onde publicou seu primeiro poema, considerado medíocre: "As lágrimas de São Pedro" (1587). De volta a Provença (em 1595), inicia-se um período decisivo para sua formação, especialmente devido à amizade do filósofo estóico Guillaume du Vair e do erudito Nicholas Claude Fabri de Peirsec. Em 1600 uma ode à nova rainha Maria de Médicis o tornou mais conhecido. Em 1605, com diversas recomendações, Malherbe foi a Paris, onde se tornou poeta da corte. Escreveu peças de circunstância, odes, estâncias, canções e sonetos. É considerado o introdutor do rigor na poesia francesa, exercendo influência sobre os grandes clássicos do século XVII. Reuniu ao seu redor um pequeno grupo de discípulos, entre os quais Racan e François Maynard. Destacou-se também como crítico violento. Em 1626 seu filho Marco Antônio foi assassinado. À procura de justiça, seguiu Luís XIII para La Rochelle, onde adoeceu. Morreu em Paris, pouco depois.

Malinowski (Rodion Iakovlievitch)

Marechal soviético (Odessa, 1898 — Moscou, 1967). Entrou voluntariamente no Exército czarista em 1915, sendo enviado para a frente francesa em 1917. Quando terminou a Primeira Guerra Mundial, ingressou na Legião Estrangeira. Retornando à Rússia, ingressou no Partido Comunista como chefe de batalhão. Na Segunda Guerra Mundial (1939/45), era general, distinguindo-se na luta contra os alemães. Comandou a contra-ofensiva vitoriosa para libertar Stalingrado (1942). No ano seguinte, liderou as tropas que libertaram a região de Zaporojié-Melitopol, na Ucrânia, reconquistando sua cidade natal em 1944 (ano em que se tornou marechal). Em seguida, avançou sobre a Romênia, tomando Bucareste, o vale do Danúbio e a Transilvânia, marchando em direção à Hungria. Colaborou com Tolbukine no sítio de Budapeste e na tomada de Viena (1945). Depois da rendição da Alemanha, preparou uma campanha contra o Japão. Comandante supremo das forças soviéticas em 1956, sucedeu Jukov no Ministério da Defesa em 1957. Foi defensor da supremacia militar soviética.

Malinowski (Bronislaw Kasper)

V. **Malinowski,** Enciclopédia Abril (vol. VII)

Mallarmé (Stéphane)

V. **Mallarmé,** Enciclopédia Abril (vol. VII)

Mallet (Emílio Luís)

Militar brasileiro de origem francesa (Dunquerque, 1801 — Rio de Janeiro, 1886). Estudou na escola militar de Saint-Cyr até 1817, ano em que sua família se transferiu para o Brasil. Em 1822, graças à intervenção do imperador Dom Pedro I, entrou para a Academia Real Militar do Rio de Janeiro, como primeiro cadete, integrando a seguir o Exército imperial. Foi promovido a capitão em 1827, após se destacar na batalha do Passo do Rosário, contra a Argentina, na Campanha Cisplatina. Participou como tenente-coronel da Guerra do Paraguai (1864/70), tomando parte em alguns combates importantes como a tomada de Paissandu (1865) e a batalha de Tuiuti (1867). Seu regimento destacou-se por ter desenvolvido uma tática conhecida como "artilharia de revólver", com grande rapidez e sincronização dos tiros de suas baterias. Quando a guerra terminou, Mallet foi promovido a brigadeiro e designado para comandar as tropas de fronteira no Rio Grande do Sul. Em 1878, Dom Pedro II concedeu-lhe o título de barão de Itapevi, e, em 1885, foi promovido a tenente-general e, posteriormente, a marechal do Exército. É o patrono da artilharia do Exército brasileiro.

Mallet (João Nepomuceno de Medeiros)

Militar brasileiro (Bagé, RS, 1849 — Rio de Janeiro, GB, 1907). Filho do marechal-de-Exército Emílio Luís Mallet. Bacharelou-se em matemática e ciências físicas pela Escola Militar do Rio de Janeiro. De 1864 a 1865, participou da Guerra do Pa-

Malebranche, Nicolas — Mallet, João Nepomuceno de Medeiros

raguai, destacando-se na tomada de Paissandu. Fez a campanha até o final, distinguindo-se no cerco de Humaitá, nas operações da Dezembrada e na Campanha das Cordilheiras. Por ocasião da Proclamação da República (1889), recebeu o encargo de levar ao imperador Dom Pedro II a ordem de partida imediata para a Europa. Foi ministro da Guerra no governo republicano, tornando mais prático o ensino militar. Reestruturou também o Estado-Maior e os métodos de disciplina. Tornou-se governador do Ceará e de Mato Grosso, mas, ao se envolver no movimento político-militar de 1892 (contra a permanência de Floriano Peixoto no poder), foi reformado no posto de general-de-brigada. Retornando à ativa como general-de-divisão, ocupou os cargos de ministro do Supremo Tribunal Militar (1898) e ministro da Guerra (1898/1900).

Malpighi (Marcello)

Médico italiano (Crevalenore, 1628 — Roma, 1694). Órfão, teve infância e juventude difíceis. Terminou brilhantemente o curso de medicina em 1653. Três anos depois, já lecionava na mesma escola (Bolonha). Inquieto e dominado por grave mania de perseguição (agravada pela inveja de seu sucesso), mudou-se constantemente. Em 1656, encontrava-se lecionando medicina em Pisa, mas um desentendimento com o amigo que o encaminhara para a biologia experimental provocou sua volta a Bolonha (1659). Iniciou então suas maiores experiências. Foi um dos primeiros anatomistas a trabalhar com microscópio e descreveu pela primeira vez os capilares e a estrutura dos alvéolos pulmonares, contribuindo para que Harvey pudesse desenvolver a teoria da circulação sanguínea. Desgostoso com os colegas bolonheses, foi lecionar na Universidade de Messina (1662). Mas também nessa cidade seu relacionamento tornou-se difícil e mais uma vez voltou a Bolonha (1666). Em 1669 foi eleito membro da Royal Society e em 1691 foi chamado pelo Papa Inocêncio XII para ser seu médico particular. Malpighi expôs suas descobertas em diversas obras científicas. Em 1665, escreveu "De Omento", onde dizia ter reconhecido corpúsculos sanguíneos (provavelmente os glóbulos vermelhos). Descreveu ainda as papilas da língua e da derme, reconhecendo-as como órgãos do tato. Em 1665, publicou outro tratado: "De Cerebro", onde descrevia o sistema nervoso, dizendo que a "matéria branca" do cérebro eram fibras nervosas que o ligavam à medula espinhal. Em 1666, escreveu "De Viscerum Structura", que continha suas observações fundamentais de histologia. Nessa obra, mostrou que o fígado era uma glândula secretora da bile. Descreveu ainda os pequenos corpúsculos renais (que receberam seu nome) e que Malpighi concluiu estarem relacionados com a secreção da urina, provando ainda que não eram glândulas. Em 1669 escreveu "De Bombyce", onde se acham as suas observações, principalmente sobre os órgãos de excreção. Publicou ainda duas obras de embriologia: "De Formatione Pulli in Ovo" (1672) e "De Ovo Incubato" (1675). Publicou também (entre 1675 e 1679) "Anatomia Plantarum", obra clássica da anatomia vegetal.

Malthus (Thomas Robert)

Economista e filósofo inglês (The Rookerry, perto de Guilford, Surrey, 1766 — Haileybury, perto de Hertford, 1834). Filho de um culto proprietário de terras amigo de Hume e Rousseau, terminou os estudos em Cambridge e tornou-se pastor anglicano em 1797. Dois anos depois iniciou uma longa viagem de estudos pela Europa. Em 1805 foi nomeado professor de história e de economia política num colégio da Companhia das Índias, em Haileybury. Sua fama decorre dos estudos sobre a população, contidos em dois livros (conhecidos como "Primeiro Ensaio" e "Segundo Ensaio"): "Um ensaio sobre o princípio da população na medida em que afeta o melhoramento futuro da sociedade, com notas sobre as especulações de Mr. Godwin, M. Condorcet, e outros escritores" (1798) e "Um ensaio sobre o princípio da população, ou uma visão dos seus efeitos passados e presentes na felicidade humana, com uma investigação das nossas expectativas quanto à remoção ou mitigação futura dos males que ocasiona" (1803). Tanto o primeiro ensaio (que apresenta uma crítica ao utopismo) quanto o segundo (onde há uma vasta elaboração de dados materiais) têm como princípio fundamental a suposição de que as populações humanas crescem em progressão geométrica. Malthus estudou as possibilidades de restringir esse crescimento, pois os meios de subsistência poderiam crescer somente em progressão aritmética. Segundo ele, esse crescimento populacional é limitado pelo aumento da mortalidade e por todas as restrições ao nascimento, decorrentes da miséria e do vício. Suas obras exerceram influências em vários campos, e forneceram a chave para as teorias evolucionistas de Darwin e Wallace. Os economistas "clássicos", como David Ricardo, incorporaram o "princípio da população" às suas teorias, supondo que a oferta de força de trabalho era inexaurível, sendo limitada apenas pelo "fundo de salários". Para Malthus, assim como para seus discípulos, qualquer melhoria no padrão de vida da grande massa é temporária, pois ela ocasiona um inevitável aumento da população, que a anula. Seus dois ensaios estão permeados de considerações teológicas e conceitos cristãos, como os de mal, salvação e condenação. Escreveu também "Princípios de Economia Política" (1820) e "Definições em Economia Política" (1827). Em suas obras econômicas, Malthus demonstrou que o nível de atividade numa economia capitalista depende da "demanda efetiva", o que constituía, a seus olhos, uma justificativa para os esbanjamentos praticados pelos ricos. A idéia da importância da demanda efetiva seria depois retomada por Keynes. A obra de Malthus foi criticada por Fourier e Marx.

Manet (Edouard)

V. **Manet,** Enciclopédia Abril (vol. VII).

Manfredini (Vincenzo)

Músico italiano (Pistóia 1737 — São Petersburg, 1799). O pai, Francisco Manfredini, ensinou-lhe cravo. Em 1758, foi para a Rússia, onde trabalhou como músico da corte de Pedro III e Catarina II. Mas com a chegada de Galuppi, outro músico italiano, perde os favores da corte, restando-lhe somente as aulas de música ao futuro Paulo I. Em 1769, retorna à Itália, encontrando-se com Mozart em Bolonha. Em 1798, Paulo I chama-o de volta à Rússia, onde ele morre no ano seguinte. Entre as diversas obras que compôs encontram-se as seguintes óperas: "La Semiramide Riconosciuta" (1760), "L'Olympiade" (1762), "Carlo Magno" (1763), "Armida" (1770) e "Artaserse" (1772). Compôs ainda: "La Pupilla" (1763) e "La Finta Ammalata" (intermezzos, 1763); "La Pace degli Eroi" (1762); "Le Rivali" (cantatas, 1765); "Seis Sonatas para Cravo" (1765); e "Seis Quartetos" (1775). Escreveu "Defesa da Música Moderna e de Seus Célebres Executores" (1788) e "Regras Harmônicas" (1775).

Mangabeira (João)

Político e jornalista brasileiro (Salvador, BA, 1880 — Rio de Janeiro, GB, 1964). Freqüentou a Faculdade de Direito da Bahia pela qual se formou em 1889. Foi revisor do "Jornal de Notícias" e repórter de "A Bahia". Voltaria ao jornalismo em 1911, como redator-chefe do "Diário de Notícias". Foi um dos signatários do manifesto contra a condenação dos sobreviventes de Canudos (1897). Em 1906, foi eleito deputado estadual, a seguir prefeito de Ilhéus e, em 1908, deputado federal pela Bahia. No ano seguinte, participava ativamente da campanha contra a candidatura de Hermes da Fonseca. Reeleito deputado federal no governo de Artur Bernardes (1922), liderou a reforma constitucional. Em 1929 foi conduzido ao Senado e, quando da vitória da revolução de 1930, participou da comissão de juristas que deveria elaborar o anteprojeto da Constituição (implantada em 1934). Em 1934 retornou à Câmara dos Deputados, perdendo porém o mandato em 1936, quando foi preso e condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional. Recorreu ao Superior Tribunal Militar e obteve "habeas corpus". Em 1945, retornou à Câmara na chapa da Esquerda Democrática, vinculada à UDN. Em 1950, candidatou-se à presidência da República pelo PSB e, em 1958, foi candidato a senador pelo Distrito Federal. Em 1962 ocupou o cargo de ministro das Minas e Energia e, no ano seguinte, o de ministro da Justiça, na fase parlamentarista do governo João Goulart. Foi também relator do Prbjeto que criou o Código Penal Militar. Entre outras obras, deixou "Em torno da Constituição" (1934); "Rui, o Estadista da República" (1943); e "Rui Barbosa" (1947).

Mangabeira (Otávio)

Político, engenheiro, professor e jornalista brasileiro (Salvador, BA, 1886 — Rio de Janeiro, GB, 1960). Seguiu o curso de humanidades no Colégio São Salvador e, em 1905, formou-se em ciências físicas e matemáticas pela antiga Escola Politécnica da Bahia. Nesta, dois anos depois, ocuparia a cátedra de Navegação Interior e Portos do Mar. Lecionaria também, de 1907 a 1911, astronomia. Em 1908, ocupou seu primeiro cargo político como conselheiro municipal de Salvador. De 1912 a 1926 foi eleito sucessivamente deputado federal pela Bahia. Em 1926 tornou-se ministro do Exterior do governo Washington Luís, cargo que ocupou até 1930. Nesse mesmo ano, elegeu-se para a Academia Brasileira de Letras. Foi um dos líderes da oposição à revolução de 1930, sendo deportado pelo governo Getúlio Vargas quando da vitória da revolução. Morou em países da Europa e nos EUA. Em 1934, retornou ao Brasil onde previu e denunciou o golpe do Estado Novo. Quando esse golpe foi consumado (1937), foi exilado pela ditadura de Getúlio Vargas, indo trabalhar como redator no "Reader's Digest". Getúlio conseguiu seu afastamento da revista (que, no entanto, continuou a pagar seu salário). Com a anistia geral no final do governo de Vargas (1945), retornou ao Brasil e participou da campanha de redemocratização do país, sendo um dos fundadores da UDN. No mesmo ano elegeu-se deputado federal pela Bahia, participando, em 1946, da Constituinte; foi o primeiro vice-presidente da Assembléia Constituinte. Eleito governador da Bahia no ano seguinte, ocupou esse cargo até 1951. Novamente deputado federal, de 1954 a 1958; elegeu-se senador em 1958. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1930, é considerado um dos maiores oradores brasileiros do século. Algumas de suas obras: "Voto de Saúde" e "A Nação e os Problemas de Governo" (1930); "Oração e Recepção na Academia" (1934); "Halley e o Cometa do seu Nome", "Discursos Políticos e Parlamentares."

Mangin (Charles)

General francês (Sarrebourg, 1866 — Paris, 1925). Formou-se na Escola Militar de Saint-Cyr e ingressou na Marinha, indo servir no Sudão em 1890. Em 1894 voltou, indo no ano seguinte participar da Missão Marchand (missão comandada pelo general Jean-Baptiste Marchand) que partiu de Loango no Congo, e foi até Fachoda,

Malpighi, Marcello — Mangin, Charles

no Nilo) em 1898. Em 1901 foi enviado para Tonquim, onde ficou até 1904. Em 1907 vai para a África ocidental, ali permanecendo até 1911. Durante a Primeira Guerra Mundial (1918), é comandante do exército, que detém o ataque desfechado pelo general alemão Von Hutier em direção a Metz e desencadeia uma contra-ofensiva sobre Villers-Cotterêts, decidindo a vitória dos aliados na batalha do Marne e iniciando a derrubada das forças alemãs. Ao terminar a guerra, torna-se comandante-em-chefe das forças do Reno em Maniz e em 1920 é enviado em missão oficial à América do Sul. Nomeado inspetor-geral das tropas coloniais e membro do Conselho Superior de Guerra, morre durante a vigência dos cargos. Escreveu: "A Força Negra" (1910) e "Cartas de Guerra" (publicado postumamente em 1951).

Mannheim (Karl)

Sociólogo alemão (Budapest, 1893 — Londres, 1947). Estudou em Berlim e Paris. Em Heidelberg, onde foi aluno de Max Weber, torna-se "privatdozent" a partir de 1926. É professor extraordinário em Frankfurt a partir de 1930 e, a partir de 1933, professor na London School of Economics. O marxismo exerceu inicialmente uma profunda influência sobre o seu pensamento, mas acabou abandonando-o, em parte por não acreditar que fossem necessários meios revolucionários para atingir uma sociedade melhor. Seu pensamento assemelha-se em certos aspectos aos de Hegel, e Comte: na crença de que, no futuro, o homem superará o domínio que os processos históricos exercem sobre ele. Foi também muito influenciado pelo historicismo alemão e pelo pragmatismo inglês. Seu primeiro livro "Ideologie und Utopie" ("Ideologia e Utopia", 1929), é também considerado o mais importante. Neste livro, afirma que todo ato de conhecimento não resulta apenas da consciência puramente teórica mas também de inúmeros elementos de natureza não teórica, que provêm da vida social e das influências e vontades a que o indivíduo está sujeito. Segundo Mannheim, a influência desses fatores é da maior importância e sua investigação deveria ser o objeto de uma nova disciplina, a sociologia do conhecimento. Cada fase da humanidade seria dominada por um certo estilo de pensamento e a comparação entre vários estilos diferentes seria impossível. Mesmo em cada fase aparecem tendências conflitantes, apontando seja a conservação, seja a mudança. A adesão à primeira tende a produzir "ideologias" e a adesão à segunda tende a produzir "utopias". O pensamento de Mannheim foi criticado sob a alegação de, através do historicismo, conduzir ao relativismo. Mannheim negou esta crítica, afirmando que o relativismo só existe dentro de uma concepção absolutista das ideologias ou de qualquer forma de pensamento. Outras investigações importantes de Mannheim compreendem os estudos das relações entre o pensamento e a ação, e suas interpretações da sociedade moderna. Sua contribuição para a teoria do planejamento e para a caracterização das sociedades de massa merece especial relevo. Outras obras suas são: "Mensch und Gesellschaft im Zeitalter des Umbaus" ("O Homem e a Sociedade na Época de Crise", 1935); "Diagnosis of Our Time" ("Diagnóstico do Nosso Tempo", 1943); "Freedom, Power and Democratic Planning" ("Liberdade, Poder e Planejamento Democrático", 1950).

Mann (Anthony)

Diretor cinematográfico americano (San Diego, Califórnia, 1906 — Berlim, 1967). Ator e diretor de teatro na Broadway, foi levado por David Selznick para Hollywood em 1938, tornando-se assistente de direção. Estreou como diretor em 1942 no filme "Dr. Broadway", uma estória de Borden Chase, com quem ele viria a associar-se para realizar três "westerns" importantes: "Winchester' 73" (1950); "E o Sangue Semeou a Terra" (1952); e "Região do Ódio" (1955). Entre seus primeiros filmes, situam-se comédias, musicais e policiais como "Luar em Havana" (1942). "O Caminho do Diabo" (1950) foi sua estréia no gênero em que ele se tornaria um mestre: o "western". Capaz de dar à estória mais banal toda uma visão de mundo, visão poética caracterizada por um equilíbrio permanente entre o lirismo e a pintura de caracteres, criaria nesse gênero: "Preço de Um Homem" (1953); "Um Certo Capitão Lockhart" (1955); "O Tirano da Fronteira" (1956); "O Homem dos Olhos Frios" (1957); e "O Homem do Oeste" (1958). Dirigiu ainda o filme "Música e Lágrimas", sobre a vida de Glenn Miller (1954) e um dos melhores filmes sobre a guerra da Coréia, "Os que Sabem Morrer", antimilitarista e sua melhor criação fora do gênero "western". Dirigiu duas superproduções: "Cimarron" (1960), sobre a conquista do oeste; e "El Cid" (1961).

Mann (Heinrich)

Escritor alemão (Lubeck, 1871 — Santa Mônica, EUA, 1950). Irmão de Thomas Mann, era filho de um rico comerciante alemão com uma brasileira. Viveu grande parte de sua juventude na Itália; nesse período, empolgou-se com os escritores naturalistas franceses, por explorar o que ele chamava de "subterrâneos" do ser humano. Em 1901, em Munique, torna-se um dos representantes típicos do "estetismo decadente" do fim do século. Em 1905 publica "O Anjo Azul". Escritor de costumes, faz uma severa crítica à monarquia em "O Sujeito" (1911), romance burguês cuja publicação é interditada pela censura de Guilherme III. Seguem-se "Pobres" (1912), e "A Cabeça" (1925), que completou o quadro começado com "O Sujeito", sobre os problemas do povo alemão. Ataca a velha República de Weimar em "Vida Séria" (1930), "O Grande Negócio" (1931), e "O Ódio" (1933), considerado uma obra-prima da sátira política. Tornou-se

presidente da Academia de Arte de Berlim em 1931. Com a ascensão do nazismo, emigra para a França, em 1933. Da França, parte para os Estados Unidos, onde escreve vários artigos contra o regime de Hitler. De 1935 a 1938, escreve um longo romance histórico — "A Juventude e Maturidade de Henrique IV" —, uma espécie de comédia humana, política e social sobre a Alemanha no período entre Bismarck e Hitler.

Mann (Thomas)

V. **Mann, Thomas**, Enciclopédia Abril (vol. VII).

Manolo (Manuel Martínez Hugué, dito)

Escultor espanhol (Barcelona, 1872 — Caldas de Montbuy, 1945). A partir de 1900, passa a morar em Paris, onde vive junto à boêmia de Montmartre e de Montparnasse, especialmente junto a Picasso. Embora vivendo em contato com os cubistas, a obra de Manolo permaneceu fiel ao figurativismo de cunho popular. Em 1910, muda-se para Céret, onde permanece até 1928, formando nessa cidade a chamada "Escola de Céret". Volta para a Espanha, e lá permanece até o fim da vida. Em argila ou em pedra, executava obras de inspiração popular; pequenas figuras engraçadas e dotadas de movimento formal.

Mansart (François)

Arquiteto francês (Paris, 1598 — id., 1666). Sobrinho de Germain Gautier, arquiteto do rei e filho de um mestre carpinteiro, foi um dos criadores da arquitetura clássica francesa. Discípulo de Salomon de Brosse, manifesta desde o início seu talento na construção de edifícios religiosos e de casas particulares, como a Igreja da Visitação de Santo Antônio e o Hotel de La Vrillière (atualmente Banco da França). Alguns autores consideram sua obra-prima deste primeiro período o Castelo de Balleroy, cuja construção começou por volta de 1626. Em 1635, é incumbido da reconstrução do Castelo de Blois, trabalho que ficou inacabado. Entre 1642 e 1648, constrói o Castelo Maison-sur-Seine (atualmente Maisons-Laffitte). Em 1645, foi incumbido por Ana da Áustria de construir a igreja de Val-de-Grâce, em Paris. No ano seguinte, foi substituído na tarefa por J. Lemercier, mas o plano da igreja e grande parte dos muros permaneceram de acordo com a orientação de Mansart, inclusive as coberturas quebradas, sua criação, que ficaram conhecidas como "mansardas". Procurava a perfeição: conta-se que fazia demolir e refazer várias vezes partes das construções. Toda a obra de Mansart objetiva os ideais clássicos de clareza e contenção. Empregava os cânones clássicos com grande flexibilidade, aliando-os a uma grande sensibilidade para a decoração.

Mansfield (Katherine)

Escritora neozelandesa (Wellington, NZ, 1888 — Fontainebleau, França, 1923). Passou a infância em Kekori, pequena cidade perto de Wellington. Aos catorze anos, foi para Londres estudar no Queen's College Em 1906, retornou à Nova Zelândia, mas dois anos depois volta à Inglaterra, vivendo de uma pequena mesada de seu pai. Em 1909, casou-se com Geoge Bowden de quem se separou em seguida. Em 1911, publicou um pequeno volume de contos, "Uma Pensão Alemã". Revelou um estilo muito vivo, sem ocultar a influência da obra de Anton Tchecov, seu autor preferido. Após a morte do irmão, em 1917, desenvolve como tema sua infância livre, longe da civilização industrial, que produzira a guerra de 1914/18. Em 1918, casou-se com John Middleton Murray, uma ligação conturbada e marcada por brigas e reconciliações, em que freqüentemente intervinha seu amigo, D. H. Lawrence. Em 1920 publica em Londres "Felicidade". Nessa época, Katherine constata que está com tuberculose. Viaja para o continente e fixa-se na França, onde faz grandes amigos nas rodas intelectuais parisienses. A doença torna-se a idéia dominante em sua vida. A consciência de uma morte próxima aguça sua sensibilidade. Nessa fase, escreve quase desesperadamente muitas cartas, seu diário e vários livros: "Prelúdio" (1921), "Na Baía" (1922), "Garden-party" (1922), "Casa de Bonecas" (1922), "Ninho de Pombas" (1923), chamando imediatamente a atenção da crítica, que a considerou uma das melhores escritoras do seu tempo. Praticando também a difícil arte do conto, criou algumas obras-primas nesse gênero, como: "Lição de Canto", "As Filhas do Defunto Coronel", "Je Ne Parle Pas Français", "A Chávena de Chá" e "O Canário". Katherine Mansfield focaliza as pessoas e as coisas através dos ângulos mais imprevistos e insólitos, a partir dos quais ela capta a sua realidade, dizendo pouco e sugerindo muito. Pouco antes de sua morte (a 9 de janeiro de 1923), retira-se para uma comunidade intelectual fundada por russos em Fontainebleau. Seu marido Murray contrariou seu último desejo, de que se queimassem todos os seus papéis, cartas, diários, contos inacabados. Após sua morte foi publicado "Diário" (1927), onde ela fala de suas esperanças, dores, desejos, intenções e frustrações. "Cartas" foi publicado em 1934. Murray publicou também uma biografia sobre Katherine Mansfield em 1941.

Manson (Sir Patrick)

Parasitologista inglês (Cromlet Hill, Aberdeen, 1844 — Londres, 1922). Considerado o "pai da medicina tropical", Manson formou-se em 1865, indo praticar a medicina em Formosa. Viveu no Oriente durante 23 anos (passou por Hong Kong) e tornou-se especialista em doenças tropicais. Fundou a Universidade e Escola de Medicina de Hong Kong em 1863, e em 1889 voltou para Londres, onde continuou suas pesquisas e seus trabalhos. Em 1889, fundou a London School of Tropical Medicine, e, em 1900 foi eleito membro da Royal Society e primeiro presidente da Sociedade de Medicina Tropical e Higiene. Entre 1876 e 1883,

dedicou-se ao estudo da filariose no homem. Estudando primeiramente o ciclo de vida do parasita, concluiu que a doença seria transmitida por um mosquito. Depois de estudar diversas outras doenças infecciosas, dedicou-se ao exame do ciclo vital do parasita causador da malária. Por analogia com a filariose, Manson chegou à conclusão de que também a malária seria transmitida por um mosquito.

Mantegna (Andrea)

V. **Mantegna,** Enciclopédia Abril (vol. VII)

Manuel I (Dom)

Rei de Portugal (Alcochete, 1469 — Lisboa, 1521). Cognominado "O Venturoso". Filho do Infante D. Fernando e da Infanta D. Brites e neto paterno do Rei D. Duarte. Seu cunhado, D. João II, deixou-lhe em testamento o trono, por ser seu parente mais próximo, depois da morte acidental do herdeiro, o príncipe D. Afonso. Coroado rei de Portugal em 1495, casou-se dois anos depois com D. Isabel de Castela, viúva do príncipe D. Afonso, herdeira da coroa de Aragão e Castela. Em 1498, D. Manuel I casa-se com sua cunhada, D. Maria, e em 1517, com D. Leonor (irmã do Imperador Carlos V). Em seu governo, tomou diversas medidas internas e externas que ajudaram a ascensão portuguesa. Internamente, eliminou toda oposição e estabeleceu a monarquia absoluta; limitou os poderes e privilégios da nobreza; empreendeu diversas reformas judiciárias e decretou as Ordenações Manuelinas (1505/21); mandou cunhar novas moedas (inclusive o tostão); e decretou o exílio dos judeus que não se convertessem. Sua política externa permitiu a expansão ultramarina: durante seu reinado, Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para as Índias e Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Promoveu a conquista e a ocupação de vários portos-chaves no Oceano Índico, estabelecendo assim as condições para a formação do Império Português no além-mar. Em seu reinado, foram ainda exploradas as Molucas, alcançou-se a China, a Groenlândia e o Labrador. Incorporou ao título de Rei de Portugal o de Senhor da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Pérsia e Índia. Internamente, estimulou o desenvolvimento das artes e letras e patrocinou a construção de palácios, conventos e outros edifícios, entre os quais a Torre de Belém, na praia do Restelo. Nessa época, nasceu o estilo que ficaria conhecido como manuelino. Na política européia, manteve a neutralidade portuguesa em diversos conflitos.

Manuel I Comneno

Imperador bizantino (?, c. 1120 — ?, 1180). Quarto filho do Imperador João II Comneno, a quem sucedeu em 1143, em detrimento dos outros irmãos. Em 1146, casou-se pela primeira vez, com Berta de Sulzbach. Em 1161, numa política de aproximação com o Ocidente, casou-se com Maria de Antioquia, uma princesa francesa, com a qual teve um filho, Alexius. Procurou seguir a mesma política do pai, sonhando juntar, sob seus domínios, o Império do Oriente e do Ocidente. Tentou restabelecer a autoridade bizantina sobre o sul da Itália, mas durou apenas um ano a dominação (1155/1156). Depois de 1158, Manuel I concentrou-se mais num ataque diplomático à Itália do que em intervenções militares. Tentou uma reaproximação com o poder papal, mas não logrou êxito. Na época da 2.ª Cruzada, Manuel defendeu o território grego e, com a ajuda de Veneza, reconquistou Corfu, consolidando sua aliança com Conrado III, imperador germânico. Fez acordos com o rei da Sicília, o jovem Guilherme II. Diante disso, as cidades italianas ganharam substanciais privilégios comerciais com o Império Bizantino, e o ouro bizantino circulava livremente nessas cidades. Em 1168, Manuel I submeteu a Dalmácia e a Sérvia (1172) e impôs sua suserania à Hungria. Mas, na fronteira oriental, a situação não era muito estável. Em 1174, recusa as diversas ofertas de paz de Kilij Arslan II de Iconium, que acaba por derrotá-lo na batalha de Myriocephalum (1176). Apesar dos outros sucessos conseguidos na Cilícia (região da Turquia) e na Síria, a política exterior de Manuel I era muito ambiciosa para ser sustentada. Sua política interna, apesar de ser tradicional em muitos aspectos, possuía marcas de sua personalidade original, particularmente no uso de elementos ocidentais. As inúmeras guerras enfraquecem o império, que é herdado por Alexius II.

Manuel II (Dom)

Rei de Portugal (Palácio de Belém, 1889 — Twickenham, Inglaterra, 1932). Subiu ao trono em 1908, sucedendo a seu pai, D. Carlos I, que fora assassinado juntamente com o príncipe herdeiro, D. Luís Filipe. Sob orientação do Conselho de Estado, organizou um "ministério de acalmação", que pretendia acalmar o clima de agitação imperante. Assim, foram tomadas medidas populares, entre as quais a libertação de todos os prisioneiros políticos e a revogação das leis ditatoriais em vigor. No entanto, a propaganda republicana ia ganhando forças, enquanto os monarquistas se enfraqueciam, devido a posições dissidentes. Em agosto de 1910, quando o Parlamento foi dissolvido, a representação republicana na Câmara eleita dobrou em número. No mês seguinte, o Exército apóia a volta do rei mas, em outubro, dá-se a revolução liderada pelos carbonários, que implanta a República. O rei abandona o Palácio da Ajuda, juntamente com a família real, vai para Mafra e, em seguida, para Ericeira. Foge então para a Inglaterra, onde se fixa em Twickenham. Em 1913, casa-se com Augusta Vitória, filha do Príncipe Guilherme de Hohenzollern. Dedica-se à organização de uma enorme descrição de sua própria biblioteca: "Livros Antigos Portugueses, 1489/1600, na Biblioteca da Sua Majestade o Rei de Portugal" (1929/35). Durante a primeira guerra, aconselhou seus partidários para que lutassem apoiando os aliados.

Manuel Deutsch (Niklaus)

Pintor, gravador e poeta suíço (Berna, c. 1485 — id., 1530). Em 1509 entrou para o grande conselho da cidade de Berna e, em 1512, ingressou na corporação dos curtidores de peles. Em 1515, é encarregado de pintar o retábulo de Santo Elói e São Lucas, para as confrarias dos ourives e dos pintores. De 1514 a 1526, executa para os dominicanos de Berna uma "Dança Macabra", gravada em madeira, da qual apenas uma reduzida cópia do século XVII ainda se conserva. Participou da campanha da Lombardia contra os alemães, e, de volta a Berna (1522), pinta suas obras-primas, dois quadros de grandes dimensões: "O Julgamento de Páris" e "Príamo e Tisbé", dentro de um estilo erótico-heróico que caracteriza bem a tendência do mestre suíço: fantasia e audácia. O artista mostrou-se também sensível à penetração psicológica e ao emprego da cor. De sua adesão à Reforma datam inúmeras obras literárias, por exemplo, "O Papa e Seu Clero", "Do Conflito entre o Papa e Cristo" e "O Mercador de Indulgências, Barbali".
Eleito membro do grande conselho de Basiléia, consagrou seus últimos anos à política.

Manzoni, Alessandro

V. **Manzoni,** Enciclopédia Abril (vol. VII)

Mao Tsé-tung

V. **Mao Tsé-tung,** Enciclopédia Abril (vol. VII).

Maomé

V. **Maomé,** Enciclopédia Abril (vol. VII)

Maomé II (Fatih)

Sultão otomano. (Andrinopla, 1432 — Tekfur Cayiri, perto de Gebze, 1481). Seu nome, Fatih, significa o Conquistador. Subiu ao trono do Império Otomano duas vezes: em 1444, com a abdicação de seu pai, Murad II, que depois retomou o poder, e em 1451, após a morte deste. Para eliminar a competição dinástica, mandou assassinar seu irmão, Ahmed. Em 1452, instalou-se na margem européia do Bósforo e ordenou a construção de um forte em Roumeli Hisar (Bulgária). Apesar da feroz resistência bizantina, Constantinopla caiu em poder dos turcos, um ano depois. Maomé demonstrou ser um conquistador generoso: garantiu liberdade religiosa aos cristãos, embora submetesse o patriarcado da cidade à tutela do Império Otomano. Organizou o povoamento de Constantinopla — que passou a se denominar Istambul — chamando colonos turcos, providenciou a reparação de seus muros e a construção de novos edifícios públicos, revelando-se um eficiente administrador. Ao mesmo tempo, prosseguia a expansão de seus domínios. Nos Balcãs ocupou a Sérvia, com exceção de Belgrado, Bósnia e Albânia. Uma após a outra, as feitorias genovesas e venezianas na margem ocidental do mar Egeu e na Moréia foram passando para o controle turco. Na margem asiática deste mar, Maomé tomou, em 1462, a ilha de Lesbos. Sua única derrota foi a tentativa de conquista da ilha de Rhodes, em 1480. Na Ásia, liquidou (1461) o Estado grego de Trebizonda (Armênia), e anexou, em 1474, o emirato de Karaman (Anatólia). No mar Negro, tomou a Criméia aos genoveses, em 1475. Considerado grande chefe militar, Maomé contribuiu decisivamente para que o Império Otomano se impusesse como grande Estado no Mediterrâneo oriental, sustentando nestes anos uma ofensiva simultânea por terra e mar. Maomé II foi talentoso administrador e preocupou-se também em dar à nova capital do Império, transferida para Istambul, uma grandeza que fosse realmente comparável à do período bizantino. E, com efeito, sob sua proteção, ali se desenvolveram as artes assim como as letras.

Maquiavel (Nicoló)

V. **Maquiavel,** Enciclopédia Abril (vol. VII)

Maragal y Gorina, Juan

Escritor catalão (Barcelona, 1860 — id., 1911). Enquanto estudava direito em Barcelona, iniciou-se na literatura, traduzindo poesias alemãs para o catalão. Em 1890, começou a colaborar no "Diário de Barcelona", jornal católico e conservador, e no "La Veu de Catalunya". No mesmo ano, casou-se com Clara Noble (com quem teria doze filhos) e partiu em viagem de núpcias para a Itália, numa das poucas vezes em que se afastou de Barcelona. Herdou de seu pai, fabricante de tecidos, uma fortuna suficiente para levar uma vida confortável. Recusou um cargo político que lhe foi oferecido pelo governo espanhol. Numa época em que era já considerado o maior poeta catalão moderno, manteve-se fiel ao movimento autonomista da Catalunha, adotando a mesma posição de muitos conterrâneos. Maragal considerava a poesia uma incursão no mistério e um estado de embriaguez que permitia a visão do irreal. Por isso, recusava-se a ver nela um ofício, e desprezava a retórica. Sua obra poética, toda escrita em catalão, e pouco extensa, compõe-se de três coleções: "Visões e Cantos", "Além", e "Seqüências", reunidas sob o título de "Poesias", em 1912. Em prosa, deixou grande quantidade de artigos e ensaios, escritos em catalão e espanhol, e publicados desde 1890, até sua morte.

Marat, Jean-Paul

V. **Marat,** Enciclopédia Abril (vol. VII)

Marcabrun

Trovador provençal (1110? — 1150?). Consta ter si-

Mantegna, Andrea — Marcabrun

do colocado, recém-nascido, diante da porta de um rico fidalgo, numa cidade da Gasconha, que financiou sua instrução. Provavelmente foi discípulo do trovador Cercamon, que lhe ensinou a recitar poemas narrativos e a tocar diversos instrumentos. Os trovadores de sua época dirigiam seus versos às mulheres, e viam o mundo através delas; num período de longas e contínuas ausências dos grandes senhores, eram elas que exerciam de fato o poder feudal, e orientavam a vida nas cortes. Marcabrun amava a tradição feudal de heroísmo, mas odiava o amor cortesão, tema principal dos poetas. Para ele, os cavaleiros se tinham tornado libertinos, partindo não mais no encalço do inimigo, mas sim das mulheres. Esta intuição do fim próximo da cavalaria levou-o a compor sátiras cruéis, nas quais atacava os grandes senhores. Estes, na província de Guyenne, reagiram ao ataque. aliando-se para matá-lo. Dele foram conservados 43 poemas em estilo eloqüente e áspero e em construções elaboradas. É apontado como o criador do "trobar clus", linguagem hermética e rebuscada, em voga na literatura cortesã no sul da França, nos séculos XII e XIII.

Marcel (Étienne)

Político francês (? por volta de 1315 — Paris, 1358). Rico fabricante de tecidos em Paris, foi escolhido como preboste dos mercadores da cidade em 1355. Chefiou a única tentativa séria de instaurar na França um regime parlamentar, semelhante ao da Inglaterra. Com a derrota francesa em Poitiers (1356) e a prisão de João II, o Bom, instaurou-se uma profunda crise social no país. Marcel explorou, em proveito da burguesia parisiense, a fraqueza do delfim Carlos (futuro Carlos V), que não pôde evitar a convocação quase permanente dos Estados Gerais em Paris, entre 1356 e 1358. Como chefe do Terceiro Estado, dominou as sessões da Assembléia, levando-a a recusar os subsídios pedidos pelo delfim Carlos, e a obter dele o compromisso de efetuar reformas que tornariam a França uma Monarquia Constitucional (regulamento de 1357). Juntamente com o bispo Robert Le Coq, foi escolhido pelos Estados Gerais para representar a burguesia no Conselho Real, órgão executivo da monarquia. Frente à hesitação do delfim, à oposição da nobreza, e à debilidade dos Estados Gerais, Marcel tornou-se, na prática, o verdadeiro prefeito de Paris. Decidiu aplicar uma política reformista por outros meios: colocando-se como mediador, e apoiado na popularidade de Carlos, o Mau (rei de Navarra, aliado ao rei da Inglaterra), impôs ao delfim a reconciliação entre os dois, em fins de 1357. No ano seguinte, Marcel dirigiu reuniões públicas e organizou a burguesia parisiense, para garantir o movimento comunal, e criou uma insígnia burguesa: o capuz vermelho e azul. Ao mesmo tempo, procurou ganhar apoio nas províncias. A tensão criada entre o delfim Carlos e a municipalidade de Paris atingiu o ápice quando os dois principais conselheiros do delfim, os marechais de Champagne e da Normandia, foram assassinados num atentado dirigido pessoalmente por Marcel. Tornado o chefe todo-poderoso de Paris, Marcel ainda obrigou o delfim a ratificar o assassinato dos dois marechais, e nomeá-lo regente. Mas o delfim lhe escapou das mãos, fugindo de Paris, e, após convocar os Estados Gerais em Compiègne, conseguiu isolar a capital. No momento em que Marcel entrava em acordo com Carlos, o Mau, que decidiu nomeá-lo capitão-general do reino, a burguesia de Paris engrossava as fileiras do bloco lealista, chefiado por Jean Maillard. Este assassinou Marcel nas portas da capital. Poucos dias depois, o futuro Carlos V entrou em Paris, seguro de que fora restaurada a autoridade real.

Marcello (Benedetto)

Músico e escritor italiano. (Veneza, 1686 — Brescia, 1739). Pertencente a uma família patrícia de Veneza, estudou direito em Roma, e dedicou-se à música como diletante, mas intensamente. Sob a direção de Antônio Lotti e Francesco Gasparini, estudou inicialmente violino, optando depois pelo canto e a composição. Conseguiu conciliar a profissão de advogado e o exercício de importantes cargos públicos em Veneza, com uma intensa produção musical. Para não perder seu título nobiliárquico, esposou secretamente a cantora plebéia Rosanna Scalfi, a quem dirigira como maestro. Celebrado em seu tempo como o príncipe da música, Marcello escreveu também poesias, sonetos, libretos de ópera, e publicou grande quantidade de composições, atualmente ainda não catalogadas por completo. Além de numerosas peças instrumentais (sonatas, árias para câmara, concertos para cinco instrumentos), deixou a pastoral "Calixto Transformado em Ursa" (1725), a ópera "A Fé Reconhecida" (1707), os interlúdios musicais "Phsyche" (1725) e "Ariana" (1727). Entre 1724 e 1727 compôs os oito volumes da monumental "Fantasia Poética Harmônica", música para os primeiros quinze salmos, transcrita para uma ou várias vozes, numa versão livre de Girolamo A. Giustiniani, apresentada em Veneza, Londres, Alemanha e França. Marcello ganhou maior notoriedade na Europa, após a publicação, em 1720, de uma violenta sátira, na qual ridicularizava o meio teatral italiano do século XVIII, conhecida como "O Teatro na Moda", e traduzida em diversas línguas. Hoje em dia, este texto, desacreditado do ponto de vista crítico, ainda é considerado pelo seu valor literário e documental.

Marc, Franz

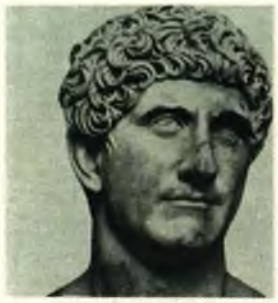
Pintor alemão (Munique, 1880 — Verdun, 1916). De 1900 a 1903, estudou na Academia de Belas-Artes de Munique, sob a orientação de Wilhelm Diez. Sofreu a influência de Niestlé, pintor animalista, e do grupo Art Nouveau. Em Paris, onde passou duas temporadas, teve ocasião, em 1903 e 1907, de entrar em contato com o neo-impressionismo, e de admirar profundamente a obra de Van Gogh. Essencialmente a pesquisa sobre a cor o levou a pintar alguns quadros dentro da técnica pontilhista. Em 1910, reencontrou Macke, seu melhor amigo, e Kandinsky. Ambos o ajudam a colocar mais claramente os problemas de forma e superar os limites tradicionalistas de sua arte. Com eles, lutou para impor em Munique uma nova pintura. Em 1911, publicou junto com Kandinsky o manifesto "Der Blaue Reiter" ("O Cavaleiro Azul"). Desta época, até o início da Primeira Guerra Mundial, Marc produziu o melhor de

sua obra. Mesmo absorvido com os problemas de forma, subordinou-os à vontade de expressão. Buscou, através da obra de arte, uma realidade objetiva e espiritual, que superasse o ilusório na natureza. O tema animal ajudou-o a encontrar o que chamou de "forma essencial", onde toda ternura, inocência e nobreza teriam expressão. Assim, nas telas "O Cavalo Azul", "Cabrito", "Tigre", "Cachorro diante do Mundo", o animal aparece como uma projeção poética e adquire a força de símbolo de comunhão e de paz. Até 1913, os animais absorveram sua criação. O permanente contato com Kandinsky levara-o a empregar, cada vez mais, as cores de forma livre e expressiva, acusando influência fauvista. Delaunay, que o iniciou no futurismo, exerceria a influência mais importante sobre a obra de Marc. Em 1913, suas cores tornaram-se mais sonoras e as formas mais cristalinas, e passaram a interpenetrar-se harmonicamente. Grandes telas, criadas em 1913, como o "Os Destinos dos Animais" e "Corrida dos Cavalos Azuis" constam como as obras mais importantes desta fase. Num desenvolvimento lógico de seu estilo, Marc suprimiria inteiramente (1913/14) os objetos de suas telas. Na tela "O Tirol" são forças opostas que se afrontam, num combate cósmico. Nos poucos meses que lhe restaram antes de ser convocado para a guerra, terminou uma série de composições totalmente abstratas, profundamente líricas, tentando exprimir uma realidade pura, imune a todo acidente, entre as quais "Formas Combatentes" e "Formas Serenas". Mobilizado em 1914, morreu dois anos depois em Verdun.

Marcião

Herético cristão (Sínope, no Ponto, ? — por volta de 160 d.C.). Provavelmente filho de um bispo, tornou-se um rico armador no porto de Sínope. Segundo os estudiosos, na epístola dirigida por São Policarpo de Smirna aos filipianos da Macedônia, é acusada a presença e influência de Marcião naquela comunidade cristã, por volta de 130. Mas, com segurança, sabe-se apenas que, em 140, Marcião já adquirira em Roma posição destacada como professor. Lá associou-se, durante algum tempo, a Cerdo, um importante doutrinador gnóstico, e é possível que tenha sofrido sua influência. Marcião considerava-se discípulo de São Paulo, em seu entender o único e verdadeiro apóstolo da cristandade. Na obra "Anthitesis" expôs sua teologia, centrada no princípio básico de que o cristianismo significava uma era totalmente nova para a humanidade. A partir desta convicção, argumentou que o Deus-demiurgo do Velho Testamento e dos judeus não poderia reconciliar-se numa só doutrina com o Deus do amor, revelado por Jesus, enviado para redimir os homens em Seu nome. A certeza desta contradição levou Marcião a repudiar o Antigo Testamento e a aceitar como canônicos somente as dez epístolas de São Paulo e o evangelho de São Lucas. Excomungado em 144, por difundir sua doutrina heterodoxa, Marcião organizou uma Igreja à parte, que tornou-se suficientemente poderosa, para manter-se até o século V.

Marco Antônio



Político e triúnviro romano (Roma, por volta de 83 — Alexandria, 30 a.C.). Pertencente a uma antiga família patrícia de Roma, Marco Antônio iniciou sua carreira militar como comandante de cavalaria, a serviço do procônsul Gabinius, em campanha na Palestina e na Síria. Depois serviu a César na Gália e, nomeado tribuno do povo em 50, colocou-se a seu lado, na luta contra a oligarquia romana. Comandante-chefe da Itália em 49, dirigiu, no ano seguinte, o flanco esquerdo do exército de César na batalha de Farsália. No cargo de cônsul em 44, após a morte de César, obrigou os assassinos a fugir de Roma e conseguiu, junto ao Senado, que os atos de César fossem confirmados. Perdeu terreno na competição com Otávio (designado herdeiro pelo testamento de César), que, retornando à Itália, conquistou a confiança do Senado e a lealdade das tropas. Decidido a desalojar do comando da Gália Cisalpina um dos assassinos de César, Decimus Julius Brutus, Marco Antônio deslocou-se para o norte, mas foi derrotado, em 43, por um exército enviado em socorro de Brutus. Neste mesmo ano, reuniu seu exército às legiões de Lépido e Otávio, em Bononia (Bolonha), onde formou-se o segundo triunvirato, depois regulamentado pela "Lex Titia". Ao lado de Otávio, instaurou o terror em Roma, eliminando o Partido Republicano. Juntos marcharam para a Macedônia e derrotaram, em 42, as legiões de Brutus e Cássio. Na partilha de comandos militares entre os triúnviros, Marco Antônio recebeu a Ásia e a Grécia. Instalado em seu quartel-general de Tarso (Cilícia), conheceu Cleópatra; em 41, partiu com ela para Alexandria. No ano seguinte, Marco Antônio renovou seu acordo com Otávio, e pela paz de Brundisium (Grécia) foi confirmado no comando das províncias orientais. Em troca da cessão de 130 navios a Otávio, Marco Antônio exigiu em 37 que lhe fossem enviadas quatro legiões, para combater os partos. Otávio, habilmente, não cumpriu sua parte no acordo. O fracasso de Marco Antônio na campanha foi compensado pela ocupação da Armênia e pelo regime de tutela romana instituído em Chipre, Síria e Palestina. Otávio, informado que Marco Antônio abandonara a postura de general romano, comportando-se como rei do Egito, desencadeou contra ele uma feroz propaganda na Itália, e conseguiu que fosse declarada guerra ao Egito. Abandonado por seus oficiais, Marco Antônio aceitou o combate por mar. Os navios de Cleópatra foram derrotados em Actium, em 31, e as legiões comandadas por Marco Antônio renderam-se sem combate. De volta ao Egito, não tomou nenhuma providência no sentido de organizar uma resistência contra Otávio, que avançava triunfalmente sobre a Ásia. Esgotadas suas últimas forças em banquetes e bebedeiras, Marco Antônio matou-se com sua própria espada, depois de receber a falsa notícia da morte de Cleópatra, em agosto do ano 30 a.C.

Marcel, Étienne — Marco Antônio

Marco Aurélio

Imperador romano (Roma, 121 — Viena, 180 d.C.). Membro de uma ilustre família de origem espanhola, foi educado por seu avô, Anius Verus, dentro dos princípios da filosofia estóica, aos quais sua conduta estaria sempre referida. Imposto como filho adotivo ao sucessor de Adriano, Antonino, casou-se com Faustina, a Jovem, filha de Antonino, sucedendo a este no trono em 145 d.C., ao lado de seu irmão adotivo, Lucius Verus. Após a morte do irmão, em 169, reinou sozinho durante um dos períodos mais catastróficos do Império Romano. Sustentou uma longa guerra contra os partos que, finalmente, resultou em vitória (163), e na ocupação romana da Mesopotâmia. A partir de 166, até o fim de seu reinado, comandou as operações militares para deter o avanço das tribos germânicas no Danúbio, expulsando-as para fora do "limes" romano. Durante esta campanha, foi forçado a leiloar os tesouros imperiais para equipar um novo exército de escravos, fugitivos e gladiadores. Com relação aos cristãos, adotou a política fixada no reinado de Traiano, limitando as perseguições aos que se recusassem a celebrar o culto romano dos ancestrais. Nos últimos dez anos de sua vida, escreveu uma espécie de diário por ele denominado "A Si Mesmo", incluindo doze livros reunidos sob o título de "Os Pensamentos", onde procurava aperfeiçoar-se, num contínuo exame de consciência. Nele detém-se sobre problemas de moral e aborda os temas fundamentais do cinismo e do estoicismo. De inspiração cínica são suas reflexões sobre a vaidade terrestre, alvo de seu desprezo, e sua exaltação da virtude, como bem supremo. Sob a influência do estoicismo, retomou a idéia de humanidade, como uma grande família, evidenciando uma compaixão fraternal pelos homens. No conjunto, seus pensamentos refletem uma profunda angústia frente ao destino do mundo e do indivíduo.

Marconi (Guglielmo)

Físico italiano (Bolonha, 1874 — Roma, 1937). Estudou em Livorno, Florença e Bolonha. Começou a interessar-se por problemas de eletricidade ainda muito jovem, o que o levaria a elaborar detalhadamente a idéia de um sistema de comunicação através do espaço, utilizando as ondas eletromagnéticas. Estas, embora localizadas por Maxwell e Hertz, não eram consideradas como passíveis de aplicação prática. Marconi, após inúmeras experiências, certificou-se que, na irradiação e propagação das ondas eletromagnéticas, tanto o campo de indução, amortizador da propagação, como o campo de irradiação eram fatores determinantes. Em março de 1895, concretizou um sistema emissor e receptor ar-terra, realizando em Pontecchio uma transmissão curta de 3 quilômetros. No ano seguinte, dirigiu-se para a Inglaterra, onde patenteou sua invenção. Após uma primeira demonstração montada no telhado do Correio Central de Londres, Marconi teve condições de realizar muitas outras experiências. Em 1897, estabeleceu uma comunicação telegráfica por cima do Canal de Bristol, a uma distância de 15 quilômetros. Dois anos depois, estabeleceu a ligação através do Canal da Mancha. Em 1901 montou as ligações entre a Córsega e o continente, e entre a Cornualha e a Terra-Nova. Na mesma época, a bordo do barco "Eletra", prosseguiu suas experiências, objetivando o conhecimento total das possibilidades da radiotelegrafia, e iniciou fecundas pesquisas sobre ondas curtas, que resultariam em aplicações como o radar. Em 1909, dividiu com K. F. Braun o Prêmio Nobel de Física.

Marco Pólo

Viajante italiano (Veneza, 1254 — idem, 1324). Em 1271 partiu de Veneza com o pai, Niccolò, e o tio, Matteo, em viagem para a Ásia. Após quatro anos de travessia, só conseguiram atingir Pequim, fazendo escala inicial em Acre (Síria), para depois atravessar a Armênia, a Pérsia, o Afeganistão, e a Ásia central. A China do norte foi atingida através de Kachgar, Yarkand, Khotan, os desertos de Lob-Nor e de Gobi. De Chang-tu partiram para a corte de Kublai-Khan, onde o soberano mongol convocou Marco Pólo para missões diplomáticas na Ásia. Por seis anos, Pólo cumpriu estas funções, cruzando o Tibete, a Cochinchina e a Birmânia. Em 1291, a família Pólo iniciou seu regresso à Europa, por mar. Partindo de Fu-Tcheu, no estreito de Formosa, fizeram escala em Sumatra, Ceilão e na costa de Malabar. Retomaram caminho por terra, após desembarcar em Ormuz (Pérsia). Dirigindo-se para o norte, chegaram a Trebizonda, nas margens do mar Negro, embarcando rumo a Veneza. E antes de chegar a essa cidade, passaram por Constantinopla. Três anos depois, Marco Pólo foi aprisionado pelos genoveses, na batalha naval de Curzola. Na prisão, conheceu o pisano Rusticello, que transcreveu as narrativas de Pólo no "Livro das Maravilhas", o primeiro testemunho de um europeu sobre o Oriente. Até o início do século XVI, apesar de sua grande difusão, o livro seria considerado uma coleção de absurdos. Nem por isso deixou de ser lido por navegantes como Colombo e Vasco da Gama. Este último seria o primeiro a comprovar que o "Livro das Maravilhas", apesar da fantasia, continha informações geográficas e climáticas precisas, bem como um levantamento de centros de produção e mercados no Oriente bastante correto, de grande utilidade para a navegação portuguesa no Índico.

Marcos, São

Evangelista. (Jerusalém, ? — ? cerca de 64). Pertencente a uma das mais importantes famílias da comunidade cristã de Jerusalém, seguiu seu primo Barnabé e o apóstolo Paulo, em sua primeira viagem missionária, levando a nova fé a Chipre e à Ásia Menor. Por motivos ainda obscuros, retornou sozinho a Jerusalém. Por essa razão, Paulo recusou sua companhia na segunda viagem, preferindo ser acompanhado por Barnabé, até então seu fiel colaborador. Paulo e Barnabé partiram em 50 para Chipre. Na época da prisão de Paulo em Cesaréia (de 58 a 60), Marcos estava entre os três judeus que permaneceram fiéis ao apóstolo, e reconciliou-se com ele. Por volta de 61, Marcos esteve ao lado de Paulo, em Roma, servindo como intérprete. Entre 65 e 70, parece ter voltado para esta cidade, a fim de colaborar com São Pedro. Ali teria redigido seu evangelho, escrito em grego, no qual limitou-se a relatar a vida pública de Jesus. Marcos transcreveu os discursos de Jesus em estilo direto, apresentou os sentimentos dos discípulos em relação ao Mestre, e as impressões do próprio Jesus sobre eles, num tom melodramático, que não é encontrado nos outros evangelhos.

Marcoussis (Ludwig Casimir Markus, dito)

Pintor francês de origem polonesa. (Varsóvia, 1878 — Cusset, em Allier, 1941). Após abandonar a Faculdade de Direito em Cracóvia, matriculou-se na Academia de Belas-Artes da cidade em 1901. Dois anos depois, Markus estava em Paris, freqüentando a Academia Julien. Suas telas, até 1907, serão impressionistas e fauvistas. Em 1910, tornou-se amigo de Braque, Picasso, e dos poetas Apollinaire e Max Jacob. Apollinaire o levaria a mudar seu nome para "Marcoussis", uma aldeia próxima a Monthaléry. Expôs junto com os cubistas, permanecendo até o fim da vida fiel a esta tendência. Desmobilizado do "front" em 1918, Marcoussis iniciou suas pinturas sobre o vidro, trabalho que desenvolveria entre 1919 e 1928. Através de placas de vidro escalonadas em profundidade, ele edificou curiosos objetos, introduzindo a terceira dimensão. Durante uma estada na Bretanha, começou a série das "Grandes Conchas" e dos pequenos marinheiros, ("O Porto", 1927). Voltando a Paris, inaugurou a série "Naturezas mortas em seu interior" (1929-30), e a dos "Personagens" (1930-31). Por algum tempo, abandonou a pintura, dedicando-se à gravação, demonstrando uma técnica notável. Só em 1937 retornaria às telas. Marcoussis, uma das grandes figuras da história do Cubismo, deixaria em toda a sua obra traços inconfundíveis: a sensibilidade leve e terna, a luz, a densidade aérea dos espaços, a magnífica simplicidade, presentes tanto nas sóbrias naturezas mortas, como em paisagens ermas.

Margarida da Áustria

Duquesa de Savóia e governante dos Países-Baixos (Bruxelas, 1480 — Malines, 1530). Filha do imperador Maximiliano I e de Maria de Borgonha, com três anos de idade ficou noiva do futuro Carlos VIII. Educada na França, foi novamente enviada para seu pai quando seu noivo optou por Ana da Bretanha. Aos dezessete anos, casou-se com o infante D. Juan da Espanha, filho dos Reis Católicos, ficando viúva quase imediatamente. Em 1501, esposou o duque de Savóia, Filipe, o Belo, que morreu após quatro anos. Daí em diante recusaria todas as propostas de casamento. Nomeada governadora dos Países-Baixos, por Maximiliano, consagrou-se totalmente aos negócios do país, evitando o envolvimento em guerras. Desempenhou importante papel na política européia. Participou das conferências da Liga de Cambrai (1508), que uniu Maximiliano I, o rei da França, o rei de Aragão e o papa Júlio II contra a república de Veneza. Além disso, assinou a Paz das Damas, com Luísa de Savóia, rainha-mãe da França, a qual renunciou a seus direitos na Itália, Flandres e Artois, em 1529. Protetora das letras, Margarida escreveu poesias, deixando uma volumosa correspondência política além de um "Discurso de sua vida e de seus infortúnios".

Margarida de Angoulême

Rainha de Navarra (Angoulême, 1492 — Odos, Bigorra, 1549). Também conhecida como Margarida de Valois ou de Navarra. Filha de Carlos d'Orleans (conde de Angoulême) e Luísa de Savóia, desposou em 1509 o duque d'Alençon, por motivos políticos. Quando seu irmão, Francisco I, tornou-se rei da França, Margarida desempenharia um papel fundamental em sua corte. Com a mãe e o irmão, formou uma trindade só desfeita com a morte de Luísa de Savóia. Em 1525, com a prisão do irmão, jogou toda a sua força política para salvá-lo. Deslocou-se para a Espanha, e lutou para obter de Carlos V condições mais favoráveis para a libertação de Francisco I, e participou das negociações referentes ao Tratado de Madrid. Casou-se, no mesmo ano, com Henri d'Albret, rei de Navarra. Fazia de sua corte um foco do humanismo. Seduzida pelas idéias da Reforma, encorajou os trabalhos de Lefèvre d'Étaples, entrou em contato com Calvino, Melanchthon, e intercedeu não poucas vezes a favor dos protestantes na França. Ao mesmo tempo, rodeou-se de eruditos, poetas, escritores e teólogos, como Robert Estienne, Bonaventure de Périers. Rabelais dedicou a ela seu "Terceiro Livro" publicado em 1546. Ela própria deu sua contribuição para o humanismo francês. Além dos escritos onde tentou conciliar idéias neoplatônicas com o misticismo religioso deixou coleções de poemas: "As margaridas da Margarida das princesas", "Espelho da Alma Pecadora" (1531), "Natividade", "As Prisões". Entretanto, sua obra mais célebre foi "Heptameron", escrita em 1546, que inclui um conjunto de novelas galantes, inspiradas na obra de Boccaccio.

Marco Aurélio — Margarida de Angoulême

Maria I (Dona)

Rainha de Portugal (Lisboa, 1734 — Rio de Janeiro, 1816), mãe de D. João VI. Em 1760, casou-se com seu tio, o infante D. Pedro, e em 1777 sucedeu a seu pai, D. José I. Sua primeira providência no governo foi demitir o primeiro-ministro de D. José, o marquês de Pombal. Procurou estabelecer alguma liberalização, com a reinstituição das audiências régias, abolidas pelo marquês de Pombal, nas quais se atendiam a reivindicações populares. Resolveu algumas disputas antigas entre Portugal e Espanha, relativas aos limites do Brasil, através dos tratados de Santo Ildefonso (1777), e da Aliança (1778). Fundou o Observatório da Marinha (1798) e a Real Biblioteca Pública da Corte (1796). Incentivou a marinha mercante e destinou fundos para a instrução pública. A morte do seu marido (1786), a do seu primogênito (1788) e o pavor pelos acontecimentos da Revolução Francesa, levaram-na à loucura (1792). Em 1808, com a ameaça de ocupação de Portugal pelos franceses, D. Maria I embarcou com seu filho e a comitiva real para o Rio de Janeiro, onde morreria em 1816. Seu corpo foi levado para Portugal.

Maria I (Stuart)

Rainha da Escócia e da França (Linlithgow, 1542 — Fotheringhay, Northamptomshire, 1587). Única filha sobrevivente de Jaime V e Maria de Guise, herdou o trono da Escócia com uma semana de vida (sob a regência de sua mãe). Com quase seis anos foi estudar na França, onde ficaria durante dez anos. Em 1558 casou-se com o delfim da França e foi obrigada a assinar um ato secreto pelo qual, se ela morresse sem deixar herdeiros, perderia para a França seus direitos sobre a Escócia.

No ano seguinte, seu marido foi coroado como Francisco II, e faleceu em 1560. Maria retornou à Escócia, onde encontraria o país agitado pelo movimento da Reforma, chefiado pelo extremista John Knox. Apesar de católica, ela não tomaria inicialmente nenhuma medida de perseguição aos reformistas; rodeou-se de conselheiros protestantes. O poder passara às mãos dos nobres, chefes de poderosos clãs e a maioria da nação abjurara o catolicismo. Solicitada por diversos pretendentes reais, acreditou tornar-se popular casando-se em 1565 com seu primo católico Henry Stuart, lorde Darnley. Não satisfeito com o título de rei, Darnley quis assegurar-se da coroa. Aliou-se então aos nobres, numa conspiração contra Maria. David Rizzo, secretário e favorito da rainha, deveria ser assassinado (1566) e ela aprisionada. Maria, grávida de 6 meses, conseguiu seduzir novamente o marido e fugiu com ele, refugiando-se em Dunbar. Lá, James Hepburn, conde de Bothwell, levou tropas em seu socorro e ela retornou para Edimburgo, escoltada por 2 000 soldados. Uma vez a salvo, afastou-se do marido e tomou Bothwell como favorito. Darnley morreria numa explosão em 1567, e Bothwell seria acusado do crime. Embora absolvido, os rumores públicos que acusavam Maria de cumplicidade acentuaram-se após seu casamento, pelo ritual protestante, com Bothwell. Condenado pelo papa e pela maioria das cortes européias, o casamento foi também pretexto para uma revolta dos nobres protestantes. Vencidos seus exércitos (1567), Maria foi aprisionada no castelo de Lochleven, sendo obrigada a abdicar em favor de seu filho. Em 1568 fugiu e reuniu um pequeno exército que foi vencido pelo regente Moray. Maria decidiu então colocar-se sob a proteção de sua prima Elizabeth da Inglaterra. Com medo de um futuro movimento dos católicos, Elizabeth fez com que Maria fosse presa. Durante 18 anos ela passaria de um castelo a outro até que em 1586 foi julgada e condenada à morte.

Maria I (Tudor)

Rainha da Inglaterra (Greenwich, 1516 — Londres, 1558). Filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão. Foi oferecida em casamento ao delfim da França (1518), ao imperador Carlos V (1522) e, em 1527, pelo tratado de Westminster, a Francisco I ou seu filho Henrique, duque de Orleans. Em 1533, quando nasceu Elizabeth, filha de Henrique VIII com Ana Bolena, Maria Tudor, já segregada por seu catolicismo e pela ligação com a mãe, foi também excluída da sucessão ao trono. Com a morte do pai (1547), foi considerada, na linha sucessória, abaixo de Eduardo VI, filho de Jane Seymour, a terceira esposa de Henrique VIII. Com a morte do irmão em 1553, Maria Tudor sobe ao trono. Sua primeira medida (1554) foi restabelecer o catolicismo e reconciliar a Inglaterra com o papado, atitude que desagradou particularmente os nobres que haviam sido favorecidos com o rompimento anterior. Maior descontentamento ainda causou seu casamento com Filipe II da Espanha (1554), filho do imperador Carlos V. À testa dos descontentes estava Sir Thomas Wyatt, que chefiou no mesmo ano uma revolução contra a rainha, logo esmagada por ela. Ao mesmo tempo, a soberana católica empreendeu uma perseguição aos protestantes, que lhe valeria o epíteto de Maria, a Sanguinária. Sob a influência de Filipe II, declarou guerra à França; na luta, perdeu Calais (1558), última possessão inglesa no continente. Isto significou o último golpe no seu prestígio. Morreu nesse mesmo ano, designando Elizabeth para sucedê-la no trono, com a condição de que esta mantivesse o catolicismo na Inglaterra.

Maria II (D.)

Rainha de Portugal (Rio de Janeiro, GB, 1819 — Lisboa, 1853). Filha de D. Pedro I, imperador do Brasil, e da imperatriz Maria Leopoldina. Pouco antes de herdar a coroa portuguesa, D. Pedro I abdicou em favor de D. Maria (1826), com a condição de que ela se casasse com o infante D. Miguel, irmão do imperador. Apoiado pelos absolutistas, D. Miguel aproveitou-se da minoridade da herdeira para usurpar o trono em 1828. D. Pedro I vai então para Portugal, onde desembarca em 1832, com auxílio de tropas da França e da Inglaterra. Após dois

anos de lutas, com o apoio dos liberais, expulsou D. Miguel e colocou sua filha no trono, mantendo-se ele como regente. Quando D. Pedro I morreu, as cortes votaram a maioridade de D. Maria II. Em 1835, casa-se com o príncipe Augusto de Leuchtenberg (que morreria no ano seguinte) e depois com D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gota. Todo o reinado de D. Maria II foi perturbado por lutas violentas entre os absolutistas e os constitucionalistas. Em 1846 a rebelião torna-se intensa, provocando a intervenção estrangeira: os ingleses desembarcaram em Portugal e prenderam a junta revolucionária; os espanhóis também participaram da repressão. No ano seguinte, pela convenção de Gramido, a paz é assinada e, em 1851, com o movimento de Regeneração, inicia-se o período conhecido como "fontismo", de tranqüilidade política e de grandes realizações materiais.

Maria Antonieta

Rainha da França (Viena, 1755 — Paris, 1793). Filha da imperatriz Maria Teresa e do imperador Francisco I da Áustria. Desde menina, foi prometida em casamento ao delfim Luís de França. A 16 de maio de 1770, casaram-se em Versalhes, onde o comportamento de Maria Antonieta provocou escândalos diante do país inteiro. Em 1774, com a subida de seu marido ao trono com o título de Luís XVI, participou de perto da vida na corte. Opôs-se violentamente à política de reformas instaurada a partir da Revolução Francesa (1789), e induziu o rei a resistir a elas. Convenceu-o a recusar o apoio de moderados como La Fayette e Mirabeau, afirmando a este último sua rejeição à simples idéia de uma monarquia constitucional. Denominada pelo povo de Austríaca, Madame Déficit e Madame Veto, apoiava a intervenção estrangeira, mandando mensagens secretas para a Áustria, na tentativa de obter apoio. Convence o rei a fugir para Malmédy; durante a viagem, foram presos em Varennes (1791). Executado o rei, em 1793, Maria Antonieta aguardou seu julgamento presa em Paris, junto com sua filha e sua cunhada. A 14 de outubro de 1793, foi julgada por um tribunal revolucionário, onde impassível sofreu inúmeras acusações, relativas não só a seu papel na política, mas também na vida particular. Foi condenada à guilhotina a 16 de outubro do mesmo ano.

Maria de Médicis

Rainha da França (Florença, 1573 — Colônia, 1642). Filha do grão-duque da Toscana, casou-se com Henrique IV em 1600. Mulher muito bela, porém vingativa e dura, foi acusada por muitos de ter participado do atentado a seu marido (que morreu em 1610). Nomeada regente no mesmo ano, afastou os antigos conselheiros do rei e, sob influência de Leonora Galigari e Concini, seus favoritos, não conseguiu resolver os conflitos entre as classes sociais (Estados Gerais; 1614). Seu filho, Luís XIII, que se casara com Ana da Áustria, mandou assassinar Concini e afastou sua mãe para Blois. Ela conseguiu fugir e armou-se contra o filho, sendo porém vencida em Ponts-de-Cé (1620). Richelieu tentou reconciliar os dois. Com medo da ascendência do cardeal sobre seu filho, Maria tentou obter a desgraça do ministro; no entanto, nada conseguindo, foi afastada definitivamente em 1630, após a journée des dupes. Aprisionada por alguns meses, evadiu-se em 1631, indo para o exterior. Viveu ainda em Bruxelas, Londres e Colônia, continuando suas intrigas contra o cardeal Richelieu.

Maria Luísa

Imperatriz da França (Viena, 1791 — id., 1847). Filha de Francisco I, imperador da Áustria e Maria Teresa de Nápoles. Vencedor em Wagram, Napoleão Bonaparte exigiu sua mão como condição para assinar a paz com a Áustria. Casaram-se em Paris, em 1810; no ano seguinte, Maria Luísa deu à luz um filho que recebeu o título de Rei de Roma. Durante a campanha de 1813 contra a Áustria, Prússia e Rússia, foi nomeada regente. Com a queda de Napoleão em 1814, Maria Luísa vai para a Áustria. Não retornou à França nem durante o período no qual Napoleão fugiu de Elba (1815) e reassumiu o controle do país, até a derrota em Waterloo. Na Áustria, Maria Luísa tornou-se amante do conde Von Neipperg, com o qual teve dois filhos e com quem se casou após a morte de Napoleão (1821). Em 1814, foi designada pelo Congresso de Viena, com o título de Majestade Imperial, para governar os ducados italianos de Parma, Piacenza e Guastalla. Instituiu um regime liberal, conservando grande parte do código napoleônico que garantia o individualismo, igualdade perante a lei, defesa do direito de propriedade, etc. Em 1834, com a morte do seu marido, casou-se com um nobre da corte austríaca, o conde de Bombelles.

Mariano Carneiro da Cunha (Olegário)

Poeta brasileiro (Recife, 1889 — Rio de Janeiro, 1958). Filho de José Mariano, herói da Abolição e da República. Em 1897, mudase com a família para o Rio de Janeiro. Com 13 anos, escreve os primeiros poemas. Após terminar os estudos no Colégio Pio-Americano (onde Alberto de Oliveira foi seu professor e orientou-o como poeta), matricula-se na Faculdade de Direito. Todavia, não chega a cursá-la, indo trabalhar no cartório do pai. Influenciado pela poesia de Gonçalves Dias, admirava também Castro Alves e Machado de Assis e foi amigo de Olavo Bilac, Coelho Neto e Lima Barreto. Publicou o seu primeiro livro, "Visões de Moço", aos

Maria I, Dona — Mariano Carneiro da Cunha, Olegário

15 anos. Colaborou nas revistas "Fon-Fon", "Careta" e "Para Todos". Em 1911, casa-se e vai para a Europa, onde permanece cerca de um ano. Em 1926, e escolhido Príncipe dos Poetas Brasileiros, e entra para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a vaga de Mário de Alencar, cadeira n.º 21. Voltando-se para a política, é eleito deputado e participa da elaboração da Carta de 1934. A seguir, é nomeado embaixador em Portugal. Recebeu os títulos de Grande Oficial de Santiago e Espada e da Cruz de Cristo de Portugal. Foi Comendador da Legião de Honra, Grande Oficial da Ordem do Sol do Peru, e do Condor dos Andes da Bolívia. Foi membro da Academia de Ciências de Lisboa, aí recebendo as Palmas de Ouro. Entre as suas obras estão: "Angelus" (1911), "Sonetos" (1912), "Evangelho da Sombra e do Silêncio" (1913), "Água Corrente" (1917), "Últimas Cigarras" (1920), "Castelos na Areia" (1922), "Cidade Maravilhosa" (1923), "Destino" (1931), "Teatro" (1932), "Canto da Minha Terra" (1933), "O Enamorado da Vida" (1937), "Da Cadeira n.º 21" (Crônicas e Conferências) (1938), "Quando Vem Baixando o Crepúsculo" (1944), "Cantigas de Encurtar Caminho" (1948).

Maria Teresa de Áustria

Imperatriz austríaca (Viena, 1717 — id., 1780). Rainha da Hungria e da Boêmia, filha mais velha de Carlos IV e da imperatriz Elizabeth Cristina de Brunswick-Wolfenbuttel. Casou-se em 1736 com seu primo, Francisco Estêvão, duque de Lorena, mais tarde imperador com o nome de Francisco I. Com a morte de Carlos IV, o trono foi disputado por Frederico, o Grande, rei da Prússia, e os eleitores da Baviera e da Saxônia. Isto desencadeou a guerra da Sucessão da Áustria (1740-1748). Em 1741, Frederico ocupa a Silésia, depois de derrotar o exército austríaco em Mollwitz (1741). O eleitor da Baviera, apoiado pelas forças francesas, ocupa Praga e Carlos Alberto da Baviera é coroado imperador em Frankfurt, adotando o nome de Carlos VII (1742). Maria Teresa entretanto, consegue a ajuda das tropas inglesas e dos nobres húngaros e retoma Praga em fins de 1742. Os progressos militares foram interrompidos por Frederico da Prússia, mas com a morte de Carlos VII em 1745, Maria Teresa consegue o coroamento de seu marido (Frankfurt, 1745). Em 1748, Maria Teresa assina o tratado de Aachen, que lhe garante a posse da coroa e põe fim à guerra. Na tentativa de retomar a Silésia, Kaunitz, ministro dos Negócios Estrangeiros da Áustria a partir de 1755, aproveita-se da inquietude francesa ocasionada pela aliança anglo-prussiana (1756) e consegue formar uma coalizão com a França, Rússia, Suécia, Saxônia e Bourbons da Espanha. Entretanto, o gênio militar de Frederico II conseguiu sobrepor-se a esta poderosa aliança e Maria Teresa é obrigada a abandonar definitivamente a Silésia (1763), reconhecendo a supremacia prussiana na Alemanha do norte. Viúva em 1765, faz com que seu filho seja coroado imperador com o nome de José II. Em 1777, morre o eleitor da Baviera e Maria Teresa tenta ocupar-lhe os territórios, mas é impedida pela França, Prússia e Inglaterra. Durante todas as lutas exteriores, Maria Teresa não se descuidou dos problemas internos, incentivando a agricultura e o comércio. Afirmou a soberania do Estado sobre os poderes locais, criando um Conselho de Estado (1760), diante do qual eram levados todos os problemas importantes do império; uma diretoria do interior (1761); um código penal (1768), que unificava a legislação.

Marinetti (Filippo Tommaso)

Escritor italiano (Alexandria, 1876 — Bellagio, 1944). Iniciou os estudos na escola francesa de Alexandria, e terminou-os em Paris. Ao concluir seus estudos secundários, vai para Milão, onde freqüenta a Faculdade de Jurisprudência doutorando-se em Direito, porém na Universidade de Gênova. Sua atividade literária tem início com colaborações na revista "Anthologie Revue". Com o poema "Les Vieux Marins" ("Os Velhos Marinheiros"), em versos livres, passa a ser conhecido nos meios literários de Paris. Publica, em 1902, o poema "La Conquête des Étoiles" ("A Conquista das Estrelas"), em 1903, "D'Annunzio Intime" ("D'Annunzio Íntimo"), em 1904, "Déstruction" ("Destruição"), em 1905, a tragédia satírica "Le Roi Bombance", que provoca tumultos e polêmicas. Neste mesmo ano, funda a revista "Poesia". A 20 de fevereiro de 1909, publica no "Figaro" de Paris seu famoso Manifesto do Futurismo, onde ataca violentamente as civilizações do passado, com sua cultura e seus monumentos, e faz a apologia da civilização da técnica e da máquina, elogiando a guerra. Em 1910 publica "Mafarka il Futurista" e, em 1912, "Le Monoplan du Pape" ("O Monoplano do Papa"). Neste último ano lança, de novo no "Figaro", em maio, o Manifesto Técnico da Literatura Futurista, onde enuncia os fundamentos teóricos da poesia futurista e das "palavras em liberdade". Esta teoria da "libertação da palavra" talvez seja sua contribuição mais frutífera à poesia moderna, abrindo caminho aos processos posteriores de investigação poética, da "escrita automática" surrealista às palavras-objeto do Concretismo. Com ela, surgiu a consciência da necessidade de libertar as forças latentes da palavra, rompendo a velha linguagem estratificada e criando uma nova, explosiva, dinâmica e, portanto, condizente com a nova realidade da civilização da máquina. Em 1915 publica "Guerra, Sola Igiene del Mondo" ("Guerra, Única Higiene do Mundo"). Durante vários anos esforça-se em divulgar o futurismo e conseguir adeptos, fazendo conferências e propaganda do novo movimento em Berlim, Zurique, Paris, Moscou, Londres, e inclusive no Brasil. Sua valorização do aspecto visual da poesia, bem como da paginação, influíram nas pesquisas de vários pintores. Marinetti ainda elaborou vários manifestos sobre cenografia e teatro, entre os quais: "Il Teatro Futurista Sintetico" (1915), "Il Teatro di Varietà" (1913), "La Cinematografia Futurista" (1916), "Il Teatro della Sorpresa" (1922). Além disso, publicou diversos manifestos sobre a pintura futurista, entre os quais: "L'Uomo Moltiplicato e il Regno della Macchina" (1911), "L'Immaginazione senza Fili" (1913), "La Nuova Religione-Morale della Velocità" (1916). Propagandista entusiasta do fascismo, já trabalhava nesse sentido em 1915, com sua contribuição para a entrada da Itália na Primeira Grande Guerra Mundial.

Marino (Giambattista)

Poeta italiano (Napoles, 1569 — id., 1625). Fez seus primeiros estudos em Nápoles. Depois de uma juventude movimentada, vai para Roma (1600), onde consegue a proteção do Cardeal Piero Aldobrandini, seguindo para Ravena e, depois, para Turim. Publicou seu primeiro poema — "A Rima" — em 1602, que apareceu depois, junto com outros, em "A Lira" (1608). Em Turim, onde ficou de 1608 a 1615, conseguiu a proteção do Duque de Savóia, do qual recebe o título de Cavaleiro dos Santos Maurício e Lázaro (1609). Em 1610, devido aos ressentimentos provocados pelos seus poemas satíricos e jocosos e sua vida completamente desregrada, perde os favores do Duque de Savóia e é encarcerado. Em 1615, vai para Paris, onde é acolhido por Maria de Médicis, que lhe fornece uma pensão. Em Paris, sentiu-se à vontade para viver do modo extravagante que lhe agradava. Em 1623, Marino escreveu "Adônis", contando a história de Adônis e Vênus, com muitas passagens impressionantes pelo brilhantismo e domínio de técnica. Voltou para Roma em 1623, onde permaneceu os últimos anos, recebendo as honras de grande poeta. Foi o criador de um estilo preciosista, empolado e extravagante, próximo ao gongorismo espanhol, que ficou conhecido pelo seu nome (marinismo). Influenciou a evolução da poesia preciosa na França, Espanha e Alemanha.

Mário (Caio)

General e político romano (Arpino, 157 a.C. — Roma, 86 a.C.). De origem modesta, serviu primeiro na guerra numantina (134 a.C.), progredindo lentamente na carreira política. Em 119 a.C. tornou-se tribuno e em 115 a.C., pretor. Serviu como ajudante-de-campo de Cecílio Metelo em 109 a.C., na África, substituindo-o em 107 a.C., após desacreditá-lo militarmente. Modificou a composição do exército, revolucionou a prática do recrutamento, abrindo as fileiras aos voluntários que eram muito pobres e não podiam pagar a conscrição("capite censi"). Pôs fim à guerra, aprisionando Jugurta (105 a.C.). Transferido para o comando da guerra contra os teutões, derrotou-os em 102 a.C. Em 101 a.C. derrotou os címbrios. Participou das chamadas guerras sociais, aliado aos demagogos Saturnino e Gláucio. Tentou arrebatar o comando da guerra contra Mitridates, atribuído a Silas, seu adversário político (88 a.C.). Entretanto, derrotado, foi proscrito e fugiu para a África. Quando Silas partiu para o Oriente (86 a.C.), voltou e tomou Roma com a ajuda de Cina, massacrando seus adversários políticos. Cônsul pela sétima vez, morreu treze dias depois. Seu filho, Caio Mário, cônsul em 82 a.C., suicidou-se no mesmo ano, quando Silas retomou Roma. A família foi extinta e a reputação só reabilitada por Júlio César, que recolocou seus troféus no Capitólio em 65 a.C.

Mariotte (Edme)

Físico francês (Dijon, 1620 — Paris, 1684). Ficou a maior parte da vida na sua cidade natal, sendo aí prior de St. Martin-sous-Beaune. Foi um dos primeiros membros da Academia de Ciências de Paris e um dos fundadores da física experimental na França. Em 1676, publica "Ensaio sobre a Natureza do Ar", onde enuncia a lei chamada de Boyle-Mariotte, fundamental para o estudo dos gases (Robert Boyle já a descobrira em 1662). Analisa a colisão dos corpos no ensaio "Tratado de Percussão ou Choque dos Corpos" (1673). Em 1660, descobre o ponto cego do olho. No "Ensaio sobre a Natureza da Cor" (1681) apresenta um estudo sobre os halos. O "Tratado do Movimento das Águas e dos Outros Corpos Fluidos", publicado postumamente em 1686, onde faz uma investigação experimental da lei de Torricelli, é considerado seu trabalho mais importante.

Marivaux (Pierre Carlet de Chamblain de)

Escritor francês (Paris, 1688 — id., 1763). Sua vida é pouco conhecida. De origem normanda, freqüentou ambientes da moda. De início publicou alguns romances medíocres, paródias de Homero e Fenelon. De seu casamento com Colombe Boulogne, em 1717, teve uma filha. Em 1720, arruinado pela bancarrota de Law, passa a tentar viver da literatura. Nesse mesmo ano, encena "L'Amour et la Verité" e "Arlequin Poli par l'Amour". Redige para vários jornais. Em vinte anos, escreve cerca de quarenta peças teatrais. Renovador da comédia, preocupou-se mais com os sentimentos do que com os caracteres e costumes. Nas suas peças, a ação procura fazer o espectador compreender a vida emocional dos seus personagens mais do que a eles próprios. A linguagem delicada com que exprime seu tema central, o amor, passou a ser conhecida como "marivaudage". Considerado o Racine da comédia, contam-se, entre as suas melhores comédias, as seguintes: "La Surprise de l'Amour" (1722), "La Double Inconstance" (1723), "La Seconde Surprise de l'Amour" (1727), "Jeu de l'Amour et du Hasard" ("O Jogo do Amor e do Acaso") (1730), "Les Serments Indiscrets" (1732), "Le Legs" (1736), "Les Fausses Confidences" (1737), "L'Épreuve" (1740). Também publica, entre 1731 e 1741, dois romances considerados obras-primas: "La Vie de Mariane" e "Le Paysan Parvenu". Nestes, ao contrário das suas comédias, onde os costumes sociais cedem lugar à psicologia sentimental, Marivaux demonstra precisão realista no estudo das classes sociais do seu tempo. Em 1742, é eleito para a Academia Francesa. Sua obra, que representa muito bem o clima psicológico do século XVIII, não foi devidamente apreciada pelos contemporâneos, que a julgavam obscura. Somente no fim do século XIX foi valorizada.

Mariz e Barros (Antônio Carlos de)

Militar brasileiro (Rio de Janeiro, GB, 1835 — rio Paraná, perto de Corrientes, Argentina, 1866). Filho do Visconde de Inhaúma, matriculou-se em 1849 como aspirante na Escola Naval, tornando-se guarda-marinha em 1852, segundo-tenente em 1855 e primeiro-tenente em 1857. Nesse mesmo ano, como primeiro-tenente em comando da canhoneira "Campista", destacou-se no patrulhamento da costa a fim de evitar o tráfico de escravos. Em 1859, participou da escolta naval do vapor "Apa", a bordo do qual se encontrava a família imperial, em visita às províncias do norte. Em 1862, explorou o Amazonas, de Belém a Manaus, no comando da corveta "Belmonte". De 1864 a 1866,

Maria Teresa de Áustria — Mariz e Barros, Antônio Carlos de

participou da campanha oriental e dos primeiros anos da Guerra do Paraguai, inicialmente só nas águas e a seguir colaborando também com as forças terrestres. Pela sua bravura, foi chamado de "Leão". Em 1866, recebeu o comando do encouraçado "Tamandaré", sendo gravemente ferido nessa missão. Morreria no dia seguinte. Deixou uma obra, "Roteiro da Viagem da Corveta Belmonte pelo Rio Amazonas" (1863).

Marlborough (John Churchill)

General e político inglês (Ashe, Devonshire, 1650 — Cranbourn Lodge, Windsor, 1722). Filho de Sir Winston Churchill, partidário dos Stuart, cujos bens haviam sido confiscados por Cromwell, começou sua carreira sob a proteção do Duque de York, futuro Tiago II, que era amante de sua irmã Arabella Churchill. Em 1682, lutou contra os holandeses, na liga formada com Luís XIV, da França. Quando Tiago II subiu ao trono, Marlborough recebeu inúmeras honras, e destacou-se no esmagamento da rebelião do Duque de Monmouth; no entanto, na revolução de 1688, foi um dos primeiros a abandonar o rei e aliar-se a Guilherme d'Orange. Com a ascensão deste ao trono, foi nomeado Conde de Marlborough. Entretanto, como mantinha contato com o rei deposto, despertava desconfiança. Chegou mesmo a ser preso (em 1692) por alguns dias, na Torre de Londres; ficaria na meia desgraça até 1701, quando subiu ao trono a Rainha Ana. Influenciada pela esposa de Marlborough (sua dama de companhia), a rainha confiou-lhe o comando do exército britânico contra a França, na guerra de sucessão espanhola. Em 1702, foi elevado à categoria de Duque de Marlborough. Pouco a pouco, arrogou-se poderes militares e civis tão amplos que se transformou num verdadeiro regente. Entrementes, a Bavária entrara na guerra e se aliara aos franceses no ataque ao Sacro Império, enquanto os exércitos austríacos estavam empenhados na luta no Reno. Em apoio à Áustria, Marlborough marchou através da Europa Central com um exército muito bem treinado. Expulsou os franceses da Gueldre espanhola (1702), depois da Alemanha (1704). Nos anos seguintes, romperia definitivamente a política de hegemonia européia de Luís XIV por suas vitórias de Ramillies-sur-Villeroy (1706), Oudenaarde-sur-Vendôme (1708) e Malplaquet-sur-Villars (1709). Enquanto as campanhas evoluíam, Marlborough apoiava-se, na Inglaterra, no partido dos whigs. Em 1711, o partido caiu e com ele o duque, do qual a rainha há tempo já procurava diminuir o prestígio exagerado. Em desgraça completa, Marlborough recebeu de volta todas suas dignidades, em 1714, quando da subida ao trono de George II; mas morreria pouco depois, devido a um ataque de apoplexia.

Marlowe, Christopher

Dramaturgo e poeta inglês (Canterbury, 1564 — Deptford Strand, 1593). Estudou na King's School, em Canterbury. Em 1581 foi para o Colégio de Corpus Christi, em Cambridge, onde se tornou bacharel em artes (1584) e mestre em artes (1587). A seguir fixou-se em Londres, escrevendo para o teatro. Embora se afirme que antes de ser autor Marlowe foi ator, o único dado seguro sobre sua vida em Londres é que viveu na zona boêmia e teatral de Shoreditch, à margem esquerda do Tâmisa, escrevendo e convivendo com gente de teatro, até 1592, quando um surto de peste o levou a refugiar-se em Scadbury, no condado de Kent. Considerado ateu e homossexual, seu temperamento violento levou-o a bater-se várias vezes em duelo. Foi assassinado numa hospedaria em Deptford Strand, subúrbio de Londres, no dia 30 de maio de 1593. Apesar de muitas suposições, nunca foram esclarecidos os motivos reais de sua morte. É provável que as razões tenham sido políticas, uma vez que, segundo alguns informes, ele seria agente secreto da Rainha Elizabeth desde os tempos de Cambridge; seu nome foi ligado ao de Sir Walter Raleigh, amante da rainha, que caíra em desgraça pouco antes da morte de Marlowe. O fato é que seu assassino, Ingran Frizer, foi posteriormente perdoado pelo crime. De Marlowe, restaram algumas obras importantes como "A Tragédia de Dido, Rainha de Cartago", de cronologia incerta, que escreveu em colaboração com Thomas Nashe, publicada em 1594; "Tamburlaine, o Grande" (1586/7); "A Trágica História do Dr. Fausto", publicada em 1604, que teria servido de modelo ao "Fausto" de Goethe; "O Judeu de Malta" (1589|90); "Massacre em Paris" (1593); "Eduardo II", a primeira grande tragédia histórica da dramaturgia inglesa. Marlowe colocou o ator como o centro dominante da peça e fez com que a personalidade do personagem sobressaísse mais do que a própria ação. Usou o verso branco de cinco pés, que seria amplamente divulgado na dramaturgia inglesa e, nos séculos XVIII e XIX, também na dramaturgia alemã, por Goethe e Schiller. Marlowe escreveu ainda o poema "Hero e Leandro"; traduziu "Amores" de Ovídio e "Farsala" de Lucano, e escreveu uma comédia que se perdeu, "As Férias da Donzela", registrada no Stationer's Register em 1654 como obra sua e de John Day.

Marmol (José)

Escritor, poeta e político argentino (Buenos Aires, 1817 — id., 1871). Aos vinte anos de idade, quando cursava a faculdade de direito, foi preso por ordem do ditador Rosas. Após sete dias de prisão, foi liberto e retirou-se para Montevidéu, onde continuou a lutar con-

tra a ditadura argentina. Mudou-se depois para o Rio de Janeiro. Quando Rosas foi derrubado do poder, voltou a Buenos Aires, distinguindo-se como orador parlamentar. Foi eleito deputado e, a seguir, senador. Na literatura, caracterizou-se por uma linguagem romântica, mas pontilhada de erros de linguagem, expressões impróprias e imagens incoerentes. Improvisador, é comparado a Lord Byron, e seu poema "Cantos do Peregrino" (1846) considerado um "Childe Harold" latino-americano. Sua grande obra, a novela "Amalia" (1844), importante trabalho histórico da literatura hispano-americana, pinta ao vivo os horrores da ditadura de Rosas. Outras obras são "O Poeta" (1842), "O Cruzado" (1851), "Exame Crítico da Juventude Progressista do Rio de Janeiro" (1841), "Harmonias" (1851).

Marmont (Auguste Frédéric Louis Viesse de, Duque de Raguse)

Marechal francês (Chatillon-sur-Seine, 1774 — Veneza, 1852). Originário da pequena nobreza, entrou como tenente na artilharia napoleônica em 1792. Ajudante-de-campo de Napoleão durante a campanha da Itália em 1796, e depois na campanha do Egito (1798), distinguiu-se de tal maneira que com apenas 22 anos recebia a patente de coronel. Em 1804, comandou as tropas na Holanda e no ano seguinte participou da conquista de Ulm e da Dalmácia. Em 1806 tornou-se governador da Dalmácia, construindo estradas e implantando uma administração moderna. Em 1808, tornou-se Duque de Raguse. Marechal em 1809, participou das lutas na região do Danúbio. Depois da paz de Viena passou a governador da Ilíria. Comandou ainda as tropas francesas que atacariam Portugal em 1811. Comandou a defesa de Paris. No entanto, percebendo que a resistência estava desorganizada e contando com o apoio de Josefina Bonaparte, negociou com Alexandre I, imperador da Rússia, a capitulação de Paris. Alexandre exigiu a abdicação de Napoleão e Marmont ficou visto como traidor. Quando Luís XVIII sobe ao trono, é feito par de França e major-general da guarda real. Chamado para comandar as tropas, que deveriam reprimir a revolução parisiense (1830), resolveu exilar-se e partiu em viagem pela Europa. Injustamente acusado de uma traição que não passou de um mal-entendido, Marmont foi um dos maiores e mais hábeis generais da Grande Armada.

Marmontel, Jean François

Escritor francês (Bort, 1723 — Ablonville, 1799). Estudou no colégio jesuíta de Mauriac e em Clermont, onde fez o curso de filosofia. Em 1739, foi contratado professor de filosofia pelo Seminário Bernardino de Toulouse, e para melhorar sua situação financeira começou a escrever poemas para concursos de Jogos Florais. Em 1745, tendo sido premiado, animou-se a mudar para Paris, onde se tornou discípulo de Voltaire e fundou o jornal literário "O Observador" (mas não teve condições de sustentá-lo, sendo obrigado a abandoná-lo em pouco tempo). Em 1746, ganha o prêmio da Academia Francesa com o poema "A Glória de Luís XIV Perpetuada no Rei Seu Sucessor", que o tira da miséria. Escreve para o teatro algumas tragédias, como "Denis, o Tirano" (1748), "Aristomène", (1749), "Cleópatra"(1750),"Os Heráclidas" (1752); com exceção da primeira, as peças não fizeram muito sucesso. Projetou-se na literatura com os livros "Contos Morais" (1761), "Belisário" (1767) e "Os Incas ou a Destruição do Império do Peru" (1777). Em 1763 entrou para a Academia Francesa, onde substituiu D'Alembert no cargo de secretário perpétuo, em 1783. Em 1771 obteve o cargo de historiógrafo de França, por intermédio de Madame Pompadour. Em 1789, ao iniciar-se a Revolução Francesa retirou-se para Ablonville, perto de Evreux. Cinco anos após sua morte, em 1804 apareceu um livro autobiográfico "Memórias de um Pai para Servir à Instrução de Seus Filhos".

Marot (Clément)

Poeta francês (Cahors, França, 1496 — Turim, Itália, 1544). Filho do poeta Jean Marot, as únicas informações sobre sua vida são as referências encontradas em suas poesias. Pajem do secretário do rei em 1514, parece também ter trabalhado como escrevente no Departamento de Justiça, seguindo o caminho normal para os rapazes de famílias burguesas. No ano seguinte, parece ter começado a escrever. Em pouco tempo, interessou-se em seguir os passos do pai como poeta da corte. Em 1519 entrou a serviço da futura rainha de Navarra, irmã do Rei Francisco I, uma das mulheres mais notáveis da Renascença (além de proteger os artistas, era tambem poetisa). Em 1526 foi preso por ter comido carne na Quaresma. Na prisão, escreveu "O Inferno" (publicado em 1539). Libertado pouco depois, foi preso novamente por ter solto um prisioneiro. Sua espirituosa "Epístola ao Rei" tirou-o da prisão. Em 1527, com a morte do pai, Clément Marot obteve o cargo de "valet de chambre" de Francisco I. Em 1531, gravemente doente, foi roubado por seu criado, o que lhe inspirou a "Epístola ao Rei por Ter Sido Roubado". Em 1534, seu nome apareceu entre os suspeitos de uma rebelião. Margarida de Navarra conseguiu fazê-lo fugir para Ferrara. Em 1536, foi para Veneza, sentindo porém muita falta da vida da corte parisiense. Pode retornar a Paris somente quando abjurou o protestantismo. Porém, a tradução dos "Salmos", iniciada em

Marlborough, John Churchill — Marot, Clément

1541, faz com que seja novamente suspeito. É obrigado então a deixar mais uma vez a França, indo para Genebra e depois Turim. Além de epístolas e rondós, compôs também elegias e baladas. Em 1532 reuniu suas poesias da juventude na "A Adolescência Clementina". Sua tradução dos "Salmos" (1541/43) despertou na época grande interesse por parte dos protestantes; entretanto, com o passar do tempo foi esquecida.

Marshall (Alfred)

Economista britânico (Londres, 1842 — Cambridge, 1924). Educou-se no Merchant Taylor's School e, depois, no St. John's College de Cambridge. Em 1877, tornou-se reitor da Universidade de Bristol, mas abandonou o cargo em 1881. Professor de economia política em Oxford, retorna a Cambridge, na mesma função, em 1885. Membro da comissão real de 1891 a 1894, abandonou o ensino em 1908. Teve grande influência na formação da escola dos economistas neoclássicos. O trabalho "Princípios de Economia" (1890) é considerado sua mais importante contribuição para a literatura econômica, tornando-se obra clássica sobre o assunto. Distingue-se pelos métodos de análise e pelo emprego de vários conceitos novos, tais como elasticidade de demanda, análises do marginalismo, etc. Sua obra seguinte, "Indústria e Comércio" (1919), é um estudo da organização industrial. Sua última obra foi publicada em 1923: "Dinheiro, Crédito e Comércio".

Marshall (George Catlett)

General e político norte-americano (Uniontown, 1880 — Washington, D. C., 1959). Graduou-se no Instituto Militar de Virgínia em 1901 e no ano seguinte foi, como segundo-tenente, para as Filipinas. Durante a Primeira Guerra Mundial, combateu na frente francesa e, de 1919 a 1924, permaneceu como adjunto do General Pershing. Em 1924, partiu para a China, onde permaneceu até 1927 como comandante das tropas estacionadas naquele país. Em seguida, foi encarregado da instrução na Escola de Infantaria do Fort Benning, onde exerceu uma forte influência sobre o espírito do corpo americano de oficiais. Simpatizante de Roosevelt, foi nomeado em 1939 chefe do Estado-Maior do Exército, posto que conservou durante a Segunda Guerra Mundial. Nos seis anos seguintes, dedicou-se à criação de novas divisões, treinamento de tropas, desenvolvimento de novas armas e seleção de oficiais. Junto a Roosevelt, participou de todas as grandes conferências dos chefes militares aliados. Em 1945, foi indicado por Harry Truman para representá-lo nas discussões sobre a guerra civil chinesa. Mas, enquanto isso, os comunistas, comandados por Mao Tsé-tung, tomavam posições estratégicas. Voltando aos Estados Unidos, foi escolhido por Truman como secretário de Estado (1947). Nessa fase, convencido de que o Extremo Oriente estava perdido, voltou seus esforços para o reerguimento da Europa. Propôs o plano que ficou famoso com seu nome. Marshall também preparou as negociações para a criação da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Como secretário de Estado, obteve ainda o fornecimento de ajuda à Turquia e à Grécia, e o reconhecimento de Israel como Estado. Demissionário em 1949, tornou-se presidente da Cruz Vermelha americana, mas a Guerra da Coréia fez com que voltasse a ser ministro da Defesa (1950/51). Procurou reforçar o poder americano no Oriente. Em 1953, como representante do presidente Eisenhower, assistiu à coroação da Rainha Elizabeth II. No mesmo ano, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, pelos seus esforços no sentido de ajudar a reabilitação econômica européia, sem a qual, conforme afirmou, não haveria "estabilidade política nem tampouco paz assegurada".

Marsílio de Pádua

Teólogo italiano (Pádua, c. 1275/80 — Munique, 1342). Estudou medicina na Universidade de Pádua e foi reitor da Universidade de Paris, em 1313. No conflito entre o Papa João XXII e o Imperador Luís da Baviera (para cuja corte ele fora em 1326), interveio em favor deste último com seu tratado chamado "Defensor Pacis" (1326), uma das obras mais ousadas da Idade Média. Afirma a independência absoluta do Estado diante da Igreja. Marsílio acreditava essencial ao soberano ser escolhido pelos cidadãos; as Forças Armadas colocadas a seu dispor deveriam ser suficientes para manter a ordem, mas não para torná-lo um tirano. Se traísse a confiança de seus súditos, o soberano poderia ser deposto ou castigado. Segundo ele, a igreja que interferisse com os direitos do imperador só causaria agressões e distúrbios. Uma vez que Cristo ensinara a submissão ao poder civil, acreditava que as pretensões temporais do papado não eram válidas. Negava, não somente ao papa mas também aos bispos, o direito de excomunhão ou de impor uma interdição. Heréticos deveriam ser punidos por tribunais civis. O poder do clero deveria ser somente espiritual e o poder supremo na Igreja caberia a um concílio geral, dirigido pelo soberano, no qual tanto o clero como os leigos estivessem representados. Esse conselho teria também o poder de depor ou punir um papa. Em 1327, Marsílio foi condenado como herético. No mesmo ano, acompanhou Luís na sua expedição à Itália. Quando Luís entrou em Roma (1328) Marsílio foi recompensado com sua nomeação para vigário imperial da cidade. Após a retirada das tropas imperiais da Itália, Marsílio passou o resto de sua vida na Baviera. Em 1342 publicou "Defensor Minor", sumário de seu trabalho anterior. Sua obra — um dos mais importantes tratados políticos da época — foi lida por Lutero e Wycliffe e teve influência sobre a Reforma. Marsílio lutou pela abolição do dízimo e defendeu a estatização de propriedades do clero.

Marti (José)

V. **Marti,** Enciclopédia Abril vol. VIII

Martin (Pierre)

Engenheiro francês (Bourges, 1824, — Fourchambault, 1915). Filho de Emile Martin, proprietário de uma fundição em Charente. Jovem ainda, interessou-se pelo processo então em uso para fabricação de aço, descoberto por Henry Bessemer. Em 1856, o engenheiro alemão William Siemens (radicado na Inglaterra) descobriu um sistema de reaproveitamento dos gases quentes de fornos para pré-aquecimento de ar de combustão, que permitia atingir-se temperaturas muito elevadas. Esse processo foi inicialmente aplicado com sucesso em fornos de vidro. Martin, na França, retomou a idéia e aplicou o princípio (sistema regenerativo de recuperação) no desenvolvimento de um forno para fusão de aço, com grande sucesso tecnológico, cujos resultados apresentou na Exposição de Paris de 1867, onde ganhou a medalha de ouro. O novo sistema consistia em obter ligas finas de aço, através da fusão de uma mistura de gusa, sucata de aço, depois refinado com descarburação e desfosforação. No entanto, foi difícil para Martin obter a patente de seu invento, com a alegação de que utilizava apenas métodos conhecidos. Estava com 83 anos, quando o Comité des Forges de France instituiu um fundo em seu benefício, com contribuições recolhidas dos principais países produtores de aço. Em 1915, ganhou a medalha Bessemer de ouro, de Iron an Steel Institute, mas não pôde comparecer para receber o prêmio. Seu sistema difundiu-se com o nome de processo Siemens-Martin sendo ainda muito utilizado.

Martin Du Gard (Roger)

Escritor francês (Neuilly-sur-Seine, 1881 — Bellême, 1958). De uma família de banqueiros e magistrados, formou-se em 1905 como arquivista-paleógrafo. Decidindo tornar-se escritor, começa a trabalhar num livro sobre a vida de um santo (o padre da diocese de Sées), que jamais terminará. Em 1908, escreve "Devenir", romance no qual já se definem os traços que o caracterizariam: a ausência do autor atrás dos personagens, sua preocupação com problemas de saúde e a concisão de estilo. Em 1909, Martin Du Gard vai viver no campo, onde escreve "Jean Barois", publicado em 1913, escrito inteiramente em cenas dialogadas e indicações breves, como um texto cênico; e "Testamento do Pai Leleu", uma peça de teatro. Após participar da Primeira Guerra Mundial (1914/18), instala-se em Clermont-dans-l'Oise (1920), onde começa a coletar dados para o romance "Os Thibault", em cuja execução levará dezessete anos (1920/37). Nesse ínterim escreve uma farsa, "O Orgulhoso" (1924) a novela "Confidência Africana" (1931) e um drama em três atos, "Um Taciturno" (1931). Em 1937, quando prepara o último volume de "Os Thibault", ganha o Prêmio Nobel de Literatura. Durante a Segunda Guerra Mundial, fixa-se na Martinica, onde escreve o romance "Lembranças do Coronel de Maumort", que não chega a terminar. Em 1951, escreve "Notas sobre André Gide", que foi seu grande amigo.

Martini (Simone di Martino, dito Simone)

Pintor italiano (Siena, c. 1284 — Avinhão, 1344). Aluno de Duccio di Buominsegna, dele herdou o amor às cores harmoniosas e puras. A isso acrescentou a graça do traço e a delicadeza de interpretação inspiradas pelo gótico, que estudara na Itália. Sua primeira obra documentada é o grande afresco da Sala del Mappamondo no Palazzo Publico, Siena, a "Maestà" (1315). Dois anos depois, em Nápoles, pintaria o retrato de Roberto d'Anjou. A efígie eqüestre do Condottiere Guidoriccio da Fogliano, no palácio municipal de Siena (1328), é uma das obras mais importantes da pintura sienense: Entre este trabalho e a "Anunciação" (1333), (uma das maiores expressões do gótico sienense) nada subsiste das obras de Simone. Em 1339, deixa a Itália e vai para Avinhão. De seus últimos anos, ficaram vestígios de afrescos na catedral de Avinhão e um políptico (ciclo da "Vida de Cristo").

Martin Luther King Jr.

V. **Martin Luther King,** Enciclopédia Abril (vol. VII).

Martins (Domingos José)

Revolucionário brasileiro (Itapemirim, ES, 1781 — Recife, PE, 1817). Passou algum tempo na Bahia, dedicando-se ao comércio. A seguir, foi para Lisboa e depois Londres. Ao retornar para o Brasil, estabeleceu-se no Ceará, onde enriqueceria com negócios de algodão. Esta fortuna iria permitir-lhe financiar a Revolução Pernambucana de 1817. Marcado pelas idéias liberais que encontrara em Londres, membro da maçonaria, tornou-se um dos principais líderes da revolução. Ferido e preso no comando do exército, o rebelde foi executado com mais treze companheiros.

Martins (Francisco Antônio)

Militar brasileiro (Taquari, RS, 1826 — São Borja, RS, 1893). De origem humilde, foi carpinteiro de profissão e exerceu as mais variadas atividades. Assentou praça em 1849, no 10.º Corpo de Cavalaria de Guardas Nacionais. Promovido a tenente em 1858, ocupou em diversas oportunidades os cargos de juiz de paz e de delegado de polícia. Ao irromper a Guerra do Paraguai, apresentou-se como voluntário e recebeu comandos na fronteira do Rio Grande do Sul. Ao se iniciar a invasão do território inimigo, teve destacada atuação em diversas batalhas, especialmente em Passo Pocu, Vila del Pilar e Humaitá, tendo ainda participado dos contingentes que ocuparam Assunção. Em princípios de 1870, último ano da guerra, após várias promoções e condecorações, recebeu o comando do 21.º Corpo Provisório, acampado junto ao Aquidabanigui, vanguarda de uma parte das tropas brasileiras. Juntamente com o Major Vieira Peixoto,

Marshall, Alfred — Martins, Francisco Antônio

preparou e executou o ataque de surpresa do Passo das Taquaras e foi sua tropa a que enfrentou Solano López em seu último reduto de Cerro Corá. De regresso à pátria, recebeu as honras de coronel do exército, e a seguir as insígnias de brigadeiro honorário. Terminou sua carreira como comandante da guarnição de fronteira de São Borja, onde se encontra sepultado.

Martins (Gaspar da Silveira)

Parlamentar e político brasileiro (Bagé, RS, 1835 — Montevidéu, Uruguai, 1901). Bacharel em direito pela Faculdade de São Paulo, ingressou na magistratura como juiz municipal no Rio de Janeiro. A partir de 1862, eleito deputado provincial, exerceu esse cargo em três legislaturas; resignou ao mesmo para assumir a cadeira de senador para a qual fora nomeado pela Carta Imperial de 31 de março de 1880. Em 1889, último ano da monarquia, foi nomeado conselheiro extraordinário, e a 24 de julho do mesmo ano assumiu a presidência da Província do Rio Grande do Sul. A proclamação da República surpreendeu-o em trânsito para o Rio de Janeiro, onde assumiria a cadeira de senador vitalício. Indicado por Ouro Preto para substituí-lo como presidente do conselho, foi destituído pelo golpe militar de 15 de novembro, que proclamara a República. Ao desembarcar, no dia seguinte, recebeu ordem de prisão, e, a seguir, foi banido. A 21 de dezembro seguiu para a Europa, na companhia de seu filho Álvaro. Em 19 de novembro de 1890, com a revogação do ato de banimento, regressou ao Rio Grande do Sul, onde se envolveu nos movimentos que caracterizaram a demorada e difícil implantação da República naquele Estado. Os ânimos estavam exaltados contra o governo de Floriano Peixoto. Quando irrompeu a Revolução Federalista de 1893, Gaspar da Silveira Martins foi envolvido pelos acontecimentos, uma vez que, pouco antes, no Congresso de Bagé, defendera uma revisão da Constituição e a adoção do regime parlamentarista. Terminada a revolução, com a paz de Pelotas, assinada em 23 de agosto de 1895, retirou-se para sua fazenda no Uruguai, falecendo repentinamente em Montevidéu.

Martins Fontes (José)

Poeta e médico brasileiro (Santos, SP, 1884 — idem, 1937). De seu pai, Silvério Fontes, recebeu influência filosófica e política, em especial através do órgão "A Orientação Social", que editava em Santos. Isto, e sua longa e intensa atuação como médico clínico e grande pediatra, em Santos, nos serviços públicos de higiene, na Beneficência Portuguesa e em fábricas, afora sua clínica particular, que atendia as classes mais pobres, fez dele um revoltado ante a miséria e as injustiças sociais vigentes. Proclamava-se "ateu, graças a Deus" e tinha como lema a frase que o celebrizou: "Como é bom ser bom". Estudante de medicina no Rio de Janeiro, conheceu Olavo Bilac (1901), na então famosa Confeitaria Colombo, e tornou-se amigo da intelectualidade da época, notadamente Goulart de Andrade, Oscar Lopes, Emílio de Meneses e Bastos Tigre. Ao formar-se em medicina, foi para a Amazônia, mas fixou-se logo depois em Santos, onde exerceu prolongada e fecunda atividade profissional. Estreou em 1919 com o livro de versos "Verão"; seguiram-se vários outros, que fizeram dele um dos maiores parnasianos da segunda geração. Bilac apontou-o como o príncipe dos poetas brasileiros. Negou-se a participar da Semana de Arte Moderna de 1922; em conseqüência, os organizadores procuraram menosprezar sua obra, na qual se encontram três fontes básicas de inspiração: São Francisco de Assis, o Rio de Janeiro e São Paulo. Conferencista brilhante, dotado de perfeita dicção, encarnou, no antigo Coliseu paulistano, o cardeal espanhol de "A Ceia dos Cardeais" de Júlio Dantas. Tornou-se membro correspondente da Academia de Ciências de Lisboa (1924). Em 1936 publicou "Poesias Completas". Deixou várias obras inéditas ao falecer, em "plena beleza e em plena glória" e "em pleno dia", como desejava.

Martins Júnior (José Isidoro)

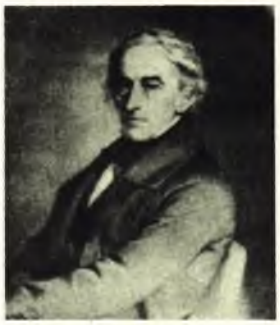
Historiador, jurisconsulto e político brasileiro (Recife, PE, 1860 — Rio de Janeiro, 1904). Formou-se pela Faculdade de Direito do Recife (1883). onde, posteriormente, ocupou a cátedra de história do direito. Ativo participante das campanhas pela abolição e pela instituição da República, foi eleito deputado estadual em Pernambuco (1892) e deputado federal (1893). Teve destacada atuação como advogado e jurisconsulto no Rio de Janeiro, onde lecionava na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, sendo também sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi secretário do governo de Quintino Bocaiúva no Estado do Rio de Janeiro (1901/03) e teve brilhante atuação como jornalista e poeta.

Martins Pena (Luís Carlos)

Comediógrafo brasileiro (Rio de Janeiro, 1805 — Lisboa, 1848). Órfão de pais, foi educado pelo avô e por um tio, que o destinavam à carreira comercial; aos dezessete anos foi matriculado na aula de comércio. Na Escola Imperial de Belas-Artes iniciou-se em arquitetura, escultura, pintura, música e canto. Emancipando-se da tutela do tio, abandonou as atividades comerciais e dedicou-se às letras. Escreveu folhetins para os jornais e fez crítica teatral. Foi amanuense na mesa do Conselho do Rio de Janeiro, até ser transferido para a Secretaria de Estado dos Estrangeiros (1843). Como adido de primeira classe da legação brasileira, seguiu para Londres (1847). Vítima de uma afecção pulmonar, morreu em Lisboa, durante a viagem de regresso ao Brasil. Embora tenha falecido jovem, deixou extensa obra teatral e, por cerca de dez anos forneceu peças a João Caetano dos Santos, o maior ator da época. Chamavamno, talvez com exagero, o "Molière brasileiro". Foi, sem dúvida, o iniciador do chamado teatro de costumes

no Brasil. Suas peças, no gênero da "zarzuela" espanhola, são farsas às vezes de intensa comicidade e têm, em plena época romântica, características pré-realistas, pela apresentação de uma verdadeira galeria de tipos populares e pelo emprego do linguajar da gente do Rio de Janeiro e arredores. Constituem também importante fonte para o estudo dos costumes e do linguajar da época. Seu teatro é tipicamente brasileiro, e dentre suas peças mencionam-se as comédias "O Juiz de Paz na Roça" (1838), "A Família e a Festa na Roça" (1840), "Judas em Sábado de Aleluia" e "Os Irmãos das Almas" (1844), "O Caixeiro da Taverna", "Os Dois ou O Inglês Maquinista", "O Diletante", "O Noviço" e "Quem Casa Quer Casa" (1845); os dramas "Dona Leonor Teles", "Vitiza ou o Nero da Espanha" e "O Cigano". Uma coletânea de suas peças foi publicada (1898) sob o título "Teatro". O Instituto Nacional do Livro publicou uma edição crítica de sua obra, em 1956. É patrono da cadeira número 29 da Academia Brasileira de Letras. Suas peças ainda hoje encontram receptividade.

Martius (Carl Friedrich Philipp von)



Botânico alemão (Erlangen, reino da Baviera, 1794 — Munique, 1868). Ao diplomar-se em medicina (1814), já era assistente do naturalista e botânico Francisco de Paula von Schwank. A convite do rei da Baviera, veio para o Brasil com a comitiva científica que acompanhou a arquiduquesa Dona Leopoldina, filha do imperador da Áustria, que se casara por procuração com Dom Pedro de Bragança, futuro imperador do Brasil. Tinha incumbência de, em companhia de João Batista Spix, estudar a botânica, a zoologia, a mineralogia e a etnologia da terra brasileira. Chegou ao Rio de Janeiro em 15 de julho de 1817 e durante três anos viajou pelas províncias de São Paulo e Minas Gerais, chegando aos limites de Goiás; percorreu a Bahia e regiões de Pernambuco, Piauí e Maranhão, subindo afinal o rio Amazonas. O material colhido e levado para a Europa foi imenso e de incalculável valor científico. Publicou, em co-autoria com Spix (1823/31), o relato das suas viagens na famosa obra "Reise in Brasilien" ("Viagem pelo Brasil"), que constitui um marco nas pesquisas naturalistas do Novo Mundo. Seu trabalho mais importante foi no campo da flora, tendo publicado, em 1840, o primeiro fascículo da "Flora Brasiliensis", continuada, após sua morte, por inúmeros colaboradores. A obra, com um total de 20 773 páginas infólio e 3 811 pranchas de página inteira, foi realizada por 65 especialistas de nove países e levou 66 anos para ser completada. Por cerca de trinta anos teve a supervisão direta de Martius. Classifica 850 famílias, com mais de 8 000 espécies descritas e cerca de 1 400 figuradas. A partir de 1852, o governo brasileiro passou a dar uma contribuição financeira para possibilitar a continuidade da publicação e Martius juntou a seu título "Sublevatum populi brasiliensis liberalitate" ("Publicado graças à liberalidade do povo brasileiro"). Contribuiu ainda de modo positivo para a história brasileira com sua dissertação "Como se Deve Escrever a História do Brasil" (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. VI). Seus estudos "Contribuição para a Etnografia e Lingüística da América, Especialmente do Brasil" (1867) e "Glossário das Línguas Brasileiras" (1863) são obras básicas, válidas até hoje.

Martone (Emmanuel de)

Geógrafo francês (Chambries, 1873 — Sceaux, 1955). Diplomado pela Escola Normal Superior, foi agregado de história e de geografia, tendo lecionado essas matérias nas faculdades de letras de Rennes, Lyon e Paris. Foi professor da Sorbonne, cujo Instituto de Geografia organizou. Instituiu as Excursões Anuais interuniversitárias (1905), ponto de partida para os trabalhos de campo dos setores de geografia das universidades francesas. Foi co-diretor dos "Anais de Geografia", secretário-geral e presidente da União Geográfica Internacional e recebeu o título de doutor "honoris causa" e foi membro honorário dos maiores centros culturais da Europa e da América. Grande incentivador da antropogeografia, publicou sobre o assunto os trabalhos intitulados "Vida Pastoral nos Cárpatos Meridionais" e "Evolução Morfológica dos Alpes da Transilvânia". Esteve duas vezes no Brasil (1933 e 1937); na segunda, ministrou cursos e proferiu conferências sobre geografia física na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Publicou, dentre outros, os seguintes trabalhos: "Problemas Morfológicos do Brasil Tropical Atlântico", "Tratado de Geografia Física", "Os Alpes", "Geografia Aérea", "Resumo de Geografia Física", "Geografia Física da França", "A Europa Central". Foi também o autor da primeira carta morfológica relativa a um país inteiro, na escala de 1: 1 000 000, como parte integrante do "Atlas da França", publicado em 1948.

Marx (Karl)

V. **Marx,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Masaccio (Tommaso di Giovanni).

V. **Masaccio,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Mascagni (Pietro)

Músico e maestro italiano (Livorno, 1868 — Roma, 1945). Filho de um banqueiro, estudou piano às escondidas do pai, que o destinava à advocacia. Por esse motivo, foi expulso de casa e buscou a proteção de um

Martins, Gaspar da Silveira — Mascagni, Pietro

tio. Graças a seu talento musical, tornou-se protegido do Conde Florestan, que custeou seus estudos com Ponchielli e Saladino. Iniciou-se profissionalmente como maestro de pequenas orquestras até que recebeu o Prêmio Sonzogno, com a ópera "Cavalleria Rusticana" (1890), onde expressa o caráter exuberante de sua música. Nomeado diretor do Conservatório Musical Rossini, atuou ali durante muito anos. Constituiu uma companhia lírica, que viajou repetidas vezes pela Europa e pelo Novo Mundo. Esteve no Brasil pela primeira vez em julho de 1911, obtendo grande êxito no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Destaca-se entre os compositores da escola verista italiana. Suas obras, extremamente diversificadas, incluem óperas, sinfonias, peças para coro e orquestra, além de numerosas peças nos mais variados estilos musicais. Além de "Cavalleria Rusticana", que lhe deu fama mundial e que continua a ser uma das óperas mais apreciadas do repertório lírico, destacam-se: "O Amigo Fritz", "Guilherme Ratclif", "Silvano", "A Máscara", "Finlândia", "Hino à Alegria", "O Pequeno Marat" e "Nero".

Mascarenhas de Morais (João Batista)

Militar brasileiro (São Gabriel, 1883 — Rio de Janeiro, 1965). Ingressou na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo (1899), transferindo-se para a Escola Militar do Brasil, no Rio de Janeiro (1902), da qual saiu alferes-aluno e com o curso das três Armas (1905). Formou-se em engenharia militar e em matemática e ciências físicas pela Escola de Artilharia e Engenharia do Realengo (GB). Com o posto de primeiro-tenente-ajudante, participou da demarcação da fronteira brasileiro—boliviana (1910/14), do Tratado de Petrópolis (1903), relativo à incorporação do Território do Acre. Respeitando com rigor a disciplina militar e as autoridades constituídas, esteve sempre, desde o posto de capitão, à frente das unidades que comandou contra os movimentos revolucionários que, entre 1922 e 1935, perturbaram o país. No posto de coronel, comandou a Escola Militar do Realengo (GB, 1935-37) e a 9.ª Região Militar (MT, 1937/38). Nos postos de general-de-brigada e de general-de-divisão, teve atuação preponderante no adestramento das forças militares brasileiras ante a perspectiva de uma luta contra o expansionismo nazi-fascista. No comando da 7.ª Região Militar (NE, 1940/43) e no da 2.ª Região Militar (SP, 1943), mobilizou reservas e adestrou tropas. Em São Paulo, participou de campanhas visando a preparar a opinião pública para a entrada do Brasil na guerra. Foi nomeado comandante da 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária (dezembro de 1943), a Força Expedicionária Brasileira-FEB, que lutou na frente italiana (entre 1944 e 1945). Sob seu comando, as forças brasileiras conquistaram Camaiore, Monte Prano, Monte Castelo, Montese, Castelnuovo e Callechio Farnovo, Rocca e Marano, tendo capturado a 148.ª Divisão de Infantaria e a 90.ª Divisão Panzer Grenadier, alemãs, bem como os remanescentes da Divisão Bersaglieri, italiana. Terminada a guerra, transferiu-se para a reserva, no posto de general-de-exército (1946). Em setembro do mesmo ano, a Assembléia Nacional Constituinte, nas disposições transitórias da Constituição então votada, concedeu-lhe o posto de marechal. Posteriormente (1951), o Congresso Nacional votou lei revertendo-o à ativa, naquele posto, em caráter vitalício. Ao falecer, com 64 anos de serviços efetivos, na qualidade de único marechal da ativa e de autêntico herói, foi velado no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial e sepultado com as honras de ministro de Estado. Publicou "A FEB pelo Seu Comandante" (1947) e deixou a obra póstuma "Memórias".

Mascheroni (Lorenzo)

Matemático e poeta italiano (Bergamo, 1750 — Paris, 1800). Professor num seminário, ordenou-se sacerdote e dedicou-se ao estudo da matemática, tendo ocupado a cátedra de geometria da Universidade de Pavia (1786). Grande defensor das idéias liberais, foi eleito representante do povo quando da constituição da República Cisalpina. Enviado a Paris para integrar a Comissão Internacional de Pesos e Medidas (1798), não pôde voltar à pátria devido à invasão da Lombardia pelos exércitos austro-russos. Morreu às vésperas da batalha de Marengo, na qual Napoleão esmagou as forças inimigas. Das suas obras científicas, citam-se: "Nuove Ricerche sull'Equilíbrio delle Volte" (1786), "Adnotationes ad Calculum Integrale" (1792), "Problemi per gli Agrimensori" (1793), "Geometria del Compasso" (1797). Das obras poéticas, a mais importante é o poema "Invito di Dafni Orobiano a Lesbia", bem como o sermão em versos "Sulla Falsa Eloquenza del Pulpito".

Masolino de Panicale (Tommaso di Cristoforo Fini, dito)

Pintor florentino (Panicale di Valdessa, 1383 — morto provavelmente entre 1440/47). Conhecido como Masolino (diminutivo de Tommaso), pintou afrescos (1428/35) na Igreja de Castiglione di Olona, com cenas da vida da Virgem Maria, de São Lourenço e de Santo Estêvão. As pinturas só foram descobertas e identificadas muito mais tarde como de autoria de Masolino. Fez também afrescos na capela dos Brancacci, em Florença. Presume-se que haja sido discípulo de Ghiberti, com quem colaborou na execução da Ponte do Batistício. Em sua obra evidencia a influência de Fra Angelico e Giotto ao lado de elementos inovadores de naturalismo, o que faz dele um dos representantes da escola naturalista de Florença. Sua produção foi bastante heterogênea. Seu nome encontra-se documentado no Grêmio dos Pintores de Florença (1423), na Confraria de Santa Cruz de Empoli, bem como na Hungria, onde trabalhou por conta do "condottiere" Pippo Spano. Das suas obras conhecidas, ou identificadas como de sua autoria, citam-se: "A Virgem", no Museu de Belas-Artes de Bremen; afrescos da vida da Virgem (na igreja paroquial) e a "Vida de São João Batista" (no batistério), em Castiglione d'Olona; "Pietà" (no batistério da catedral) e "A Virgem Rodeada de Anjos" (Igreja de Santo Estevão), em Empoli; em Florença: afrescos da capela dos Brancacci "A Prédica de São Pedro", bem como outras obras que só foram terminadas por Masaccio, discípulo de Masolino.

Maspero (Gaston Camille Charles)

Egiptólogo francês (Paris, 1846 — Paris, 1916). Estudou na Escola Normal Superior de Paris e, após um ano na África do Sul (1867-68), ingressou na Escola de Estudos Superiores. Encarregado da cadeira de arqueologia e filologia egípcias no Colégio de França (1873) foi, a seguir, titular da mesma cadeira (1875). Enviado ao Egito, em 1880, como chefe de uma missão arqueológica oficial, sucedeu a Mariette na direção do Museu de Boulag. Tornou-se também diretor geral das escavações e das antiguidades daquele país. Descobriu cerca de 36 sarcófagos da XVII dinastia, abriu pirâmides e desvendou uma necrópole intocada (1884). Durante dois anos (1884-86) procedeu a escavações no templo de Lúxor e na Grande Esfinge. A seguir, retomou suas funções de professor na França, tendo, no entanto, regressado ao Egito e recomeçado a exploração metódica das pirâmides de Mênfis e as escavações do templo de Carnac. Doutor em letras (1873), publicou entre outras, as seguintes obras: "Estudo sobre a Inscrição Dedicatória do Templo de Abidos e da Juventude da Rainha Sesostris", "História Antiga dos Povos do Oriente", "Os Templos Submersos da Núbia", "Ensaios sobre a Arte Egípcia" e "Estudos de Mitologia e de Arqueologia Egípcia".

Massenet (Jules Emile)

Músico francês (Monaud, próximo de Saint-Etienne, 1842 — Paris, 1912). Aprendeu com sua mãe as primeiras noções de música e foi matriculado no Conservatório de Paris (1851), tendo como mestres Savart, no solfejo, e Laurent, no piano. Fugiu da casa paterna em Camberry, para onde a família se retirara, e regressou a Paris, indo viver com uma irmã. Estudou na classe de composição de Ambroise Tomas. Obteve um segundo prêmio de contracanto e menção honrosa no Conservatório de Roma com uma cantata, "Mademoiselle de Montpensier" (1862). No ano seguinte, ganhou o primeiro prêmio de contracanto e fuga, e o grande prêmio de Roma com a cena lírica "Davi Rizzio". Inicia-se, a seguir, no teatro lírico, gênero que o consagrou, principalmente após a estréia de "Manon" (1884), onde está patente seu talento de melodista e que o confirma como um dos maiores representantes da ópera romântica francesa. Em 1879, foi nomeado professor de fuga e composição do Conservatório de Paris. Compôs peças de câmara, com motivos religiosos, e sinfonias, mas sua atividade principal foi o teatro lírico, com mais de trinta óperas, para os libretos das quais contou com a colaboração de grandes nomes literários, como Catulle Mendès, Jules Clarette e François de Creisset. Massenet exerceu considerável influência sobre os músicos de sua geração.

Massillon (Jean-Baptiste)

Orador sacro francês (Hyères, 1663 — Beauregard, 1742). Educado pelos padres do Oratório em sua cidade natal, foi depois para Marselha, estudar filosofia. Aos dezoito anos, tomou o hábito de oratoriano e estudou filosofia em Arles. Foi professor de belas-artes em Perenas e Montbrisson. Ordenou-se em Viena (1692), onde pregou suas duas primeiras orações fúnebres, as dos arcebispos de Viena e de Lyon. Após um retiro voluntário na abadia de Septfonts, começou a tornar-se notado em Paris por suas conferências e, sobretudo, pela "Quaresma do Oratório" (1699). No mesmo ano, a pedido do próprio rei, pregou o "Advento", na corte, sucedendo-se as "Quaresmas" de 1701 e de 1704. Em 1717, foi nomeado bispo de Clermont-Ferrand e em 1718 pregou diante do jovem Luís XV os dez sermões reunidos sob a designação de "Pequena Quaresma", que são apontados como sua obra-prima. Pronunciou orações fúnebres notáveis, como a do príncipe de Conti (1709), do grande Delfim (1711) e a de Luís XIV. Dos seus inúmeros sermões, ficaram famosos, entre outros, os sobre "A Morte", a "Independência Final" e, sobretudo, o "Pequeno Número dos Escolhidos". Pregava ao jovem príncipe um ideal de paz e bondade, que contrastava vivamente com o despotismo do reinado precedente. Embora fosse hábil em louvar e em tocar os corações, tinha a coragem de, diante do príncipe e dos severos censores, fazer advertências sobre as necessidades e os direitos dos povos. Voltaire e Saint-Beuve louvaram-lhe a eloqüência e o elevado teor dos seus sermões. Entrou para a Academia Francesa (1719), retirando-se pouco depois para sua diocese (1721).

Massinissa

Guerreiro númida (cerca de 240 a.C. — c. 148 a.C.). Filho do rei Gala, fez a campanha da Espanha ao lado dos cartagineses, dos quais era aliado. Assistiu à derrota destes em Ilipa (207 a.C.) e, regressando à África, apossou-se do poder, embora seu reino, nominalmente independente, sofresse decisiva influência de Cartago. Temerosos da sua influência, os cartagineses lançaram contra ele o rei Sífax, seu aliado. Entretanto, em relações com Laelius (205 a.C.), contribuiu para o êxito do desembarque dos exércitos de Cipião em Utica, a fim de atacar Cartago. Depois da Batalha das Grandes Planícies, perseguiu Sífax e aprisionou sua esposa, a rainha Sofonisa, filha de Asdrúbal. Vingava-se, assim, deste último que lhe havia anteriormente prometido a mão da filha. Por ordem de Cipião, devolveu a liberdade à rainha, vindo a tornar-se vassalo de Roma, com o título de rei. Suas provocações sucessivas forçaram a reação de Cartago, provocando a III Guerra Púnica (149), na qual o poder e a civilização cartagineses foram arrasados definitivamente pelos romanos. Sob a influência dos cartagineses, Massinissa transformou uma tribo de salteadores em um Estado razoavelmente organizado, do qual a capital, Cirta, tornou-se importante centro comercial. Possuía um exército aguerrido e até uma esquadra. Massinissa chegou a ser o maior soberano da África do Norte. Ao morrer, dividiu entre seus três filhos a fortuna e também as regiões que dominava, encarregando

Mascarenhas de Morais, João Batista — Massinissa

Cipião Emiliano de encaminhar a questão sucessória.

Matisse (Henri)

V. **Matisse,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Matos Guerra (Gregório de)

Poeta brasileiro, apelidado o "Boca do Inferno" (Salvador, 1633 — Recife, 1696). Filho de um fidalgo português e de uma baiana de família conceituada, freqüentou o colégio dos jesuítas de Salvador. Seguiu para Coimbra (1653), onde estudou leis e pôs banca de advogado em Lisboa. Regressou ao Brasil mas voltou para Portugal (1622), sendo nomeado curador de órfãos e juiz de crimes. Desgostoso com a Metrópole, retornou a Salvador e o arcebispo da Bahia nomeou-o vigário geral e tesoureiro-mor, com murça de cônego e as ordens menores (1681). Recusando-se a receber as ordens sacras, perdeu esses cargos com a morte do seu protetor; envolveu-se num crime e fugiu. Ameaçado de morte, tornou a fugir e acabou degredado para Angola. Regressou ao Brasil e foi residir em Pernambuco; o governador recebeu-o muito bem, desde que não mais fizesse versos satíricos. O poeta prometeu, mas não cumpriu. Abrigado por amigos, morreu, miserável, no Recife. Sua carreira literária é de difícil reconstituição cronológica, pois, na época, as poesias circulavam manuscritas, já que a imprensa era proibida no Brasil. Dificilmente pode-se ter segurança a respeito das inúmeras obras que lhe são atribuídas. Na Biblioteca Municipal de São Paulo existe uma cópia datilografada de versos pornográficos a ele atribuídos, sob o título "Sátyras Sotádicas de Gregório de Mattos". Considerado o poeta do século, sofreu marcada influência dos poetas barrocos espanhóis que procurou imitar. No entanto, isso perde a importância diante do sentido nacionalista de sua poesia. Ao que parece, tem uma primeira fase intensamente satírica; segue-se o período lírico, profano e religioso; a seguir, os dois gêneros tornam-se simultâneos e, afinal, a idade e os sofrimentos atenuam os aspectos picarescos e corrosivos. Mas a sátira é uma constante em sua obra; seu alto poder de observação, aliado a uma perfeita técnica da versificação, está voltado em especial para o sensualismo e para os acontecimentos políticos, econômicos e sociais que o cercam. Suas musas, em geral mestiças, são bem brasileiras: Bartola, Joana Gafeira, a trigueira Teresa. Desancava tudo e todos: o clero licencioso, a hipocrisia, a corrupção administrativa, os mulatos pernósticos, a pretensa fidalguia indígena, a desigualdade entre os naturais da terra e os reinóis. Mas essa sociedade improvisada, fruto do desenvolvimento econômico, do caldeamento de raças e da assimilação grotesca dos padrões portugueses, reage e vinga-se tirando-lhe os empregos, ameaçando sua vida, degredando-o, expulsando-o. Ao que retruca o indômito poeta: "Querem-me aqui todos mal / Mas eu quero mal a todos". É o patrono da cadeira número 16 da Academia Brasileira de Letras.

Mauá (Irineu Evangelista de Sousa, Barão de)

V. **Mauá,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Maugham (William Somerset)

Escritor inglês de origem francesa (Paris, 1874 — Antibes, 1966). Fez seus estudos na King's School de Canterbury e depois na Universidade de Heidelberg. Formou-se médico em Londres. Começou a escrever em sua época de estudante. Seus primeiros romances de sucesso — "Liza de Lambeth" (1897) e "Mrs. Craddock" (1902) — levaram-no a abandonar a medicina, para dedicar-se apenas à literatura. Financeiramente, a nova profissão permitiu-lhe uma vida despreocupada e viagens pela Europa, Extremo Oriente e América. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914/18), foi encarregado de realizar uma missão secreta na Rússia. Em suas obras, serviu-se em larga escala de suas experiências pessoais. Analisando com cínico bom senso o comportamento dos personagens, ele procurava superar as marcas de uma infância solitária. Apesar de sua faceta mundana, cosmopolita e tolerante, Maugham sempre deu importância central aos problemas religiosos e morais, em seus trabalhos. O romance "Servidão Humana" (1915) é considerado sua obra-prima, seguido de "Um Gosto e Seis Vinténs" (1919), inspirado na vida de Paul Gauguin, "A Vela Pintada" (1925), "A Ronda do Amor" (1930), e "Fio da Navalha" (1944), no qual fez uma apologia do misticismo ascético. A crítica vê com reservas sua produção teatral, na qual se destacam "Nossos Chefes" (1917), "O Círculo" (1921) e o conto "A Carta" (1923), adaptado para o palco e a tela. Escreveu também muitas novelas, reunidas, em 1951, sob o título de "Novelas Çompletas". Maugham afirmava que, antes de iniciar qualquer trabalho, lia "Cândido", de Voltaire — o que é sensível em seu estilo claro e na atmosfera de seus romances e novelas.

Maupassant, Guy de

V. **Maupassant,** Enciclopédia Abril (Vol. VIII).

Maupertuis (Pierre-Louis Moureau de)

Matemático e físico francês (Saint-Malo, Bretanha, 1698 — Basiléia, 1759). Capitão do exército francês, reformou-se para estudar matemática e astronomia. Aos 25 anos, foi admitido na Real Academia de Ciências de Paris. Nessa época fez-se amigo de Bernouilli, La Condamine e Voltaire, e tornou-se um ardoroso defensor das teorias de Newton. Em 1736, comandou uma missão científica francesa enviada à Lapônia, que o tornou conhecido. Publicou em 1738, "Sobre a Figura da Terra", concluindo não ser o planeta uma esfera perfeita, mas sim um esferóide, ligeiramente achatado (confirmando uma hipótese de Newton). Em 1740, Frederico II da Prússia nomeou-o diretor da Academia de Ciências de Berlim. Maupertuis acompanhou o monarca em

suas campanhas e foi preso pelos austríacos em 1741. Voltando a Berlim em 1744, envolveu-se numa disputa acadêmica com Koenig, que teria contestado sua primazia na descoberta do princípio da ação mínima, sobre o qual Maupertuis fundara a mecânica. Na qualidade de presidente da Academia de Berlim, exigiu que seus colegas se pronunciassem contra Koenig e escreveu à princesa de Orange (de quem Koenig era bibliotecário) pedindo-lhe que impusesse silêncio a seu protegido. Mas Koenig teve em Voltaire um importante aliado. Nos panfletos "Micrômegas" e "Diatribe do Dr. Akakia, Médico do Papa", Voltaire bombardeou Maupertuis com seus sarcasmos. Desentendendo-se com Frederico II, o físico deixou Berlim e dirigiu-se para Basiléia, onde morreria. Escreveu sobre diversos problemas matemáticos e, em particular, sobre as propriedades das curvas. "Estatística Aritmética" (1731), "Discursos sobre a Figura dos Astros" (1732), "Vênus Física" (1745) e "Ensaio de Cosmologia" (1751) são alguns de seus trabalhos. Interessou-se também pela formação das espécies, e formulou uma teoria transformista que, em alguns pontos, antecipou o moderno conceito de mutação.

Mauriac (François)

Escritor francês (Bordeaux, 1885 — Paris, 1970). Sua família — ricos proprietários de terras, e comerciantes — educou-o dentro de rígidas normas católicas. Fez seus estudos no colégio dos marianistas e no Liceu de Bordeaux. Depois de mudar-se para Paris, publicou "As Mãos Unidas" (1909). Em 1912 lançou seu primeiro romance, "A Criança Carregada de Correntes"; no ano seguinte saía "O Vestido Pretexto". Mobilizado para a Primeira Guerra Mundial como enfermeiro, acabou hospitalizado em Salônica. Em 1920 retomou a atividade literária, lançando "A Carne e o Sangue". Seguiram-se "Precedências" (1921) e "Beijar os Leprosos" (1922). Em toda sua obra é no estreito meio burguês de Bordeaux que se desenvolvem os eternos conflitos entre sensualidade e fé, os dois apelos inconciliáveis que constituem o tema central de seus primeiros romances. Após a publicação de "O Deserto do Amor" (1925), foi premiado pela Academia Francesa; em 1933, viu-se acolhido entre seus membros. Publicou livros de memórias ("Começos de uma Vida", 1932), de crítica literária ("A Vida de Jean Racine", 1928, "O Romance", 1928, etc.) e de meditação espiritual ("Sofrimento e Felicidade de um Cristão", 1930). Mas a influência que exerceu sobre o público deve-se sobretudo a seus romances, principalmente a "O Rio de Fogo e Genitrix" (1923), "Teresa Desqueyroux" (1927), "Destinos" (1928), "O Ninho das Víboras" (1932) e "Os Anjos Negros" (1936). A partir do primeiro da série, o autor concentrou-se em descrever a miséria da criatura humana sem Deus e, nos romances posteriores a "Teresa Desqueyroux", procurou mostrar que mesmo o homem mais atolado no mal pode contar com a misericórdia divina. Mauriac iniciou-se no teatro em 1937 com a peça "Asmodéia". Seguiram-se "Os Mal-Amados" (1945) e "Fogo sobre a Terra" (1949). A partir de 1936, ao lado de Maritain e Bernanos, colocou-se contra a política do generalíssimo Franco e a favor dos republicanos espanhóis. Seus artigos no jornal "Tempo Presente" aproximaram-no das esquerdas, que antes o qualificavam como escritor "católico". Durante a ocupação alemã da França, na Segunda Guerra Mundial, aderiu à Frente Nacional e colaborou na imprensa clandestina. Contrário à filiação a qualquer partido, opôs-se durante quinze anos aos comunistas, aos democratas-cristãos e aos conservadores. Ao lado de sua crescente atividade política —, inclusive a favor da independência de todas as colônias —, continuou a lançar artigos de crítica literária, ensaios religiosos — por exemplo, "Meus Grandes Homens" (1949) — e romances — como "Galigai", de 1952. Neste mesmo ano, Mauriac recebeu o Prêmio Nobel pelo conjunto de sua obra literária.

Maurois (Emile Salomon W. Herzog, dito André)

Escritor francês (Elbeuf, 1885 — Paris, 1967). Definiu-se pela carreira literária durante a Primeira Guerra Mundial, adotando o pseudônimo de André Maurois (que depois substituiria legalmente seu nome judeu). Sua experiência como intérprete junto ao exército britânico resultou no material de seus dois primeiros trabalhos, "Os Silêncios do Coronel Bramble" (1918) e "Discurso do Dr. O'Graddy". Enquanto dirigia a usina de seu pai em Elbeuf, após o conflito, publicou "Ariel ou a Vida de Shelley" (1923), primeira de uma série de biografias que incluiria "A Vida de Disraeli" (1927), "Byron" (1930), "Eduardo VII e Seu Tempo" (1933) e "Chateaubriand" (1938). "Pesquisa de Marcel Proust" (1949) e "Lélia ou a Vida de George Sand" (1952) são particularmente notáveis pela escrupulosa investigação de dados e pela documentação inédita. Alguns de seus romances alcançaram muito êxito; é o caso de "Bernard Quesnay" (1926), "Círculo de Família" (1932) e "Instinto da Felicidade" (1934). Deixou artigos de crítica literária e ensaios morais ("Diálogo sobre o Comando", 1924, "Sentimentos e Costumes", 1935, "Uma Arte de Viver", 1939), além de "Diário" (1946/47), "Memórias" (1948), "História da Inglaterra" (1937) e "História dos Estados Unidos" (1947). Tornou-se membro da Academia Francesa em 1938.

Maurras (Charles-Marie Photius)

Escritor e político francês (Martigues, 1868 — Saint Symphorien, perto de Tours, 1952). Aos dezoito anos, deixou a Provença e fixou-se em Paris. Logo aderiu ao positivismo de Comte (uma filosofia da ordem, ideal para seu temperamento). Teve início brilhante na crítica literária, onde combateu implacavelmente o romantismo. Durante os debates do "caso Dreyfus", foi um dos mais ativos inimigos do injustiçado militar judeu, escrevendo artigos inflamados na "Gazeta da França" e no "Sol". Em 1900, lançou a tese do "nacionalismo integral" no livro

Matisse, Henri — Maurras, Charles-Marie Photius

"Debates sobre a Monarquia": propunha como ideal o poder hereditário e antiparlamentar. Definiu a política como uma ciência natural, baseada numa ordem de realidades imutáveis (para ele, a evolução da humanidade era mais uma das ilusões românticas). Propôs uma política "não-ideológica", fundada em constâncias e previsões verificáveis. A partir de 1908, dirigiu, ao lado de Léon Daudet e Jacques de Bainville, o jornal "Ação Francesa". Este órgão doutrinário era apoiado nas ruas pelos "camelôs do rei", grupos paramilitares que procuravam criar um clima de terror, capaz de intimidar os republicanos e outros adversários e nacionalistas. Sob a influência de Maurras, o grupo do "Ação Francesa" — que, de início, reunia também republicanos — aderiu ao "nacionalismo integral", tomando toda a feição de um movimento político. Maurras doutrinou incansavelmente os simpatizantes — profissionais liberais e estudantes — para uma guerra de desforra contra a Alemanha. Em 1926, a Igreja incluiu suas obras no Index e proibiu aos católicos a adesão à Ação Francesa (proibição suspensa por Pio XII em 1939). Ciente da fraqueza militar da França, Maurras acabou fazendo campanha contra a guerra, em 1939. Embora o regime de Vichy — que colaborava com os ocupantes alemães — tenha se inspirado em suas teorias, Maurras opôs-se a ele (paradoxalmente, hostilizava também os dissidentes refugiados em Londres). Em seu jornal, publicado até 1944, investiu contra os judeus, os franco-maçons, os democratas, e propôs medidas para vencer a Resistência. Desde 1930, muitos de seus partidários tinham aderido ao fascismo. A incoerência de Maurras, durante a guerra, levou seus melhores auxiliares a ligar-se a De Gaulle, que também fora simpatizante da Ação Francesa, ou a ingressar nas fileiras colaboracionistas. Em 1945, foi condenado à prisão perpétua e, em 1952, anistiado. Suas idéias filosóficas foram desenvolvidas em "O Caminho do Paraíso" (1895), "Anthinéa" (1901) e "O Futuro da Inteligência". Sua teoria política foi reforçada nos livros "A Política Religiosa" (1912), "Minhas Idéias Políticas" (1937) e "Por uma França Jovem" (1949).

Mauss (Marcel)

Sociólogo e etnólogo francês (Epinal, 1872 — Paris, 1950). Sobrinho, discípulo e íntimo colaborador de Emile Durkheim, sucedeu-o na editoria da revista "L'Année Sociologique" (1923/25). Sua preocupação de jamais isolar um fato social do contexto cultural onde esse se situa levou-o a formular uma teoria global dos "fatos sociais como totalidades culturais". Em seus trabalhos, o interesse sociológico permanece ligado à pesquisa sobre o homem primitivo e à etnologia, domínio no qual colaborou com seu mestre para suplantar a influência de Spencer. Salientou a grande importância da ligação entre psicologia e sociologia para estudar a interação do indivíduo com o grupo. Assim, superando Durkheim, sua orientação de trabalho permitiu a aproximação da etnologia à psicologia. Entre seus trabalhos, o mais importante é o "Ensaio sobre o Dom, Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas". Nesta obra, ilustra e formula a noção de reciprocidade, ou seja, a troca, como denominador comum de grande número de atividades sociais entre os povos primitivos. A partir de Mauss, o método funcionalista mudou a perspectiva de análise. Dedicou especial atenção à investigação de conjuntos limitados de fenômenos que, para seus contemporâneos, só poderiam ser objeto de descrição e comparações eruditas. Fundamentou este método de investigação, argumentando que uma relação, mesmo que estabelecida para um único caso, mas estudada metódica e minuciosamente, era mais demonstrativa e passível de certa generalização do que relações baseadas em fatos numerosos mas desconexos. Em sua juventude participara do movimento socialista francês, liderado por Jaurès. Foi professor de história das religiões dos povos não civilizados na Escola de Altos Estudos, diretor, ao lado de Lévy Bruhl e P. Lévy, do Instituto de Etnologia, e professor do Colégio de França. Os trabalhos "Esboço de uma Teoria Geral da Magia" (1900/03), "Fragmento de um Plano de Sociologia Geral Descritiva" (1934), e "Sociologia e Antropologia" (reunindo vários estudos) completam o principal de sua produção.

Maximiliano

Arquiduque da Áustria e imperador do México (Viena, 1832 — Queretaro, 1867). De seu irmão Francisco José, imperador da Áustria-Hungria, só recebeu nomeações para postos honoríficos. Assim, aceitou sem hesitar a oferta que lhe fez, em 1863, Napoleão III, da França: a coroa imperial do México. (Napoleão III tinha em vista aproximar-se da Áustria; e esta era uma forma de compensar Francisco José pela perda da Lombardia, garantindo ao mesmo tempo o mercado mexicano para o comércio francês.) A campanha da França no México, iniciada em 1861, tinha como objetivo oficial o apoio aos católicos em guerra civil contra os liberais anticlericais, comandados por Juárez. Um ano após o ataque fracassado a Puebla (1862), nova expedição francesa desembarcou no México, e logo Maximiliano era designado imperador por uma assembléia de conservadores. Maximiliano manteve-se no posto enquanto o exército francês permaneceu no país. Mas não deu fim às guerrilhas comandadas por Juárez, que, em 1865, passou a ter o apoio de Washington (também interessado em ter o México como aliado). No ano seguinte, Napoleão III anunciou a retirada gradual das tropas francesas. Em vão a princesa Charlotte (mulher de Maximiliano e filha do rei da Bélgica) deslocou-se para Paris, tentando dissuadir o imperador dessa medida. Maximiliano, às voltas com uma situação financeira catastrófica e sem conseguir reforços europeus, foi preso por Juárez, condenado à morte (14 de junho) e fuzilado com seus generais. Sua mulher enlouqueceu.

Maximiliano I

Imperador alemão (Wiener, Newstadt, 1459 — Wels, 1519). Esposou em 1477 Maria, filha e única herdeira das possessões de Carlos, o Temerário, duque de Borgonha. Assim, os Países-Baixos tornaram-se território dos Habsburgos. Sustentou longa guerra contra Luís XI, rei da França, em torno das possessões de sua mulher. Derrotou os franceses em Guinegatte (1479) e, mesmo após a morte de Maria de Borgonha, continuou regente de Flandres. Sua tentativa de anexar essa região ao Sacro Império Romano-Germânico provocou violenta reação. Teve de enfrentar a revolta de Gand e Liège, que se desdobrou na guerra civil das comunas belgas e prolongou-se até 1492. Maximiliano foi o primeiro a utilizar, em várias frentes, a política de alianças matrimoniais, um dos principais fatores do imenso poder dos Habsburgos. Pelo Tratado de Arras (1482), sua filha Margarida deveria se casar com o delfim da França (futuro Carlos VIII), cedendo-lhe, a título de dote, o Artois e a Borgonha. Em 1493, Maximiliano I sucedeu ao pai (Frederico III) no trono do Sacro Império. Reunindo Áustria e Espanha, escolheu Joana, a Louca (herdeira do reino de Nápoles e Espanha), para casar-se com seu filho Filipe, o Belo. No Tratado de Viena, negociou o casamento de seus dois netos com as herdeiras de Ladislau II Jagelão, assegurando aos Habsburgos as coroas da Boêmia e da Hungria. Seu casamento (não formalizado) com Ana da Bretanha valeu-lhe, pelo Tratado de Senlis (1495), a restituição de Artois e do Franco Condado. No mesmo ano, esposou Branca, filha de Ludovico Sforza. Aliando-se à Liga da Suábia, tentou sufocar a revolta dos suíços; derrotado, teve de admitir a independência dos cantões, em 1499. Na Itália, uniu-se a Luiz XII, ao papa Júlio II e a Fernando de Aragão, contra Veneza (Liga de Cambrai). Retirou-se, depois, da coalizão, induzindo Henrique VIII da Inglaterra a entrar em guerra contra a França, e impediu que Francisco I, sucessor de Luís XII, se apoderasse de Milão. Maximiliano I lançou as bases de um Estado centralizado, questão crucial, principalmente para o desenvolvimento da Alemanha. Com efeito, em 1495, ele criou um tribunal supremo do império, uma câmara encarregada da administração financeira (subordinada ao imperador), um exército permanente e as universidades de Viena e Ingolstadt.

Maximino Daia (Galerius Valerius)

Imperador romano (?, ? — Tarso, 313). Em sua época fora criada a tetrarquia, divisão de poder entre dois "augustos" e dois "césares", estes adjuntos e sucessores daqueles. Em 305, Maximino foi proclamado César, recebendo o comando da Síria e do Egito, sob o reinado de seu tio, Augusto Galério. Em 308, Maximino reivindicou e obteve o título de Augusto. Após a morte de Galério, ocupou a Ásia Menor e invadiu os territórios trácios reservados a Licínio. Mas foi derrotado em Tzurulum, e bateu em retirada para a Ásia Menor. Como estava quase sempre bêbado, os auxiliares tinham instruções de só cumprir suas ordens no dia seguinte, quando ele as confirmava (ou não). Perseguiu tenazmente os cristãos. Em 306 e 308, ordenou que toda a população fizesse sacrifícios aos deuses pagãos. Os que se recusaram foram mutilados ou mandados para minas e pedreiras. Ao mesmo tempo, tentou revitalizar a religião romana, nomeando sacerdotes chefes nas cidades, e aplicando uma reforma claramente baseada na organização cristã de bispos e chefes metropolitanos. Antes de suicidar-se, deu total liberdade ao cristianismo, e restituiu as propriedades da Igreja.

Maxwell, James Clerk

V. **Maxwell,** Enciclopédia Abril (Vol. VIII)

Maynard (François)

Poeta francês (Saint-Céré, perto de Toulouse, 1582 — Aurillac, 1646). Filho de um conselheiro do Parlamento de Toulouse, foi destinado à magistratura. Em 1608, casou-se com Gaillarde de Boyer, recebendo como dote o cargo de presidente do Parlamento de Aurillac. Tornou-se amigo de poetas famosos como Saint-Aimant, Colletet e Théophile. Em 1618, decidiu partir para Paris, confiando no prestígio que adquirira após a publicação de sua primeira obra, "A Filandra" (1613). Em 1632 foi admitido na Academia Francesa. Dois anos depois, estava em Roma, na qualidade de adido de François de Noailles, embaixador francês junto à Santa Sé. Ligou-se ao Cardeal Bentivoglio, e cativou a simpatia do Papa Urbano VIII. Mas, desentendendo-se com seu superior, perdeu seu posto e o crédito de que gozava junto ao Cardeal Richelieu. Voltou para Aurillac em 1640. Na época em que os "preciosos" impunham convenções tirânicas à arte, Maynard manteve sua independência, recusando-se a seguir estritamente quaisquer ditames. Buscou, com seu mestre Malherbe, encontrar uma língua pura, o vocabulário preciso e a estrita harmonia. Deixou: "Epigramas", "Odes" (ambos de 1646) e uma coleção de "Cartas" (1653).

Ma Yuan

Pintor chinês (?, fim do século XII — ?, c. de 1230). Membro de uma família de artistas célebres, foi considerado um mestre em sua época. Seguiu a linha de Li T'ang, tomando como forma a composição assimétrica, concentrada no tema principal, e escolhendo a economia e simplicidade de meios. Seus espaços vazios, rompidos às vezes por galhos angulosos de árvores, têm importância central na composição, incorporando os personagens à natureza. Em suas composições monocromáticas, submetendo a realidade ao mundo dos símbolos, alcançou grande força lírica. Um dos fundadores da escola "Ma-Hia", a ele são atribuídas: "Passeio sobre um Atalho de Montanha na Primavera", e "Pescador com o Anzol, sobre um Lago de Inverno".

Mauss, Marcel — Ma Yuan

Mazarino (Jules)

Cardeal e político francês (Pescina, Abruzos, 1602 — Vincennes, 1661). Aluno dos jesuítas em Roma, formou-se em Direito Canônico na Universidade de Alcalá. Serviu no exército papal, iniciando-se como capitão. Enviado em missão à França, em 1630, foi apresentado a Richelieu e passou a servir aos interesses franceses na Itália. Não obstante jamais ter se ordenado, foi nomeado por Richelieu para cargos importantes na hierarquia religiosa, entre 1632 e 1635. Obteve sua naturalização em 1639, e foi alçado ao posto de cardeal em 1641. Richelieu, antes de morrer, preparou o caminho para que Mazarino fosse nomeado membro do Conselho da Regência. Flexível e obsequioso, não alardeando suas qualidades políticas, conquistou integralmente a Regente Ana da Áustria, tornando-se seu conselheiro (e amante) vitalício. Com extrema dedicação, formou politicamente o jovem Luís XIV. Acumulando mais poder do que Richelieu, Mazarino tentou uma política flexível que a princípio teve sucesso. Até 1648, a estabilidade interna permitiu que ele concentrasse seus esforços na política exterior. As vitórias francesas de Rocroi (1643), Nordinlingen (1645) e Lenz (1648) deram margem às vitórias obtidas pela França no Tratado de Westfália. Mas essas vitórias militares e diplomáticas foram conseguidas à custa de dificuldades financeiras que Mazarino procurou superar sobretudo através do aumento de impostos. Tal recurso provocou grande descontentamento. Em 1648, a oposição reunia parlamentares, nobreza e plebe. Ameaçado pelas medidas fiscais decretadas pelo cardeal, o Parlamento de Paris insurgiu-se. Mazarino ordenou a prisão de três parlamentares conhecidos. Era o início da Fronda (partido de oposição a Mazarino). A corte foi obrigada a refugiar-se em St. Germain. Mazarino, indiferente aos panfletos que o desmoralizavam, contemporizou, contando com a divisão próxima do adversário. A Fronda parlamentar dissolveu-se em 1649, e deu lugar à Fronda dos príncipes, cujo raio de ação atingiu às províncias. Em 1651, Mazarino foi forçado a exilar-se em Brühl, perto de Colônia, e logo depois em Bouillon. Mesmo a distância, continuou a orientar os atos da Regente Ana da Áustria. Em 1653, voltou ao Louvre, sob aclamação popular. A grande vencedora dessa crise foi a monarquia, a única instituição capaz de pôr fim à anarquia e à miséria, provocada pela turbulência dos nobres e pela inépcia política dos intelectuais. A partir dessa época, Mazarino comprou com sua prodigalidade o silêncio de nobres, prelados, parlamentares, artistas e escritores. Fundou a Academia Real de Pintura e Escultura (1648), o Colégio das Quatro Nações, e reconstituiu a biblioteca Mazarino, aberta aos cientistas desde 1643. Mazarino deu largos passos para a concretização dos objetivos nacionais, formulados por Richelieu: a derrota dos Habsburgos e a conquista de "fronteiras naturais" para a França: os Pireneus e o Reno. Através da Liga do Reno, assegurou para o país uma defesa contra o Sacro Império; aliou-se a Cromwell para golpear a Espanha; e selou a impotência política e militar da Alemanha ao defender as "liberdades germânicas".

Mazo (Juan Bautista Martinez del)

Pintor espanhol (Beteta, província de Cuenca, 1612? — Madrid, 1667). Casando-se em 1634 com Francisca, filha de Diego Velázquez, viveu sempre à sombra de seu sogro e mestre, a quem sucedeu como "pintor de Câmara" na corte de Madri, em 1661. Prejudicado por essa ligação, limitou-se a copiar talentosamente numerosas telas da coleção real como "Arquimedes", "Mercúrio" e "Hércules Matando o Dragão no Jardim das Hespérides". Além disso, repetiu e completou retratos de seu mestre. Assim, a partir de um original de Velázquez, executou "O Príncipe Baltasar Carlos Aprendendo a Montar a Cavalo". Obrigado a sustentar numerosa família, e ocupado em tarefas secundárias, não pôde desenvolver a imaginação ou a criatividade em sua composição. No entanto, demonstrou certa originalidade em seus retratos, que não apresentam semblantes impassíveis, como os de Velázquez. "O Príncipe Baltasar Carlos" (1645); "A Rainha Mariana" (1666); "Infanta Margarida", e "Família" (1666) estão entre os melhores. Os limites de sua co-autoria com Velázquez ainda são discutidos: acredita-se que tenha colaborado numa cena de caça do mestre, a "Tela Real", e que foi o único autor de "Vista de Saragoça". Sua habilidade nos pormenores de paisagens aparece em telas como "Rua da Rainha em Aranjuez", "Jardim de Palácio", e "Edifício Clássico na Paisagem".

Mazzini (Giuseppe)

Escritor e político italiano (Gênova, 1805 — Pisa, 1872). Estudou direito, filosofia e medicina, graduando-se em 1827. Aderiu aos carbonários (adeptos de uma sociedade secreta que lutava pela unificação da Itália), escrevendo em jornais de oposição ao governo e à Igreja. Preso em 1830, e solto logo depois, iniciou sua longa carreira de exilado e conspirador na Suíça. Dirigindo-se para a França, preparou em Lião uma invasão à Savóia, apesar da oposição do governo de Paris. Foi obrigado a refugiar-se na Córsega, onde organizou levantes em Módena, Parma e Roma, sufocados pelos austríacos. Em Marselha fundou o grupo "Jovem Itália", com um programa nacionalista e republicano, e casou-se com Giuditte Sola, viúva de um patriota. Após tentar uma revolta fracassa-

da na Sardenha, refugiou-se na Suíça, onde iniciou o movimento "Jovem Europa". Dois anos depois, fundou na Inglaterra o jornal "Apostolado Popular", e criou uma escola para os jovens refugiados. Em 1848, quando todas as cidades italianas rebelaram-se, Mazzini criou, em Milão, o jornal "A Itália do Povo". Após a retomada da cidade pelos austríacos, juntou-se aos rebeldes comandados por Garibaldi. Foi eleito triúnviro em Roma, e organizou a resistência da capital, impondo severa disciplina, durante meses. Coordenou novos levantes revolucionários em Mântua (1852) e em Milão (1853), ambos fracassados. Quatro anos depois, entrou na Itália clandestinamente, e organizou insurreições em Gênova, Livorno e Nápoles. Foram novos fracassos, e isso abalou seu prestígio. Mazzini tentou ganhar a classe trabalhadora italiana para seus ideais republicanos, mas foi incapaz de compreendê-la. Para seu desgosto, o operariado dividiu sua preferência entre anarquistas e socialistas. Ao mesmo tempo, ele viu-se considerado elemento perigoso pelos partidários de Cavour, pois era demasiadamente republicano e democrata. Em 1858, fundou novo jornal em Londres, que, não obstante seu crescente isolamento político, tinha acesso surpreendente aos segredos diplomáticos. Mazzini não quis se comprometer com os princípios e atos de Cavour, sustentando que a unidade nacional da Itália estava sendo imposta aos cidadãos. Mas em 1860 foi utilizado por Cavour como espantalho, para forçar Napoleão II e Vítor Emanuel II da Sardenha a aceitar sua revolução conservadora. Com a formação do reino da Itália (1861), Mazzini foi obrigado a viver em seu país com passaporte inglês e, sob nome falso de Doutor Brown, continuou a pregar idéias republicanas. Seus trabalhos somam 48 volumes, divididos em três seções: "Política", "Literatura" e "Correspondência". Escreveu também "Fé e Futuro" (1835) e "Protocolo da Jovem Itália".

McCarthy (Joseph Raymond)

Político norte-americano (Appleton, Wisconsin, 1908 — Bethesda, Maryland, 1957). Formou-se em direito em 1935 pela Universidade de Marquette em Milwaukee, Wisconsin. Iniciou a prática da advocacia e entrou também para a vida política, inicialmente no Partido Democrata, depois no Republicano. Eleito juiz itinerante em 1939, deixou o cargo três anos depois para alistar-se na Marinha, onde serviu durante a Segunda Guerra Mundial. Ao regressar, elegeu-se senador (1946) e conseguiu a reeleição em 1952. Celebrizou-se como principal promotor da "caça às bruxas" (comunistas ou seus supostos simpatizantes) no começo da década de 50, período que ficou conhecido como o do "mccarthysmo". Desde então, "mccarthysmo" passou a figurar na linguagem política de vários países, denotando um anticomunismo intolerante e uma tendência a formular acusações irresponsáveis. Chegou a afirmar que havia infiltrações comunistas em setores governamentais, entre os quais o Departamento de Estado. Com suas acusações e hábeis pressões apresentadas, conseguiu a demissão de muitas pessoas e o descrédito público de outras, acabando por lançar um clima de suspeita sobre toda a vida política norte-americana. Na administração do Presidente Eisenhower (iniciada em 1953), McCarthy rompeu com os líderes de seu partido, no qual começava a ser desacreditado. Sua situação piorou em 1954, depois de uma declaração que fez pela televisão acusando vários militares e civis de terem tendências comunistas. No mesmo ano, o Senado condenou sua conduta, e ele não recuperou mais sua força política.

McClellan (George Brinton)

General norte-americano (Filadélfia, 1826 — Nova Jersey, 1885). Aos quinze anos, entrou para a Academia Militar de West Point, onde se graduou oficial em 1846. Serviu como engenheiro militar na guerra contra o México (1846/48) e foi instrutor em West Point (1848/51). Participou do trabalho de integração territorial, como explorador do rio Vermelho em Arkansas (1852), comandante das tropas que garantiram a construção de uma ferrovia através da montanha de Cascade (1853) e engenheiro-chefe das estradas de ferro do Illinois Central (1857), de Ohio e do Mississipi (1860). Em abril de 1861, ao ser deflagrada a guerra civil, foi major-general dos voluntários de Ohio e assumiu o controle da Virgínia ocidental para as forças nortistas. Em julho do mesmo ano, tornou-se comandante do Departamento de Potomac e encarregado da defesa da capital. Em novembro, foi nomeado general-chefe do Exército nortista. Obteve para a União uma das maiores vitórias da guerra civil, a 17 de setembro de 1862, na batalha de Antietan, onde derrotou os confederados (sulistas) chefiados por Robert Lee. Mas não quis perseguir o chefe inimigo, o que levou o presidente Lincoln a removê-lo do comando em novembro do mesmo ano. Candidatou-se a presidente pelo Partido Democrata nas eleições de 1864: derrotado, seguiu para a Europa, onde permaneceu quatro anos. Foi engenheiro-chefe das docas de Nova York de 1870 a 1873. Em 1877, elegeu-se governador de Nova Jersey. Dedicou os últimos anos da vida a escrever memórias.

McClintock (Sir Francis Leopold)

Explorador irlandês (Dundalk, 1819 — Londres, 1907). Com doze anos de idade, entrou para a Marinha, servindo em diversos navios da armada real. Em 1848, integrou a expedição que partiu para o Ártico, em busca do grupo chefiado por Sir John Franklin. Na campanha marítima de 1850, McClintock recebeu o cargo de primeiro-tenente, sendo promovido a comandante em 1852. Nessa ocasião, pesquisou e desenvolveu a série de equipamentos necessários para a sobrevivência e deslocamento nas regiões árticas, percorrendo mais de 1 500 quilômetros ao longo do estreito de Barry, quando efetuou importantes observações meteorológicas, astrônomicas e magnéticas, além de fazer uma série de levantamentos cartográficos. Mas essas diligências falharam, no sentido de encontrar traços de Franklin. Finalmente, em 1860, chefiou uma expedição patrocinada por Lady Franklin, na qual logrou, enfim, encontrar vestígios das embarcações desaparecidas.

Mazarino, Jules — McClintock, Sir Francis Leopold

McCullers (Carson Smith)

Escritora norte-americana, (Columbus, Geórgia, 1917 — Nova York, 1967). Aos dezesseis anos começou a escrever, e no ano seguinte abandonou sua casa para viver em Nova York. Tencionava estudar piano no Conservatório Juillard e freqüentar a Universidade de Colúmbia, mas seus planos se frustraram, pois perdeu o dinheiro na viagem e precisou trabalhar para sobreviver, estudando à noite. Foi uma escritora profundamente voltada para os problemas de subjetividade e amor, identificando-se também com a problemática do sul dos Estados Unidos, "a única região que produziu uma literatura americana autóctone, regional e de valor universal", segundo William Faulkner. Escreveu "O Coração É um Caçador Solitário" (1940) — seu primeiro livro — "Reflexos num Olho Dourado" (1941); "Member of the Wedding" (1946). O último romance, retrato de uma adolescente fascinada pelo casamento do irmão, foi levado ao teatro e constituiu um dos maiores sucessos da temporada nova-iorquina de 1950. Escreveu ainda "Balada do Café Triste" (1951) e "Relógio sem Ponteiros", obra realizáda com grande dificuldade, pois a autora estava semiparalítica, datilografando uma página por dia; só pôde publicá-la em 1961. Faleceu aos cinqüenta anos, depois de uma agonia que durou quase dois meses.

McKinley (William)

Político norte-americano (Niles, Ohio, 1843 — Buffalo, Nova York, 1901). Estudou no Allegheny College, em Meadville, mas interrompeu o curso por motivos de saúde. Após servir na guerra civil (1861/65), estudou direito em Albany, Nova York. Começou a trabalhar como advogado em 1867; eleito promotor público dois anos depois, entrou para o Congresso como representante republicano do distrito de Ohio, em 1876. Sua carreira de congressista terminou em 1890, quando já era líder do Partido Republicano. Eleito governador do Ohio em 1891, McKinley apoiaria os interesses da classe trabalhista. Reeleito para governador (1893), aumentou seu prestígio como líder nacional. Presidente do Partido Republicano em 1896, com uma plataforma que salientava tarifas protecionistas e a manutenção do padrão monetário baseado no ouro, elegeu-se presidente do país no mesmo ano. Sua primeira preocupação foi a insurreição cubana contra a dominação espanhola. Em 1898, declarou a independência cubana, exigindo o afastamento dos espanhóis e apoiando a retirada forçada, com uma frota que atacou e destruiu a espanhola, em Manila. Essa guerra (1897/1901) permitiu aos Estados Unidos anexar o Havaí, Porto Rico, Guam e as Filipinas. Reeleito presidente em 1900, McKinley planejou, como um dos primeiros atos de seu segundo mandato, uma viagem pelo país, durante a qual apresentaria suas novas idéias sobre os trustes e o aumento da reciprocidade comercial, pois se convencera da importância do comércio exterior. Seria assassinado durante essa viagem, por um anarquista — Leon Czolgosz — que conseguiu, apesar da forte proteção ao presidente, esconder um revólver na mão enfaixada por um lenço.

McTaggart Ellis (John)

Filósofo inglês (Londres, 1866 — Cambridge, 1925). Freqüentou o Trinity College de Cambridge, do qual se tornou membro em 1891. Foi professor em Cambridge, até 1923. Influenciado por Hegel, cujas doutrinas expôs, comentou e interpretou, destacou-se como um dos grandes representantes do idealismo inglês. A filosofia de McTaggart é uma peculiar e pessoal variação do idealismo hegeliano. A realidade, dizia, é espiritual; consiste inteiramente de pensamentos individuais e de seus conteúdos. Diferindo de outros filósofos contemporâneos de índole individualista, como Bradley, não destacou os aspectos morais e religiosos do idealismo, embora não os abandonasse. Interessou-se principalmente pela metafísica do idealismo e pela sua articulação lógica interna. Afirmou que sua filosofia era um idealismo pessoal, onde colocava a realidade como uma comunidade de "eus" infinitos. Tem-se visto no pensamento de McTaggart um caráter místico, em muitos aspectos próximo às idéias de Spinoza e à fase final da lógica de Hegel. McTaggart escreveu as seguintes obras: "Estudos sobre a Dialética Hegeliana" (1896), "Estudos sobre a Cosmologia Hegeliana" (1901), "Alguns Dogmas de Religião" (1906), "Um Comentário à Lógica de Hegel" (1910), "Imortalidade Humana e Preexistência" (1915), "A Natureza da Existência" (1921/27, póstumo) e "Estudos Filosóficos" (1934, póstumo).

Mead (George Herbert)

Filósofo pragmático norte-americano (South Hadley, Massachusetts 1863 — Chicago, 1931). Formou-se no Colégio Oberlin em 1883, graduou-se em Harvard em 1887 e de 1888 a 1891 estudou psicologia e filosofia na Europa. Casou-se em 1891. No mesmo ano, foi indicado para professor na Universidade de Michigan, cargo que trocou em 1892 pela cadeira de filosofia da Universidade de Chicago, onde ficou até a morte. Considerado a maior figura americana no pragmatismo, teve grande influência sobre psicólogos e cientistas sociais. A filosofia de Mead, chamada por ele de "behaviorismo social", tinha como principal tema o "eu" como organismo em estreito contato com o mundo social que o circunda. Considerava fundamental para a análise da conduta humana o estudo dos sinais e da linguagem. Os principais pontos da filosofia de Mead estão nos livros, publicados postumamente por seus alunos: "A Filosofia do Presente" (1932), "Espírito, Ego e Sociedade" (1934), "Movimentos dos Pensamentos no Século XIX" (1936) e "A Filosofia do Ato" (1938).

Mecenas (Caius Cilnius Maecenas)

Político romano (Arezzo, entre 74 e 64 a.C. — ?, 8 a.C.). De família que se dizia descendente de Lucrumons, rei da Etrúria, pertencia à ordem eqüestre. Enquanto estudava na Grécia, encontrou Otávio (Augusto) com quem passou a lutar. Negociador extremamente hábil, foi o intermediário para a paz de Brindes com Antônio (40 a.C.). Em 37 a.C., acompanhado de diversos amigos, entre os quais Virgílio e Horácio, participou das negociações de Taranto, que prolongariam o triunvirato. Quando Otávio se tornou imperador, Mecenas recusou todas as honras, dizendo ser-lhe suficiente a amizade; no entanto, foi encarregado de cuidar dos negócios do Império diversas vezes, nas ausências de Otávio. De gosto bastante refinado, dedicava-se a escrever poesias e reuniu em torno de si os homens de letras e artistas mais brilhantes da época (entre os quais Virgílio, Horácio, Varius, Properce). Chegava a sustentá-los materialmente, sem restringir-lhes a liberdade. O nome de Mecenas tornou-se sinônimo de proteção às artes e às letras.

Medeiros (Maurício Campos de)

Escritor, médico e político brasileiro (Rio de Janeiro, 1885 — id., 1966). Diplomou-se em farmácia (1903) e medicina (1907) pela Faculdade Nacional do Rio de Janeiro. Entre 1906 e 1909, fez viagens à Europa para freqüentar cursos de especialização em histologia patológica (Paris) e fisiologia do sistema nervoso (Paris, Munique e Viena). Em 1911 foi aprovado no concurso para livre docência da cadeira de Fisiologia e Patologia Geral da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ocupou também as cátedras de Patologia Médica (1929 a 1933) e de Clínica Propedêutica Médica (1934 e 1935). Por motivos políticos foi afastado da Faculdade em 1936, reassumindo sua cátedra somente em 1945. No ano seguinte, passou a dirigir a cátedra de Clínica Psiquiátrica e, ainda em 1946, foi nomeado diretor do Instituto de Psiquiatria, cargo que ocupou até 1955. Paralelamente às atividades médicas e docentes, exerceu atividade jornalística até sua morte. Iniciou colaborando com uma seção diária no jornal Gazeta de Notícias. Colaborou também com o Correio Paulistano, A Notícia, A Época, o Correio da Manhã, o Diário de Medicina, o Diário Carioca, A Gazeta (de São Paulo) e O Globo (do Rio). Em 1916 ingressou na vida política, como deputado à Assembléia Legislativa do Estado do Rio. Foi três vezes deputado federal por esse Estado (1912-1922, 1927-1929 e 1930), tendo integrado as comissões de Legislação Social e de Instrução. Em 1927 e 1928 representou o parlamento brasileiro na Conferência Interparlamentar de Comércio. Foi também Ministro de Estado dos Negócios da Saúde nos governos Nereu Ramos e Juscelino Kubitschek. Em 1955 foi eleito para a cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras. Entre outras obras, escreveu: "Partenogênese em Patologia" (1913), "Psicoterapia e suas Modalidades" (1929), "Psicoterapia" (1933).

Médicis (Catarina de)

Rainha da França (Florença, 1519 — Blois, 1589). Filha de Lourenço II de Médicis, duque de Urbino, e de Madalena de La Tour d'Auvergne. Casou-se em 1533 com o duque de Orléans, que se tornou rei da França, como Henrique II, em 1547. Tiveram dez filhos. Catarina não desempenhou papel muito importante na política, sobrepujada por Diana de Poitiers, duquesa de Valentinois e amante de Henrique II. Em 1552, Catarina foi nomeada regente, com poderes limitados, enquanto o rei dirigia a campanha de Metz. Com a morte do soberano em 1559, a coroa foi herdada por seu filho Francisco II, que morreu no ano seguinte. Catarina foi nomeada regente na menoridade de Carlos IX. Apesar de sua regência terminar em 1563, dominou Carlos até o fim de sua vida. Como regente, mostrou habilidade política e falta de escrúpulos. Procurando manter o equilíbrio entre católicos e protestantes nas lutas religiosas, assinou o édito de tolerância de Ambroise (1563) e a paz de Saint-Germain (1570). Para subtrair Carlos IX da influência do Almirante Gaspar de Coligny, consentiu no massacre de São Bartolomeu, em 1572. Henrique III, que sucederia seu irmão Carlos IX em 1574, mostrou-se mais independente da mãe. Catarina trouxe de Florença seu gosto por luxo e beleza: construiu o palácio real das Tulherias, em Paris, e freqüentemente dava festas à maneira italiana.

Médicis (Cosme de, dito o Ancião)

Governante de Florença (Florença, 1389 — Careggi, 1464). Filho mais velho de Giovanni di Bicci de Médicis, assumiu a direção dos negócios da família em 1429, com a morte do pai. Preso em 1433 pela família Albizzi (que dirigia uma reação patrícia contra os Médicis), conseguiu escapar da morte graças à sua astúcia e ao seu dinheiro, mas foi sentenciado a um exílio de dez anos. Seguiu para Veneza, onde recebeu tratamento principesco, enquanto as tentativas de levá-lo à falência, em Florença, aumentaram-lhe o prestígio. Em 1434, um novo governo favorável aos Médicis permitiu-lhe retornar a Florença, onde exerceu profunda influência até a morte, embora indiretamente. A forma republicana de governo era aparentemente mantida, enquanto se afirmava a ditadura dos Médicis. Para garantir seu poder, Cosme recorreu sobretudo a medidas financeiras, arruinando os rivais por meio de um sistema de taxação progressiva. Apesar das guerras bem sucedidas contra Milão e Veneza, ele era partidário da paz. Tendo conseguido duplicar a fortuna da família, protegeu as artes e transformou Florença no centro da Renascença. Embelezou a cidade com obras de Brunelleschi, Michelozzo, Donatello, Filippo Lippi, Fra Angelico e Paolo Ucello. Atraiu humanistas como Marsilio Ficino, Pogge e Bruni. Mandou comprar na Grécia preciosos manuscritos que constituiriam a base da Biblioteca Laurentiana. Fundou a Academia Platônica de Florença, cuja direção foi confiada a Mar-

McCullers, Carson Smith — Médicis, Cosme de, dito o Ancião

silio Ficino. Em 1439, convidou o Papa Eugênio IV a transferir de Ferrara para Florença o Conselho no qual se discutia a união da Igreja grega com a romana.

Mehemet-Ali

Vice-rei do Egito (Cavalla, Macedônia, 1769 — Alexandria, 1849). Começou a distinguir-se como soldado em Abukir em 1799, quando chefiou uma tropa de muçulmanos albaneses contra a invasão napoleônica no Egito. Chefiou as tropas turcas em 1801; após a saída dos franceses fez-se reconhecer paxá, em 1804. Submeteu os antigos chefes, os "mamelucos", e massacrou 480 dos seus líderes, em 1811, afirmando-se chefe inconteste da nação egípcia. Em 1814, nacionalizou as terras que não eram cultivadas pelos proprietários. Empreendeu um grande programa de construção de estradas, canais e oficinas. Desenvolveu a cultura do algodão e introduziu a da cana-de-açúcar. Construiu escolas, mandou estudantes à Europa e importou técnicos franceses, civis e militares. Criou um exército moderno e, a pretexto de defender os direitos do sultão de Constantinopla, iniciou uma guerra de conquista, submetendo inicialmente os Wahhabitas de Hedjaz (1812/19). Avançou até o Sudão (1820) e fundou Cartum. Em luta contra os gregos no seu processo de independência em relação à Turquia (iniciado em 1822), foi derrotado pelas forças da Inglaterra, Rússia e França, na batalha de Navarino (1827). Com a Turquia enfraquecida, Mehemet-Ali iniciou a conquista dos seus territórios: em 1831/32 conquistou a Síria e a Palestina, empurrando os turcos para Konya (1832) e marchando sobre Constantinopla, cujo sultão pedira auxílio à Rússia. Só foi detido pela ação da França e Inglaterra, que, temerosas da influência russa na Turquia, se interpuseram na luta, levando Mehemet-Ali a assinar o tratado de paz de Koutayeh (14 de maio de 1833), que atribuía ao Egito apenas a Síria e a Cilícia. Mehemet-Ali foi o primeiro chefe da dinastia que reinou no Egito até 1952. É considerado fundador do Egito moderno e precursor do renascimento do mundo muçulmano. Sucedeu-o seu filho Ibrahim.

Meiji Tennô

Imperador do Japão (Kyoto, 1852 — Tóquio, 1912). Conhecido no ocidente como Mutsuhito. Sucedeu seu pai, Komei, em 1867, inaugurando a era Meiji, na qual o Japão transformou-se numa sociedade industrial moderna. Ao assumir o Império, Meiji dedicou-se imediatamente a acabar com o sistema de shogunato (poder militar paralelo, apoiado no feudalismo, que já chegara a ser mais forte que o imperial): restabeleceu a monarquia absoluta em 1867, com a queda de Yoshinobu, o último shogun. Consolidou a vitória e lançou as bases de um novo Estado — centralizado, mas com abertura democrática e economia capitalista —, através da carta de princípios de 1868 e da Constituição de 1889. A Constituição reconhecia o imperador como de origem divina "sagrado e intocável"; estabelecia que as Forças Armadas só eram responsáveis perante ele, e que o sistema educacional propagaria a obediência e lealdade ao monarca; mas também instaurava um regime parlamentarista (limitando a atuação do imperador), que Meiji respeitou fielmente. Transferiu a capital de Kyoto para Tóquio e foi o primeiro a sair do tradicional isolamento de seu cargo, para visitar o povo e fazer declarações públicas. Seu reinado foi marcado por um progresso intenso em todos os setores. O país industrializou-se, sob o apoio e a fiscalização do imperador, e organizou um moderno exército, com o qual venceu a China (1894/95), a Rússia (1905) e a Coréia (anexada em 1910). Meiji morreu em 1912 e um general (Nogi) praticou o suicídio como prova de lealdade. Foi sucedido por seu filho Yoshihito. As reformas de Meiji colocaram o Japão ao nível das potências ocidentais.

Meillet (Antoine)

Lingüista francês (Moulin, 1866 — Chateaumeillant, 1936). Tornou-se conhecido por uma série de trabalhos sobre as línguas eslavas, evidenciando o caráter social que influi nos fenômenos e na evolução das línguas. Professor da Escola de Altos Estudos e do Collège de France, criou a teoria periférica de diferenciação lingüística, um aperfeiçoamento da teoria das ondas (segundo a qual as línguas evoluiriam através de ondas sucessivas que partiam de um centro comum). De acordo com a teoria de Meillet, as línguas na periferia de uma área lingüística sofrem menos perturbações das ondas sucessivas provenientes do centro, podendo conservar caracteres arcaicos em comum. A principal contribuição de Meillet foi a obra "Introdução ao Estudo Comparativo das Línguas Indo-Européias" (1903), onde apresenta um ponto de vista inteiramente novo. Escreveu ainda, entre outras: "Resumo de Uma História da Língua Grega" (1913), "Lingüística Histórica e Lingüística Geral" (1921), "Caracteres Gerais das Línguas Germânicas" (1922), "Esboço de uma História da Língua Latina" (1928).

Meireles (Cecília)

Poetisa brasileira (Rio de Janeiro, GB, 1901 — id., 1964). Perdeu os pais, aos três anos e foi educada pela avó materna. Esta convivência marcou profundamente sua vida e sua obra. Buscou raízes na poesia popular da península Ibérica, especialmente na tradição do romance de rima soante. Significativamente, Cecília Meireles tornou-se logo um dos poetas brasileiros mais divulgados em Portugal, a um tempo em que, no Brasil, atingia um círculo ainda quase especializado de admiradores. Matriculada na Escola Estácio de Sá (GB), por volta de 1910, teve Olavo Bilac por inspetor escolar (e dele recebeu uma medalha de ouro por ter feito todo o curso "com distinção e louvor"). Estudou também línguas e música. Em 1917 publicou seu primeiro livro de versos, "Espectros", elogiado por João Ribeiro. Participou do grupo de escritores católicos que colaborou nas revistas "Árvore Nova", "Terra e Sol" e "Festa" (1919/27). Dirigiu a página de Educação do

Diário de Notícias do Rio de Janeiro (1930/34). Fundou uma das primeiras bibliotecas públicas infantis do Brasil, instalada no Pavilhão Mourisco (1934). Nesse mesmo ano visitou Portugal; ao regressar, lecionou literatura luso-brasileira e técnica de crítica literária na Universidade do então Distrito Federal (1934/38). A Academia Brasileira de Letras premiou seu livro de versos "Viagem" (1938). A convite do governo norte-americano, lecionou literatura brasileira na Universidade do Texas. Viajou pelo México, Uruguai, Argentina, Chile, Europa, Índia e Israel (1958). Foi secretária do I Congresso Nacional de Folclore (1951). Na década de 30, Cecília Meireles representou junto com outros a volta à "linguagem nobre" e ao lirismo tradicional — fenômeno de reação ao modernismo dos anos anteriores. Nos vinte anos seguintes, acentuou-se a linha "ibérica" em sua poesia, culminando com o "Retrato Natural" e o "Romanceiro da Inconfidência", fonte de laboriosa pesquisa histórica. Cecília alinhou-se entre os maiores poetas da língua portuguesa. Sofreu a dolorosa sensação de que "talvez o mundo nascesse certo/ mas depois ficou errado", um sentimento de impotência ante a "humana insuficiência": "o pensamento é triste, o amor insuficiente"; "a vida, a vida, a vida/ só é possível/reinventada". Esta profunda melancolia e o sentimento de perda alimentado desde a infância subsistiam em uma sociedade que rapidamente se transformava, e onde cada vez mais se valorizavam o dinamismo, a busca do lucro fácil e a novidade. Na poesia brasileira, Cecília Meireles encarnou a posição mais extrema de recusa deste presente industrial e uma contradição também frontal com o modernismo otimista e participante dos anos 20. O próprio vocabulário moderno, quando aparece em sua obra, é para transcender a modernidade, negar-lhe o valor absoluto. "Dos campos do relativo/escapei./ Se perguntam de que vivo,/ que direi?" Assim se exprime o "Aeronauta", símbolo, não da rapidez e da modernidade, mas exatamente de uma permanência transcendental. Cecília Meireles reinventou magicamente o passado, cumprindo o que considerava um "secular compromisso", uma "sobrenatural obrigação". Estas tendências idealista e subjetivista afastaram sua poesia do espírito participante, que nunca deixa de aparecer, ainda que de passagem, na obra de outros poetas de sua geração. Mas, a evolução posterior da sociedade industrial tem inspirado, ultimamente, a crítica a seus próprios valores fundamentais, e um novo prestígio da interioridade e da contemplação. Neste sentido, sua obra torna-se inesperadamente atual.

Meireles (Vítor)

Pintor e professor brasileiro (Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, SC, 1832 — Rio de Janeiro, GB, 1903). Desde criança manifestou grande talento para o desenho e a pintura; aos quinze anos foi admitido na Imperial Academia de Belas-Artes. Obteve medalha de ouro nos dois primeiros anos do curso, concluído (em 1852) com extrema dificuldade financeira, a custo de aulas particulares que ministrava. Logo depois de formado, concorreu a um prêmio de viagem à Europa com a tela "São João Batista no Cárcere". Premiado, seguiu para Roma, radicando-se mais tarde em Florença. Ainda na Europa, pintou a tela "A Primeira Missa no Brasil", exposta no Salão de Paris de 1861 (e que, pelo cenário e pelos figurantes, deve referir-se à segunda missa rezada no país). De regresso ao Brasil, recebeu a comenda da Ordem da Rosa (1861) e foi nomeado professor honorário da Academia Imperial, passando sucessivamente a professor interino e a catedrático de pintura histórica. Lecionou também no Liceu Imperial de Artes e Ofícios. Por encomenda do Ministério da Marinha, documentou em duas telas episódios da Guerra do Paraguai: "Combate Naval do Riachuelo" e "Passagem do Humaitá". Pintou também a "Batalha dos Guararapes", exposta pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1879. Exerceu o magistério durante trinta anos e, em 1880, foi jubilado como lente na escola em que estudara. Em 1888, apresentou em Bruxelas um engenho que consistia num tubo giratório através do qual o espectador, sem se movimentar, observava vistas do Rio de Janeiro. De gênio arredio e avesso a promoções pessoais, morreu pobre e solitário em sua casa no bairro do Catete, num domingo de Carnaval, logo depois de haver ultimado a tela "A Invocação de Nossa Senhora do Carmo". Sua obra é muito extensa e, como mestre, exerceu marcada influência nos pintores que o sucederam.

Melanchton (Philipp Schwarzerd, dito)

Humanista e religioso alemão (Bretten 1497 — Wittenberg, 1560). Após brilhantes estudos, tornou-se professor de grego na Universidade de Wittenberg (1518) e ligou-se a Lutero, ao lado de quem participou ativamente na implantação da Reforma. Sua obra "Loci Communes Rerum Theologicarum" ("Princípios Elementares das Coisas Teológicas", 1521), grandemente apreciada por Lutero, foi uma das bases da escolástica protestante. Redigiu as instruções para a inspeção das igrejas, assistiu ao Colóquio de Marburgo (1529) e foi o redator da "Confissão de Augsburgo" e da "Apologia da Confissão de Augsburgo" (1530). Ele próprio caracterizou a colaboração que prestou quando disse na oração fúnebre a Lutero: "Tenho apenas o mérito de haver tornado claras várias coisas que não o eram". Após a morte de Lutero, tomou a direção suprema da Reforma alemã e — por espírito de tolerância ou por fraqueza de temperamento (chamavam-no "o doce") — atraiu ataques de teólogos luteranos, dadas as concessões tidas como exageradas que fazia tanto aos reformistas como aos católicos. Os "Loci Communes" que voltou a divulgar em 1535 são tão tolerantes e transigentes que praticamente compõem um novo livro, distinto daquele que Lutero tanto elogiava. Melanchton lutou pela aliança de todas as Igrejas. Grande humanista, responsabilizou-se pela superiodade do ensino clássico dos protestantes sobre o dos católicos,

Mehemet-Ali — Melanchton, Philipp Schwarzerd, dito

no século XVI. Sua gramática grega e obras como "Retórica" e "Dialética" tiveram ampla divulgação em toda a Europa. Publicou mais de trezentas obras, editando e comentando inúmeros autores clássicos, como Cícero, Terêncio, Hesíodo, Plutarco, Demóstenes e Plínio, o Jovem. Aplicou-se também ao estudo da história e de quase todas as ciências. Possuía um espírito claro, ponderado e dialético, mas, segundo os ortodoxos do luteranismo, seu caráter era vacilante e fraco. Tais críticas amarguraram-lhe os últimos anos.

Méliès (Georges)

Cineasta francês (Paris, 1861 — id., 1938). Filho de um fabricante de calçados, aspirava a ser pintor. Enviado a Londres para aperfeiçoar-se nos processos da indústria paterna, regressou perito em prestidigitação e ilusionismo teatral. Vendeu aos irmãos o que lhe cabia na herança e comprou o pequeno teatro Robert Houdini, onde exibia seus talentos de mágico. Em dezembro de 1895, assistiu pela primeira vez a uma sessão de cinema projetada pelos irmãos Lumière. Maravilhado com aquelas "fotografias animadas", tentou (sem êxito) comprar um dos aparelhos. Adquiriu depois, em Londres, um bioscópio e vários rolos de filme. Começou por filmar "cenas naturais", mas, certo dia, quando filmava numa rua, a máquina sofreu uma parada transitória e ele teve de pô-la em funcionamento. Havia realizado, sem querer, um "corte". Na revelação, verificou que a parte filmada acidentalmente coadunava-se com as cenas anteriores: devido ao tráfego, onde existia um ônibus aparecia agora um coche fúnebre, um homem era substituído por uma mulher, e assim por diante. Deu-se logo conta das possibilidades desse recurso, hoje denominado "passo de manivela". Havia descoberto a trucagem cinematográfica. Construiu um dos primeiros estúdios de cinema do mundo (1896/97), onde, com audácia, trabalho constante e imaginação, fez da nova arte uma indústria capaz de atrair multidões. Filmou cerca de quinhentos títulos, com bobinas de 20 (a maioria) a 300 metros, e cuja projeção durava entre um e quinze minutos aproximadamente. "Viagem à Lua" (1902) fez dele um dos maiores produtores do mundo. Mas, mesmo assim, conseguiu encher-se de dívidas. "A Conquista do Pólo" (1912), começo de sua queda, absoluto fracasso financeiro e de público, arruinou-o. Ainda tentou o teatro, mas com tão pouco êxito que logo foi considerado morto. Já ancião, reconheceram-no num vendedor ambulante das estações de trem de Paris e, em 1932, foi recolhido, junto com a esposa, ao retiro para cineastas da Associação dos Produtores (que ele próprio fundara, em seus dias de glória). Conquanto houvesse dado um verdadeiro salto, das "cenas naturais" para os grandes espetáculos de fantasia e de trucagem, jamais conseguiu abandonar o sentido de superespetáculo teatral; não compreendia que o cinema, por seu caráter essencialmente evolutivo, tomara um rumo próprio, um caminho que Méliès ajudara a traçar, mas não soubera percorrer. Sua obra perdeu-se quase toda, mas o que dela restou representa um marco na história da arte cinematográfica, tendo sido redescoberta por um público que valoriza a poesia, a ingenuidade comovedora e a imaginação primitiva de seus filmes.

Melo (Custódio José de)

Militar brasileiro (Salvador, BA, 1840 — Rio de Janeiro, GB, 1902). Veterano da Guerra do Paraguai, comandou uma Divisão da Armada e foi adido naval em várias legações imperiais brasileiras na Europa. Por um dos primeiros atos do governo provisório republicano, recebeu o comando da Divisão de Encouraçados. Elegeu-se deputado à Primeira Constituinte Republicana (1890/91) pela Bahia. Tendo discordado da decisão de Deodoro da Fonseca de dissolver o Congresso, participou das injunções contra o governo, tendo sido o responsável pelo tiro de canhão na cúpula da igreja da Candelária que intimou Deodoro a aceitar a deposição. O vice-presidente Floriano Peixoto assumiu o governo e nomeou-o ministro da Marinha. Custódio de Melo discordou também deste, pois Floriano era contrário à realização de novo pleito para a sucessão de Deodoro, alegando que deveria exercer a presidência até o final do mandato do seu antecessor. Tal controvérsia frustrava uma aspiração de Custódio de Melo: candidatar-se à presidência da República. Já na qualidade de ex-ministro, ele deu início à segunda Revolta da Armada (setembro de 1893 — janeiro de 1894), com o bombardeio do Rio de Janeiro e o apresamento dos navios que aportavam à baía de Guanabara. (Essas circunstâncias levaram o ministro britânico a indagar como o governo brasileiro receberia o desembarque de contingentes navais para proteger seus súditos. "A bala!", respondeu Floriano.) Com o apoio do Exército, da Câmara e do Senado, o presidente em exercício respondeu ao fogo dos navios revoltosos. Deixando outro chefe à frente da sedição, Custódio de Melo forçou a barra, a bordo do "Aquidaban"; seguiu depois para o sul e instalou um governo revolucionário (logo desfeito) em Santa Catarina. Frustrada sua sedição, aliou-se aos participantes da Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, dos quais também discordou, asilando-se na Argentina (abril de 1894). De volta ao Brasil, envolveu-se numa conspiração monárquica, sendo preso e recolhido à ilha das Cobras. Anistiado, retornou ao serviço ativo; presidiu uma comissão de estudos sobre submarinos e fez um trabalho sobre torpedos. Escreveu "História da revolução de novembro de 1891". Sua obra "O Governo Provisório e a Revolução de 1893" só foi publicada em 1938.

Melo Franco (Afrânio de)

Jurisconsulto, político e diplomata brasileiro (Paracatu, MG, 1870 — Rio de Janeiro, GB, 1943). Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo e iniciou sua vida pública como promotor. Foi secretário da Legação Brasileira em Montevidéu (1896), deputado estadual (1902) e deputado federal (1906) por Minas Gerais. Ministro da Viação durante o governo Delfim Moreira, mostrou-se muito atuante na política nacional. Reiniciou a seguir sua carreira diplomática como representante do Brasil na V Conferência Pan-Americana do Chile (1923), bem como na Liga das Nações (1923/26). Ocupou também o cargo de juiz na Corte Permanente de Arbitragem de Haia, até 1926. De regresso ao Brasil, integrou-se na política e foi um dos líderes da Aliança Liberal (partido que em 1930 lançou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República). Ministro das Relações Exteriores até 1933, no ano seguinte foi presidente da conferência mediadora no litígio fronteiriço entre o Peru e a Colômbia ("Questão de Letícia"). Ao falecer, era presidente da Comissão Jurídica Interamericana:

Melo (Francisco Manuel de)

Escritor português (Lisboa, 1608 ou 1611 — id., 1666 ou 1667). Estudou com os jesuítas, fez carreira militar e foi armado cavaleiro após haver lutado contra os turcos. Residiu em Lisboa e freqüentou com assiduidade a corte madrilenha, onde fez amizade com Quevedo e possivelmente com os grandes escritores da época: Lope de Vega, Calderón de la Barca, Tirso de Molina e outros. Sua obra, bilíngüe (portugues e castelhano), espelha esse íntimo contato. Esteve a serviço de Filipe IV durante a dominação de Portugal pela Espanha. Partidário declarado de Dom João IV, o Restaurador, participou com destaque da campanha de libertação de Portugal. Por motivos obscuros, foi encarcerado como instigador de um homicídio (1644). O primeiro julgamento condenou-o ao degredo perpétuo na África; num segundo, o degredo foi transferido para a Índia; e, no último, para o Brasil, onde só aportou por volta de 1655, após haver permanecido no cárcere durante onze anos. Depois de três anos de desterro, regressou a Portugal e foi viver em sua quinta de Entre-Rios. Participou da vida literária de Lisboa na "Academia dos Generosos" e realizou importantes missões diplomáticas em Paris, Londres, Roma, etc. De volta, foi nomeado deputado à Junta Três Estados. Levou uma vida atribulada e sempre teve a "mente às musas dada"; possuía vastíssima cultura e deixou obra extremamente variada, a ponto de ser considerado, logo depois de Quevedo, a maior figura da literatura ibérica da época. Deixou: "En la Muerte de la Señora Doña Inés de Castro" (1628); "Las Tres Musas del Melodino"; "Segundas Tres Musas"; e "El Tercer Coro de las Musas del Melodino". Toda essa composição poética foi englobada em "Obras Métricas". Em apenso às "Segundas Tres Musas", publicou "Auto do Fidalgo Aprendiz", que alguns julgam ter inspirado "O Burguês Fidalgo", de Molière. Em prosa, escreveu: "El Laberinto de Amor"; "Los Secretos Bien Guardados"; "De Burlas Hace Amor Veras"; "El Domine Lucas"; etc. Produziu ainda obras de história, biografias de santos e um "Tratado da Ciência Cabala".

Melville (Herman)

Escritor norte-americano (Nova York, 1819 — id., 1891). Órfão de pai, teve infância difícil e foi obrigado a abandonar os estudos. Em junho de 1839, viajou como embarcadiço para Liverpool. De regresso (em outubro do mesmo ano), tentou fazer fortuna no oeste, mas não teve sucesso. Assim, engajou-se em 1841 no baleeiro "Acushnet", rumo aos mares do sul. Em julho de 1842, desembarcou com um amigo em Nuku Hiva, nas Ilhas Marquesas. Foram capturados pelos taipis, que os trataram com relativa hospitalidade (apesar de sua fama de canibais). Com base nessa experiência, Melville escreveria, em 1846, seu primeiro livro, "Typee". Um ano depois veio "Omoo" ("vagabundo", no dialeto das Ilhas Marquesas), que também relatava, em forma de reportagem, sua vida a bordo dos baleeiros e os contatos que manteve com os povos que conheceu. Esses dois romances evidenciam também as preocupações morais e existenciais que seriam a constante de sua obra. Sem ter lido Rousseau, chegava a uma conclusão semelhante: o selvagem é puro e bom; a civilização o corrompe. Os editores opuseram muitos obstáculos à publicação dessas obras: certas passagens lhes pareciam mentirosas e outras — como a afirmação de que o cristianismo falhara na Polinésia — iam de encontro às verdades oficiais da época. Publicados, os livros tiveram modesta aceitação de público e crítica, salientando-se mais pelo exotismo do assunto. Em agosto de 1847, casou-se com Elizabeth Shaw, e logo depois (entre 1847 e 1849) publicou "Mardi", "Redburn" e "White-Jacket". Em 1850, com a ajuda do sogro (um importante magistrado), comprou uma propriedade rural em Pittsfield. No mesmo ano começou a redigir "Moby Dick", concluído em 1851. O personagem-título é uma baleia branca, contra a qual luta o Capitão Acab, comandante do "Pequod". Toda a experiência que Melville adquirira como caçador de baleias aparece no livro, mas seu sentido último é a eterna busca de perfeição do ser humano e o embate do Bem contra o Mal. Como os anteriores, o livro teve discreta acolhida e só depois receberia aplausos do público e de escritores, como D. H. Lawrence e Albert Camus (que considerou o autor um "Homero do Pacífico").

Memling (Hans)

Pintor flamengo (Selingenstadt, próximo de Mayence, cerca de 1433 — Bruges, 1494). Seu aprendizado possivelmente foi feito em Bru-

Méliès, Georges — Memling, Hans

xelas, onde viveu Rogier Van der Weyden, de quem recebeu nítida influência (embora houvesse humanizado o caráter trágico das telas de seu antecessor). Seu nome consta do registro dos burgueses de Bruges (1465), onde também se conservam suas telas principais, no Museu Comunal, no Hospital São João (que escolhe os trípticos "Casamento Místico de Santa Catarina" e a "A Adoração dos Reis Magos" e o relicário de Santa Úrsula, destinado a conter raridades trazidas da Terra Santa). Memling foi um dos grandes mestres da pintura primitiva flamenga e, a partir de 1475, trabalhou quase exclusivamente para os burgueses de Bruges. Sua obra patenteia extrema virtuosidade, tanto nas composições religiosas como nos retratos sob encomenda, dos quais ainda subsistem 25; através destes, fica evidente ser Memling um dos iniciadores do retrato que, a par da fidelidade ao modelo, procura situá-lo em seu ambiente familiar. O estilo de suas telas reflete um temperamento sonhador e tranqüilo, que se expressa em composições equilibradas, com figuras de rosto suave, gestos pausados e delicados movimentos; suas Virgens são poéticas, delicadas, ao mesmo tempo humanas e divinas. No fim de sua vida, rico e famoso, era um dos burgueses que pagavam mais altos impostos. Entre muitas outras, deixou as telas "Pietà", "As Sete Alegrias da Virgem", "O Martírio de São Sebastião" e "O Calvário", importante tríptico encomendado por um banqueiro de Lübeck para a catedral de Nossa Senhora. Sua obra "O Julgamento Final", encomendada da Itália por Jacopo Tani, encontra-se na igreja de Nossa Senhora, em Dantzig. Realizou ainda numerosos retratos.

Mena Barreto

Família de militares brasileiros: João de Deus (Rio Pardo, RS, 1769 — id., 1849) participou em 1801 da conquista de Sete Povos das Missões, da primeira guerra Cisplatina (1811/12), presidiu a junta representativa do governo em Porto Alegre (1822) e foi chefe das forças legalistas contra os Farrapos (1835/45). João Propício (Rio Pardo, RS, 1808 — São Gabriel, RS, 1867) participou das forças brasileiras durante a guerra das Províncias Unidas do Rio da Prata (1925/28), na Guerra dos Farrapos. Foi nomeado 1.º vice-presidente da Província do Rio Grande do Sul (1858), fez a campanha do Uruguai (1864/65) contra o Presidente Cruz Aguirre. José Luís (Porto Alegre, 1812 — id., 1879) lutou contra os Farrapos, e na Guerra do Paraguai; tornou-se general de campo em 1871. João Manuel (Porto Alegre, 1827 — Peribebuí, Paraguai, 1869) combateu na Guerra dos Farrapos e na Guerra do Paraguai. Antônio Adolfo de Fontoura (Porto Alegre, 1846 — Rio de Janeiro, 1923) lutou na Guerra do Paraguai. Em 1912 foi ministro da Guerra.

Menandro

Poeta grego (Atenas, 340 a.C. — id., 242 a.C.). Pertencia à elite ateniense, e teve a orientação de seu tio, o poeta Aléxis, na arte de versejar. Foi discípulo dos filósofos Teofrasto e Epicuro. Sua primeira comédia foi apresentada entre 322 e 321 a.C. Alexandre, o Grande, morrera há mais ou menos um ano, mas os graves acontecimentos que convulsionavam a Grécia não se refletem na obra de Menandro. Levava vida de prazeres, variando de amantes e cortesãs, algumas das quais retratou em suas comédias. Escreveu cerca de 108 peças, mas só por oito vezes mereceu de seus concidadãos o triunfo de ser coroado; era quase sempre sobrepujado por seu rival, Filemon. Amava Atenas e rejeitava os convites para ir viver em outras terras, inclusive no Egito, onde Ptolomeu Sóter, um dos herdeiros do Império de Alexandre, pleiteava sua presença, a troco de vantagens fabulosas. De sua extensa obra só se conhecem fragmentos e alguns papiros encontrados no Egito. Durante longo tempo foi conhecido apenas através das imitações romanas de Plauto e Terêncio, por trechos constantes de antologias e por uma coleção de sentenças, provavelmente reunidas em Roma, onde existem versos seus de mistura com outros de procedência desconhecida. Os extensos fragmentos de sua obra evidenciam que expunha o assunto com clareza, conduzia a ação de modo ágil e que os incidentes tinham grande carga de comicidade. Revelam ainda, de modo notável, o moralista e o filósofo. Os conceitos gerais que expressa através de seus personagens, sempre apropriados à situação, são muitas vezes reconhecidos da filosofia popular, mas têm forte cunho pessoal.

Mendeleiev (Dimitri Ivanovich)

Químico russo (Tobolska, 1834 — São Petersburgo, atual Leningrado, 1907). Estudou ciências naturais em São Petersburgo e aperfeiçoou-se em Paris e Heidelberg. Fez parte do corpo docente do Instituto Politécnico (1863) e da Universidade de São Petersburgo (1866). Foi membro do Conselho de Comércio e Manufaturas e diretor do Instituto de Pesos e Medidas (1893). Nos primórdios da indústria petrolífera norte-americana, visitou a Pensilvânia (1859) para estudar as possibilidades de exploração do petróleo de Bacu e do Cáucaso. Seus estudos contribuíram de modo decisivo para o estabelecimento das bases da indústria petrolífera russa. Criou também uma teoria sobre a formação do petróleo no subsolo. Seus trabalhos físico-químicos referem-se sobretudo à expansão dos líquidos, à dilatação e compressão dos gases, e à densidade das soluções alcoólicas. Foi conselheiro dos serviços militares russos e colaborou na obtenção de uma pólvora sem fumaça, à base de pirocolódio; orientou também seus alunos em importantes pesquisas relacionadas com a nitrocelulose. Sua mais notável contribuição foi a lei periódica dos elementos químicos (1869), pela qual afirma que as propriedades dos elementos quí-

micos, semelhantes para certos grupos, são funções dos pesos atômicos. Assim, previu a existência de certos elementos que ainda não haviam sido descobertos, e descreveu algumas propriedades, não só desses elementos, como também de seus compostos. Essas previsões foram confirmadas pelas descobertas do gálio, do escândio, do germânio e de outros elementos.

Mendel (Gregor Johann)

V. **Mendelismo** (Enciclopédia Abril, vol. VIII)

Mendelsohn (Erich)

Arquiteto alemão (Allenstein, Prússia oriental, 1887 — San Francisco, 1953). Estudou arquitetura em Berlim e em Munique e começou a trabalhar em 1912, em Berlim. Em 1920, construiu o Observatório de Einstein, em Potsdam, com formas envolventes e muito dinâmicas, que fizeram sucesso na época. Mendelsohn foi um dos primeiros a utilizar o aço e o concreto. Na década de 20, construiu outros grandes edifícios: Lojas Petersdorff, em Breslau (1927), e Lojas Schoken, em Stuttgart (1927) e em Chemmitz (1928). Este último prédio, ao lado do Columbus-Haus (1931) — um conjunto de lojas e escritórios, em Berlim —, representam seus melhores trabalhos na Alemanha. A fachada de ambos segue um mesmo princípio: uma faixa de largos peitoris, alternando-se com uma faixa de janelas — aparentando leveza, construção esguia, ao mesmo tempo que as pilastras à mostra acentuam o aspecto de grandeza do conjunto. Com a ascensão do nazismo, começaram as perseguições e Mendelsohn — judeu —, teve de deixar o país em 1933, passando os dez anos seguintes na Inglaterra e na Palestina. Na Inglaterra, dirigiu a construção do Pavilhão de La Warr, em Bexhill (1934), e conseguiu, ao afirmar com a projeção dos andares a horizontalidade do projeto, incorporar o conjunto ao horizonte marinho. Na Palestina, dirigiu a construção do Centro Médico de la Hadassah, no monte Scopus, em Jerusalém (1937/39). Em 1941, Mendelsohn viajou para os Estados Unidos, onde sua principal obra foi o Centro Hospitalar Maimônides, em San Francisco (1946). Construiu ainda uma série de sinagogas, entre as quais se destaca a de Cleveland, com uma abóbada de 30 metros de diâmetro. Sua obra caracterizava-se pelas formas expressivas, pela variedade de soluções que apresentava e por sua constante preocupação em adequar a construção à paisagem.

Mendelssohn-Bartholdy (Jakob Ludwig Félix)

Compositor alemão (Hamburgo, 1809 — Leipzig, 1847). Em 1812, sua família (ricos judeus convertidos ao luteranismo) transferiu-se de Hamburgo para Berlim. Na capital, Mendelssohn começou a estudar música com sua mãe. Em 1816, foi a Paris estudar com Marie Bigot. Com nove anos de idade, de volta à Alemanha, exibia-se publicamente como pianista; com dez, entrou como contralto na Singakademie de Zelter, compôs o "Salmo 19", várias sonatas, peças para órgão, uma cantata e uma comédia em três atos. Aos doze anos já tinha produzido cinco sinfonias para cordas, duas óperas e algumas fugas. Em 1825, seu pai levou-o a Paris e o apresentou a Luigi Cherubini. Entusiasmado com o jovem, Cherubini quis continuar dirigindo sua educação musical. Contudo, Mendelssohn preferiu retornar à Alemanha. Em agosto de 1825, terminou sua ópera "Die Hochzeitdes Camacho", apresentada em 1827. Em 1826, compôs "Sonhos de Uma Noite de Verão"; ainda nesse ano, matriculou-se na Universidade de Berlim, para fazer o curso de direito. Freqüentou a faculdade durante três anos durante os quais não deixou de compor. Em 1829, regeu a "Paixão segundo São Mateus", de Bach (ele foi um estudioso e grande divulgador da obra de Bach, quase desconhecida, na época). Ainda em 1829, Mendelssohn viajou para o exterior: em Londres, exibiu-se como regente e pianista de concertos de Weber e Beethoven; seguiu depois para a Escócia, que lhe inspiraria a ouverture: "A Gruta de Fingal"; conheceu também a Alemanha do Sul, a Áustria, a Itália, a Suíça e a França. Em 1832 foi novamente para Londres, onde regeu sua "Sinfonia Italiana" e o "Concerto em Ré Menor", de Mozart. Em 1835, aceita a direção do Gewandhaus, em Leipzig. No ano seguinte, regeu seu oratório "Paulus", em Düsseldorf. Em 1837, casou-se com Cécile Charlote Sophie Jeanrenaud. Em 1841, foi chamado a Berlim pelo imperador e nomeado diretor de música da Academia das Artes. No ano seguinte, demitiu-se do cargo e resolveu fundar um conservatório em Leipzig. Em 1846, regeu seu oratório "Elias" em Birmingham e, no ano seguinte, realizou sua última viagem à Inglaterra. Deixou dezenas de composições, entre óperas, oratórios, corais, sinfonias e concertos.

Mendelssohn (Moses)

Filósofo alemão (Dessau, 1729 — Berlim, 1786). De modesta família judia, começou desde cedo o estudo da Bíblia e dos principais textos judaicos, sob a direção do rabino local. Aos dez anos de idade compunha poemas em hebreu. Conservou por toda a vida uma forma de hipersensibilidade que freqüentemente se transformava em séria depressão. Em 1743, foi para Berlim, onde estudou francês, inglês, alemão, latim e matemática. Em 1750, tornou-se preceptor dos filhos de Isac Bernhard, rico proprietário de uma indústria de seda. Quatro anos mais tarde, Bernhard fez com que Mendelssohn ingressasse no negócio, o que lhe asseguraria uma renda até o fim da vida. Em 1754, conheceu Lessing, que o introduziu nos meios literários e filosóficos da capital. Colaborou nas maiores revistas da época, especialmente na "Biblioteca Geral Alemã". Entre suas primeiras obras estão os quatro "Diálogos Filosóficos"

(1755), escritos num estilo que lembra os diálogos platônicos. No mesmo ano, publicou "Cartas sobre as Sensações", onde tratava de assuntos estéticos e psicológicos. Em 1763, obteve grande sucesso num concurso organizado pela Academia de Berlim sobre o tema "A Evidência na Metafísica", que lhe deu renome internacional. Entre 1769 e 1770 foi envolvido por Lavater numa delicada polêmica sobre o valor do cristianismo, da qual participaram diversos outros filósofos e teólogos. Adepto do Iluminismo alemão, Mendelssohn era partidário de uma religião espiritualista capaz de levar seus seguidores à cultura humanista universal. Com esse propósito, fundou a Escola Judia do Livro de Berlim (1781), que empreendeu a tradução da Bíblia em alemão, acompanhada por comentários hebreus. A obra fundamental de Mendelssohn, "Jerusalém" (1783), define o clima espiritual do judaísmo como "liberdade de doutrina e conformismo de ação".

Mendes (Raimundo Teixeira)

Pensador e escritor brasileiro (Caxias, MA, 1855 — Rio de Janeiro, 1927). Em 1867, foi para o Rio de Janeiro onde, abolicionista e republicano, ligou-se às idéias positivistas, influenciado por Benjamin Constant. Conheceu Miguel Lemos, que seria seu companheiro de idéias e lutas. Em 1880, publicou "Apontamentos para a Solução do Problema Social no Brasil". Escrita com a colaboração de Aníbal Falcão e Teixeira de Sousa, a obra discute discretamente problemas ligados à libertação dos escravos. Liderou o movimento positivista e realizou uma série de conferências sobre o "Catecismo Positivista", de Comte. Em 1883, publicou "A Pátria Brasileira", estudo da evolução das universidades européias e discussão de idéias socialistas. Publicou mais tarde "Filosofia Química segundo Augusto Comte" (1887) e "A Liberdade Espiritual e a Organização do Trabalho" (em colaboração com Miguel Lemos). Quando foi proclamada a República, chegou a preparar uma obra sobre a regulamentação do trabalho nos estabelecimentos industriais do governo (jornada de sete horas, descanso dominical e nos feriados, quinze dias de férias, aposentadoria e pensões). Em 1889, publicou, juntamente com Miguel Lemos, o folheto "Bases da Constituição Política Ditatorial Federativa para a República Brasileira", onde eram discutidos problemas de superfederalismo, ditadura vitalícia, presidencialismo puro, amplo liberalismo econômico, etc. Seguiram-se, depois outras publicações: "Esboço de uma Apreciação Sintética da Vida e Obra do Fundador da República Brasileira — Benjamin Constant" (1892), "O Culto Público", "As últimas Concepções de Augusto Comte", "Clotilde de Vaux e Augusto Comte", "A Verdadeira Política Republicana e a Incorporação do Proletariado na Sociedade Moderna" (1908) e "Resumo Cronológico da Educação do Positivismo no Brasil" (publicado postumamente, em 1930).

Mendonça (José Luís de)

Magistrado brasileiro (Porto Calvo, PE, 1765 — Salvador, BA, 1817). Diplomado em leis na Faculdade de Coimbra retornou ao Brasil, tornando-se desembargador e um dos advogados de maior renome no Recife. Liderou o movimento revolucionário nativista de 1817, contra o governador pernambucano (do Capitão-General Caetano Pinto de Miranda Montenegro). Integrou a junta que substituiu esse governador e que, ao meio-dia de 9 de março de 1817, instalou a República Pernambucana. Coube-lhe a redação do "manifesto preciso dos sucessos que tiveram lugar em Pernambuco, desde a Faustosíssima e Gloriosa Revolução, operada felizmente na praça do Recife, aos seis do corrente mês de março, em que o generoso esforço dos nossos bravos compatriotas exterminou daquela parte do Brasil o monstro infernal da tirania real". Estusiasmado a princípio, quis voltar atrás quando a idéia começou a tomar vulto. Mas não conseguiu, e foi carregado pela onda revolucionária. Derrotada a revolução, foi preso e enviado para a Bahia, onde foi submetido a julgamento pelo Conselho Militar. Após um simulacro de interrogatório, foi fuzilado juntamente com os outros, no Largo da Pólvora.

Mendonça (Salvador de Menezes Drumond Furtado de)

Poeta, jornalista, diplomata e historiador brasileiro (Itaboraí, RJ, 1841 — Rio de Janeiro, GB, 1913). Salvador Mendonça formou-se advogado em 1869 na Faculdade de Direito de São Paulo. Ainda estudante, empenhou-se na causa republicana. Em 1870, colaborou com Quintino Bocaiúva na realização do Manifesto Republicano e no jornal "A República". Em 1875, foi nomeado cônsul brasileiro em Baltimore, Estados Unidos. Em 1890, após a Proclamação da República, foi nomeado ministro plenipotenciário do Brasil em Washington — cargo que obteve, principalmente, em reconhecimento a seu trabalho como diplomata, procurando fazer com que o novo regime fosse reconhecido pelos Estados Unidos. Permaneceu na função até 1898, quando, em conseqüência de intrigas políticas durante o governo de Prudente de Morais, foi removido para Lisboa. Em 1903, reabilitado pelo Presidente Rodrigues Alves, retornou ao Brasil, onde viveu seus últimos anos praticamente na miséria. Escritor, ingressara em 1898 na Academia Brasileira de Letras. Publicou várias obras: "Singairu" (versos, 1859), "Romance de um Moço Rico" (comédia, 1860), "Joana de Flandres ou A Volta do Cruzado" (tragédia, 1863), e "Diletantismo" (1864). Em colaboração com o Padre Álvares Guedes Vaz e com Vítor Dias, escreveu, em 1866, "Apontamentos Biográficos para a História da Campanha do Uruguai e Paraguai de 1864". Escreveu, ainda, "Marabá, Romance Brasileiro" (1875), "Trabalhadores Asiáticos" (1879), "Imigração Chinesa" (1881), "Ajuste de Contas" (1904), "Situação Internacional do Brasil" (1913).

Menéndez y Pelayo (Marcelino)

Crítico e historiador literário espanhol (Santander, 1856 — id., 1912). Estudou nas universidades de Barcelona e Madrid, onde defendeu a tese de doutoramento em 1875: "A Novela entre os Latinos", prelúdio de uma grande obra de pesquisa. Em 1876, venceu o concurso para a cadeira de literatura espanhola na Universidade de Madrid, sendo eleito membro da Academia Espanhola, em 1880. Embora fosse católico tradicionalista, manteve rigorosa imparcialidade em suas obras, onde se destacam "Calderón e Sua Época" (1880), "Horácio na Espanha" (1885), "Estudos de Crítica Literária" (1884), "História das Idéias Estéticas na Espanha" (1882 — uma história da literatura espanhola), "Antologia dos Poetas Hispano-Americanos" (1893), a primeira história da literatura hispano-americana, e "Origens do Romance" (1905), que contém uma história deste genero durante a Idade Média e a Renascença. "História dos Heterodoxos Espanhóis" (1880) é uma obra básica para o estudo das correntes culturais que se opõem ao monarquismo e ao catolicismo de Espanha.

Meneses (Emílio de)

Poeta brasileiro (Curitiba, PR, 1866 — Rio de Janeiro, GB, 1918). Aos treze anos foi trabalhar na farmácia de um parente, onde desenvolveu alguns conhecimentos de farmacologia. Durante esse período, começou a interessar-se por literatura (particularmente pela poesia). Aos vinte anos revelou sua veia satírica, escrevendo um soneto sobre o poeta Bernardino Lopes. Em 1887, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou no jornalismo com artigos satíricos. Vestido de maneira extravagante, com botas coloridas e paletós imensos, Emílio de Meneses tornou-se uma figura extremamente popular nas rodas boêmias do Rio de Janeiro, com seus trocadilhos e sátiras irreverentes. Em 1888, casou-se com Maria Carlota Pereira Coruja. Com a Proclamação da República, obteve um emprego público em Paranaguá, onde permaneceu com a família durante um ano. Devido a especulações na Bolsa de Valores, ficou rico, empobrecendo logo em seguida com a crise financeira do Encilhamento. Seu primeiro livro de poemas não satíricos, "Marcha Fúnebre", foi publicado em 1893. Seguiram-se "Poemas da Morte" (1901), "Dies Irae" (1906) e "Últimas Rimas" (1917). Considerado um dos maiores poetas do Parnasianismo, por duas vezes tentou entrar para a Academia Brasileira de Letras. Eleito em 1914, não pôde tomar posse, por ter seu discurso vetado pelo presidente Paulo Medeiros de Albuquerque, que o considerou ofensivo a dois membros da casa, Oliveira Lima e Afrânio Peixoto. E Emílio recusou-se a modificá-lo. Em 1924, o humorista Madeira de Freitas organizou as poesias satíricas de Emílio de Meneses e reuniu-as no livro "Mortalhas (Os Deuses de Ceroulas)". O poeta usava diversos pseudônimos, entre os quais Neófito, Gaston D'Argum, Gabriel de Anúncio e João Pronto da Silva.

Menger (Karl)

Escritor austríaco (Neu Sandec, então parte da República da Cracóvia, 1840 — Viena, 1921). Em 1846, tornou-se súdito austríaco, quando a pequena república foi anexada pelo Império Austríaco. (Atualmente Neu Sandec pertence à Polônia.) Doutorado pela Universidade de Cracóvia em 1873, Menger tornou-se professor de economia política na Universidade de Viena, onde ficou, com algumas interrupções, até 1903. Foi também preceptor do Príncipe Rodolfo, herdeiro do trono austríaco. Opondo-se ao método da escola histórica vigente na Alemanha, Menger apoiava o valor teórico dedutivo. A principal obra de Menger é "Princípios de Economia Política" (1871) na qual procurou demonstrar como o princípio de utilidade ligava o valor de uso ao de escassez. Sublinhou também o papel fundamental da "utilidade marginal", na determinação do valor econômico, contribuindo para a revolução marginalista da teoria do valor, que representou uma completa ruptura com a teoria clássica do valor-trabalho. Em 1883, publicou "Pesquisas sobre os Métodos das Ciências Sociais e em Particular da Economia Política".

Menzel (Adolfo Frederico von)

Pintor, desenhista e gravador alemão (Breslau, 1815 — Berlim, 1905). Com a morte de seu pai, em 1832, assumiu a chefia da oficina litográfica da família, em Berlim. Em 1840, foi encarregado de ilustrar a "Vida de Frederico, o Grande", de F. Kluger, trabalho de dois anos, que teve uma grande importância em sua vida — fez dele um litógrafo famoso. No período de 1845 a 1870, pintou pequenas paisagens e cenas interiores a óleo e guache, onde a luminosidade desempenhava um papel fundamental, o que o transformou numa espécie de precursor dos impressionistas. Em 1855, 1867 e 1868, viajou para Paris, ficando amigo do pintor realista Gustave Courbet. A paisagem francesa serviu-lhe de tema para quadros, como "Teatro do Ginásio" (1856) e "Domingo no Jardim das Tulherias" (1867). Tendo se dedicado à pintura histórica, desde 1850, realizou obras como "Mesa Redonda de Frederico II, o Grande, em Sans-Souci" (1850), "Concerto de Flauta de Frederico, o Grande, em Sans-Souci" (1852), "Cena depois do Baile" (1878), "Mesa Branca" (1878). Seu quadro "Oficina de Cilindragem" (1875) é considerado uma das primeiras expressões da vida industrial. Menzel deixou ainda enorme produção de desenhos e litogravuras.

Mercier (Desiré Joseph)

Filósofo belga (Braine-l'Alleud, 1851 — Bruxelas, 1926). Estudou em Malines e Louvain, ordenando-se padre em 1874. Ensinou filosofia no seminário de Malines, de 1877 a 1882; nesse ano, foi nomeado professor de filosofia tomista em Louvain. Em 1894, tornou-se presidente do recém-fundado Instituto Superior de Filosofia de Louvain, que viria a ser o principal centro divulgador do neotomismo. Em 1906, foi nomeado arcebispo de Malines e, um ano depois, cardeal. Na Primeira Guerra Mundial, tentou impedir que os alemães queimassem a biblioteca de Louvain e deportassem os operários. Nessa época, tornou-se um líder moral e o orador do povo belga, contra a dominação alemã. Suas obras principais: "Curso de Filosofia", "Tratado Elementar

Mendes, Raimundo Teixeira — Mercier, Desiré Joseph

de Filosofia", "As Origens da Psicologia Contemporânea" e "O Cristianismo na Vida Moderna".

Meredith (George)

Escritor inglês (Poortsmouth, 1828 — Boxhill, 1909). Estudou na Alemanha; voltando à Inglaterra em 1844, estabeleceu-se em Londres, onde se casou com Mary Ellen Nicholls, filha do escritor Thomas Love Peacock, de quem sofreu grande influência. Marcado por esse casamento infeliz e pela morte da esposa, demonstrou muito interesse pela colocação da mulher no mundo moderno. Foi ainda essa experiência que inspirou a série de poemas intitulados "O Amor Moderno" (1862). Depois de escrever dois artigos fantasistas, "Chagpat Barbeado" (1855) e "Farina, uma Lenda de Colônia" (1857), atingiu certa maturidade literária com "A Provação de Richard Feverel" (1859) e "Evan Harrington" (1861). Em 1864, casou-se com Mary Vulliamy. Dois anos depois, foi enviado à Itália como correspondente de guerra do jornal "Morning Post". De volta à Inglaterra, publicou "Vitória" (1868) e instalou-se definitivamente em Boxhill. Escreveu ainda "Poemas e Cantos Líricos da Alegria da Terra" (1855); "Baladas e Poemas da Vida Trágica" (1887); e "Odes Comemorativas da História da França" (1898); além dos romances "As Aventuras de Harry Richmond" (1871); "A Corrida de Beauchamp" (1875); "A Casa à Beira-Mar" (1877); "O Amor no Vale" (1878); "O Egoísta" (1879); "Os Comediantes Trágicos" (1880), baseado na vida do socialista alemão Ferdinand Lassale; "Um de Nossos Conquistadores" (1891); e "O Casamento Surpreendente" (1895). Como crítico, apresentou "A Comédia e os Usos do Espírito Cômico" (1877).

Merejkovsky (Dimitri Serguevitch)

Escritor russo (São Petersburgo, 1865 — Paris, 1941). Sua preocupação fundamental consistia na decadência dos valores espirituais: batia-se pela idéia de que o simbolismo era sobretudo uma perspectiva religiosa. Após a revolução de 1905, foi obrigado a exilar-se em Paris, onde escreveu o drama "Paulo I", cuja encenação foi proibida na Rússia, por conter alusões ofensivas à casa real. Em 1917, não aceitou as idéias revolucionárias dos bolcheviques e estabeleceu-se definitivamente em Paris. Sua obra inclui: "Sôbre as Causas da Decadência da Literatura Russa" (1893); "Companheiros Eternos" (1897); a trilogia "Cristo e Anti-Cristo" ("Juliano, o Apóstata" (1895), "Leonardo da Vinci ou a Ressurreição dos Deuses" (1905) e "Pedro e Aléxis ou o Anti-Cristo"); "Tolstói e Dostoiévski" (1899); "Alexandre I e os Dezembristas" e "Catorze de Dezembro" (1905). Escreveu ainda biografias de Napoleão, Dante, Lutero e Calvino, além de romances de caráter histórico e científico, como "O Segredo dos Três", "O Nascimento dos Deuses", "O Messias" e "Atlântida".

Merimée, Prosper

Escritor francês (Paris, 1803 — Cannes, 1870). Estudou direito na Sorbonne, onde começou a interessar-se por literatura, e ligou-se a Stendhal. Estreou na literatura em 1825, com "O Teatro de Clara Gazul", como se fosse escrito por uma atriz espanhola, da qual ele seria tradutor e editor. Prestigiado por essa obra, em 1827 lançou seu segundo sucesso, repetindo a "mistificação" do primeiro, com o livro de poesias "A Guzla", onde ele se afirmava tradutor de um hipotético escritor lírico, Hyacinthe Maglanovich. Em 1828, apareceu "A Jacquerie", sobre uma revolta camponesa. O mais ambicioso dos seus primeiros livros foi o romance histórico "A Crônica do Reinado de Carlos IX" (1829). A partir desse ano, começou a escrever, num estilo que o consagraria (frio, discreto, despojado), histórias assombrosas e misteriosas como "Mateo Falcone" (1829), "A Tomada do Reduto" (1829), "Tamango" (1829), "O Duplo Equívoco" (1833), "Colomba" (1840) e "Carmen" (1845). Em 1830 escreveu duas comédias: "A Ocasião" e "A Carruagem do Santo Sacramento". Depois de trabalhar nos ministérios da Marinha, do Comércio e do Interior, foi nomeado inspetor-geral dos monumentos históricos (1833). Fez uma série de viagens relacionadas com seu trabalho e publicou algumas obras a respeito, como "Notas de Viagem" (1835/40), "Estudos sobre a História Romana" e "Monumentos Helênicos" (1842). Em 1844 entrou para a Academia Francesa de Letras e passou a traduzir autores russos. Escreveu ainda "História de Dom Pedro, Rei de Castela" (1848), "Episódio da História da Rússia: o Falso Demétrio" (1852) e "As Duas Heranças" (1853). Do ano de 1853 até sua morte, dedicou-se fundamentalmente às traduções.

Merleau-Ponty (Maurice)

Filósofo francês (Rochefort, Charente-Maritime, 1908 — Paris, 1961). Aluno da Escola Normal Superior em Paris, foi professor de filosofia na Faculdade de Letras de Lyon (1945/49) e depois na Sorbonne (1949/52); em 1952, assumiu a cadeira de filosofia do Colège de France. Após a Segunda Guerra Mundial, foi também editor de "Temps Modernes", publicação fundada por Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Seus principais campos de trabalho foram a psicologia filosófica e a fenomenologia. Também escreveu sobre política e estética. Merleau-Ponty é geralmente classificado, juntamente com Sartre, como representante do existencialismo ateu. Em "Fenomenologia da Percepção" (1945), sua obra principal, Merleau-Ponty criticou

a psicologia tradicional e lançou as bases de uma teoria geral da subjetividade humana. Para ele, o homem é ao mesmo tempo sujeito pensante e eu corpóreo; a ambigüidade é, assim, a condição desse ser que é indivisivelmente seu corpo e seu pensamento; "a ambigüidade não é uma imperfeição da consciência ou da existência, ela é sua definição". Em "Humanismo e Terror", dedicado à filosofia política, considerou (como Sartre) a liberdade implícita na capacidade do homem de conhecer objetivamente sua situação e localizá-la no contexto de possíveis tipos de ação. Mas, diferentemente de Sartre, negou que a liberdade pudesse ser alguma vez total. Separado de Sartre e dos "Temps Modernes" desde 1953, procurou situar-se em uma esquerda não comunista. Criticou o marxismo dogmático em "As Aventuras da Dialética" (1955). Outras obras: "A Estrutura do Comportamento", "O Visível e o Invisível", "Sinais".

Mesquita (Júlio César Ferreira de)

Jornalista e político brasileiro (Campinas, SP, 1862 — id., 1927). Iniciou os estudos em Portugal e formou-se em direito em São Paulo (1883). Participou da redação do jornal "A República", cujo objetivo era a queda do regime monárquico. Colaborou na "Gazeta de Campinas" e em "A Província de São Paulo". Redator deste jornal a partir de 1886, tornou-se seu diretor dois anos depois, associado a Rangel Pestana. Em 1890, proclamada a República, o jornal passou a circular sob o nome de "O Estado de S. Paulo", e Júlio de Mesquita tornou-se seu proprietário em 1902. Depois de exercer cargos políticos por alguns anos — foi secretário do primeiro governo paulista, deputado estadual, líder da maioria na Assembléia (de 1907 a 1909) e senador estadual — dedicou-se totalmente a seu jornal. Defendeu a causa civilista desde o lançamento da candidatura de Rui Barbosa à presidência da República, até sua derrota, com a eleição do marechal Hermes da Fonseca, em 1910. Fundou a "Revista do Brasil" (1916-1925), periódico que em sua época exerceu grande influência em todo o país.

Mesquita Filho (Júlio de)

Jornalista brasileiro (São Paulo, SP, 1892 — id., 1969). Estudou em Portugal, França e Suíça. Bacharelou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1917. Desde cedo seguiu carreira jornalística: dirigiu o vespertino "O Estadinho", que começou a circular em 1915. Com a morte do pai (1927), passou a dirigir "O Estado de S. Paulo". Foi um dos fundadores da Liga Nacionalista (1917) — agremiação que promovia campanhas em favor do voto secreto, alfabetização, saneamento e serviço militar obrigatório — e da Universidade de São Paulo (1934). Exilado de 1933 a 1939 por sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932, colaborou no jornal "La Nación", de Buenos Aires. Em 1940, pouco depois de voltar ao Brasil, seu jornal foi ocupado pela polícia do interventor federal Ademar de Barros, e só lhe seria devolvido em 1945. Mesquita Filho ocupou o cargo de vice-presidente da Sociedade Interamericana de Imprensa em 1965 e, no ano seguinte, o de presidente. Entre suas obras encontram-se "A Crise Nacional" (1924), "Estudos Sul-Americanos" (1946), "A Europa que Eu Vi" (1953), "Memórias de um Revolucionário" (1954), "Nordeste" (1963) e "Cultura e Política".

Mesquita Pinheiro (Custódio)

Compositor popular e ator brasileiro (Rio de Janeiro 1910 — id., 1945). Formou-se regente na Escola Nacional de Música. Compôs sua primeira obra ("O Amor é um Prejuízo") aos vinte anos. Em 1934 tinha cerca de vinte músicas gravadas na voz dos melhores cantores da época: Cármen Miranda, Sílvio Caldas, Mário Reis e Aurora Miranda. Teve um grande número de parceiros, dos quais o mais importante foi Evaldo Rui. Custódio Mesquita compôs cerca de duzentas músicas, entre marchas, sambas, foxes e composições para teatro: "Dormindo na Rua" e "Tenho Um Segredo", gravadas por Sílvio Caldas; "Prazer em Conhecê-lo", de parceria com Noel Rosa; e o grande sucesso do carnaval de 1934: "Se a Lua Contasse". Foi galã de companhias teatrais e participou como ator de três filmes nacionais: "Alô, Alô, Brasil", do norte-americano Wallace Downey (1935); "Bombonzinho", de Mesquitinha (1938); e "Moleque Tião", de José Carlos Burle (1943). Foi pianista das rádios Mayrink Veiga, Philips e Clube do Brasil, e diretor artístico da Rádio Clube do Pará, em Belém.

Mesquitinha (Olímpio Bastos, dito)

Ator brasileiro (Rio de Janeiro, 1902 — id., 1956). Trabalhou com sucesso no teatro de revista, na década de 1920, adotando o pseudônimo de Mesquitinha, em homenagem a seu padrinho, o ator português Francisco Mesquita. (Aliás, algumas fontes afirmam que ele mesmo nasceu em Portugal.) Em 1930, Mesquitinha montou sua própria companhia, estreando com a comédia de Armando Gonzaga "O Homem do Fraque Preto". Além de ator, estrelando vários filmes de 1935 a 1952, dirigiu também alguns: "O Bobo do Rei" (1936), "João-Ninguém" (1937), "Bombonzinho" (1938), "Onde Estás, Felicidade?" e "Está Tudo Aí" (ambos de 1939). Atuou como ator em 1935 nos filmes: "Alô, Alô, Brasil", "Estudantes", "Noites Cariocas", "Maridinho de Luxo" (1937), "Tererê Não Resolve" (1938), "Pega Ladrão" (1939), "Samba em Berlim", "É Proibido Sonhar" (ambos de 1943), "Romance de um Mordedor" (1944), "Cem Garotas e um Capote" (1945), "Segura Esta Mulher" (1946), "Esta É Fina" (1947), "Está com Tudo" e "Simão, o Caolho" (ambos de 1952).

Messalina (Valéria)

Imperatriz romana (22 d.C. — Roma, 48 d.C.). Filha da nobre família de Messala,

Meredith, George — Messalina, Valéria

casou-se com o imperador Cláudio, tendo dois filhos: Otávia, que mais tarde seria a esposa de Nero, e Britânico. Exerceu profunda influência sobre o marido, dele afastando amigos e conselheiros. Devassa e odiada pelos romanos, foi acusada publicamente pelo poeta Juvenal de exercer a prostituição nas ruas de Roma. Apesar de casada, desposou um de seus amantes, o jovem Caio Sílio, pensando em assassinar seu marido. Informado do casamento, Cláudio executou sua mulher nos jardins de Lúculo.

Messiaen (Olivier)

V. **Messiaen,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Messier (Charles)

Astrônomo francês (Bandonviller, 1730 — Paris, 1817). Em 1751, em Paris, foi contratado pelo astrônomo J. N. Delisle como desenhista e registrador de observações astronômicas. Três anos depois, conseguiu emprego no observatório da Marinha. Foi o primeiro a observar, na França, o retorno antecipado do cometa de Halley (1758/59). Daí em diante procurou novos cometas e nebulosas. Chamado "investigador de cometas" por Luís XV, Messier descobriu sozinho mais quinze deles. Em 1764, foi eleito membro estrangeiro da Royal Academy; em 1770 obteve um lugar na Académie de Sciences de Paris. No ano seguinte publicou um catálogo de nebulosas, que são até hoje conhecidas pelo seu nome.

Metastasio (Pietro Antonio Domenico Bonaventura Trapassi, dito)

Poeta italiano (Roma, 1698 — Viena, 1782). Era filho de um comerciante e afilhado do cardeal e poeta Pietro Ottoboni. Tinha dez anos quando se tornou aluno do poeta Gian Vincenzo Gravina e mudou seu nome para Metastasio. Em 1724, Metastasio tornou-se conhecido com o drama "Dido Abandonada". Em 1729, mudou-se para a corte de Viena, como poeta convidado. Escreveu nessa época o melhor de sua produção, que inclui os melodramas "Olimpíada" (1733), "Almofoonte" (1733), "A Clemência de Tito" (1734), "Attilius Regulus" (1740). Seus melodramas serviram durante o século XVIII de libreto aos compositores. Parte importante de sua obra é constituída por ensaios sobre teatro: "Extrato sobre a Arte Poética de Aristóteles", "Observações sobre o Teatro Grego", "Notas sobre a Arte Poética de Horácio". Neste trabalho crítico, revelou gosto pelas inovações e lucidez sobre as relações que deveriam existir entre a obra de arte e a realidade. Metastasio, o maior representante da Arcádia italiana, exerceu grande influência sobre os poetas da Inconfidência Mineira.

Metsys (Quentin)

Pintor flamengo (Louvain, 1466 — Antuérpia, 1530). Formou-se no estilo de Dierick Bouts e fundou a Escola de Antuérpia. Herdeiro das tradições medievais e seduzido pelo Renascimento, foi um renovador que introduziu na arte dos Países-Baixos o sentido da mobilidade. Utilizou a técnica do "sfumato", demonstrando grande curiosidade pela expressão psicológica, levada até a caricatura — em "Retrato de Velho" e "Amor Desigual", por exemplo. Rompendo com o uso dos tons locais saturados, pintou em cores claras e diluídas, em matizes transparentes de lilás e azul; abandonou o traço contínuo por um desenho partido, nervoso. Deixou inúmeras obras de caráter religioso, entre as quais "Ecce Homo", o retábulo da "Lenda de Santa Ana" (1507/09) e o tríptico "O Sepultamento de Cristo" (1508/11). Deixou ainda os retratos de Peter Gillis e de Erasmo de Rotterdam. Em "O Banqueiro e sua Esposa" (1514), evidenciou o novo espírito da pintura de Antuérpia, situado entre o Gótico, o Realismo e o Maneirismo.

Metternich (Clemens Lothar Wenzel, príncipe von)

Político austríaco (Coblença, 1773 — Viena, 1859). Em 1788, ingressou na Universidade de Estrasburgo, onde permaneceu até 1790; foi depois para Mainz, onde elaborou idéias de uma sociedade européia das nações, sob influência de seu professor, Nokolaus Vogt. Conservador e ferrenho adversário da Revolução Francesa, iniciou sua carreira diplomática em 1794, indo para a Inglaterra. De origem alemã (Coblença pertencia a território alemão), ligou-se à nobreza austríaca em 1801, pelo casamento com a neta do antigo chanceler Von Kaunitz e foi nomeado ministro da Áustria junto à corte saxônica de Dresden. Depois do tratado de paz de Presburgo, tornou-se embaixador em Paris (1806). Nomeado ministro das Relações Exteriores em 1809 e chanceler em 1821, ocuparia ambos os cargos até 1849. O próprio Metternich considerou os anos de 1809-1815 (período em que levou a Áustria à Quarta Coalizão e presidiu o Congresso de Viena) como o período mais importante de sua vida. Procurando evitar a todo custo a unificação da Alemanha e da Itália e combater o liberalismo, pretendeu ser o guardião do "status quo" na Europa. No entanto, o "sistema Metternich" começou a enfraquecer com a retirada da Inglaterra, em 1825 (ano em que aquele país reconheceu a independência das colônias espanholas na América), e se debilitou ainda mais em 1827, quando França e Inglaterra apoiaram a luta da independência da Grécia. Além disso, a aliança entre Áustria e Prússia não foi suficiente para deter o "Risorgimento" na Itália, nem o movimento nacionalista alemão, que eclodiram nas revoluções de 1848.

Meyer (Augusto)

Crítico, ensaísta e poeta brasileiro (Porto Alegre, RS, 1902 — Rio de Janeiro, GB, 1970). Educado num colégio de freiras, foi em seguida para o colégio Anchieta, de jesuítas; as impressões dessa época apareceriam em seu livro de memórias. Depois de abandonar a faculdade de direito, dedicou-se à pintura durante cinco anos. Seu primeiro artigo foi publicado em 1915, no jornal "O Eco do Sul", na cidade de Rio Grande; revelava tendência para o ensaio e a crítica, escrevendo sobre Omar Khayam e Alphonsus de Guimaraens. Seus primeiros poemas foram lançados no jornal "O Exemplo", de Porto Alegre, sob o pseudônimo de Guido Leal. Colaborou na página literária do "Diário de Notícias", de Porto Alegre, onde eram transcritos trabalhos de vários poetas modernistas, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade. Escreveu também diversos artigos sobre o pensamento pré-socrático. Nomeado diretor da Biblioteca Pública do Estado em 1935, publicou nesse ano o ensaio "Machado de Assis". No ano seguinte, foi convidado por Getúlio Vargas para dirigir o recém-criado Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, tendo ocupado esse cargo até 1966. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1960, Meyer ganhou o Prêmio Filipe de Oliveira, com "Segredos de Infância" (1949); e o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra literária. Deixou também "Ilusão Querida" (1923); "Coração Verde" (1926); "Literatura & Poesia" (1931); "Guia do Folclore Gaúcho" (1952); "Cancioneiro Gaúcho" (1952) e "Gaúcho, História de uma Palavra" (1952).

Meyer (Conrad Ferdinand)

Romancista e poeta suíço (Zurique, 1825 — Kilchberg, 1898). De família aristocrática, interrompeu os estudos de direito em 1852, quando precisou ser internado numa clínica psiquiátrica. Uma longa convalescença na Suíça francesa permitiu-lhe aprofundar seus conhecimentos sobre a literatura da França. Dedicou-se então a estudos lingüísticos e históricos, trabalhando na tradução de diversas obras francesas. Posteriormente, realizou muitas viagens pela Itália, e, profundamente impressionado pelo estilo monumental de Michelangelo, fez dele um ideal. De volta à Suíça, estabeleceu-se em 1877 numa casa de campo, nas proximidades de Zurique, da qual nunca mais saiu. Começou a escrever relativamente tarde, publicando sua primeira obra ("Vinte Baladas de um Suíço") em 1864. Suas poesias eram claramente dirigidas a um leitor culto e dotado de senso crítico. Em "Poesias" (1882) — sua obra mais importante —, criou um novo tipo de poema, desenvolvendo uma linguagem que parte de experiências subjetivas, imaginárias ou simbólicas, para chegar à objetividade. Em "Os Últimos Dias de Hutten" (1871), fez uma profissão de fé política e religiosa, conseguindo conciliar a narração lírica com a épica. Em outros romances, como "O Santo" (1879), e suas novelas históricas, "O Casamento do Monge" (1884) e "A Tentação de Pescara" (1887), elaborou minuciosa reconstrução do passado. Todavia, sempre se preocupou com a descrição psicológica dos personagens: Foi o precursor do conto psicológico da língua alemã; suas histórias nada mais eram do que pretextos para a inclusão dos personagens e seus problemas humanos: o significado do destino, as relações do homem com a morte, a aplicação da justiça e os imperativos da consciência. Também precursor do Simbolismo, Meyer escreveu ainda: "Revolta na Montanha" (1876); "O Amuleto" (1873); "O Pajem de Gustavo Adolfo" (1882); e "Ângela Bórgia" (1891).

Meyer (Julius Lothar)

Químico alemão (Varel, Oldenburg, 1830 — Tübingen, 1895). Estudou medicina, que era a profissão de seu pai, em Zurique e Worzburg. Em Heidelberg, dedicou-se à química fisiológica, particularmente à química do sangue; e fez um curso de física matemática em Konigsberg. Em 1859, passou a lecionar na Universidade de Breslau. A seguir, ensinou em Eberswalde (1866), Karlsruhe (1868) e Tübingen (1876). Escreveu "A Teoria Moderna da Química" (1864), na qual fez o primeiro esboço de classificação dos elementos por ordem de peso atômico, pois notara que as propriedades químicas e físicas similares repetem-se a intervalos periódicos. Apesar de dedicar-se a diversos ramos da química, a maior parte de seu trabalho originou-se do interesse pela classificação dos elementos. Foi a elaboração da lei periódica dos elementos que o tornou conhecido e famoso. Em 1882, ele e Mendeleiev receberam a medalha Davy, em reconhecimento por esse trabalho, que realizaram independentemente.

Meyerbeer (Jacob Liebmann Beer, dito Giacomo)

Compositor alemão (Berlim, 1791 — Paris, 1864). De rica família judia, iniciou logo cedo os estudos de música; aos nove anos, era considerado o melhor pianista de Berlim. Mas suas primeiras óperas foram um fracasso. Em 1816, estabeleceu-se na Itália, onde produziu várias óperas no estilo de Rossini. Em 1826, em Paris, entrou novamente em contato com o compositor Weber, que influenciou sua orientação musical. Em 1831, estreou sua primeira ópera francesa (na qual se destacaria) com o libreto de Eugênio Scribe: "Roberto, o Diabo". Seguiram-se "Os Huguenotes" (1836) e "O Acampamento na Silésia" (1843), esta feita em Berlim, onde o autor se tornara diretor de música do rei da Prússia. Na ocasião, regeu duas óperas de Wagner e fez a abertura de "Struensee" (1846), drama

Messiaen, Olivier — Meyerbeer, Jacob Liebmann Beer, dito Giacomo

preparado por seu irmão Miguel. De volta a Paris, produziu uma série de óperas bastante populares: "O Profeta" (1849), "A Estrela do Norte" (1854), "O Perdão de Ploermel ou Dinorá" (1859) e "O Africano" (1864), esta apresentada postumamente. Compôs também canções, cantatas, marchas, peças para piano e danças diversas. Muitos críticos consideraram sua música superficial. Mas poucos negam sua importância no desenvolvimento do gênero operístico e sua influência sobre compositores como Berlioz, Verdi, Puccini e outros.

Meyerhold (Vsevolod Emilievitch)

Diretor de teatro russo (Penza, 1874-?, 1940?). Filho de um destilador de vodca, aos dezoito anos tornou-se ator e diretor teatral de uma companhia amadora de sua cidade. Em 1892 foi para Moscou estudar direito, mas abandonou o curso para entrar no Teatro de Arte, dirigido por Stanislávski. Em 1902 organizou sua própria companhia, a Sociedade do Drama Novo. Tempos depois, Stanislávski convidou-o para dirigir um laboratório experimental em seu grupo; acabaram fundando o Estúdio Teatral, certos de que a força de uma nova arte dramática deveria provir "de uma combinação, de uma harmonia de cores, de linhas, de sons e assonâncias, capazes de criar uma impressão geral que influa inconscientemente no espectador". Mas a tentativa fracassou por falta de atores adequados, e Stanislávski fechou o estúdio. Em 1908, Meyerhold passou a dirigir o Teatro Alexandrinsky e o Teatro Imperial da Ópera de São Petersburgo, onde surpreendeu e chocou o público com as encenações de "Tristão e Isolda" e "Orfeu". Na mesma época, editou a revista "Teatro Total", na qual lançou suas teorias revolucionárias, entre as quais o "método biomecânico", que consistia em traduzir vivências psíquicas, utilizando movimentos físicos racionais: Meyerhold atribuía à pantomima uma importante função, suprimia a cortina e os bastidores, criando uma cena despida de todas as convenções realistas. Em 1914, dirigiu "O Retrato de Dorian Gray". Com a Revolução de 1917, foi nomeado diretor da seção de Petrogrado do departamento estatal que controlava os teatros. No primeiro aniversário da Revolução, montou uma alegoria de Maiakóvski: "Mistério Bufo". Em 1919, encontrava-se na Criméia com a mulher e três filhos quando se tornou prisioneiro de facções anti-socialistas. Voltou para a Rússia Soviética em 1920. Três anos depois, quando completava cinqüenta anos, recebeu o título de Artista do Povo. Meyerhold propôs renovações teatrais em que cena, ator e peça seriam abolidos; a representação passaria a ser um jogo livre para operários, que dedicariam parte de seu lazer à improvisação teatral, no próprio local de trabalho ou num cenário por eles inventado. Mas, com o stalinismo, tornaram-se cada vez mais limitadas suas experiências. Em 1937, reafirmou princípios e posições contra os dirigentes da cultura soviética que o acusavam de formalista e decadente. A 6 de janeiro de 1938, seu teatro foi fechado. No ano seguinte, foi novamente intimado à autocrítica, mas recusou-se. Em 1955, a comissão militar da Corte Suprema da URSS informava: "Em 1939, V. Meyerhold foi preso por falsa denúncia e morreu a 2 de fevereiro de 1940, vítima de injustas medidas repressivas... Seu nome é reabilitado e o patrimônio de sua obra restituído à história do nosso teatro".

Meyerson (Émile)

Filósofo francês de origem polonesa (Lublin, 1859 — Paris, 1933). Fez estudos científicos (principalmente química) na Alemanha. Em 1882, foi para a França, onde tentou enriquecer fabricando índigo sintético. Depois, tornou-se redator de política externa na agência Havas. Naturalizou-se francês depois da Primeira Guerra Mundial. Inicialmente, escreveu pequenas memórias sobre diversas questões de química. A partir de 1890, começou a interessar-se pela filosofia, particularmente a filosofia das ciências. Em 1907, publicou os resultados de suas meditações, na obra "Identidade e Realidade", com a qual criticava o positivismo e pretendia restaurar, em nome da ciência, a primazia da realidade "em si". Desenvolveu assim uma teoria realista da ciência, em oposição ao formalismo positivista. Sua filosofia apresentava-se como um racionalismo crítico centrado na tensão entre a razão e o real. Para ele, a teoria científica não é uma ficção nem uma hipótese indiferente, mas sim uma tentativa de obter uma explicação real dos fenômenos. Mais tarde, a filosofia da ciência de Meyerson foi duramente criticada por Gaston Bachelard. Outras obras de Meyerson são "Da Explicação nas Ciências" (1921), "A Dedução Relativista" (1925) e "Da Progressão do Pensamento" (1931).

Michaelis de Vasconcelos (Carolina)

Lingüista e filóloga alemã (Berlim, 1851 — Lisboa, 1925). Filha de professor universitário, fez seus estudos superiores sob a orientação de grandes filólogos, visto que os cursos universitários eram vedados às mulheres; continuou como autodidata aplicando-se, a partir de 1865, ao estudo das línguas e literaturas clássicas românicas, eslavas e semíticas. Exerceu o cargo oficial de intérprete juramentada em assuntos ibéricos. Desde os dezessete anos, colaborou em revistas de filologia e trabalhos em enciclopédias alemãs; mantinha também ativa correspondência com os maiores romanistas da época. Por ocasião da polêmica suscitada pela tradução do "Fausto" por Castilho, essa correspondência estendeu-se a Portugal, em especial dirigida a Adolfo Braga, Teófilo Braga e Joaquim de Vasconcelos. Com o último veio a casar-se em Berlim (1876). Radicou-se na cidade do Porto e passou a dedicar-se à história, literatura, língua, etnografia, e folclore lusitanos. Sócia honorária de várias sociedades científicas, recebeu o título de doutora "honoris causa" de diversas outras, inclusive da de Coimbra (1916), onde exerceu o magistério durante muitos anos. Sua casa, à rua da Cedofeita, no Porto, misto de museu e de biblioteca, era um verdadeiro centro de cultura, onde mestres e alunos, portugueses ou estrangeiros, iam receber os benefícios da sua erudição. Carolina Michaelis deixou uma extensa obra bilíngüe, em alemão e em português, voltada de um modo geral para a lingüística, mas com originais contribuições para a história e a crítica literária, citando-se "Notas Vicentinas — Preliminares de uma Edição Crítica das Obras de Gil Vicente". Um de seus trabalhos mais importantes é a edição crítica do mais antigo cancioneiro português, o "Cancioneiro da Ajuda", publicada

na Alemanha no ano de 1904. De suas atividades como professora nas universidades de Lisboa e Coimbra nasceram as "Lições de Filologia Portuguesa", coletânea das preleções feitas nos cursos de 1911/12 e 1912/13.

Michelangelo Buonarroti

V. **Michelangelo,** Enciclopédia Abril (vol. VIII)

Michelet (Jules)

V. **Michelet,** Enciclopédia Abril (vol. VIII)

Michelin (André)

Industrial francês (Paris, 1853 — id., 1931). Pertencia a uma família de industriais dedicados a pesquisas para a utilização da borracha em veículos. Graças a uma aliança matrimonial na família, seu pai tomou conhecimento do segredo do solvente do látex, obtido pelo químico escocês Charles Mackintosh e empregado para fazer bolas de jogar. André trabalhava no levantamento cartográfico da França, enquanto seu irmão Edouard (1859-1940) estudava pintura em Paris. Ambos não se interessaram pelas atividades do pai, até o momento em que os negócios da família pioraram. Então, André assumiu a gerência da empresa (1886), cargo no qual foi substituído pelo irmão em 1889. Edouard projetou um pneu desmontável para bicicletas, em substituição aos raros existentes que eram fixos e muito frágeis. Graças a isso, o ciclista Charles Terront conseguiu a vitória no Circuito Paris—Brest—Paris (1 200 km). A seguir, lançaram o uso de pneus em carruagens puxadas a cavalo e nos nascentes automóveis. Concluíram que a manutenção do uso do pneu estava subordinada à sua duração e resistência e intensificaram as pesquisas nesse sentido. Passaram a atuar também no setor da aviação e criaram um prêmio de 100 000 francos para o primeiro piloto que aterrissasse no pico do Dôme, em menos de seis horas após haver sobrevoado o Arco do Triunfo em Paris; criaram ainda as "Copas Michelin de Aviação". Em 1900, André lançou o Guia-Michelin com indicações precisas sobre turismo na França e em alguns países europeus. Foram também grandes animadores de campanhas em prol da numeração e sinalização das rodovias. Preocupados com os problemas sociais dos empregados das suas indústrias, criaram em Clermont-Ferrand uma organização modelar para os trabalhadores e suas famílias. Alinharam-se ainda entre os primeiros que chegaram a aplicar princípios de organização científica no trabalho industrial.

Michelozzo di Bartolomeo

Escultor e arquiteto italiano (Florença, 1396 — id., 1472). Sua iniciação artística foi feita na oficina de um joalheiro e cinzelador. Colaborou com os grandes da época, especialmente Ghiberti, no São Mateus de Orsanmichele (1420-22); com Donatello no tabernáculo de São Ludovico (1420-25), na pia batismal de Siena (1425), no mausoléu de João XXIII (por volta de 1427), construído no Batistério de Florença e no do Cardeal Brancacci em Nápoles. Sua obra de maior fôlego feita em colaboração com Donatello foi o sepulcro encomendado em vida pelo poeta Aragazzi. Esse monumento fragmentou-se: existem na catedral de Montepulciano vários elementos dispersos e em Londres dois anjos em vôo. Sua escultura, embora clássica, nada tem de arqueológica e está marcada por uma forte contribuição pessoal de cunho naturalista. Esculpiu também a luneta da porta principal da igreja de Santo Agostinho, de Montepulciano, e a imagem de São João Batista do claustro da igreja da Anunciação, em Florença, além de obras congêneres. Protegido de Cosme de Medici, realizou para ele importantes trabalhos de arquitetura, caracterizados pela solenidade de ritmo e por grande plasticidade, com perfeito equilíbrio de sombras e luzes alternadas. No convento de São Marcos, em Florença, ergueu os claustros, a igreja e a biblioteca (1347-1432); projetou e construiu o grande Palácio Medici, protótipo das habitações patrícias de Florença (1444). A capela do noviciado em Santa Croce e o tabernáculo do Crucifixo em São Miniato indicam, pela abundância e complexidade dos ornatos, uma forte influência donateliana, que de certa forma sobrecarrega a estrutura. Em Milão, Michelozzo reconstruiu o palácio oferecido por Francesco Sforza a Cosme de Medici, bem como a Capela Portinari em São Eustórgio.

Michels (Robert)

Economista e sociólogo alemão (Colônia, 1876 — Roma, 1936). Primeiramente ligado ao sindicalismo de Georges Sorel, aderiu depois ao fascismo. Em sua obra principal, "Zur Soziologie des Parteiwessens in der modernen Demokratie" ("Os Partidos Políticos", 1911), Michels analisa a partir do Partido Social Democrata Alemão, a contradição entre as intenções e declarações democráticas apresentadas pelas direções das organizações e a dominação oligárquica que existe na realidade. Segundo o que ele chamou de "a lei de ferro da oligarquia" (fruto da própria organização da sociedade moderna), o conhecimento especializado exigido dos líderes dos partidos distancia-os cada vez mais de seus liderados. Como alternativa, Michels só conseguiu considerar o líder carismático, não escondendo sua admiração por Mussolini. O valor de sua obra tem sido objeto de intensa controvérsia: argumenta-se contra suas colocações que ele procurou generalizar um caso particular (o do Partido Social Democrata Alemão na passagem do século), fruto de uma situação história específica, extremamente marcada pela tradição autoritária predominante na Alemanha. Contudo, a maior parte dos estudos sobre organizações (partidos, sindicatos, empresas, hospitais, escolas e associações voluntárias de vários tipos) parece confirmar a hipótese de Michels sobre a concentração do poder na cúpula das organizações. Michels foi um escritor prolífico, tanto em italiano como em alemão. Deixou "Il Proletariato e la Borghesia nel Movimento Socialista Italiano" (1908); "Lavoro e Razza" (1924); "Sozialismus und Fascismus in Italien" (1925); "Corso di Sociologia Politica (1927);

Meyerhold, Vsevolod Emilievitch — Michels, Robert

"Umschichtungen in den herrschenden Klassen nach dem Kriege" (1934); etc.

Michelson (Albert Abraham)

Físico norte-americano de origem polonesa (Strzelno, Polônia, 1852 — Pasadena, Califórnia, EUA, 1931). Imigrou ainda criança para os Estados Unidos e estudou na Escola Naval de Anápolis, onde, como oficial, foi professor de física e química. Iniciou seus estudos sobre óptica, que iriam torná-lo famoso. Lecionou também em Cleveland e Worcester, e foi professor de física na Universidade de Chicago. Inventou um delicadíssimo aparelho para medição de ondas luminosas, o interferômetro, por meio do qual fez diversas medições da velocidade da luz no ar, na água e outros líquidos, imóveis ou em movimento. Em uma reunião da Associação Americana para o Progresso da Ciência (1879), deu a conhecer o método que empregara para determinar a velocidade da luz, que fixou em 300 091 km/s, e corrigiu posteriormente para 299 520 km/s, face a novas medições. Trabalhou junto às universidades de Berlim e de Heidelberg, no Colégio de França e na Escola Politécnica de Paris. Durante sua permanência na Europa, utilizou o interferômetro para verificar se o deslocamento do éter afetava a transmissão da luz, demonstrando que a hipótese de um éter estacionário era errônea. Ao regressar aos Estados Unidos, foi nomeado professor de física na Case School de ciências aplicadas de Cleveland (1883), onde passou a utilizar o interferômetro, para experiências relativas à influência que o movimento da Terra pudesse exercer no éter. Esses trabalhos não só provaram a constância da velocidade da luz, como também que o movimento absoluto da Terra não pode ser determinado por processos eletromagnéticos. Tais constatações serviram de base para a Teoria da Relatividade de Einstein. Mediu, pela primeira vez, diretamente o diâmetro de uma estrela distante (Betelgeuse). Seu interferômetro teve outras aplicações científicas, inclusive para medir a rigidez das camadas interiores da Terra. Deixou várias obras sobre sua especialidade, destacando-se "Velocidade da Luz" (1902) e "Ondas Luminosas e suas Aplicações" (1903).

Mickiewicz (Adam)

Poeta polonês (Zaosie, atual Novogroudok, Bielorússia, 1798 — Constantinopla, 1855). Estudou na Universidade de Vinious, onde sua vocação poética definiu-se aos vinte anos, quando uma ardente paixão por Maria Wereszczack, que ele cantou sob o nome de "Maryla", inspirou-lhe os primeiros versos. Terminados os estudos, foi nomeado professor de ginásio e logo publicou uma coletânea de "Baladas e Romances" (1822), com a qual iniciou a era do Romantismo na Polônia. No ano seguinte, publicou duas partes do drama fantástico "Deziady" ("Os Antepassados") e uma epopéia de cavalaria, "Grazyna", bem como a "Ode à Juventude", que teve grande repercussão. Nesse mesmo ano, foi preso pelo governo russo como suspeito de participar de uma conspiração para libertar a Polônia; exilado em Moscou, escreveu o poema "Konrad Wallenrod" (1828), um verdadeiro chamado à insurreição. A seguir, deixou a Rússia e residiu na Alemanha e na Itália. Às vésperas do Levante de Varsóvia, escreveu o célebre poema "A Mãe Polonesa" (1830). Passou a residir em Dresden, onde escreveu a última parte do "Deziady". Seguiu depois para Paris (1832), e publicou "O Livro dos Peregrinos" e o poema tragicômico "Pan Tadeusz" (1834); lecionou literatura na Universidade de Lausanne e, em 1840, foi encarregado de ministrar os cursos de língua e literatura eslava no Colégio de França. Suas "Preleções sobre Literatura Eslava" (1840/42), mais notáveis pela exuberante fantasia que pela solidez das fontes, confirmam sua posição de reformador da literatura polonesa e de um dos maiores poetas eslavos. Mas o governo francês encerrou o curso, pois essas palestras, sob a influência de Towianski, pareciam fazer a apologia do pan-eslavismo. Durante a Guerra do Oriente, foi a Constantinopla com a incumbência que lhe confiou Napoleão III de organizar uma legião polonesa, e morreu no desempenho dessa missão.

Middleton (Thomas)

Dramaturgo inglês (Londres?, cerca de 1580 — Newington Butts, 1627). Estudou no Instituto de Direito Gray's Inn, mas logo deixou-se levar pela carreira teatral. Ainda estudante, publicou diversos poemas e sátiras, das quais se destaca "A Sabedoria de Salomão Parafraseada" (1597). A parte mais importante de sua obra divide-se em comédias e tragédias, às vezes escritas em colaboração com Rowley e Dekker. A grande maioria de suas primeiras comédias constitui análises penetrantes e cheias de graça sobre a vida londrina do começo do século XVII, tais como: "Um Truque para Prender o Velho" (1608), "Um Mundo Mau, Meus Mestres" (1608), "Uma Casta Jovem em Cheapside" (1612). No auge da carreira de autor cômico, resolveu enveredar pelo drama, do qual "As Mulheres Devem Desconfiar das Mulheres", baseada na vida da célebre cortesã italiana Bianca Capello, é obra-prima de realismo. A seguir, em colaboração com Rowley, escreveu várias tragédias ou tragicomédias, citando-se: "Uma Justa Querela" (1616); "A Cigana Espanhola"; "O Idiota" (1624). Nos últimos anos de sua vida, escreveu sozinho algumas peças, notadamente "A Feiticeira" (1622, com evidente influência de "Macbeth", de Shakespeare) e "Uma Partida de Xadrez", espécie de alegoria política, onde satiriza inclusive o embaixador espanhol em seu país, o que lhe valeu sérios aborrecimentos.

Mignard (Família)

Pintores franceses. Nícolas, dito Mignard de Avinhão (Troyes, 1606 — Paris 1668). Irmão mais velho de Pierre Mignard, foi levado para Roma pelo cardeal Richelieu para gravar a obra do mestre bolonhês Anibal Carrache, no Palácio Farnese. Após dois anos de trabalho, regressou a Avinhão (1639), onde se casou e residiu durante a maior parte de sua vida. Pintor de cenas graciosas, caracterizadas por um grande sentido de composição e de extrema habilidade artesanal, à maneira da Escola Romana, pintou também cenas religiosas, destacando-se "Os Mártires Cartuxos sob Henrique VIII". Teve várias telas gravadas por Boulanger, Antoine Masson e Van Schoupen; executou ainda diversas pranchas de água-forte, notadamente "Ló e Suas Filhas". Pintou dois retratos do Rei Luís XIV e um da rainha, passando a ser muito disputado pela nobreza. Decorou também aposentos do Palácio das Tulherias em Paris. Seus quadros são hoje raros, podendo ser vistos: "Marte e Vênus" (1658), no Museu de Aix; retrato de Anne-Geneviève de Bourbon-Condé, "Natividade" e o retrato de Richelieu. que se encontram no museu de Avinhão. Pierre, dito Romano (Troyes, 1612 — Paris, 1695). Irmão de Nicolas Mignard. Aluno de Boucher e de Vouet, foi aperfeiçoar-se na Itália (1635) e permaneceu em Roma por cerca de dezoito anos. Em 1658 foi chamado à corte, em Fontainebleau, onde executou um retrato do jovem Luís XIV, para ser enviado a Madrid por ocasião do casamento do soberano com a infante Maria-Teresa (coleção Gilbert Caunes, Toulouse). Pintor predileto da rainha-mãe, pintou o zimbório de Val-de-Grâce (1663). Sobrepujando seu rival Lebrun, obteve a execução das decorações (hoje desaparecidas) da Pequena Galeria de Versalhes, bem como do gabinete do delfim. Suas telas imortalizaram grande número de beldades e nobres da época. Após a morte de Lebrun, foi nomeado pintor do rei, diretor dos Gobelins e diretor da Academia de Pintura (1690). De sua extensa obra, podem ser citados: "A Virgem com Cacho de Uvas", no Museu do Louvre; "A Família do Grande Delfim", em Amiens; "Baco, um Rio e uma Náiade", em Avinhão; e ainda "Duas Crianças Acariciando um Cordeiro", "Mignard e Sua Família", em Turim, afora inúmeros retratos em Versalhes. Seu filho Paul (Avinhão, 1639 — Lião, 1691) foi também pintor de certo renome. Seu outro filho, Pierre II, dito o "Cavaleiro Mignard" (Avinhão, 1640 — Paris, 1725), foi pintor da Rainha Maria-Teresa e arquiteto do rei. Trabalhou no hospital e na catedral de Avinhão. Depois dele, a família não teve mais nenhum artista de relevância.

Miguel de Bragança (Dom)

Rei de Portugal (Lisboa, 1802 — Brombach, Alemanha, 1866). Filho de Dom João VI e Dona Carlota Joaquina do Crato, veio com os pais para o Brasil em 1808. Filho predileto de Dona Carlota Joaquina, foi utilizado por esta nas tentativas de esmagar o liberalismo e recuperar o absolutismo em Portugal. Chefiou a "vilafrancada", movimento sedicioso destinado a derrubar a Constituição do Porto (de 1820), o que lhe valeu o comando do exército e a entrada em Lisboa como vencedor. A seguir, dirigiu a "abrilada", que envolvia inclusive o possível assassínio do próprio pai. A rainha instalou-se em Benfica, e o rei, aprisionado no Paço, conseguiu fugir e abrigar-se num navio inglês. A seguir, demitiu Dom Miguel do comando do exército e, como régio perdão, concedeu-lhe licença para "viajar por algum tempo pela Europa", numa forma atenuada de banimento. De Viena, Dom Miguel reconheceu os direitos de sucessão do irmão, Dom Pedro I, do Brasil, coroado após a morte de Dom João VI, com o título de Pedro IV. O imperador abdicou em nome da filha menor Dona Maria da Glória. Chamou Dom Miguel para assumir a regência e lhe prometeu a mão da sobrinha. Miguel traiu os compromissos assumidos com o irmão, usurpou o poder (1828) e fez-se proclamar rei absoluto. Dom Pedro I, politicamente muito desgastado no Brasil, regressou a Portugal, onde, com o título de Duque de Bragança, lutou de armas na mão, obrigou o irmão a assinar a capitulação de Évora (1834) e repôs no trono a filha que estava refugiada na Inglaterra. Injuriado pelo povo que odiava seu despotismo, Dom Miguel embarcou para Gênova, em novo e definitivo exílio, imposto pelo irmão. Percorreu vários países, sempre lançando manifestos de protesto. Finalmente, fixou-se na Alemanha, onde se casou com a princesa Adelina Sofia. Teve vários filhos, cujos direitos de sucessão à coroa portuguesa defendeu pelo resto da vida.

Miguelinho (Miguel Joaquim de Almeida e Castro, dito Padre)

Padre e político brasileiro (Natal, RN, 1768 — Salvador, BA, 1817). Estudou no Convento dos Carmelitas do Recife, seguindo depois para Portugal, onde se ligou a Dom José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, que viria a ser bispo de Pernambuco. Após haver obtido sua secularização em Lisboa, aprofundando-se em filosofia e em teologia, regressou ao Recife. Foi professor de retórica no seminário de Olinda, afastando-se de Dom Azeredo Coutinho por suas idéias liberais e nativistas. Participante ativo da Revolução Pernambucana de 1817, foi secretário do governo revolucionário proclamado a 6 de março e proferiu o sermão no Te Deum em ação de graças pela instalação da nova república, que seria esmagada 76 dias depois. Preso no Recife, queimou antes todos os papéis que pudessem comprometer os companheiros. Posto a ferros e levado para Salvador, permaneceu em silêncio perante o tribunal sumário que o julgou e a outros patriotas. Limitou-se apenas a declarar que reconhecia como sua a assinatura em um documento comprometedor. Condenado, caminhou para a morte cantando o "Miserere", ao lado de seu companheiro José Luís de Mendonça.

Michelson, Albert Abraham — Miguelinho, Miguel Joaquim de Almeida e Castro, dito Padre

Mill (James)

Historiador e economista inglês (Northwater Bridge, Logie, 1773 — Kensington, 1836). Estudou na Universidade de Edimburgo, distinguindo-se como brilhante humanista. Dedicou-se inicialmente ao estudo da história e da filosofia, seguindo depois para Londres, onde colaborou e dirigiu várias revistas, além de fundar a "Westminster Review". Começou a escrever em 1806 a "História da Índia Britânica", que publicaria em 1818. Embora revelasse os abusos da administração da Companhia das Índias, Mill chegou a ocupar nela um importante cargo. Em 1821 publicou "Elementos de Economia Política" e, em 1829, "Análise da Mente Humana". Fundador do radicalismo filosófico, pugnou pela adoção do sufrágio universal. Formulou conceitos filosóficos e morais, calcados em Bentham. Como psicólogo, seguiu os passos de David Hartley, reduzindo as três leis da associação de idéias de Hume a uma única: a da continuidade no espaço e no tempo; decompôs os fenômenos que procedem da vida afetiva ou emocional, agrupando-os em torno da dualidade fundamental do prazer e da dor. A pouca validade do seu sistema psicológico foi evidenciada por seu filho, John Stuart Mill, no prefácio para uma das edições da "Análise".

Mill (John Stuart)

V. **Mill,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Miller (Charles Henry)

Pintor paisagista norte-americano (Nova York, 1842 — Queens, 1922). Estudou na Mount Washington Collegiate Institute, expondo sua primeira tela na Academia Nacional de Desenho (1863). Graduou-se em medicina homeopática, mas após a primeira viagem à Europa (como médico de bordo, em 1864), resolveu dedicar-se unicamente às artes. Estudou na Academia Bávara com Adolf Lier, entre 1867 e 1870, quando regressou aos Estados Unidos. Foi presidente do Clube das Artes de Nova York durante cinco anos, tornando-se membro da Academia Nacional de Desenho (1875). Suas pinturas fixam principalmente paisagens de Long Island. Recebeu medalhas de ouro nas exposições internacionais de Boston e de Nova Orleans. Sua obra mais famosa é o "Buquê de Carvalho", que está no Museu Metropolitano de Nova York. Com o pseudônimo de Carl Muldor, escreveu a obra "A Filosofia da Arte na América" (1885).

Miller (Juvenal Otaviano)

Militar e engenheiro brasileiro (Rio Grande, RS, 1866 — Rio de Janeiro, RJ, 1909). Estudou na Escola Militar, e durante o curso fundou e dirigiu o jornal clandestino "A Denúncia", abolicionista e republicano. Continuando os estudos, fez o curso de estado-maior e de engenharia militar. Arregimentado em sua cidade natal tomou parte em várias ações contra os federalistas. Serviu em Mato Grosso e regressou ao Rio Grande do Sul para assumir o cargo de secretário da Escola Militar de Porto Alegre. Teve papel destacado na criação da Escola de Engenharia local, onde lecionou no curso de estradas e no de engenharia civil. Foi deputado estadual e federal.

Millet (Jean-François)

Pintor francês (Gréville, Mandre, 1814 — Barbizon, 1875). Descendente de uma família camponesa, desde cedo participou da vida rural que mais tarde iria retratar. Fez seu aprendizado artístico em Cherburgo, com Mouchel (um aluno de David). A seguir ingressou na Escola Nacional Superior de Belas-Artes, no estúdio do acadêmico Delaroche. Verificando que a instrução formal pouco interesse oferecia, abandonou a escola e montou um atelier, onde ganhava a vida pintando retratos a preços módicos, cópias de pintores e sobretudo nus muito sensuais, como "Mulher Nua Deitada" (Louvre). Seus dois quadros sucessivamente aceitos no Salão, "A Leiteira" (1844) e "O Joeirador" (1848) evidenciam uma volta a suas raízes. Em 1849 instalou-se em Barbizon, onde residiu até morrer. Nessa cidade, pintou unicamente a vida campestre, num estilo despojado e grave, às vezes brutal, mas impregnado de idealismo. Soube exprimir em todos os tons as silhuetas dos trabalhadores ao crepúsculo, os labores a que se entregam com recolhimento e dignidade. Millet dominava melhor os efeitos de penumbra de interiores, de noite e de luar. No despojamento de suas telas, os camponeses têm freqüentemente uma espécie de grandeza sacerdotal. Seu "Angelus", com os camponeses interrompendo o trabalho ao crepúsculo para orar, é um dos quadros mais reproduzidos do mundo. Executou também numerosíssimos desenhos a lápis e a "fusain", que exerceram evidente influência em Pissarro e Van Gogh; sua técnica no pastel foi também notável, como evidencia "O Buquê de Margaridas" (1874, hoje no Louvre). Toda a obra da fase definitiva de sua vida é um hino à dignidade do trabalho rural: "Pastora Assentada", "As Respigadeiras", "Camponesa Cuidando de Sua Vaca", "A Lição de Tricô", "A Tosquiadora", etc. Embora seu valor tivesse sido reconhecido em vida (chegou a receber a Legião de Honra), isso não resultou em benefícios financeiros. Morreu paupérrimo. Há obras de Millet em museus dos países do Reino-Unido, na Áustria e Estados Unidos.

Milliet da Costa e Silva (Sérgio)

Poeta, crítico literário e ensaísta brasileiro (São Paulo, SP, 1898 — id., 1966). Fez os estudos básicos na cidade de São Paulo, seguindo depois para a Suíça (1913),

onde se diplomou em ciências econômicas e sociais pela Universidade de Genebra. Seus versos dessa fase, escritos em francês, evidenciam influência dos poetas franceses, em especial Verlaine e Albert Samain. Ao regressar ao Brasil, dedicou-se ao jornalismo, tendo grande participação na Semana de Arte Moderna (1922), ao lado de Mário de Andrade e de Oswald de Andrade, fundando com este último a revista "Cultura". Jornalista militante, trabalhou nos mais importantes órgãos da imprensa paulistana. Foi responsável pela divulgação da literatura brasileira no exterior, ao verter para o francês obras de Monteiro Lobato, Mário de Andrade e Guilherme de Almeida, dentre outros. Teve também fecunda atuação no setor de traduções, destacando-se a que fez de Montaigne. Como crítico literário, atuou com brilho desde os primeiros tempos do Modernismo, tomando parte nas polêmicas travadas entre os iniciadores do movimento de 1922. Sua crítica reflete uma posição de equilíbrio que busca a harmonização dos iniciadores do Modernismo com os novos escritores que buscavam uma posição mais comedida em relação às figuras tradicionais da literatura brasileira. Nessa busca de raízes históricas e de caminhos mais firmes, declarou "guerra à piada, aos cacoetes e aos truques" (1930), advogando o retorno "à poesia pura, à naturalidade e à simplicidade". Deixou obra extensa e diversificada: "Par le Sentier" ("Pelo Caminho" — 1918), poemas; "L'Oeil de Boeuf" ("A Clarabóia" — 1923), poemas; "Poemas Análogos" (1927); "Poema do Trigésimo Dia" (1950); "Roteiro do Café e Outros Ensaios" (1941); "Duas Cartas no Meu Destino" (1941), novela; "A Pintura Norte-Americana" (1943), crítica de artes plásticas; "Diário Crítico", em seis volumes (1940, 1945, 1946, 1947, 1949 e 1950), crítica literária. Escreveu ainda o romance "Roberto" (1935). Na qualidade de sociólogo foi um dos fundadores da Sociedade de Etnografia e Folclore e membro do Conselho Nacional de Estatística. Vinculados a esses setores, publicou "Desenvolvimento da Pequena Propriedade no Estado de São Paulo", além de vários artigos em revistas especializadas.

Millikan (Robert Andrews)

Físico norte-americano (Morrisson, Illinois, 1868 — San Marino, Califórnia, 1953). Estudou na Universidade de Colúmbia, aprofundando seus conhecimentos em Berlim e Göttingen. Foi professor de física na Universidade de Chicago (1896) e presidente do Instituto de Tecnologia da Califórnia, em Pasadena. Sua principal contribuição científica consistiu em isolar e medir a carga de um elétron, isto é, a carga elétrica fundamental (1910). Para isso, idealizou a técnica conhecida pelo nome de "gota de azeite" ou "gota equilibrada". Em 1916 determinou por processos fotoelétricos a energia que possui o quantum de luz e demonstrou como essa energia eletromagnética se transforma em energia mecânica, que é absorvida pelo elétron. Realizou ainda importantes investigações sobre a extensão do espectro ultravioleta, a polarização da luz emitida pelas superfícies incandescentes, a absorção dos raios X e os potenciais de descarga no vácuo. Aplicou-se ao estudo dos raios cósmicos, efetuando experiências pioneiras desde uma profundidade de 20 metros sob a água até uma altitude de 16 000 metros, para o que financiou expedições científicas à Austrália e à Índia. Foi prêmio Nobel de Física (1923), pelo êxito de seus esforços em elevar a eletrônica ao nível de ciência. De 1922 a 1932 representou seu país no comitê de cooperação intelectual da Sociedade das Nações. Pouco antes da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, foi nomeado presidente da Divisão de Física do Conselho Nacional de Investigações, criado pela Academia Nacional de Ciências da América do Norte. Sustentou que não existe antagonismo entre ciência e religião se ambas se relacionarem de modo adequado, e resumiu suas crenças em várias obras, destacando-se: "Ciência e Vida" (1924) e "Ciência e Religião" (1927). Entre os livros de caráter científico que escreveu, figuram: "Eletricidade, Som e Luz" (1908); "Física Molecular, Calor e Som" (1937); "Raios Cósmicos" (1939); "Elétrons, Prótons, Fótons, Nêutrons, Mésotons e Raios Cósmicos" (1927), "Tempo, Matéria e Valor" (1932). Sua autobiografia foi publicada em 1950.

Milton, John

V. **Milton,** Enciclopédia Abril (Vol. VIII).

Minos

Personagem lendário, rei, herói e legislador. Teria reinado três gerações antes da Guerra de Tróia. O caráter marítimo de seu domínio está simbolizado nas relações que mantinha com Posêidon (deus dos mares), que lhe enviou um touro muito belo, para ser sacrificado. Pasifaé, mulher de Minos, apaixonou-se pelo animal e dessas relações nasceu um ser com corpo de homem e cabeça de touro (Minotauro). O monstro foi encerrado no labirinto construído por Dédalo, e periodicamente um ser humano lhe era sacrificado. Afinal, com auxílio de Ariadne (filha de Minos), Teseu matou Minotauro. Sob diversos aspectos, encontram-se na lenda de Minos relatos fantásticos e desabonadores; mas, por outro lado, ele é apresentado por Homero e Hesíodo como um herói de notável inteligência, autor de uma legislação eqüitativa que serviu de modelo para a de Licurgo, em Esparta. Tais contradições, que para alguns indicam a existência histórica de dois Minos, poderiam decorrer de uma vingança dos povos que ele tornou tributários de Creta, em especial os atenienses, que teriam deformado os atos do vencedor. Poetas e filósofos contribuíram para torná-lo uma das mais salientes figuras da mitologia grega. As moedas cretenses representam-no como um homem de aspecto imponente, muito semelhante à figura tradicional de Zeus. Os vasos pintados e baixos-relevos mostram-no freqüentemente no papel de juiz nos Infernos.

Mill, James — Minos

Miquerinos

Rei do Egito, da IV dinastia (2613 — 2454 a.C.). Sucessor de Quéfren, fez construir uma das três pirâmides existentes no vale de Gizeh, próximo ao Cairo. Sua vida foi contada por Heródoto: distinguiu-se por um temperamento manso, e, como o oráculo da cidade de Buto profetizou que só teria seis anos de vida, aproveitou esse período para gozar toda classe de prazeres. A pirâmide que mandou construir para servir-lhe de túmulo é a menor das três, mas supera as outras (de Quéops e de Quéfren) pelo acabamento interno e por conservar ainda restos do revestimento externo de granito rosa.

Mirabeau (Honoré Gabriel Riqueti, conde de)

Escritor e político francês (Le Bignon, Gâtinais, 1749 — Paris, 1791). Nasceu com um dos pés torcido e um ataque de varíola devastou-lhe o rosto aos três anos de idade. Era de temperamento irrequieto, perdulário, mas de fulgurante inteligência. Desde jovem chocou-se com o pai (Victor Riqueti, marquês de Mirabeau), que não lhe votava a mínima amizade, tendo-o forçado a entrar para o exército (1767). Iniciou sua carreira militar com bravura e brilho. Em 1772 casou-se com uma rica herdeira, Emile de Marignan, mas não teve acesso ao dote, porque seu pai o interditara, como pródigo, impetrando contra ele vários processos. A seguir, apaixonou-se por Marie Thérèse ("Sofie") Richard, esposa do Marquês de Monnier; fugiu com ela para a Holanda (1776), de onde logo foram extraditados. Acusado de rapto e sedução, Mirabeau foi condenado à morte e Sofie à reclusão perpétua num convento. Ele ficou cerca de três anos e meio na prisão de Vincennes, de onde escreveu as "Lettres à Sofie" ("Cartas a Sofia"), publicadas em 1792. Liberado em 1780, tentou sem sucesso uma série de processos para libertar sua amada. Aproximou-se da corte, aspirando à carreira diplomática, mas só conseguiu uma missão secreta em Berlim. Dessa viagem tirou o material para sua grande obra "Da Monarquia Prussiana sob Frederico, o Grande" (1788) e a escandalosa "História Secreta da Corte de Berlim" (1789). A Revolução Francesa abriu-lhe as portas da carreira política. Embora nobre, foi eleito para os Estados Gerais pelo voto popular. Seu dinamismo e competência, aliados a uma eloqüência extraordinária, faziam dele o ídolo de Paris e atenuavam o desprezo e o temor que inspirava aos demais deputados, devido à sua conhecida venalidade e ligações com a corte. Teve uma carreira tortuosa e dúbia, sempre perseguido por credores e por problemas pessoais, ora ligando-se à nobreza, ora fustigando-a, procurando "fazer revolucionária a monarquia e monárquica a revolução". Morreu logo após ter sido nomeado membro do diretório dos deputados de Paris e presidente da Assembléia. Seu corpo foi colocado no Panteon, ao lado do de Descartes, e seu nome foi dado à rua onde residira. No entanto, essas homenagens tiveram curta duração. Quando foram descobertos documentos que comprovavam suas relações com a corte, envolvendo, inclusive, o recebimento de vultosas importâncias, a Convenção transferiu seus despojos para o Cemitério de Santa Catarina.

Miranda (Maria do Carmo Miranda da Cunha, dita Cármen)

Cantora popular brasileira de origem portuguesa (Porto, 1909 — Beverly Hills, Califórnia, EUA, 1955). Em 1911 emigrou com sua modesta família para o Brasil. Fez sua estréia profissional na Rádio Clube do Brasil, com a marchinha "Taí", que, gravada, foi grande sucesso popular. Sua carreira radiofônica e fonográfica caracterizou-se pela constante ascensão, ao mesmo tempo que suas apresentações nos cassinos confirmaram sua extrema comunicabilidade. Logo o cinema a aproveitava nos chamados filmes-revista, onde um fio de história ligava números musicais, dos quais Cármen participava com destaque, exibindo uma graça e brejeirice tipicamente cariocas. "A Pequena Notável", como a denominou César Ladeira, era um ídolo popular, com as fantasias e turbantes que ela própria desenhava inspirando-se remotamente nos trajes das pretas baianas, com as sandálias de solas muito grossas para compensar-lhe a pequena estatura e, mais do que tudo, com sua expressividade de gestos e leve embalo de corpo, numa época em que o microfone era fixo e não permitia grande movimentação do cantor. Os filmes de que participou no Brasil tiveram grande sucesso, para o qual ela contribuiu de modo decisivo: "Alô, Alô, Brasil" (1935), "Alô, Alô, Carnaval" (1936), "Banana-da-Terra" (1939), "Laranja-da-China" (1940). Contratada por um empresário norte-americano, estreou em Nova York na revista "Streets of Paris" ("Ruas de Paris"), acompanhada pelo conjunto "Bando da Lua". O sucesso de seu número foi imediato, para o que muito contribuiu o seu sotaque acentuadíssimo, involuntário a princípio e depois deliberado, que os norte-americanos consideravam de irresistível comicidade. Apresentações pessoais, shows, filmes e televisão divulgaram não mais a graciosa imagem da "Pequena Notável", mas a da "Brazilian Bombshell" ("A Bomba Brasileira"), muito semelhante àquilo que os empresários estadunidenses convencionaram que fosse o símbolo do sul-americano: temperamento explosivo, gestos e expressões exageradas. Sua música também sofreu essa influência, voltando-se para os ritmos do Caribe, em moda na época. Após morte repentina, seu corpo, embalsamado, seguiu para o Brasil, ficando em exposição no saguão da Câmara de Vereadores do então Distrito Federal. Seu enterro foi um dos maiores que a cidade presenciou.

Miranda (Francisco)

Militar e herói hispano-americano (Caracas, 1750 — Cádiz, 1816). Estudou na Espanha, demonstrando desde cedo pendores para a carreira militar. Aos dezessete anos de idade obteve o posto de capitão. Durante a guerra da independência dos Estados Unidos (1779-1781), seguiu para esse país e incorporou-se às forças revolucionárias, visando a adquirir experiência para aplicar na futura libertação de seu país do domínio espanhol. Viajou a seguir para a Europa, sendo muito bem recebido em várias cortes, graças a sua inteligência e cultura (dominava dez idiomas). Na Rússia, era protegido de Catarina II, que apoiava suas idéias. Foi para a França em 1789 e entrou a serviço da República, distinguindo-se na campanha contra a Prússia e na ocupação da Bélgica (1792-1793). Chegou ao posto de marechal-de-campo. Seu nome foi esculpido no Arco do Triunfo, em Paris, como um dos heróis da República. Mas depois, suspeito de conspiração, precisou refugiar-se na Inglaterra para fugir ao perigo da guilhotina. Em Londres, fundou a Grande Reunião Americana, associação da qual fizeram parte, entre outros, Bolívar, San Martín e O'Higgins. Através dessa entidade, enviava instruções aos patriotas hispano-americanos. Com recursos particulares e proteção inglesa (em troca de possíveis concessões futuras), equipou uma pequena expedição ao Caribe: atacou os espanhóis no Haiti (1806) e foi parcialmente derrotado; rumou então para Trinidad e Barbados; desembarcou em Vela de Coro com quinhentos voluntários, expulsou os espanhóis e lançou a primeira proclamação da independência de sua pátria. Com a cabeça a prêmio e sem contar mais com a proteção inglesa, dissolveu a expedição e voltou à Inglaterra. Foi ele quem denominou Colômbia, em homenagem a Colombo, as regiões que se libertaram do jugo da Espanha. Regressou afinal a Caracas, acompanhando Bolívar; fez parte do governo republicano da Venezuela (1811); foi nomeado generalíssimo das forças de mar e terra e, a seguir, ditador até 1812. Nesse mesmo ano quando capitulou em Valência ante as forças de Monteverde, tinha de tal modo perdido o prestígio, que o próprio Bolívar ficou contra ele. Rendera-se sob a condição de ser enviado aos Estados Unidos, mas foi traído: mandaram-no para Porto Rico e depois para Cádiz onde morreu, após cinco anos de cativeiro a ferros.

Mira y Lopez (Emílio)

Médico-psiquiatra e escritor espanhol de origem cubana (Santiago de Cuba, 1896 — Rio de Janeiro, 1964). Estudou em Barcelona e doutorou-se em medicina pela Faculdade de Madrid (1923). Foi presidente da Sociedade Catalã de Psiquiatria (1934), vice-presidente da Associação Espanhola de Neuropsiquiatria, membro do Conselho Superior Psiquiátrico de Madrid e chefe dos Serviços Psiquiátricos do Exército da República Espanhola (1938). Com a derrota da República em 1939, emigrou para a França onde esteve internado num campo de concentração. Seguiu depois para a Inglaterra, obtendo o grau de "Research Fellow" da Society for Protection of Science and Learning de Londres. Especializado em psiquiatria, psicologia e psicotécnica, deu cursos e pronunciou conferências em diversas universidades norte-americanas e dirigiu serviços vinculados a suas especializações em vários países sul-americanos. A partir de 1945, passou a residir no Brasil, onde organizou e dirigiu o Instituto de Seleção e Organização Profissional da Fundação Getúlio Vargas. Publicou mais de 140 trabalhos, notáveis pela precisão científica e originalidade de conceitos.

Mishima (Kimitake Hiraoka, dito Yukio)

Escritor e cineasta japonês (Tóquio, 1923 — id., 1970). Dirigiu e interpretou o papel principal do filme "O Patriota", que adaptou de um dos seus próprios contos. Foi o fundador (1968) e financiador de uma organização terrorista de direita, Tate No Kai (O Escudo), composta de oitenta jovens fanáticos selecionados por ele. As finalidades básicas da organização eram ressuscitar as velhas tradições, combater o comunismo, derrubar a constituição vigente a partir da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, possibilitando assim o rearmamento intensivo do país e devolvendo ao imperador seu caráter semidivino e aos militares o poder e as prerrogativas de que gozavam anteriormente. Pondo em prática esse programa, conseguiu, com mais quatro seguidores, invadir o quartel da Divisão Oriental das Forças de Defesa, em Tóquio (Ministério do Exército), e prender o tenente-general comandante, obrigando-o a convocar as tropas aquarteladas. A seguir, dirigiu-se aos oficiais e soldados reunidos no patio e, interrompido por vaias, conclamou-os durante oito minutos à rebelião. Suas palavras foram transmitidas para todo o país pela televisão. Resolveu então praticar o "haraquiri" da forma mais tradicional e completa: trespassou a garganta com um punhal, enterrou a espada no ventre e foi decapitado por um de seus companheiros. Entre suas obras principais encontram-se: "A Floresta em Flor" (1944); "Confissões de uma Máscara" (1949); "Kinjiki" (1951-52); "O Templo do Pavilhão Dourado" (1956); "O Marinheiro que Caiu em Desgraça perante o Mar" (1963) e "Madame de Sade" (1965).

Mistral (Frederico)

Escritor francês (Maillane, Bocas-do-Ródano, 1830 — id., 1914). Filho de pequenos agricultores, foi criado num ambiente de respeito e amor pelo idioma e pelos costumes da Provença. Quando estudante em Avinhão, fez amizade com José Roumanille, jovem professor, com quem partilhou uma verdadeira paixão pelas velhas tra-

Miquerinos — Mistral, Frederico

dições e pelo quase esquecido idioma provençal. Em 1852, Roumanille reuniu as melhores poesias escritas nesse idioma por poetas seus contemporâneos, sob o título "Os Provençais", onde Mistral incluiu uma saudação: "Bonjour-en Touti" ("Bom Dia a Todos"). Foi um dos maiores incentivadores das reuniões realizadas em 1859 e no ano seguinte, com a finalidade de dar uma estrutura ao movimento de ressurgimento do provençal. Propôs que seus participantes passassem a chamar-se "fé libres", palavra que, na antiga poesia provençal, designava os doutores da lei citados no Antigo Testamento, dando assim origem ao movimento que foi denominado "félibrige". Durante vinte anos, trabalhou na codificação lexicográfica e fraseológica do idioma provençal, publicando o "Tresor dou Félibrige" ("Tesouro do Félibrige"), verdadeiro monumento de erudição e paciência. Sua obra, toda escrita em provençal e calcada num regionalismo deliberado, transbordou desses limites e foi mundialmente apreciada, valendo-lhe inclusive o Prêmio Nobel de 1904 (partilhado com o espanhol Echegaray), "pelo caráter universal da sua poesia". O movimento "félibrige" esgotou-se com ele, mas o dinheiro do prêmio foi aplicado na organização do Muséon Arlaten (Museu Arlesiano), onde reuniu todas as formas do folclore provençal. Suas "Memórias", publicadas em 1906, revelam, por outro lado, suas altas qualidades de prosador. Entre suas obras, destacam-se "Miréio" (poema pastoral, 1859); "Lis Isclo D'Or" (coletânea de poemas líricos e narrativos — 1875); "Nerto" (épico histórico — 1884); "La Rèino Jano" (poema dramático — 1890).

Mistral (Lucila Godoy y Acayaga, dita Gabriela)

Educadora e poetisa chilena (Vicunha, província de Coquimbo, 1889 — Hampstead, Nova York, 1957). Foi professora rural durante quinze anos e diretora dos liceus de Punta Arenas, Temuco e Santiago, o que lhe deu grande vivência dos problemas do ensino. A grande admiração que votava a Gabriel Danunzio e a Frederico Mistral levou-a a adotar o pseudônimo que a celebrizou. Sua maternidade frustrada transferiu-se para a graça das cantigas infantis e de roda: "O mar, seus milhares de ondas/ embala divino;/ ouvindo os mares amantes/ embalo meu menino". Sua obra, essencialmente lírica e despida de artifício inclui "Desolação", "Ternura", "Hino à Árvore", "Cantigas de Roda para Crianças", "Canções de Ninar" e "Leitura para Mulheres" (prosa). Mereceu o primeiro Prêmio Nobel de Literatura da América Latina no ano de 1945. Na qualidade de cônsul representou o Chile em diversos países, inclusive no Brasil.

Mitchell (Margaret)

Escritora norte-americana (Atlanta, Geórgia, 1900 — id., 1949). Era filha de um advogado, o diretor da Sociedade de História de Atlanta. Estudou no Smith College de Northampton, Massachusetts (1922 — 1926). Tendo iniciado sua carreira literária nas colunas do "Atlanta Journal", publicou em 1936 a novela "Gone with the Wind" ("... E o Vento Levou"), extenso painel de aspectos da Guerra de Secessão, vistos através de uma família sulista. Baseada em dados históricos e orais, além de denotar poderosa imaginação, a novela teve êxito extraordinário, foi traduzida em trinta idiomas e valeu à autora o Prêmio Pulitzer de 1937. Transposto para o cinema, com a colaboração direta da autora, "... E o Vento Levou", com suas quatro horas de projeção e um elenco de grandes astros, confirmou o sucesso do livro, transformando-se num eterno campeão de bilheterias. Foi o único livro que Margareth Mitchell escreveu: a imensa fortuna recebida de direitos autorais (editoriais e cinematográficos) e seus compromissos pessoais encerraram sua carreira literária.

Mitre (Bartolomeu)

Político argentino (Buenos Aires, 1821 — id., 1906). Estudou na Escola Militar do Uruguai. Ainda jovem, firmou sua reputação como poeta. Uniu-se aos liberais exilados da Argentina, que se opunham ao ditador Juan Manuel Rosas. Do Uruguai transferiu-se para a Bolívia, Peru e Chile. Nesses países estudou, escreveu, dirigiu diversos jornais e participou das conspirações e campanhas militares contra Rosas. No posto de comandante da artilharia uruguaia, integrou o exército que derrotou Rosas em Caseros (1852). Deputado e depois ministro da Guerra (1853), em 1859 chefiou o exército da província de Buenos Aires, que lutou contra as forças da Confederação Argentina. Derrotado, reconciliou-se com a Confederação e, no ano seguinte, foi eleito governador da província de Buenos Aires. Como governador e comandante das tropas da província, derrotou o exército da Confederação em Pavón (1861). Fez com que Buenos Aires voltasse a ser a capital da nação. Eleito presidente da Argentina (1862), permaneceu nesse cargo até 1869. Na Guerra do Paraguai foi designado comandante das forças aliadas que se opunham a Solano López. Mas não participou dos combates, pois o cargo era apenas simbólico. Mitre procurou pautar seu governo segundo os princípios do liberalismo europeu, fortalecendo a administração civil e combatendo os caudilhos provinciais. Para estimular o desenvolvimento do país, incentivou a imigração e os inves-

timentos estrangeiros. Após seu período presidencial, foi eleito senador. Em 1874, afirmando que houvera fraude nos resultados das eleições presidenciais, dirigiu uma revolução contra o poder central, mas foi derrotado. Em 1891, apresentou outra vez sua candidatura a presidente, por um novo partido, a União Cívica. Mas retirou-a após um acordo com os conservadores, favorecendo assim a continuidade do domínio da oligarquia. Mitre teve papel destacado na evolução cultural da Argentina. Criou a Academia Argentina de História e fundou o jornal "La Nación". Além disso, fez diversas traduções, das quais a mais importante é a "Divina Comédia", de Dante Alighieri. Mas é no domínio dos estudos históricos que se situa sua contribuição mais significativa. Entre outras obras, escreveu: "Biografia de Rivera Indarte", "Estudio Histórico sobre la Revolución Argentina", "Cartas Polemicas sobre la Triple Alianza", "Comprobación Histórica acerca de Algunos Puntos de la Historia Argentina según Nuevos Documentos", "Las Heras en Chile", "Los Sargentos de Tambo Nuevo", "Falucho", "El Crucero de la Argentina", "Informe Histórico sobre los Antecedentes e Reforma de la Constitución", "La Abdicación de San Martín" e "Notas Biográficas e Bibliográficas sobre Ulrich Schmidel, Primer Historiador del Rio de la Plata".

Mitridates VI Eupator, o Grande

Rei do Ponto (?, c. 132 a.C. — Panticapeu, 63 a.C.). Filho de Mitridates V Evérgete, que fora aliado dos romanos na terceira guerra púnica, tinha doze anos quando seu pai foi assassinado. Seguiram-se disputas furiosas pelo trono. Mitridates, temendo por sua vida, retirou-se da vida política, dedicando-se à caça e ao estudo; nesse período adquiriu um profundo conhecimento dos venenos e seus antídotos. Em cerca de 111 a.C., já como soberano, fez encarcerar sua mãe (suspeita de ter instigado o assassínio do marido). Entre 107 e 88 a.C. fez diversas conquistas: Galácia, Paflagônia e Bitínia. Desde 104 a.C. manifestara a ambição de tomar a Capadócia. Aliou-se ao rei da Armênia e, em 94 a.C., destronou-o, mas ele foi novamente colocado no trono pelos romanos (em 92 a.C.). A partir desse momento, a guerra entre Roma e Mitridates tornou-se inevitável. Em 88 a.C., após ter derrotado a Bitínia (aliada de Roma), Mitridates fez uma entrada triunfal em Éfeso onde sublevou os gregos da Ásia contra a dominação romana. Ordenou o massacre de todos os romanos estabelecidos na Ásia. Calculam-se em cem mil as vítimas. Dirigiu-se então para o arquipélago grego e depois para Atenas, que se tornou sua aliada. Roma enviou Sila para combatê-lo; após um longo bloqueio, o general romano retomou Atenas (86 a.C.) e venceu os exércitos de Mitridates em Queronéia e Orcomênia. O rei do Ponto concordou em fazer a paz, abandonando suas conquistas e sua frota (paz de Dardânia, 85 a.C.). O "status quo" foi restabelecido na Ásia Menor, mas Mitridates era reconhecido como rei do Ponto, e conservava sua liberdade de ação nas regiões do mar Negro. Demonstrou sua força ao rechaçar Murena, lugar-tenente de Sila, em 82 a.C., mas afora esse incidente a paz com Roma foi mantida por cerca de dez anos. Em 74 a.C., a Bitínia passou ao domínio romano; Mitridates, que não renunciara a suas pretensões sobre essa nação, sentiu-se ameaçado e reiniciou bruscamente as hostilidades. Sempre aliado à Armênia, venceu o cônsul romano Cota, na Calcedônia, e sitiou Cízico. Mas foi rechaçado por Lúculo e teve de fugir para a Armênia (71 a.C.). Em 68 a.C., devido a uma revolta das legiões romanas de Lúculo, retornou ao Ponto e retomou a guerra contra Roma, mas foi definitivamente vencido por Pompeu em 66 a.C. Refugiou-se em suas possessões na Criméia. Um de seus filhos organizou a revolta contra ele. Mitridates fez-se matar por um de seus mercenários gálatas.

Mix (Thomas Edwin, dito Tom)

Ator, produtor e diretor cinematográfico norte-americano (Mix Run, Pensilvânia, 1880 — Florence, Arizona, 1940). Filho de uma mestiça pele vermelha e de um oficial de cavalaria, Tom Mix foi vaqueiro e depois "Texas Ranger". Participou da guerra hispano-americana e da revolução mexicana (nas fileiras de Pancho Villa), antes de se tornar uma espécie de xerife profissional: era chamado em caso de perturbações nos diversos estados da União. Sua carreira cinematográfica começou em 1909, quando o produtor Selig o encontrou num circo, exibindo-se em um número de acrobacia eqüestre. A partir de 1913, Tom Mix realizava seus próprios filmes, todos baseados no mesmo esquema: os maus de um lado, os bons de outro. E ele intervindo como justiceiro, resolvendo as questões sempre com os punhos. Era um invencível: mesmo quando condenado à morte, ou perseguido por uma tribo de índios, conseguia escapar. O cavalo "Tony", seu fiel companheiro, tinha papel importante na conclusão da história. Tom Mix criou a dupla herói-cavalo, vista por alguns psicólogos como a reencarnação moderna do centauro. Tom Mix representava a virtude dos puritanos, totalmente desprovida de humor e fantasia. Atingiu enorme popularidade na década de 20, e sua fama ultrapassou o domínio cinematográfico. Várias publicações ilustradas passaram a propagar o mito e as aventuras de Tom Mix. A partir de 1917, seus filmes eram tão requisitados que ele precisou recorrer à colaboração de terceiros. Teve roteiristas do porte de John Ford, Lynn Reynolds e John Flystone. O advento do cinema falado interromperia bruscamente sua carreira, na década de 30. A grande fortuna que obtivera foi por ele mal administrada, vendo-se então obrigado a retomar suas funções circenses. Morreu num desastre automobilístico.

Mizoguch (Kenji)

Diretor cinematográfico japonês (Tóquio, 1898 — Kyoto, 1956). Atraído desde a adolescência pelas artes plásticas, aos 17 anos obteve o diploma do Instituto de Pintura de Osaka. Depois de ter trabalhado como desenhista de propaganda, tornou-se

Mistral, Lucila Godoy y Acayaga, dita Gabriela — Mizoguch, Kenji

ator em 1920. Foi assistente de Tadashi Ono e dirigiu, em 1922, seu primeiro filme (o curta-metragem "O Dia em que o Amor Retorna"), que lhe trouxe problemas com a censura. Por algum tempo abandonou Kyoto e a produtora "Nikkatsu", mas retornou em 1935 para fundar a "Daiichi Eiga", companhia para a qual realizaria seus primeiros filmes de valor. Acolhido depois na "Shochiku", limitou-se, de 1942 a 1945, a fazer filmes de circunstância. Presidente do sindicato dos diretores, negou-se a participar nos movimentos sociais da época. A partir de 1950 passou a trabalhar na "Shintoho" e na "Daiei". Entre seus inúmeros filmes destacam-se: "Naniwa Hika" ("Elegia a Naniwa", 1936), "Gion no Shimai" ("As Irmãs de Gion", 1936), "Saikakuichidai Onna" ("O'Haru, Mulher Galante", 1951), "Ugetsu Monogatari" ("Contos da Lua Vaga", 1952), "Hikamatsu Monogatari" ("Os Amantes Crucificados", 1954), "O Intendente Sansho" (1954) e "Rua da Vergonha" (1956).

Möbius (August Ferdinand)

Astrônomo e matemático alemão (Schulpforta, Prússia, 1790 — Leipzig, 1868). Professor de astronomia em Leipzig desde 1815, tornou-se diretor do observatório da universidade, construído sob sua supervisão. Sua obra "De Computandis Occultationibus Fixarum per Planetas" (1815) estabeleceu-lhe a reputação de astrônomo teórico. Trabalhos puramente matemáticos, publicados entre 1828 e 1858 no "Crelle's Journal", relacionavam-se principalmente à geometria e muitos eram desenvolvimento dos métodos que apresentara na grande obra "Der Barycentrische Calkul" (1827), que introduz coordenadas homogêneas na geometria analítica. Esse tratado também lida com transformações geométricas, particularmente as projetivas, e discute a configuração conhecida como "o reticulado de Möbius". Em "Lehrbuch der Statik" (1837), Möbius apresenta um tratado geométrico da estatística. Foi também pioneiro em topologia, registrada numa memória apresentada à Academia Francesa e só descoberta após sua morte.

Modigliani (Amedeo)

Pintor italiano (Livorno, 1884 — Paris, 1920). Estudou nas academias de Veneza e Florença. Sua admiração pela Renascença italiana, especialmente na cidade de Siena, acompanhou-o durante toda a vida. Em 1906, deixou a Itália para estabelecer-se em Paris. A partir de 1918, sua saúde começou a declinar lentamente, e o excessivo consumo de álcool e outras drogas acabou por lhe precipitar a morte. Jeanne Hébuterne (com quem se casara em 1917) se suicidaria alguns dias após a sua morte. As primeiras obras de Modigliani feitas em Paris, como "A Amazona" (1908), mostram a influência da pintura de Toulouse-Lautrec e dos primeiros trabalhos de Pablo Picasso. Pouco mais tarde, inspirou-se em Cézanne, em obras como "O Violoncelista" (1909) e "O Mendigo de Livorno" (1909). Depois de 1910, o artista parece ter abandonado a pintura, a fim de dedicar-se à escultura; seus desenhos haviam atraído a atenção de Constantin Brancusi, que o encorajou a esculpir figuras e cabeças em pedra. Muitos desses trabalhos foram expostos no Salão de Outono, em 1921. Seu alongamento e simplificação refletem a influência da arte africana. No fim de 1914, as dificuldades financeiras obrigaram-no a retomar a pintura. O impacto do Cubismo pode ser notado em retratos como o de Beatrice Hasting (poetisa inglesa com quem viveu de 1914 a 1916). Na realidade, não seria o Cubismo, mas as características de suas cabeças esculpidas, que dominariam sua pintura: longos pescoços e narizes, feições simplificadas e afilados rostos ovais. Essas características haviam sido notadas nos retratos a óleo que pintou entre 1915 e 1917, representando inúmeras figuras da vida artística de Montparnasse. Em seus três últimos anos, pintaria principalmente retratos femininos e nus. Como pintor, seu estilo era linear; ao contrário dos cubistas e fauvistas contemporâneos, preocupou-se pouco com a análise da forma ou das qualidades expressivas da cor.

Moholy-Nagy (Lazlo)

V. **Moholy-Nagy,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Moisés

Legislador de Israel, segundo a Bíblia (perto de Mênfis, segunda metade do II milênio a.C. — Monte Nebo, terras de Moab, c. 1250 a.C.). Pertencente à tribo de Levi, teria nascido na época em que o faraó do Egito ordenara a morte de todos os meninos hebreus. Diz a tradição judaico-cristã que, para salvá-lo, sua mãe colocou-o numa cesta, no rio Nilo. Recolhido pela filha do faraó, foi educado na corte, onde viveu até os quarenta anos. Mas matou um egípcio que maltratara um israelita, e fugiu para o sul da Palestina, em Madian. Casou-se com a filha do sacerdote local e passou a viver como pastor. No monte Sinai, recebeu uma mensagem do Deus de seus pais (visão da sarça ardente), chamando-o para ir ao Egito salvar seu povo. Após as "dez pragas", o faraó permitiu a partida dos hebreus. Dirigindo seu povo, Moisés conseguiu atravessar o mar Vermelho, que se fechou no momento em que passavam os exércitos do faraó, em perseguição a eles. Ainda segundo a Bíblia, recebeu de Deus, no Monte Sinai, o Decálogo — os Dez Mandamentos — e os elementos fundamentais da lei de Israel. Moisés mandou construir, no Sinai, o Tabernáculo, onde seria colocada a "arca da Aliança". Após 38 anos de provações (por terem se revoltado contra Deus), os hebreus retomaram a viagem à Terra Prometida, liderados por Moisés. Mas ele morreu antes de entrar na terra de Canaã.

Moissan (Henri)

Químico francês (Paris, 1852 — id., 1907). Filho de um empregado da estrada de ferro, começou sua vida como aprendiz de farmacêutico. Retornou aos estudos com Edmond Frémy, professor de química da Escola Politécnica e do Museu de História Natural, interessado no problema de liberação do flúor (de natureza tóxica). Moissan isolou esse elemento, altamente reativo, recebendo a aprovação de Frémy. Em suas pesquisas, usou a bateria elétrica de Henri Jules Debray para a eletrólise do flúor fundido. Sua inovação decisiva foi a de dissolver fluoreto de potássio em fluoreto de hidrogênio líquido; utilizando elétrodos de platina-irídio e tampas de espatoflúor, resolveu problemas de corrosão, embora posteriormente fossem descobertas outras alternativas. O sucesso de Moissan na libertação do flúor, em 1886, deu-lhe fama internacional. Seu nome também está ligado a diamantes artificiais. Pesquisou ainda o uso de altas temperaturas, em fornos elétricos que desenvolveu em 1892. Preparou rubi sintético, nitretos, boretos e carbonetos metálicos. Muito antes que a metalurgia moderna tornasse comercialmente disponíveis metais como molibdênio, tântalo, nióbio, vanádio, titânio, tungstênio e urânio, Moissan preparou amostras em seu forno elétrico. Além de cientista, foi professor, lecionando química inorgânica na Sorbonne em 1900. Membro estrangeiro da Royal Society em 1905, recebeu o prêmio Nobel em 1906.

Molière (Jean Baptiste Poquelin, dito)

V. **Molière,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Molina (Luís)

Teólogo espanhol (Cuenca, Nova Castela, 1536 — Madrid, 1600). Membro da Companhia de Jesus desde 1553, foi convidado para ensinar teologia em Coimbra (1563/67) e a seguir em Evora (1568/83). Passou diversos anos em Lisboa, retirando-se em 1590 para Cuenca. Autor de um importante tratado, "De Justitia et Jure" (1592), deve sua fama, contudo, ao "Concordia Liberi Arbitrii cum Gratiae Donis" (1588), que provocou na Igreja a longa controvérsia do molinismo. A teoria de Molina procura destacar o papel do esforço humano na obra de salvação, conciliando a liberdade humana com a presciência de Deus e a necessidade da Graça. Essa teoria supõe também, em Deus, uma ciência pela qual ele prevê o que o homem irá ou não fazer nesta ou naquela circunstância. O molinismo, reação contra as doutrinas protestantes da Predestinação, encontrou adversários nos teólogos dominicanos tomistas. A oposição a Molina foi dirigida por Bañez, e o caso foi levado a Roma. Em 1597, uma comissão de oito prelados e teólogos deram um juízo desfavorável às doutrinas de Molina. Entretanto, o Papa Clemente VIII suspendeu sua sentença e, para terminar o debate, instituiu a Congregação "De Auxiliis". Depois de nove anos de conferências (1598/1607), reconheceu-se que não havia motivos para um procedimento judiciário. Assim, os dois sistemas opostos, o de Molina e o de Bañez, puderam ser livremente ensinados na Igreja. No ano de sua morte, Molina foi nomeado professor de teologia moral em Madrid.

Molnár (Ferenc)

Dramaturgo e romancista húngaro (Budapeste, 1878 — Nova York, 1952). De família israelita, estudou direito em Budapeste e Genebra. Sua formação completou-se nos meios artísticos de Budapeste, onde dividia o tempo entre salas de redação, cafés literários, bailes e o cassino. Irônico, discretamente sentimental, dotado de grande capacidade de observação, apresentou entre suas primeiras obras uma coletânea de novelas, "Crianças", e um romance, "As Crianças da Rua Pál" (1907), clássico da literatura húngara, retrato dos meios burgueses e populares da capital magiar. Nesse mesmo ano, na comédia "O Diabo", defendia o amor livre. Em 1909, com sua peça "Liliom", que não agradou ao público de Budapeste, Molnár atingiu sua melhor forma. Entretanto, acabou deixando de lado os assuntos muito audaciosos e procurou uma fórmula para satisfazer o grande público internacional. Com exceção de "A Nuvem Branca" (1916), peça inspirada na guerra e que estava no nível de "Liliom", obras como "A Guarda do Corpo" (1910), "O Lobo" (1912), "Carnaval" (1917) e "Moda para Homens" (1917) seguiam esse esquema. Contudo, ele retornou ao romance com "A Flauta de Pan" (1911), "Memórias de um Correspondente de Guerra" (1916) e "André" (1918), nos quais o herói é um jovem israelita neurótico. Devido ao clima político nacionalista e antisemita existente no governo do Almirante Horthy, que sobreveio depois da breve experiência do governo socialista de Bela Kun, Molnár parece ter sentido dificuldades em adaptar-se às tendências do pós-guerra. Com "O Cisne" (1920) e "Moulin Rouge" (1923), retornou à fórmula de "O Diabo". "O Jogo do Castelo" (1926) reflete um ceticismo que constituiria a característica marcante de sua produção seguinte. Tornou-se uma celebridade internacional, recebeu diversas distinções húngaras e estrangeiras e teve inúmeros imitadores. Quando começou a Segunda Guerra Mundial, Molnár refugiou-se primeiramente na Itália e depois nos Estados Unidos.

Mondrian (Pieter Cornelis)

V. **Mondrian,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Monet (Claude)

V. **Monet,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Mobius, August Ferdinand — Monet, Claude

Monge (Gaspard)

Matemático francês (Beaune, 1746 — Paris, 1818). Estudou em Beaune e em Lião. Aos 16 anos, já era professor de física em Lião. Num período de férias, ao voltar a Beaune, fez um plano da cidade. Examinando o projeto, um oficial de engenharia recomendou Monge ao comandante da escola militar de Mézières, onde ele ficou como desenhista de plantas. Num projeto de distribuição de canhões numa fortaleza, aplicou um método geométrico, ao invés do laborioso processo aritmético até então utilizado, resolvendo rapidamente o problema. A descoberta foi considerada tão valiosa que, durante muito tempo, foi guardada como segredo militar. Estabeleceu métodos de aplicação da geometria à arte da construção, que seriam fundamentais para o desenvolvimento da geometria descritiva. Em 1768, assumiu o cargo de professor de matemática e, em 1771, de física, em Mézières. Em 1780, foi indicado para a cadeira de hidráulica do Liceu de Paris e tornou-se membro da Academia. Em seu trabalho "Sobre a Teoria dos Aterros e Desaterros" (1781), expôs uma teoria geral das curvas de uma superfície. Em 1792, tornou-se ministro da Marinha, cargo em que permaneceu até 1793. Acompanhou Napoleão no Egito. Colaborou com empenho no comitê de segurança pública, atendendo a um apelo feito aos cientistas. Participou do estabelecimento da Escola Normal e da Escola Politécnica e ensinou geometria descritiva em ambas. Foi indicado para o Senado com o título de conde de Péluse. Após a queda de Napoleão, foi destituído de todas as honrarias.

Monroe (James)

Político norte-americano (Westmoreland County, Virgínia, 1758 — Nova York, 1831). Em 1782 foi eleito deputado por seu Estado, através do Partido Republicano. Foi governador da Virgínia de 1799 a 1802. Executou diversas missões diplomáticas, a mais importante das quais em Paris (1803), quando foi comprado o Estado de Luisiânia pelos EUA. Em 1816, foi eleito presidente da República, cargo que tornou a exercer de 1821 a 1825. Comprou a Flórida à Espanha (1819), reconheceu as novas repúblicas da América Latina e elaborou em 1823, o conjunto de princípios de política exterior conhecido como "doutrina Monroe" e sintetizado no lema "A América para os americanos". A doutrina foi suscitada pelas tentativas dos russos (então de posse do Alasca) de interditar a navegação na costa noroeste do continente e pela ameaça das potências européias da Santa Aliança de impedir ou conduzir em proveito próprio os movimentos de independência das colônias espanholas. A doutrina proclamava que o continente americano não era um território destinado à colonização européia; e que as tentativas das potências européias para estenderem sua influência de modo unilateral sobre o continente americano seriam encaradas pelos Estados Unidos como uma ameaça à paz e à segurança do continente. A doutrina Monroe inspiraria a futura política norte-americana relativa à América Latina: em nome dela, esse país exigiu e obteve da Inglaterra o controle exclusivo do canal do Panamá (1901) e interveio em problemas internos de vários países, ao longo do processo em que os Estados Unidos assumiram a hegemonia no sistema interamericano.

Monroe (Norma Jean Mortensen, dita Marilyn)

Atriz norte-americana (Los Angeles, 1926 — id., 1962). Aos dois anos, foi entregue à família Goddard, pois a mãe era débil mental. Essa família internou-a num orfanato; aos doze anos, Norma foi adotada pela família Lower e, em 1941, pelos Van Nuys. Menos de um ano depois, Norma casou-se com o vizinho Jim Dougherty, operário de uma fábrica de aviões. Jim foi convocado para a guerra e o casal divorciou-se em 1946. Durante a guerra, Norma Jean conheceu o fotógrafo Potter Hueth, que a contratou como modelo. De cabelos pintados e blusas justas, ela começou a aparecer em anúncios. Em 1947, Norma foi levada por um amigo à indústria cinematográfica Fox, que a contratou e mudou seu nome para Marilyn Monroe. No ano seguinte, Marilyn já aparecia em "pontas" de filmes classe B, como "Tormentas de Ódio" e "Idade Perigosa". Despedida em 1949, ela posou nua para um calendário, o que garantiu o prosseguimento de sua carreira: Johnny Hyde, responsável pelo sucesso de Rita Hayworth, interessou-se também por Marilyn, que voltou ao cinema em 1950, agora com sucesso, em "O Segredo das Jóias", "Loucos de Amor", "O Que Pode um Beijo", "O Faísca" e "A Malvada"; em 1951 fez "Sempre Jovem", "O Segredo das Viúvas" e "Joguei Minha Mulher"; em 1952, "Só a Mulher Peca", "Travessuras de Casados", "Almas Desesperadas", "O Invento da Mocidade" e "Páginas da Vida". Do mesmo ano é "Torrente de Paixão" ("Niagara Falls"), no qual a figura de Marylin se consolida como "objeto sexual" — a típica "star" dos anos 50. São de 1953 "Os Homens Preferem as Louras" e "Como Agarrar um Milionário"; e de 1954, "O Rio das Almas Perdidas" e "O Mundo da Fantasia". Foi eleita a "atriz favorita de 1953". Marilyn, mito fundamental do "star system", conserva traços das "stars" dos anos 20: um ideal inacessível, que desce do pedestal para interpretar, por exemplo, uma personagem míope, numa mistura de endeusamento e familiaridade. Casada desde 1952 com o jogador de beisebol Joe di Maggio, começou a revoltar-se contra o tipo de papéis "sexy" que sempre interpretava, procurando firmar-se como atriz. Foi a Nova York estudar interpretação com Lee Strasberg, no Actors' Studio, onde conheceu o dramaturgo Arthur Miller, com quem se casou em 1956. Em sua convivência com Arthur Miller, desenvolveu-se culturalmente, adotando novas atitudes. À imagem criada pelo "star system" foram incorporados elementos mais intelectualizados. Não seria mais somente uma boneca engraçada. Marylin Monroe passava a ir contra suas próprias personagens: a imagem continuava a mesma; a forma de sentir e dizer as coisas, porém, se modificara. De ma-

neira primitiva e ingênua, a nova personagem implorava para ser compreendida e não ser engolida pela multidão. Pertencem a essa nova fase "O Pecado Mora ao Lado" ("Seven Year Itch" — 1955) e "Nunca Fui Santa" ("Bus Stop" — 1956). No ano seguinte, desligou-se da Fox, criou uma produtora própria (a "MM") e foi à Inglaterra filmar "O Príncipe e a Corista" com Laurence Olivier. Em 1959, filmou "Quanto Mais Quente, Melhor" ("Some Like it Hot") e, em 1960, "Adorável Pecadora" ("Let's Make Love"). Em janeiro de 1961, divorciou-se e filmou "Os Desajustados", canto de cisne de Marilyn, escrito e produzido por Miller. Nesse obra aparece o mais verdadeiro e significativo retrato da atriz: Marilyn, no filme, interpreta a si mesma. A 4 de agosto de 1962, durante as filmagens de "Something's Got to Give", Marilyn morreu em decorrência de uma dose excessiva de soníferos.

Monsueto Campos de Menezes

Cantor, compositor e pintor brasileiro (Rio de Janeiro, GB, 1924 — id., 1973). Nascido na favela do morro do Pinto, foi criado por uma tia que era empregada doméstica. Hábil em instrumentos de percussão, tornou-se baterista da orquestra do maestro Cópia, no Copacabana Palace, em 1950. Mas o compositor superária o instrumentista. Em 1952, Linda Batista gravou para o carnaval uma composição de Monsueto, "Me Deixa em Paz". Dois anos depois, um espetáculo do Copacabana Palace montado por Caribé da Rocha apresentou com êxito três composições de Monsueto. Geralmente ele escrevia também a letra das músicas. Alguns de seus sambas mais conhecidos são "A Fonte Secou", "Mora na Filosofia" e "Lamento da Lavadeira". Participou de inúmeros programas da televisão, onde se destacou pela sua figura e pela característica voz rouca, interpretando sempre o malandro de morro ou o sambista de asfalto. Começou a interessar-se pela pintura aos 43 anos, quando lhe pediram a opinião sobre um quadro que retratava um lance de capoeira. Entusiasmado por suas observações terem sido acatadas, passou a pintar mais para divertir-se. Depois de ter vendido alguns quadros, dedicou-se seriamente à pintura. Vendeu cerca de mil quadros de estilo primitivista. Em 1972, recebeu a medalha do Salão Nacional de Belas-Artes. Um de seus quadros mais famosos é uma Santa Ceia em que Jesus Cristo e os apóstolos são negros, como ele.

Montaigne (Michel Eyquen de)

V. **Montaigne,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Montalvão (Jorge de Mascarenhas, Marquês de)

Fidalgo português (Lisboa, 1597 — id., 1652). Foi mordomo-mor de Filipe III e Filipe IV da Espanha. Ao servir na África, na esquadra portuguesa em luta contra os mouros, foi aprisionado por piratas. Pago o resgate, voltou a Portugal, onde recebeu o título de conde de Castelo Novo e o cargo de capitão-geral do Algarve. Em 1640 foi nomeado governador e primeiro vice-rei do Brasil. Ao tomar posse do cargo, em Salvador, recebeu o título de Marquês de Montalvão. No Brasil, lutou contra uma tentativa de invasão dos holandeses, no Espírito Santo. Durante seu governo, Portugal libertou-se do domínio espanhol e Dom João IV foi aclamado rei do Brasil. Em 1641, voltou para Portugal, acusado de traição em favor da Espanha, mas sua inocência foi reconhecida. Como sua família permanecera do lado de Castela durante a Restauração, em 1644 ele foi novamente acusado de traição e preso. Libertado no ano seguinte, reassumiu os cargos de conselheiro de Estado, presidente do Conselho Ultramarino e procurador de Lisboa para as cortes. Seus inimigos não desistiram e, em 1652, ele foi outra vez acusado de conspirar em favor dos espanhóis e preso no castelo de São Jorge. Morreu no mesmo ano, em conseqüência dos sofrimentos passados na prisão.

Montalverne (Frei Francisco de)

Religioso e orador sacro brasileiro (Rio de Janeiro, GB, 1784 — Niterói, RJ, 1858). Aos quinze anos entrou para o convento franciscano de Santo Antônio e, em 1804, viajou para São Paulo. Ordenado presbítero em 1808, pregador em 1810 e professor de filosofia e artes no Colégio de São Paulo. Tornou-se teólogo da Nunciatura Apostólica e examinador da mesa da Consciência e Ordens em 1818. Eleito guardião do convento da Penha do Espírito Santo (1819), não abandonou as funções de professor. Em 1827, fez a oração fúnebre da Imperatriz Leopoldina e, em 1829, tornou-se examinador sinodal. Em 1836 perdeu a visão, mas obteve licença para assinar por chancela e ocupou ainda diversos cargos honoríficos. Foi sócio correspondente do Instituto Geográfico e Histórico de Paris, membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e de outras sociedades científicas e culturais. Seu renome como orador era grande e tinha crescido rapidamente, tanto que aos 34 anos já fora nomeado pregador da Real Capela por Dom João VI. Em conseqüência da doença retirou-se ao convento, fechando-se em sua cela, de onde só sairia, pela última vez em 1854, a convite de Dom Pedro II, para fazer um sermão no dia do santo do nome do imperador. Frei Francisco de Montalverne deixou suas pregações em "Obras Oratórias" (1833). Escreveu ainda, no mesmo ano "Compêndio de Filosofia", onde expôs doutrinas herdadas de Locke e de Condillac, opondo-se frontalmente ao tomismo e à escolástica, e defendendo com ardor o ecletismo dos pensadores franceses.

Montalvo (José Miguel)

Poeta e político colombiano (Timaná, 1783 — Santa Fé de Bogotá, 1816). Com a revolução de 1810, resolveu dedicar inteiramente a ela suas atividades de advogado e sobretudo de poeta repentista. De sua produção poética, quase totalmente perdida, salvou-se a peça dramática "El Zagal de Bogotá" ("O Pastor de Bogotá"). Como oficial do Exército de Nariño, lutou nas batalhas de Palace, Colíbio, Tasimo Juanambu, Pasto e El Palo. Foi promovido a coronel por bravura e nomeado governador de

Monge, Gaspard — Montalvo, José Miguel

Chocó. Defendeu heroicamente essa cidade contra os espanhóis até ser aprisionado e fuzilado.

Montalvo (Juan)

Escritor equatoriano (Ambato, 1832 — Paris, 1889). Começou na carreira jornalística, trabalhou na Europa como correspondente e,de volta ao Equador, com 28 anos, escreveu ao ditador García Moreno propondo-lhe um sistema liberal de governo. Fundou o jornal político-literário "O Cosmopolita", em 1866. Mas acabou exilado em Ipiales, na Colômbia, onde em 1872 iniciou sua atividade literária. Escreveu "A Geometria Moral", "O Ditador" (peça de teatro) e "A Ditadura Perpétua", panfleto publicado em 1875, ano em que García Moreno seria assassinado. De novo no Equador, escreveu para o jornal "O Regenerador", mas, com a volta da ditadura (agora exercida pelo general Vuntemilla), Montalvo seguiu para o Panamá. Em 1880 publicou "As Catilinárias", uma coletânea de seus artigos. A seguir, foi para Besançon, na França, onde escreveu "Os Sete Tratados". De 1886 a 1888, editou em Paris a revista "O Espectador", escrita apenas por ele. "Capítulos que Cervantes Esqueceu de Escrever" (1895) é considerada sua mais significativa obra literária.

Montañés (Juan Martínez)

Escultor espanhol (Alcalá la Real, 1568 — Sevilha, 1649). Estudou escultura no atelier de Pablo Rojas, em Granada, e por volta de 1587 foi para Sevilha. É considerado um dos maiores representantes da escultura policrômica espanhola do século XVII. Sua produção, estreitamente ligada à Contra-Reforma, é basicamente religiosa. Entre suas obras destacam-se o busto de Filipe IV (1635/36), uma de suas poucas esculturas profanas; "São Cristóvão" (1597), "São Jerônimo Ajoelhado" (1597/1604), "Cristo e a Clemência" (1603/05), "Menino Jesus Sacramental" (1605), "São Domingos Penitente" (1605/09), o retábulo de São João Batista (1610/20), etc. Chamado o "deus da escultura em madeira", seus trabalhos mostram um perfeito equilíbrio entre o realismo nacional e o estilo clássico. A moderação e o ligeiro toque de melancolia passam a ser típicos da plástica andaluza.

Monte-Carmelo (Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, dito Padre Jesuíno do)

Pintor, arquiteto e músico brasileiro (Santos, SP, 1764 — Itu, SP, 1819). Em 1781 mudou-se para Itu, onde teria se iniciado nas artes. Em 1797 iniciou a decoração da igreja da Ordem do Carmo da cidade e ingressou (como padre) na ordem. Mais tarde, improvisou-se como arquiteto e iniciou a execução de seu projeto para a igreja do Patrocínio; morreu antes da conclusão e seus restos mortais estão nesse templo. Na mesma ocasião, preparou as partituras que deveriam ser executadas na inauguração da igreja. No setor da escultura, deixou o altar-mor do mosteiro de São Bento, em Santos (ou pelo menos o seu traçado); o douramento e a pintura das imagens de Nossa Senhora da Conceição, Santana e São Joaquim para o Convento do Carmo em Santos e, talvez, alguns trabalhos de talha do altar-mor da igreja do Patrocínio, em Itu; no setor da pintura, doze quadros a óleo sobre tela para a capela-mor da Matriz de Itu, o teto da igreja do Convento Carmelita de São Paulo, dezoito quadros a óleo sobre madeira para a igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, dez quadros a óleo para o Convento de Santa Teresa de São Paulo (expostos no Museu de Arte Sacra de São Paulo); e oito quadros representando santos carmelitas.

Monteiro Lobato (José Bento)

V. **Monteiro Lobato,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Montesquieu (Charles Louis de Secondat, Barão de)

V. **Montesquieu,** Enciclopédia Abril (Vol. VIII).

Montessori (Maria)

Educadora italiana (Chiaravalle, Ancona, 1870 — Noordwijk, Holanda, 1952). Primeira mulher a receber o título de médica na Itália (Roma, 1894), interessou-se pela educação de crianças excepcionais. Em 1898, começou a elaborar um método de ensino que se revelou um sucesso também quando aplicado a crianças normais. A partir de 1900, estendeu seus métodos a grande número de escolas públicas e privadas de Roma. De 1900 a 1907, foi titular da cadeira de pedagogia da Universidade de Roma. Em 1907, no bairro pobre de São Lourenço, em Roma, abriu uma escola para filhos de operários, que chamaria de Casa das Crianças. Organizou diversos cursos de formação de professores e desenvolveu intenso trabalho de ensino e divulgação. Outras "casas das crianças" foram criadas na Itália. Em 1922, Maria Montessori foi nomeada inspetora das escolas italianas. Forçada a abandonar o país em 1933, por oposição do fascismo a seus métodos, seguiu para a Espanha. Em 1947, reassumiu seu cargo na Universidade de Roma e, em 1950, ingressou na UNESCO. Depois disso, pôde fundar escolas na Europa, Ásia e América. O método Montessori baseia-se no princípio de que a criança deve adquirir naturalmente noções de ordem, classificação, análise, síntese e relação com o mundo exterior, necessárias a seu desenvolvimento sensorial e intelectual. Esse aprendizado é feito em etapas, que Maria Montessori chama de "períodos sensoriais"; o papel da professora não é o de dirigir a criança ou impor-lhe qualquer missão, mas o de guiá-la numa descoberta progressiva. Tudo é feito no sentido de facilitar essa descoberta, a partir do mobiliário da escola, feito na escala da criança. A organização da sala de aula oferece condições de trabalho individual e coletivo. O planejamento do material pedagógico visa ao desenvolvimento sensorial, motor e intelectual do aluno. Esse material deu origem a uma nova visão do brinquedo: o atualmente chamado "brinquedo educacional". Montessori escreveu diversos livros que influenciaram toda a moderna pedagogia: "Método Montessori" (1912), "O Segredo da Infância" (1936), "Educação para um Novo Mundo" (1946) etc.

Monteverdi (Cláudio)

V. **Monteverdi,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Montezuma II

Imperador dos astecas (?, 1466 — Tenochtitlan, México, 1520). Era um grande comandante militar, além de sacerdote do templo do deus guerreiro Huitzilopochtli, o que assegurou sua escolha como sucessor de seu tio Ahuizotl. De acordo com a tradição, seu coroamento foi acompanhado de sacrifícios humanos e festividades. Montezuma foi um rei guerreiro e seu governo tendeu para o despotismo e a opressão, o que provocou muitas revoltas. Ocupou-se de conquistas de territórios e construção de templos e estendeu o império desde a Nicarágua até Honduras. Os conquistadores espanhóis (em 1519) foram bem recebidos por Montezuma, mas ele foi aprisionado por Cortez, que se serviu do imperador para abafar a revolta, comandada por seu irmão Cuitlahautzin, contra os invasores. Nos esforços de resistir ao ataque, Cortez induziu Montezuma a falar a seu povo do alto de uma fortaleza espanhola. Sentindo-se traídos por seu imperador, os astecas revoltaram-se e atiraram-lhe pedras e flechas. Talvez Montezuma — o último imperador asteca — tenha morrido em decorrência de ferimentos recebidos nessa ocasião, enquanto seu povo era massacrado sob as armas espanholas. Seu filho recebeu de Carlos V o título de conde de Montezuma.

Monticelli (Adolphe)

Pintor francês (Marselha, 1824 — id., 1886). Pertencia a uma família da antiga nobreza italiana que emigrou para a França. Iniciou seus estudos na Academia de Belas-Artes de Marselha e residiu em Paris, onde se entusiasmou com as telas de Rubens, Delacroix, Veronese e, sobretudo, Watteau. Regressou a Marselha, onde passou o resto de sua vida. Esteve ligado a Díaz de la Peña, Guigou e Cézanne. E, embora Van Gogh reconhecesse grande valor em seus trabalhos, permaneceu ignorado pelo público até o século XX, quando foi reconhecido, em especial pelas telas de composição imaginária, nas quais figuras oníricas evoluem em parques fantasmagóricos: "Comme il Vous Plaira", "Sérénade", "Réunion dans un Parc", obras que hoje estão no Museu do Louvre. A influência de Watteau é evidente, mas o estilo é renovado pelo espessamento das tintas e por um colorido brilhante e diversificado. Anuncia o Expressionismo moderno e pode também ser considerado precursor do impressionismo.

Montigny (Auguste Henri Victor Grandjean de)

Arquiteto francês (Paris, 1766 — Rio de Janeiro, 1850). Estudou na Escola de Belas-Artes de Paris e ocupou posição de destaque na Europa: na Itália, ganhou o Prêmio Roma (1799) e restaurou a Vila Medici (1803); na Westfália, por encomenda do rei Jerônimo Bonaparte, construiu importantes monumentos, um deles dedicado a Napoleão, irmão do rei. Em 1816, foi para o Rio de Janeiro, integrando a missão artística convidada por Dom João VI, da qual também fazia parte J. B. Debret. Primeiro professor de arquitetura no Brasil (nomeado a 12-8-1816), introduziu os conceitos então divulgados na Europa. Graças a sua atuação, desenvolveu-se o Neoclassicismo brasileiro. Foi o autor do arco triunfal erguido por motivo da aclamação de Dom João VI ao trono. Projetou e orientou a construção do edifício da Praça do Comércio, hoje demolido, o grande salão da Alfândega e a Academia de Belas-Artes (1816-1826). Em 1848 fez o projeto do Palácio Imperial e o do Senado. Deixou alguns livros, como "Coleção dos Mais Belos Túmulos Executados na Itália nos Séculos XV e XVI, conforme os Desenhos dos Mais Célebres Arquitetos e Escultores" (1813); "A Arquitetura Toscana, ou Palácios, Casas e Outros Edifícios da Toscana, Medidos e Desenhados" (1815), etc.

Monvoisin (Raymund Auguste Quinsac, dito)

Pintor francês (Bordéus, 1790 — Boulogne-sur-Seine, 1870). Foi aluno de Lacour em Bordéus e de Guérin na Escola de Belas-Artes de Paris. Mais tarde, morou algum tempo em Roma, onde pintou várias telas sobre temas mitológicos; uma delas, "Aquiles Pedindo a Nestor o Prêmio dos Jogos Olímpicos", foi premiada em 1820. Em Paris dedicou-se à pintura religiosa e de cenas de batalhas. Perseguido por Cailleux, diretor dos museus e figura de grande influência na corte de Luís Filipe, viu-se obrigado a expatriar-se para Valparaíso, no Chile, em 1842. Levou consigo dezoito telas esboçadas, entre as quais a que documentava a famosa sessão de 9 Termidor. Residiu cerca de dez anos na América do Sul, organizando uma escola de pintura no Peru. Em 1843, passou três meses em Buenos Aires, tempo suficiente para pintar numerosos retratos e outras telas nas quais captou o ambiente local. Deve ter estado no Paraguai, conforme indicam os motivos e os títulos de suas telas "Recordação do Paraguai" e "Os Refugiados do Paraguai". Viveu no Chile até 1847, quando voltou a Paris, e logo em seguida viajou para o Rio de Janeiro, onde pintou, ainda no mesmo ano, um retrato de Dom Pedro II. Entre outros trabalhos que realizou na América do Sul, citam-se: "A Portenha na Igreja", "O Soldado de Rosas", "O Gaúcho" e "Retrato do General João Manuel Rosas". Voltou definitivamente à França em 1857, onde deixou telas como "Retrato do General Bonaparte", "Joana d'Arc na Fogueira", "Derradeiros Momentos de Carlos IX", "Cristo na Cruz" e "Assunção da Virgem".

Moore (George)

Escritor irlandês (Moore Hall, Ballyglass, 1852 — Londres, 1933). Foi para Paris aos vinte anos, para estudar pintura, mas trocou-a pela poesia. De início, sofreu a influência de Baudelaire: "Flowers of Passion" ("Flores da Paixão", 1878) e "Pagan Poems" ("Poemas Pagãos", 1882) são dessa fase. Seus primeiros romances,

Montalvo, Juan — Moore, George

como "A Mummer's Wife" ("Mulher de Cabotino", 1885), refletem um cunho naturalista. Posteriormente, percebe-se a influência dos decadentes e de Huysmans: "A Drama in Muslin" ("Um Drama em Musselina", 1885), "A Mere Accident" ("Um Mero Acidente", 1887) e "Confessions of a Young Man" ("Confissões de um Jovem", 1888); mas o romance "Esther Waters" (1894) caracteriza-se por um realismo mesclado de poesia, que parece indicar o caminho no qual deveria prosseguir. Suas tendências idealistas confirmam-se nas obras "Evelyn Innes" (1898) e em "Sister Teresa" ("Irmã Teresa", 1901). Regressou, a seguir, à Irlanda (1901) onde publicou "The Untilled Field" ("O Campo não Cultivado", 1903), novela regional, e ligou-se por algum tempo ao movimento de renascimento da língua celta liderado por Wyeats e Synge. Em 1905 publicou "Memoirs of My Dead Life" ("Memórias da Minha Vida Morta") e, entre 1911 e 1914, a trilogia "Hail and Farewell" ("Saudações e Adeus"), onde dá um relato malicioso e irônico de seus próprios entusiasmos, sempre seguidos por desilusões. Após uma viagem à Palestina, publicou "The Brook Kerith, a Syrian Story" ("A Solidão de Kerith, uma História Síria", 1916), um ensaio de reconstituição da vida de Cristo. Entre suas derradeiras obras está a autobiografia "Conversations in Ebury Street" ("Conversações em Ebury Street").

Morais Barros (Prudente José de)

Estadista brasileiro (Itu, SP, 1841 — Piracicaba, SP, 1902). Diplomou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo e participou da campanha republicana. Foi deputado na Assembléia Provincial de São Paulo (1878) e na Assembléia Geral do Império (1885). Proclamada a República, integrou a Junta Governativa de São Paulo e, logo a seguir, foi governador do Estado. Eleito senador, integrou a Primeira Constituinte Republicana (1890) e foi eleito presidente do Congresso Nacional, onde disputou e perdeu para Deodoro a primeira eleição para a presidência da República. Foi eleito presidente da República para o período 1894-1898, com o apoio integral de todas as forças políticas nacionais (embora enfrentasse forte oposição dos militares), tornando-se o primeiro presidente civil e eleito por sufrágio direto. O governo de Prudente de Morais foi caracterizado pelos conflitos entre os partidários de um governo de tipo militarista, denominados "florianistas", e os republicanos moderados, os "civilistas", aos quais se filiava. Durante seu mandato ocorreram o término da Revolução Federalista e a anistia concedida a seus participantes (1895); os movimentos de insubordinação na Escola Militar, que determinaram seu fechamento temporário, bem como o do Clube Militar (1895); a Revolta de Canudos e seu esmagamento; a solução de questões de limites com a Argentina (Palmas) e com a França (Amapá); e a ocupação definitiva da ilha da Trindade, da qual a Inglaterra pretendia apossar-se. Por motivo de saúde, afastou-se do exercício da presidência (novembro de 1896-março de 1897). Logo após havê-la reassumido, foi vítima de um atentado, em virtude do qual morreu apunhalado seu ministro da Guerra, Marechal Carlos Machado Bittencourt.

Morais Cabral (Francisco de)

Escritor português (Bragança ?, fins do século XV — Évora ?, século XVI). Residiu na França (1540-1543), na qualidade de secretário do Conde Dom Francisco de Noronha. É tido como verdadeiro autor do romance de cavalaria "Palmeirim de Inglaterra", que um dos personagens de Cervantes cita no "Dom Quixote". Durante muito tempo a autoria do "Palmeirim" foi atribuída ao espanhol Luís Hurtado, pois a tradução castelhana deve ter aparecido em 1547-1548, ao passo que a obra original só foi editada em português em 1567. No entanto, uma primeira publicação fora feita em Paris, em 1544, sendo dedicada pelo autor à Infanta Dona Maria, filha de Dom Manuel. Por concessão de Dom João III, Morais Cabral acrescentou ao nome o apelido de "Palmeirim", e teve também o cargo de tesoureiro da Casa Real.

Morandi (Giorgio)

Pintor italiano (Bolonha, 1890 — id., 1964). Estudou na Academia de Belas-Artes de sua cidade natal e, terminado o curso, teve efêmeras ligações com o Futurismo e com a chamada pintura metafísica (1918-1920), embora não participasse de grupos e praticamente não viajasse. Seu universo pictórico é a natureza morta; o contorno rigoroso e a pureza do desenho aos poucos cedem lugar a um delicado compromisso entre forma e cor. O colorido é delicado, como se Morandi quisesse introduzir na pintura os meios-tons da água-forte, gênero no qual, aliás, realizou excelentes trabalhos. Obteve o primeiro prêmio de pintura na Bienal de Veneza (1948), e, na Bienal de São Paulo, recebeu o Grande Prêmio de Gravura em 1953 e o Grande Prêmio de Pintura em 1957.

Moratín (Leandro Fernández de)

Escritor e dramaturgo espanhol (Madrid, 1760 — Paris, 1828). Ainda criança, foi atacado pela varíola, que o desfigurou bastante e tornou-o, como ele próprio declarou, "reservado, pouco social e taciturno" (temperamento que Goya captou num retrato). Ainda muito jovem, foi premiado por duas vezes pela Real Academia Espanhola, o que lhe valeu certa

notoriedade e o cargo de secretário do Conde de Carrabus, com quem viajou a Paris. Na capital francesa, tornou-se amigo de Goldoni. Esteve também na Inglaterra, o que lhe possibilitou a tradução de "Hamlet", embora evidenciasse nas notas à mesma seu desagrado pela peça shakespeariana. Levou à cena várias peças, destacando-se "El Viejo y la Niña" ("O Velho e a Menina", 1790) e "El Si de las Niñas" ("O Sim das Moças", 1805), bem como traduções de Molière. Acusado de bonapartista, foi perseguido e retirou-se com as tropas francesas quando estas abandonaram a Espanha. Segundo muitos críticos, seu teatro é uma imitação do de Molière, adaptado com graça aos costumes locais. No entanto, sua obra "Orígenes del Teatro Espanhol" ("Origens do Teatro Espanhol") é o primeiro trabalho sério e bem documentado sobre o assunto.

Morazán (Francisco de)

Político e militar hondurenho (Tegucigalpa, 1792 — São José da Costa Rica, 1842). Filho de mestiço, teve formação essencialmente autodidática. Iniciou sua carreira política em 1824, em Honduras, onde, sob a proteção do Presidente Dionísio Herrera, ocupou importantes postos, lutando contra os caudilhos e defendendo a federação. Os freqüentes conflitos internos e externos que tumultuavam a vida das repúblicas centro-americanas evidenciaram suas aptidões militares. Derrubado Herrera, Morazán foi preso e banido. Organizou então uma força militar e dominou a Guatemala (1829), levando ao poder José Francisco Burrundia. Em seguida, interveio na Nicarágua para pacificá-la. Em 1830 viu realizado seu sonho de unificação centro-americana, ao ser eleito presidente da confederação formada pelas repúblicas de Costa Rica, Guatemala, Nicarágua, El Salvador e Honduras. Exerceu o mandato por duas vezes sucessivas, encontrando, no entanto, forte oposição de pequenos caudilhos regionais. Ao término de seu segundo mandato (1838), a confederação estava praticamente dissolvida, reunindo apenas as repúblicas da Guatemala e de El Salvador, para a qual foi eleito presidente. Governando entre vitórias e derrotas, resolveu expatriar-se no Peru. Mas logo a seguir foi para a Costa Rica, elegendo-se presidente desta república, e tentou reorganizar a confederação, provocando a reação das repúblicas vizinhas e sendo, finalmente, fuzilado, em 1842.

Moravia (Alberto)

V. **Moravia, Alberto,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Moreau (Gustave)

Pintor francês (Paris, 1826 — id., 1898). Iniciou seus estudos de pintura com François Picot, continuando-os, a partir de 1852, com Chassériau. Estreou no Salão de 1852 com uma "Pietá", onde se evidencia forte influência de Delacroix. Na Itália, estudou a fundo os primitivos e fez cópias de quadros célebres. Na Holanda, estudou a obra de Rembrandt (1885). Foi nomeado professor da Escola Nacional Superior de Belas-Artes de Paris (1892), onde teve como alunos vários pintores que se tornariam célebres, entre os quais Matisse, Marquet, René Piot, Georges Desvallières, Salvador Dali e Rouault. Sua pintura reflete uma antiguidade simbolista e romanesca, tratada com grande perfeição técnica, e não pode ser classificada como realista ou impressionista. Proclamou com freqüência que só acreditava na realidade de seu sentimento interior, o que levou a fazerem dele um iniciador do Fauvismo e, depois, do Surrealismo. Legou ao Estado grande número de suas telas, bem como sua residência, transformada em museu. No Louvre encontram-se, entre outros, seus quadros "L'Enlèvement de Europe" ("O Rapto de Europa") e "Hésiode et la Muse" ("Hesíodo e a Musa"); no Museu de Arte Moderna, "Le Poète et la Sirène" ("O Poeta e a Sereia"), tapeçaria encomendada pelo Governo (1894).

Moreaux (Família)

Pintores franceses. **François René** (Rocroy, 1807 — ?, França, 1860). Fez seus estudos na França e mudou-se depois para o Brasil, junto com seu irmão **Louis Auguste** (Rocroy, 1818 — Rio de Janeiro, GB, 1877), em fins da década de 1830. Fixando-se definitivamente no Rio de Janeiro em 1841, participou da Exposição Geral de Belas-Artes, com três retratos; a seguir, expôs também em 1842, 1843, 1845, 1846, 1847 e 1850. Em 1842, recebeu o hábito da Ordem de Cristo pela tela "O Ato da Coroação de S. M. o Imperador Dom Pedro II". Além de pinturas históricas e retratos, fez paisagens a lápis, que atualmente estão na Biblioteca Nacional. Foi incluído na Exposição Retrospectiva da Pintura do Brasil, realizada em 1948 pelo Museu Nacional de Belas-Artes. Seu irmão Louis Auguste também participou das exposições promovidas pelo rei em 1841, 1843, 1845, 1846 e 1850. Em 1843, Louis Auguste foi nomeado Cavaleiro da Ordem da Rosa por sua tela "Jesus Cristo e o Anjo". Em 1842, começou a dedicar-se a uma série de trabalhos que fixavam aspectos da cidade do Rio de Janeiro, depois reunidos (1845) num álbum de litografias em branco e preto sob o título "Rio de Janeiro Pitoresco por L. Bouvelote Auguste Moreaux". Também se destacou como retratista: "Dom Pedro II", "Visconde de Taunay" e "Atriz Legrange".

Morelos y Pavón (José Maria)

Guerrilheiro mexicano (Valladolid, atual Morélia, 1765 — San Cristóbal de Ecatepec, 1815). Iniciou seus estudos no Colégio de São Nicolau, do qual era reitor o padre Hidalgo, que iria tornar-se importante figura nas lutas pela independência do México. Ordenou-se sacerdote e ocupou os curatos de Carácuaro e Nircupétaro. Após a declaração de independência, integrou-se nas tropas de Hidalgo, com o grau de coronel, e seu antigo mestre incumbiu-o de estender até o sul a revolução para libertar o país do jugo espanhol. Conhecendo o terreno, a tropa e os habitantes das regiões onde atuava, venceu os espanhóis em Veladero, Tixtla, Chantla de la Sal e Ozúcar; escapou de um cerco em Cuautla e tomou Caxaca e Acapulco. Reuniu o Primeiro Congresso em Chilpancigo (13/9/1813), no qual foi redigida a "Ata da Independência" que proclamou a república mexicana. Do mesmo modo que Hidalgo, tinha o incondicional apoio das populações camponesas, entre as quais recrutava seus combatentes. Foi derrotado, quando seguia para Valladolid, por Itúrbide, oficial que servia à Espanha e que acabaria vindo a ser o libertador

Morais Barros, Prudente José de — Morelos y Pavón, José Maria

do país. Preso, Morelos foi levado para a Cidade do México e, depois de sua degradação canônica, foi executado na cidade de São Cristóvão de Ecatepec, atual Ecatepec Morelos.

Moreno (Martim Soares)

Militar e colonizador português (Santiago de Cacém, 1586 — ?, século XVII). Era sobrinho de Diogo Campos Moreno, sargento-mor no Brasil. Muito jovem ainda, foi incluído pelo tio na entrada de Pero Coelho de Sousa (1603). Participou da primeira tentativa de ocupação do Ceará e em 1607 levantou junto ao rio do mesmo nome um fortim, núcleo originário da atual cidade de Fortaleza. Acolhido muito bem pelos índios, tornou-se grande amigo do chefe potiguar Jacaúna, que o tratava como filho, e do irmão deste, Poti. Em 1616 foi aprisionado no mar por corsários franceses que o levaram para Dieppe, onde foi condenado à morte, só escapando graças à intervenção do embaixador da Espanha. Em 1619 recebeu a Capitania Real do Ceará. Quando Pernambuco foi invadido pelos holandeses, juntou-se a Matias de Albuquerque, deixando em Fortaleza seu sobrinho, Domingos da Veiga Cabral; tomou um reduto holandês na ilha de Santo Antônio (1631); juntamente com Antônio Felipe Camarão (Poti), repeliu um ataque inimigo à ilha de Itamaracá, e ocupou Recife, logo abandonado por pressão dos holandeses, e sitiou e tomou o forte do Pontal de Nazaré (1645). Teria morrido em Portugal. José de Alencar romanceou seus feitos e fez dele a paixão da índia Iracema, no romance homônimo.

Morgan (Charles Langbridge)

Escritor inglês (Bromley, Kent, 1894 — Londres, 1958). Serviu na Marinha britânica durante mais de dez anos (1907-1918), participando ativamente da Primeira Guerra Mundial. Ao fim do conflito, matriculou-se em Oxford, onde se tornou presidente da Escola Dramática. Após graduar-se, entrou para o corpo redatorial do "Times". Tornou-se famoso com uma série de romances nos quais aplicava uma técnica nova para o desenvolvimento de temas metafísicos, na linha de diversos literatos ingleses do século XVII, como John Donne, John Dryden, Abraham Cowley: "Portrait in a Mirror" ("Retrato num Espelho", 1929), "The Fountain" ("A Fonte", 1932), "The Voyage" ("A Viagem", 1940), e "The Judge's Story" ("A História do Juiz", 1947). Escreveu ainda peças teatrais, como "The Flashing Stream" ("A Corrente Luminosa", 1938) e os ensaios de "Reflexos num Espelho" (1944-1946) e "Liberdades de Espírito" (1950).

Morgan (Conwy Lloyd)

Biólogo e psicólogo britânico (Londres, 1852 — Bristol, 1936). Pretendia ser engenheiro de minas, mas, sob a influência de Thomas Huxley, foi estudar biologia no Real Colégio de Ciências. Completando o curso, aceitou o cargo de tutor, graças ao qual viajou pela América do Norte e pelo Brasil. Em 1878 foi indicado para lecionar no Colégio Diocesano de Rondebosch, na África do Sul, onde ensinou ciencias físicas, literatura inglesa e história constitucional, dedicando-se também ao estudo de geologia e história natural. Em 1883 foi nomeado professor da University College, de Bristol. Em 1919 parou de lecionar, passando a viver como um filósofo da natureza, observando o comportamento animal e escrevendo ensaios e livros sobre evolução (em particular da mente) e sobre psicologia comparada (especialmente sobre a emergência da consciência e o crescimento da inteligência na escala evolutiva). Interessado nos fenômenos do comportamento animal, escreveu sobre instinto, aprendizado, inteligência, associação, imitação e percepção das relações. Tornou-se mais conhecido pela chamada "lei de Lloyd Morgan", contra a abordagem antropomórfica do comportamento animal, exposta em "Psicologia Comparada" e em outros de seus livros. Lloyd Morgan também é famoso como defensor da doutrina da evolução emergente, derivada em parte do conceito de "élan" vital.

Morgan (Lewis)

V. **Morgan, Lewis,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Morgan (Thomas)

V. **Morgan, Thomas,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Morgenstern (Christian)

Poeta alemão (Munique, 1871 — Merano, 1914). Residiu em Berlim e visitou a Noruega (1898), a Suíça e a Itália (1903), bem como o Tirol meridional, onde residiu de 1906 a 1910. Publicou inicialmente algumas coletâneas líricas, destacando-se "Ich und die Welt" ("Eu e o Mundo", 1898) e "Melancholie" ("Melancolia", 1906), e traduções de escritores e teatrólogos nórdicos, como Ibsen, Björnson e Strindberg. Seu renome firmou-se com obras poéticas, nas quais emprega um linguajar muito puro, entremeando a ironia e o humor a um sentimento místico e religioso que deixa entrever a influência do teósofo Rudolf Steiner. "Galgenlieder" ("Canções do Patíbulo", 1905) obteve sucessivas edições. Seguiram-se: "Palmström" (1910) e "Stufen" ("Confissões", 1918).

Móricz (Zsigmond)

Escritor húngaro (Tiszacsécse, 1879 — Budapeste, 1942) Seus estudos foram orientados para as ciências, mas adquiriu fama de escritor ao publicar seu primeiro livro de contos, "Os Sete Vinténs" (1909). Abandonando de vez as ciências, tornou-se colaborador efetivo da revista literária "Ocidente". Seus romances retratam e analisam, em estilo simples e direto, tipos e personagens da Hungria. Em sua obra, bastante extensa, salientam-se: "Ouro na Lama" (1910), "O Senhor Bovary" e "Atrás das Costas de Deus" (1911); "A Mulher do Pastor Galamb" (1912); "Kerek Ferkó" ... (1914); "Pobre gente" (1917); "Sede Bom até a Morte" (1920); "O País das Fadas" (1921); "Até à Madrugada" (1926); "Transilvânia" (1922-1933); "A Família" (1941). Suas peças teatrais tiveram enorme sucesso, em especial "O Javali", cuja ação se passa no meio rural magiar.

Mörike (Edward)

Escritor alemão (Ludwigsburgo, 1804 — Stuttgart, 1875). Estudou teologia nos seminários luteranos de Urach e Tubingen; exerceu as funções de pastor e, depois, ocupou uma cátedra no Instituto Rainha Cristina de Stuttgart. Ao mesmo tempo, escrevia poemas clássicos (à maneira dos poetas alexandrinos), mas românticos pela utilização de temas populares dos "lied" e de um fino humorismo. No gênero, "Idylle am Bodensee" ("Idílio no Lago de Constanza", 1846) é um dos mais felizes. Seu romance "Maler Nolten" ("O Pintor Nolten", 1832), de grande valor literário e onde evidencia sua capacidade para a análise dos sentimentos íntimos e dos anseios da alma, lembra o "Wilhelm Meister", de Goethe. Escreveu também narrativas e novelas curtas, destacando-se "Iris" (1839), coletânea de lendas sob a forma de diálogos. Em "Mozart auf der Reise nach Praga" ("Viagem de Mozart a Praga", 1855) faz a biografia do compositor num estilo pleno de realismo poético.

Morisot (Berthe)

Pintora francesa (Bourges, 1841 — Paris, 1895). Filha de pais abastados e com tendências artísticas, iniciou seus estudos de pintura com Guichard, adquirindo grande domínio técnico. Conheceu Fantin-Latour em 1859 e em 1860 foi incentivada por Corot, com quem trabalhou entre 1862 e 1868. Durante o período em que se dedicou a copiar os grandes mestres no Museu do Louvre, fez amizade com Édouard Manet (1868), que, ainda jovem e desconhecido, também a isso se dedicava e que fez dela vários retratos. Expôs seguidamente no Salão (entre 1864 e 1873), fator decisivo para os pintores da época, fazendo-se notar por suas paisagens e interiores. Foi a primeira mulher a ligar-se aos pintores impressionistas. Orientou-se para um gênero de pintura clara, luminosa e de exteriores, tendo participado com destaque de várias exposições desse grupo, muito combatido na ocasião pelos pintores e críticos de orientação acadêmica. Em 1874, casou-se com Eugène Manet, irmão de Édouard, o pintor, e manteve em Paris um brilhante círculo de artistas e escritores, do qual participaram Renoir e Mallarmé, entre outros notáveis da época. Sua obra, influenciada a princípio por Manet e depois Renoir, caracteriza-se pela naturalidade dos temas, baseados em cenas da vida familiar e mundana, aos quais sua sensibilidade emprestava tons claros e matizados.

Moroni (Giovanni Battista)

Pintor italiano (Albino, província de Bérgamo, c. de 1525 — Brescia?, 1578). Foi discípulo de Alexandro Bonvicino, cognominado "o Moretto de Brescia", a quem não igualou nos temas sacros, mas superou como retratista. Neste campo, foi influenciado por Ticiano e Lorenzo Lotto. O "Retrato de um Alfaiate", existente no Museu de Londres, evidencia sua qualidade, reproduzindo fielmente o modelo em função de seu ofício. Suas telas mais importantes estão em Bérgamo, mas existem outras em numerosos museus da Europa — como o "Retrato de Mulher", em Munique.

Moronobu (Hishikawa)

Pintor e gravador japonês (Tóquio, ? — ?, c. de 1694). Iniciou sua vida artística como bordador de quimonos e vestes sacras, passando depois para a gravura e a ilustração, setor no qual deixou mais de cem obras, muitas das quais anônimas, mas reconhecíveis pelo estilo e técnica peculiares. A partir de 1673, passou a divulgar pranchas assinadas, que fixavam cenas tradicionais, num estilo simples e direto. Ele próprio intitulava-se "mestre pintor japonês", para frisar que não sofria a influência chinesa em sua obra. É considerado um dos principais primitivos da estampa nipônica; teve inúmeros discípulos que o imitaram.

Morris (William)

V. **Morris, William,** Enciclopédia Abril (vol. VIII)

Morse (Samuel Finley Breese)

Pintor e inventor norte-americano (Charlestown, Massachusetts, 1791 — Nova York, 1872). Estudou pintura em Londres, onde adquiriu uma formação mais literária e artística do que técnica. Regressando a Nova York, fundou uma sociedade de belas-artes que pouco depois veio a transformar-se na Academia Nacional de Desenho, da qual foi o primeiro presidente (1826). A bordo de um navio, ao regressar de viagem à Europa (1832), uma conversa a respeito das recentes descobertas de Ampère sugeriu-lhe a idéia do telégrafo elétrico que leva seu nome e do respectivo código, onde letras e números são indicados por pontos, traços e intervalos, com base na existência ou inexistência de impulsos elétricos. Depois de vários anos de experiências e esforços, lutando sozinho e com falta de dinheiro, efetuou em 1837 as primeiras demonstrações do aparelho, pelo qual as autoridades norte-americanas pouco se interessaram, o mesmo ocorrendo com as da Europa. Afinal, conseguiu registrar a patente da invenção (1840) e estabeleceu uma linha telegráfica entre Washington e Baltimore, na distância de 64 quilômetros (inaugurada em 24/5/1844). No entanto, durante o longo espaço de tempo decorrido entre a idéia inicial e sua execução prática, outros inventores haviam chegado às mesmas conclusões e achavam-se prontos a concorrer com ele.

Morton (Ferdinand Joseph La Ménthe, dito Jelly Roll)

Músico norte-americano (Nova Orleans, 1865 — Los Angeles, 1941). Em menino, foi engraxate e vendedor ambulante. Mas seu interesse pela música (aos sete anos já tocava guitarra espanhola) le-

Moreno, Martim Soares — Morton, Ferdinand Joseph La Menthe, dito Jelly Roll

vou-o a freqüentar o cabaré Storyville, em Nova Orleans, onde também começou a se exibir como pianista. Na primeira década do século, Morton residiu em várias cidades do sul dos Estados Unidos, realizando espetáculos pelo país. Durante uma de suas temporadas, em Nova York, adotou por brincadeira o nome de "Jelly Roll" ("Rocambole"), pelo qual seria conhecido daí em diante. Em 1923, em Chicago, gravou seus primeiros discos — "Muddy Water Blues" e "Big Fat Ham" — que conseguiram sucesso. Em 1926, lançou "Black Bottom Stomp", "The Champ" e "Smoke-House Blues", além do clássico "Doctor Blues". No ano seguinte, gravou "Wolvenrine Blues" e "Mr. Jelly Roll". Em 1928, casou-se com a bailarina Mabel Bertrand e viajou para Nova York, onde, a pedido da gravadora RCA, tentou uma fusão dos estilos de Nova Orleans com os da grande orquestra. O resultado foi um fracasso. Em 1935, foi para Washington e comprou um clube noturno, The Music Box.

Morus (Thomas)

Político e humanista inglês (Londres, 1478 — id., 1535). Descendente de família nobre, filho de um jurisconsulto, recebeu brilhante educação, tornando-se protegido do cardeal John Morton, arcebispo de Canterbury. Iniciou a carreira literária escrevendo poemas em latim e em inglês, sobretudo epigramas de fina ironia. Apaixonado pela obra de Pico della Mirandola, escreveu sua biografia e traduziu em versos ingleses suas "Regras para Dirigir o Homem na Batalha Espiritual". Completou os estudos em Oxford e em Londres, tornando-se um dos maiores juristas da Inglaterra. Juntou-se ao movimento humanista europeu, mantendo intensa ligação com Erasmo de Rotterdam. Eleito membro do Parlamento (1504), opôs-se a Henrique VII, o que lhe valeu dissabores e ostracismo. Com a subida ao trono de Henrique VIII, foi beneficiado com importantes cargos: embaixador extraordinário nos Países-Baixos e na França (1515/1516), chanceler do ducado de Lancaster (1525) e sucessor do Cardeal Wolsev como primeiro chanceler do reino, sendo o primeiro leigo a ocupar esse posto. Por ocasião das divergências que marcaram o início da Reforma, atacou Lutero e permaneceu católico, embora desejando um regresso à antiga simplicidade da Igreja. Discordou do divórcio de Henrique VIII de Catarina de Aragão e da reforma religiosa feita pelo rei. A Henrique VIII interessava sobremodo a concordância de tão ilustre jurista, de grande renome não só na Inglaterra como em toda a Europa. Não conseguindo obtê-la, encarcerou-o na Tôrre de Londres por cerca de um ano. Mas Morus resistiu a todas as pressões, e terminou sendo condenado à prisão perpétua, além de ter seus bens confiscados. Não satisfeito, Henrique VIII fez com que o condenassem à morte (1535). Como escritor, Morus foi sem dúvida o primeiro a dominar o idioma inglês, aplicando-o à prosa narrativa, mas muitas de suas produções foram escritas em latim. Sua principal obra foi a "Utopia" ("A Fruteful and Pleasaunt Work of the Best State of a Publyque Weale and of the Newe Yle Called Utopia", 1516), que, sob o véu da ficção, encerra uma crítica aos sistemas de governo da época e uma hábil exposição de um sistema ideal de governar.

Mosca (Gaetano)

Jurista e teórico político italiano (Palermo, 1858 — Roma, 1941). Estudou direito na Universidade de Palermo, onde passou a lecionar direito constitucional em 1885. Três anos depois transferiu-se para a Universidade de Roma e em 1896 tornou-se catedrático em Turim. Foi deputado (1908), dignitário da administração colonial italiana (1914/1916) e senador com mandato perpétuo (decreto real de 1919). De 1923 a 1933 foi catedrático de história do direito constitucional na Universidade de Roma. No campo político, foi um dos mais importantes teóricos do elitismo. Em sua obra maior, "Elementi di Scienza Politica" (1896), procurou construir uma nova ciência política baseada na afirmação de que em todas as sociedades surgem duas classes de pessoas: dominantes e dominados. Os primeiros formariam a "classe política", uma pequena minoria organizada e coesa, com indivíduos que apresentariam algum atributo, real ou aparente, altamente considerado na sociedade em que vivem. Como as demais teorias das elites, esta também contraria o ponto de vista democrático (pois nega a igualdade básica dos indivíduos) e, sobretudo, o socialismo (uma vez que substitui a noção de classe dominante proposta por Marx pela de uma elite que governa não graças ao poder econômico ou militar, mas devido à superioridade de seus membros). Além disso, implica a negação da possibilidade de uma sociedade sem classes (objetivo do socialismo), já que toda sociedade teria necessariamente uma elite dirigente. Pretende ser afinal uma refutação do próprio conceito de classes sociais: para Mosca, a sociedade compõe-se da elite e da massa, esta formada por indivíduos atomizados, qualquer que seja a posição que ocupem no processo de produção. Essa formulação, coerente com a idéia fascista do corporativismo, levou o autor a aderir ao regime de Mussolini. Outras obras suas são "Appunti di Diritto Constituzionale" (1921); "Storia delle Dotrine Politiche" (1937); e "Partiti e Sindicati nella Crisi del Regime Parlamentare" (póstuma, 1949).

Mota (Agostinho José da)

Pintor, litógrafo e professor brasileiro (Rio de Janeiro, GB, 1824 — id., 1878). Fez seus estudos na Academia Imperial de Belas-Artes, onde ingressou em 1837, obtendo, no ano seguinte, a medalha de ouro. Na Exposição Geral de Belas-Artes de 1850, ganhou o prêmio de viagem à Europa; fixou-se em Roma, onde entrou para o atelier do pintor francês Léon François Benoville. Regressando ao Brasil, ganhou a medalha de ouro na exposição geral de 1852 e em 1859 tornou-se professor de desenho da Academia Imperial de Belas-Artes, na qual lecionou também pintura paisagística (de 1860 a 1878). Foi con-

decorado com a Ordem Imperial da Rosa (1868) e com a Ordem de Cristo (1871). Seu nome ficou ligado ao gênero "natureza morta", no qual os conjuntos de frutos ou estudos de flores brasileiras apresentam uma cuidadosa observação aliada à simplicidade da composição. O Museu Nacional de Belas-Artes incluiu quadros seus na Exposição Retrospectiva da Pintura no Brasil (1948) e na Mostra "Um Século da Pintura Brasileira — 1850/1950": "Fábrica do Barão de Capanema", "Melão e Ananás" e "Estudo de Cabeça".

Mounier (Emmanuel)

Filósofo e escritor francês (Grenoble, 1905 — Châtenay-Malabry, 1950). Licenciado em filosofia (1928), sofreu grande influência das idéias de Péguy, pelo que se propôs a fazer uma síntese entre o cristianismo defendido por aquele pensador e os princípios socialistas. Dedicou toda sua vida a aprofundar e a pôr em prática a doutrina daí derivada, a qual denominou "personalismo", por afirmar "o primado da pessoa humana sobre as necessidades materiais". Em 1932, fundou e dirigiu a revista "Esprit" ("Espírito"). Deixou: "La Pensée de Charles Péguy" ("O Pensamento de Charles Péguy", 1931); "Révolution Personaliste et Communitaire" ("Revolução Personalista e Comunitária", 1935); "De la Propriété Capitaliste à la Propriété Humaine" ("Da Propriedade Capitalista à Propriedade Humana") e "Manifeste au Service du Personalisme" ("Manifesto a Serviço do Personalismo"), ambos em 1936; "Introduction aux Existencialismes" ("Introdução aos Existencialismos", 1947); e "Traité du Caractère" ("Tratado do Caráter", 1948). Sua última obra foi "Le Personalisme" ("O Personalismo", 1949).

Mozart (Wolfgang Amadeus)

V. **Mozart,** Enciclopédia Abril (vol. VIII)

Müller (Lauro Severiano)

Militar e político brasileiro (Itajaí, SC, 1863 — Rio de Janeiro, 1926). Matriculou-se na Escola Militar (1882), onde fez os cursos de artilharia, Estado-Maior e engenharia, recebendo o grau de bacharel em matemática e ciências físicas, bem como o título de engenheiro militar. Aluno dileto e amigo de Benjamin Constant, foi coadjuvante de ensino na Escola Superior de Guerra e tomou parte ativa na proclamação da República. Com a criação dos novos Estados, ainda tenente (1889), foi o primeiro governador de Santa Catarina. Deixou o posto de governador em fevereiro de 1890, depois da renúncia de Deodoro da Fonseca, e seguiu para o Rio, a fim de assumir a cadeira de deputado federal para a qual havia sido eleito. Foi reeleito nas legislaturas seguintes, até 1899. Tomou parte na luta contra os federalistas do Rio Grande do Sul e, como capitão do Corpo de Estado-Maior, participou do combate nas proximidades do Rio Negro, recuando para a Lapa (Paraná), onde resistiu ao cerco, do qual, afinal, conseguiu escapar. Novamente governador de Santa Catarina em 1902, foi ministro da Viação e Obras Públicas no governo Rodrigues Alves e em 1906 foi eleito senador por seu Estado natal. Com a morte do barão do Rio Branco, assumiu a pasta das Relações Exteriores, no exercício da qual foi promovido a general-de-brigada. Deixou o Itamaraty em 1914, por ser de ascendência germânica e contrário à entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial. Reassumiu sua cadeira no Senado, no qual permaneceu até a morte, já no posto de general-de-divisão. Foi doutor "honoris causa" pela Universidade de Harvard dos Estados Unidos e ocupou a cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras.

Munch (Edward)

V. **Munch,** Enciclopédia Abril (vol. VIII)

Muni (Muni Weisenfreund, dito Paul)

Ator norte-americano de origem austríaca (Lemberb, 1895 — Santa Bárbara, Califórnia, 1967). Pertencia a uma família de atores. Estudou nos Estados Unidos e iniciou a carreira fazendo teatro em iídiche; passou para o cinema, quando este começava a ser falado. Sua fama iniciou-se com o desempenho em "Scarface" (1932), filme inspirado na vida de Al Capone. Ator característico de alta categoria, ficaram célebres suas interpretações das figuras de Louis Pasteur (1936), Émile Zola (1937) e Benito Juárez (1939). Sua participação no cinema, mais tarde, foi-se escasseando, em especial por não encontrar papéis à altura; voltou a fazer, episodicamente, teatro judaico em Nova York, tendo abandonado a vida artística em 1958.

Muniz (João Bráulio)

Político brasileiro (São Luís, MA, 1796 — Rio de Janeiro, GB, 1835). Formado em leis pela Universidade de Coimbra, era rico proprietário de terras em sua província natal, pela qual foi eleito deputado-geral (1830). Renunciou ao posto a 17/6/1831, ao ser escolhido para integrar a Regência Trina Permanente, juntamente com o Brigadeiro Lima e Silva e José da Costa Carvalho. Permaneceu pouco tempo na função. Em 1835, atacado por grave enfermidade (da qual veio a falecer), já não podia exercer o cargo.

Munk (Kaj)

Dramaturgo e poeta dinamarquês (Maribo, Ilha de Lolland, 1898 — Silkeborg, 1944). Pastor protestante, estudou nos seminários de Opager e Vejby, e na Escola Real de Maribo. Diplomou-se em teologia pela Universidade de Copenhague. Favorável a Hitler, inicialmente, voltou-se contra o ditador a partir do massacre dos judeus alemães e da invasão da Dinamarca. Seu valor literário foi aceito mundialmente após seu assassínio pelas tropas alemãs de ocupação. Sua obra, que sofre a influência de Kierkgaard, recorre freqüentemente à alegoria e à simbologia. "Ordet" ("A Palavra", 1925), considerada sua obra-prima, renova, em termos contemporâneos, o tema da ressurreição de Lázaro. Nessa peça foram baseados filmes de G. Morlander (1943) e de Carl Dreyer (1955). Muitos de seus dramas históricos e patrióticos lembram fatos contemporâneos como a agressão fascista à Abissínia e o anti-semitismo nazista. Em sua fecunda obra destacam-se "Um Ideal"

(1923/24); "Cardeal e Rei", peça sobre Richelieu (1929); "Cant", sobre Henrique VIII e Ana Bolena (1934) e "Nill Ebbesen", de exaltação patriótica (1943).

Munthe (Axel Martin Fredrik)

Médico e escritor sueco (Oskarshamn, 1857 — Estocolmo, 1949). Estudou na Universidade de Upsala, doutorando-se em medicina, e especializou-se em psiquiatria em Paris, onde foi aluno predileto de Charcot. Clinicou durante muitos anos na França e na Itália, alternando suas atividades entre reis e celebridades européias com o atendimento a doentes pobres, em especial crianças. Ainda jovem, visitou a ilha de Capri e, tendo-se apaixonado pelo lugar, resolveu construir uma casa para nela viver quando se afastasse de suas atividades profissionais e sociais. Construiu-a ele próprio, com a ajuda dos habitantes do lugar e utilizando materiais e fragmentos do tempo do Império Romano. Grande defensor das aves migratórias que descansavam nos rochedos e ilhotas do Mediterrâneo, liderou campanhas para impedir seu extermínio. Suas memórias, escritas em inglês sob o título de "The Story of San Michele" (1929) — traduzidas no Brasil com o título de "O Livro de San Michele" —, relatam, em estilo simples e objetivo, sua rica experiência como médico. Publicou ainda o prosseguimento desse livro, que no Brasil recebeu o título de "O que o Livro de San Michele não Contou".

Murasaki Shikibu

Escritora japonesa (cerca de 978 — c. de 1020). Não se conhece seu verdadeiro nome. Supõe-se que tenha adotado o de Murasaki devido ao da heroína de seu romance "Genji Monògatari" ("Contos do Príncipe Genji"), considerado a maior obra da literatura japonesa e o mais antigo romance, com texto integral, escrito no mundo. É o relato dos amores do Príncipe Genji e das diversas mulheres que passaram em sua vida, todas elas retratadas com grande poder de observação psicológica. Julgam alguns críticos que a obra tenha sido elaborada no período entre sua viuvez e a entrada no serviço da corte da Imperatriz Akiko. Mas é provável que tenha ocupado um tempo maior. Os catorze últimos capítulos dos 54 que constituem o romance parecem ter sido escritos por outra pessoa. Os poucos dados de que se dispõe sobre a vida da autora são extraídos de seu diário "Murasaki Shikibu Nikki". Além das informações biográficas, o diário fornece um relato pormenorizado sobre a vida na corte da Imperatriz Akiko.

Murat (Joachim)

Militar e político francês, rei de Nápoles (Labastide-Fortunière, atual Labastide Murat, 1797 — Pizzo, Calábria, 1815). Filho do dono de uma estalagem, foi um dos muitos a quem a Revolução Francesa abriu as portas da glória e da fortuna. Oficial de cavalaria (1792), ajudou Bonaparte no golpe de 13 Vindimário. A seguir, foi seu ajudante-de-campo na campanha da Itália e, em 1796, já como general, teve brilhante atuação na campanha do Egito. Participou do 18 Brumário (1799). Os sucessos prosseguiram: comando da Guarda Consular; casamento com Carolina Bonaparte (1880); promoção a marechal de França (1804); depois a grande-almirante e príncipe do Império (1805). Comandante da cavalaria que abriu a Napoleão as portas de Viena, tornou-se logo grão-duque de Berg e de Clèves. Após uma série de vitórias, ocupou Varsóvia (1806) e foi o comandante-chefe das forças francesas que ocuparam a Espanha (1808). Desgostoso por não haver obtido a coroa daquele país, pediu dispensa de suas funções, mas no mesmo ano aceitou a coroa de Nápoles e introduziu em seu reino importantes reformas, destacando-se a abolição do feudalismo, a diminuição dos impostos e a criação de uma força militar. Guerreiro de extraordinária bravura, não tinha estofo de político. Envolveu-se em conspirações com Fouché e Taillerand (1809), só escapando da desgraça devido à necessidade que Napoleão tinha dele para comandar a cavalaria na campanha da Rússia. Distinguiu-se em várias batalhas e, na retirada, comandou o "esquadrão sagrado" que protegeu o regresso do Imperador (1812). Ora conspirando contra Napoleão, ora a ele se aliando, assinou um tratado de amizade com Londres e Viena (1814). Durante os Cem Dias, voltou a aliar-se a Napoleão, mas foi batido pelos austríacos em Tolentino (1815) e regressou à França. Repelido pelo imperador, refugiou-se na Córsega após a derrocada de Waterloo (1815). No mesmo ano, tentou uma expedição à Calábria; feito prisioneiro, foi fuzilado.

Murat (Luís Morton Barreto)

Poeta e político brasileiro (Resende, RJ, 1861 — Rio de Janeiro, GB, 1929). Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Como jornalista, participou das campanhas pela abolição da escravatura e pela proclamação da República. Na qualidade de deputado pelo Estado do Rio de Janeiro, integrou a primeira Constituinte republicana (1891). Simpatizante da Revolta da Armada, publicou o manifesto de Custódio José de Melo (1893) em "O Combate", do qual era diretor. Isso lhe valeu perseguições políticas e a suspensão do jornal. Juntou-se então aos revoltosos, permanecendo a bordo de um dos navios da esquadra rebelada até ser preso, julgado e absolvido (1895). Em 1909 foi outra vez eleito deputado federal por seu Estado tendo ainda ocupado importantes cargos públicos. Redigindo ou dirigindo vários jornais na antiga capital da República, destacou-se pela combatividade de suas idéias políticas. Conquanto haja deixado livros em prosa, foi principalmente poeta romântico, mas figurou acidentalmente na escola parnasiana. Foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. De sua obra, citam-se: "Quatro Poemas" (1885); "Ondas" (em três volumes, publicados sucessivamente em 1890, 1895 e 1909); "Poesias" (1892); "Poesias Escolhidas" (1917); "O Estado do Rio na Câmara", prosa (1909); "Félix Pacheco", prosa (1915); e "Fluidez dos Corpos Espirituais e Seus Fenômenos Luminosos".

Murger (Henri)

Escritor francês (Paris, 1822 — id., 1861). Estudou com grandes dificuldades financeiras, mas, graças à ajuda de um dos inquilinos do prédio do qual seu pai era porteiro, conseguiu um lugar de secretário do Conde Tolstói (então diplomata em Paris). Manteve esse emprego até 1848. A partir daí, sua vida foi de extrema miséria, morando numa mansarda, cercado de amigos e de mulheres tão pobres como ele, levando uma vida boêmia que viria a retratar mais tarde. Alternava desregramentos e temporadas em hospitais com trabalho em revistas e jornais obscuros. Foi, por exemplo, redator-chefe de "O Castor", órgão dos chapeleiros de Paris. Após o sucesso literário de "Amours d'un Grillon et d'une Étincelle" ("Amores de um Grilo e de uma Fagulha"), publicados no jornal "L'Artiste", dentro das tradições de Charles Nodier e de Alfred de Musset, seus verdadeiros mestres, passou a colaborar em periódicos de maior categoria. A nova colocação ajudou-o financeiramente mas não influiu em seu estilo de vida. Quando passou a publicar em "O Corsário" (entre 1847 e 1849) as "Scènes de la Vie de Bohême" ("Cenas da Vida Boêmia"), firmou-se sua reputação de escritor. Essa fama aumentou com a peça que, com a colaboração de Barrière, daí tirou, sob o título "Vie de Bohême" (1851). Em 1855, retirou-se para Marlotte, próximo de Fontainebleau, de onde foi transportado, dois dias antes de morrer, para um sanatório de moléstias mentais. Seu talento era feito de lirismo e de fantasia, mas sempre baseado em fatos reais, quase todos por ele vividos. Sua força artística decaiu quando, em sua última fase, procurou sair do campo habitual das observações pessoais. Isso é particularmente sensível em "Le Pays Latin" ("O País Latino") e "Scènes de la Vie de Jeunesse" ("Cenas da Vida de Juventude"), ambas de 1851.

Murillo (Bartolomé Esteban)

Pintor espanhol (Sevilha, 1617 — id., 1682). Órfão, teve de viver, a partir de 1628, com seu tio, o cirurgião Juan Augustín Lagares, marido de Ana Murillo, de quem o pintor por certo tirou o sobrenome. Trabalhou no atelier de Juan del Castillo, cuja influência se revela em alguns de seus quadros, como por exemplo em "A Virgem do Rosário", de 1645, sua primeira obra de importância. Embora não se saiba ao certo a data, consta que esteve em Madrid, onde, aparentemente sob a proteção de Velázquez, pôde estudar os grandes mestres da pintura, em especial Van Dyck, Ribera, Rubens, Ticiano e o próprio Velázquez. Nessa época observa-se a influência veneziana em suas obras, caraterizando o período de "estilo frio". Em Sevilha (1645), recebeu a incumbência de pintar composições sacras para o claustro menor do Convento de São Francisco, em cuja execução demorou três anos. Entre as onze pinturas do claustro, atualmente dispersas, destaca-se "A Cozinha dos Anjos". Data dessa fase a modificação de seu estilo, que tomou o nome de "quente", em oposição ao das primeiras telas. Por encomenda do Cabildo (1656) pintou a grande tela que orna a capela batismal da catedral de Sevilha, representando a aparição do Menino Deus a Santo Antônio de Pádua e que é sua obra de maior dimensão (5,50 metros por 3,30 metros). Em 1874, verificou-se que esta tela havia sido mutilada, com a separação da imagem do santo, numa área de 1,85 x 1,92. Esse fragmento foi recuperado em Nova York (1875) e cuidadosamente reintegrado no original, por Cubells. Em 1680, Murillo foi a Cadiz para pintar um quadro no Convento dos Capuchinhos, representando o casamento místico de Santa Catarina de Siena. Quando terminava a obra, caiu do alto andaime. Regressou a Sevilha, onde, sempre enfermo, sobreviveu por dois anos. Sua obra, piedosa e realista, é um sensível retrato da arte sevilhana do século XVII. Murillo é um pintor barroco pelo sentimento; mas celebrizou-se também por composições de meninos do povo, em estilo claramente naturalista: "Pequeno Mendigo" "Meninos Comendo Frutas" e outros. Murillo revelava um profundo domínio da composição; seu desenho era firme e seguro. Absorvendo influências de uma grande variedade de fontes, adquiriu muita fama em sua época, o que pode ser constatado pelas numerosas obras oficiais que realizou. Foi um dos fundadores e presidente da Academia de Belas-Artes de Sevilha, em 1660. Murillo teve muitos pupilos e inumeráveis seguidores. Suas pinturas foram imitadas e foi o primeiro pintor espanhol importante que adquiriu fama na Europa. Até o século XIX, foi um dos únicos a possuir obras conhecidas no exterior.

Murnau (Friedrich Wilhelm Plumpe, dito)

V. **Murnau**, Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Murray (George Gilbert Aimé)

Professor e ensaísta australiano (Sydney, 1866 — Oxford, 1957). Deixou a Austrália aos onze anos, mudando-se para a Inglaterra, onde estudou no Saint John College, graduando-se em línguas clássicas. Em 1888 foi professor de latim e de grego no New College de Oxford; no ano seguinte lecionou grego na Universidade de Glasgow e, de 1908 a 1936, na Universidade de Oxford. Em 1926 ocupou a cátedra de poesia na Universidade de Harvard (Estados Unidos). Distinguiu-se sempre por suas campanhas em prol da paz universal, tendo sido um dos principais organizadores da Liga das Nações, a qual integrou como representante da Austrália (de 1921 a 1923) e da Inglaterra (1924). Sua carreira teve dois pólos característicos: a tradução em inglês dos clássicos gregos e as atividades pacifistas. Foi um dos fundadores do Comitê de Cooperação Intelectual Internacional, entidade que presidiu em 1928. Prestou ainda colaboração à 14.ª edição da "Enciclopédia Britânica". Dirigiu pessoalmente representações de Sófocles, Aristófanes e Eurípides. Embora sua obra seja quase toda voltada para a cultura grega, deixou também trabalhos relativos a suas atividades de pacifista. Murray procurou aplicar à interpretação da Grécia antiga o instru-

Munthe, Axel Martin Fredrik — Murray, George Gilbert Aimé

mental teórico desenvolvido pela antropologia, destacando-se nesse sentido sua interpretação de Homero e das formas de religião implícitas em toda a literatura antiga. Eurípides era o escritor grego pelo qual demonstrava maior interesse, por identificar-se com ele. Murray via no dramaturgo grego, em sua época, um adversário do convencionalismo e do obscurantismo (tal como se considerava ele próprio). Publicou uma edição crítica de Eurípides (1901/1910), além de "Eurípides and His Age" ("Eurípides e sua Época", 1913). Entre suas obras contam-se também "History of Ancient Greek Literature" (História da Literatura Grega Antiga", 1897); "The Rise of the Greek Epic" ("A Ascensão dos Épicos Gregos", 1907); "Five Stages of Greek Religion" ("Cinco Estágios da Religião Grega", 1913); "Aristophanes" ("Aristófanes", 1933); "Aeschylus, Creator of Tragedy" ("Ésquilo, o Criador da Tragédia", 1940) e "An Unfinished Autobiography" ("Autobiografia Inacabada", 1960).

Murry (John Middleton)

Escritor, poeta e crítico literário inglês (Peckam, Londres, 1889 — Londres, 1957). Formou-se em Oxford. Seu aparecimento literário deu-se em "The Westminster Gazette", prosseguindo com freqüentes colaborações no suplemento literário do "Times", na "Quarterly Review" e em "The Nation". Dirigiu também diversas revistas, como "The Blue Review", "Rhythm", "Athenaeum" e "Adelphi". Os trabalhos divulgados nesses periódicos, muitos dos quais reunidos em livros, valeram-lhe desde logo grande fama de ensaísta e de crítico literário, pelo sentido profundo e humano com que abordava os assuntos tratados. Especializado em Keats, consagrou à sua obra três volumes e fez uma edição crítica de suas poesias. Amigo de D. H. Lawrence e de Aldous Huxley, escreveu ensaios sobre a obra do primeiro. É ainda o responsável pelo lançamento da novelista Katherine Mansfield, com quem viria a casar-se em 1915. A morte de Katherine, em 1923, intensificou bastante o misticismo sempre presente em suas obras. Oscilou muito, do ponto de vista ideológico, indo do comunismo até a intenção de tornar-se sacerdote anglicano. Em 1942, fundou uma comunidade cristã em Colchester. Foi também poeta, novelista e teatrólogo. Deixou, entre outras obras, "The Evolution of an Intellectual" ("A Evolução de um Intelectual", 1920); "The Problema of Style" ("O Problema do Estilo", 1922); "The Voyage" ("A Viagem", 1924); "Discoveries" ("Descobertas", 1924); "Keats and Shakespeare" (1925); "Life of Jesus" ("Vida de Jesus", 1926); "God" ("Deus", 1929); "Son of Woman" ("Filho de Mulher", 1931); "The Necessity of Comunism" ("A Necessidade do Comunismo", 1932); "Life of Katherine Mansfield" ("Vida de Katherine Mansfield"); e "The Necessity of Pacifism" ("A Necessidade do Pacifismo", 1937).

Murtinho (Joaquim Duarte)

Estadista brasileiro (Cuiabá, MT, 1848 — Rio de Janeiro, GB, 1911). Estudou na Escola Central (depois Escola Politécnica), onde recebeu o grau de bacharel em matemática e ciências físicas (1870). Lecionou química orgânica experimental, meteorologia, biologia industrial e zoologia na mesma escola. Diplomou-se a seguir em medicina e tornou-se uma das maiores autoridades em terapêutica homeopática da época. Como senador por Mato Grosso, integrou a primeira Constituinte Republicana (1891); ocupou a pasta da Viação no governo de Prudente de Morais e a da Fazenda no de Campos Sales, quando pôs em prática um sistema de crédito ("funding loan") que aquele presidente negociara na Europa. Através de novos impostos, encampação de estradas de ferro e severa economia, conseguiu o aumento da taxa de câmbio, restabeleceu os pagamentos da dívida externa e melhorou o crédito geral, restaurando as finanças da República. No entanto, sua política deflacionista foi combatida. Publicou vários livros, como "Estudo Patológico Interessando os Fundamentos da Homeopatia" (tese de doutoramento); "A Síntese da Química Orgânica"; "A Escola Politécnica" e "Biografias".

Musil (Robert von)

Escritor austríaco (Klagenfurt, 1880 — Genebra, 1942). Estudou engenharia e filosofia, obtendo o doutorado em 1908 com uma tese sobre a obra de Ernest Mach. Sua estréia literária deu-se em 1906, com o romance "Die Verwirrungen des Zöglings Törless" ("As Confusões do Aluno Törless"), no qual fixou recordações pessoais de sua adolescência. A seguir, empregando uma técnica com influência expressionista, publicou duas coletâneas de novelas curtas: "Vereinigungen" ("Associações", 1911) e "Drei Fraulen" ("Três Mulheres", 1923). Mas sua obra mais expressiva é o romance "Der Mann ohne Eigeneschaften" ("O Homem sem Qualidades"), do qual publicou duas partes, respectivamente em 1930 e 1933, sendo as partes finais publicadas após sua morte, em 1943 e em 1952. Nesse ro-

mance, ele traça uma espécie de painel no qual se movimenta a sociedade austro-húngara do princípio do século XX, analisada de modo irônico e irreverente, que desmistifica as falsas verdades e os preconceitos das classes dirigentes. A obra, escrita em um estilo preciso, quase científico, tem sido comparada à de Proust e à de Joyce.

Musset (Louis Charles Alfred de)

Poeta e dramaturgo francês (Paris, 1810 — id., 1857). Pertencente a uma família rica e amante da literatura, fez seus estudos no Liceu Henrique IV. Hesitante a princípio quanto à carreira a seguir, resolveu-se pelas letras quando recebeu incentivos de Victor Hugo, que lera versos seus. Seu primeiro livro de versos, "Contes d'Espagne et d'Italie" ("Contos da Espanha e da Itália"), escrito aos vinte anos, é ingênuo e os cenários que os poemas descrevem são artificiais. Elogiado por Sainte-Beuve e com enorme sucesso de público, o livro abriu-lhe as páginas da "Revue des Deux Mondes", onde passou a colaborar. A seguir, sofreu grande insucesso com a peça em versos "La Nuit Vénitienne" ("A Noite Veneziana"), vaiada durante sua primeira e única representação (1.º-12-1830). Voltou-se então para o teatro em versos destinados apenas à leitura e reuniu no livro "Un Spetacle dans un Fauteuil ("Um Espetáculo num Sofá", 1832) duas comédias românticas, repassadas de finura e de espírito parisiense: "La Coupe et les Lèvres" e "A quoi Rêvent les Jeunes Filles" ("A Taça e os Lábios" e "Com que Sonham as Moças"). Seus sucessos literários e pessoais aproximaram-no em 1833 da escritora Aurore Dupin, que, sob o pseudônimo de George Sand, já se tornara célebre. Foi uma paixão tempestuosa, bem ao gosto de um poeta romântico, cheia de rompimentos e reconciliações, incluindo uma viagem a Veneza e a tentativa de assassinar a amante por infidelidade. Regressou a Paris, onde suas peças passaram a ter grande sucesso na Comédie Française. Nos braços de Aimé d'Alton consolou-se da paixão anterior. Em 1836, publicou "Les Confessions d'un Enfant du Siècle" ("As Confissões de um Filho do Século"), onde procura inserir sua aventura existencial e sua perplexidade no processo histórico posterior à Revolução Francesa e na configuração psicológica do homem oitocentista dominado pelo "mal du siècle".

Mussolini (Benito)

V. **Mussolini,** Enciclopédia Abril (vol. VIII).

Mussórgski (Modest Petrovich)

Compositor russo (Karevo, próximo de Pskov, 1839 — São Petersburgo, atual Leningrado, 1881). Desde menino evidenciou tendências musicais, mas sua família encaminhou-o para a carreira militar. Entrou para a Escola de Cadetes da Guarda de São Petersburgo e posteriormente para o Regimento da Guarda de Preobrajenski (1856). Data dessa época sua amizade com Dargomyzski, Balakirev e Tsezar Kyui. Em 1858 abandonou a vida militar; logo a seguir, com a abolição de servidão (1861), sua família arruinou-se, e ele teve de aceitar um obscuro cargo burocrático no Serviço de Águas e Florestas, que exerceu de forma irregular até 1880. Essa existência humilde, aliada a insucessos artísticos, tornaram sua vida ainda mais problemática. Entregou-se à bebida e foi abandonado pelos amigos. A partir de 1881, seu estado de saúde piorou, tornando-se freqüentes os ataques de epilepsia de que já era vítima há muitos anos. Morreu num hospital militar. A música, para ele, não era um fim em si mesma, mas um meio de comunicação com a humanidade, e isto está expresso em sua frase: "Quero falar com os homens a linguagem da verdade". Após os insucessos iniciais, encontra em "Bóris Godunov", de Puschkin, a ispiração para a obra homônima que viria a dar-lhe fama mundial (primeira versão: 1868/70; segunda: 1870/72). Seus últimos anos foram marcados pelos ciclos de canções com raízes populares, destacando-se "Cantos e Danças da Morte" (1875/77) e a suíte para piano "Quadros de uma Exposição" (1874). As audácias de harmonização de certas composições suas foram de início consideradas falhas de técnica. Posteriormente, no entanto, foi reavaliado e chegou a ser considerado o gênio mais forte e original do chamado "grupo dos cinco", completado por Balakirev, Rimski-Korsakov e Tsezar Kyui. Precursor da música moderna, exerceu influência em Debussy, Ravel, Stravinski e muitos outros.

Mustafá Kamil

Líder nacionalista egípcio (Cairo, 1874 — id., 1908). Estudante de direito, primeiro no Cairo e depois em Toulouse, formou-se em 1894. De volta ao Egito, fundou o Partido Nacional, de cuja plataforma constava a independência do Egito (sob administração britanica desde 1882) e o controle exclusivo, por parte desse país, do Sudão (que foi um condomínio anglo-egípcio de 1889 a 1956). Fundou, em 1900, o jornal "Al-Liwa", que passou a contar com edições em francês e em inglês a partir de 1907. Além dessa, lançou em 1902 outra publicação, a revista trimestral "Majallatal-Liwa". A princípio defensor do movimento pan-islâmico, Mustafá Kamil viu seu movimento ser privado do apoio francês quando da assinatura, em 1904, do acordo anglo-francês pelo qual a França reconhecia a primazia inglesa no Egito, em troca de liberdade de ação francesa no Marrocos. Mustafá Kamil continuou ferrenho opositor dos ingleses até a morte, fazendo seu último discurso no congresso em 7-12-1907, já fatalmente doente — morreria dois meses depois. Além de numerosos trabalhos em árabe, deixou "Le Péril Anglais" ("O Perigo Inglês", 1899); "Egyptiens et Anglais" ("Egípcios e Ingleses", 1906); What the National Party Wants" ("O que Quer o Partido Nacional", 1907); "Letres Égyptiennes — françaises" ("Cartas Egípcio-Francesas", enviadas à escritora francesa Juliette Adam, e publicadas, postumamente, em 1909).

Murry, John Middleton — Mustafá Kamil

Mustafá Kemal Paxá, (dito Kemal Ataturk)

Estadista turco de origem grega (Tessalonica, 1880 ou 1881 — Istambul, 1938). Aluno brilhante na Escola de Cadetes de Tessalonica, recebeu o epíteto de "Kemal" ("Perfeito"), dado por um professor. Continuou a carreira na Escola Militar de Monastir, na Escola Militar de Constantinopla e na Escola Superior de Guerra. Por haver dirigido uma sociedade secreta de jovens oficiais (1904), foi transferido para Tessalonica, onde se ligou aos "Jovens Turcos" do movimento União e Progresso. Combatente da guerra ítalo-turca (1911/12) e da segunda guerra balcânica (1913), comandou tropas de seu país na Primeira Guerra Mundial. Tendo-se oposto às duras condições do armistício de Mudros (1918), organizou o Partido Nacionalista Turco e foi eleito presidente da Assembléia Nacional. Expulsou os gregos da Ásia Menor (1922) e nesse mesmo ano depôs o sultão, tendo sido eleito o primeiro presidente da República Turca (1923). Atendo-se às realidades do momento histórico, tratou de criar uma nação de tipo ocidental, para o que promoveu uma profunda e total reforma nas instituições do país: separou a Igreja do Estado; adotou um código civil (1926) com base no suíço; suprimiu a poligamia e emancipou parcialmente a mulher; adotou o calendário gregoriano, o sistema decimal de pesos e medidas e o alfabeto latino, etc. Tornou obrigatório o uso de um sobrenome, tendo ele próprio escolhido o de Ataturk ("Pai de Todos os Turcos"). Tais medidas trouxeram-lhe, a par de imenso prestígio popular, grande número de inimigos (que perseguiu incansavelmente). Eleito presidente sucessivamente em 1927, 1931 e 1935, usou com grande habilidade as contradições entre as grandes potências, manteve vantajosas ligações com a URSS e realizou com êxito um plano qüinqüenal (1934/38) que lhe deu uma indústria pesada e um bom sistema rodoviário. Em seu segundo mandato presidencial, conseguiu a admissão do país na Sociedade das Nações.

Mutamid (Muhammad Ibn 'Abbad, dito Al-)

Poeta e último rei abbadida de Sevilha (Sevilha, 1040 — Marrocos, 1095). Al-Mutamid notabilizou-se não só por ter protegido e financiado inúmeros artistas e intelectuais, como o geógrafo Al-Bakri e o astrônomo Azarquiel, como também por ter sido possivelmente o maior poeta de língua árabe de seu tempo. Levando uma vida plena sob todos os aspectos, Al-Mutamid cantou em versos todas as suas experiências (tanto o prazer como a dor): sua vida amorosa, seus êxitos militares, a vida alegre da corte. Mesmo quando foi destronado e desterrado, em 1091, pelos almorávidas, continuou a traduzir em poesia sua experiência. No exílio em Agmat, no Marrocos, dedicou uma poesia às algemas que o prenderiam durante seus últimos quatro anos de vida. São poucas as informações sobre Mutamid. Todos os dados que existem a seu respeito são conhecidos através do livro de R. Dozy "Loci de Abbadidis"; somente em 1951 foi publicado no Cairo o "Diwan" de Al-Mutamid, do qual se fizeram traduções em inglês e espanhol.

Mutanabbi (Abu Al-Tayyib Ahmad Ibn Husain, dito Al-)

Poeta árabe (Kufa, Iraque, 915 — Bagdá, 965). Considerado por muitos críticos o maior dos poetas árabes do período islâmico, Al-Mutanabbi era filho de um obscuro aguadeiro. Revelou precocemente seu talento poético, aliado à ambição de conviver com os poderosos (contraditória com sua origem humilde). Sempre manifestou, também, intensa vaidade pessoal. Tornou-se poeta profissional e ligou-se a uma série de protetores, que o sustentavam em troca de poemas que cantassem seus méritos. Em 932, participou de um movimento herético, de cunho revolucionário, surgido entre as tribos nômades do deserto da Síria. Ao que parece, pretendeu ser o profeta do movimento, daí advindo o epíteto pelo qual é conhecido, que significa "Profeta Frustrado". Em 948 ligou-se a Saif-al-Daula, príncipe da dinastia Hamdânida de Alepo, cujos feitos cantou em seu "Diwan". A ligação durou nove anos, ao cabo dos quais o poeta partiu para o Egito, onde acabou por ligar-se ao eunuco Kafur, eminência parda do Sultão Ikhshidid. Abandonando Kafur por outro membro da corte, Abu Shuja Fatik, Al-Mutanabbi ofendeu o eunuco, sobre quem inclusive escreveu poemas satíricos. Com a morte de seu novo protetor, o poeta fugiu para o Iraque, onde foi assassinado durante uma viagem. Em seus poemas, cantava a liberdade do deserto, extremo oposto do formalismo e da falsidade cortesã. Primando pelo artifício literário, pelo ornamento retórico, Al-Mutanabbi exerceu forte influência na poesia árabe até o século XIX. Seus poemas, bastante conhecidos na Idade Média, tiveram uma edição moderna em 1944, preparada por Abd-al-Wahhab.

Myers (Frederic William Henry)

Escritor inglês (Cumberland, 1843 — Roma, 1901). Estudou no Cheltenham College e depois passou para o Trinity College de Cambridge. Laureou-se em 1864 e, depois de uma viagem pelos Estados Unidos e Europa, foi nomeado professor no mesmo colégio. Fez-se conhecido através de seus poemas "St. Paul" (1787). Entretanto, seus trabalhos mais perfeitos são encontrados em "A Renovação da Juventude" (1882). De suas poesias, foi feita uma coletânea, publicada postumamente em 1921. Antes de entrar no campo metafísico, onde iria adquirir uma posição eminente, Myers ainda escreveu: "Pensamentos Católicos" (1873), "Ensaios Clássicos e Modernos" (1883) — um ensaio sobre Virgílio — e "A Ciência e a Vida Futura" (1893). Junto com Henry Sidgwick, Richard Hodgson e outros, fundou em 1882 a Sociedade para Pesquisas Psíquicas, cuja principal função era coletar todos os dados de evidência de fenômenos psíquicos cientificamente controláveis. Foi secretário da sociedade em 1888 e presidente em 1900. As últimas obras de Myers versavam inteiramente sobre o assunto e, a respeito de seu livro "Personalidade Humana e Sua Sobrevivência à Morte do Corpo" (1903, póstuma), William James disse: "É a primeira tentativa de considerar os fenômenos de alucinação, hipnotismo, automatismo, dupla personalidade e mediunidade como partes integrantes de um mesmo assunto". Myers ainda escreveu diversos artigos e monografias sobre o assunto, nos primeiros volumes dos anais da sociedade.